

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA – PRESIDENTE PRUDENTE
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PRODUÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

**ÁREAS VERDES URBANAS, IMAGEM E USO:
UM ESTUDO GEOGRÁFICO SOBRE A CIDADE
DE MARINGÁ – PR**

MARCOS CLAIR BOVO

PRESIDENTE PRUDENTE
2009



MARCOS CLAIR BOVO

**ÁREAS VERDES URBANAS, IMAGEM E USO:
UM ESTUDO GEOGRÁFICO SOBRE A CIDADE DE MARINGÁ – PR**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente – UNESP, para a obtenção do título de Doutor em Geografia.

Área de Concentração: Produção do Espaço Geográfico

Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Margarete Cristiane de C. Trindade Amorim

Presidente Prudente

2009



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Presidente Prudente

BANCA EXAMINADORA

Margarete Amorim

PROFA. DRA. MARGARETE CRISTIANE DE COSTA TRINDADE AMORIM
ORIENTADORA (UNESP/FCT)

Encarnita Salas Martin

PROFA. DRA. ENCARNITA SALAS MARTIN
(UNESP/FCT)

João Osvaldo Rodrigues Nunes

PROF. DR. JOÃO OSVALDO RODRIGUES NUNES
(UNESP/FCT)

Hélio Silveira

PROF. DR. HÉLIO SILVEIRA
(UEM)

Yuri Tavares Rocha

PROF. DR. YURI TAVARES ROCHA
(USP)

Marcos Clair Bovo

MARCOS CLAIR BOVO

Presidente Prudente (SP), 23 de novembro de 2009.

Resultado: *Aprovado*

*Tudo é precioso para aquele que foi,
por muito tempo, privado de tudo.*

“Friedrich Nietzsche”

AGRADECIMENTOS

Quero aqui expressar minha gratidão a todos que de alguma forma contribuíram e me apoiaram ao longo deste trabalho, principalmente:

- à Prof.^a Dr.^a Margarete Cristiane de C. Trindade Amorim, minha orientadora, pelas críticas, ideias e sugestões na construção deste trabalho, pelo incentivo, dedicação, generosidade e mais uma infinidade de atributos, em relação aos quais talvez nenhum agradecimento seja compatível com o tamanho da minha gratidão;

- à Prof.^a Dr.^a Encarnita Salas Martins, pelas sugestões no exame de qualificação;

- ao Prof. Dr. João Lima Sant'Anna Neto, pelas contribuições no exame de qualificação;

- ao Prof. Dr. João Osvaldo Rodrigues Nunes, pelo apoio e incentivo após os colóquios de projetos, me aconselhando a não desistir;

- ao Prof. Dr. Hélio Silveira do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá, pelos conselhos, apoio e incentivo durante o curso de doutorado;

- à Prof.^a Dr.^a Maria Cleide Baldo da Universidade Federal Tecnológica do Paraná – Campus de Campo Mourão, pelo apoio e incentivo;

- ao Prof. Dr. Fernando Luiz de Paula Santil, do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá, pelo auxílio e sugestões durante a confecção dos mapas;

- à amiga Elisa Hiromi Komatsu, pelo apoio, incentivo e ajuda durante os trabalhos de campo;

- ao grande amigo Nilton Cezar da Silva Pereira, pelo apoio, compreensão, solidariedade, dedicação e ajuda nos momentos mais difíceis de minha vida;

- à tia Sirlei Moscon Bovo, pelo apoio e incentivo durante a minha formação acadêmica, sempre me incentivando a continuar e nunca desistir;

- ao amigo Carlos Roberto Loboda, dos tempos de mestrado, pelo incentivo e apoio durante o mestrado e doutorado;

- ao acadêmico do curso de Graduação do Curso de Geografia da Fecilcam Douglas Francisco Walter, pela generosidade e auxílio na confecção dos símbolos;

- à Prof.^a Jeani Delgado Paschoal Moura da Universidade Estadual de Londrina, pelo apoio e pelos conselhos durante o curso de doutorado.

- à minha família, a cujo convívio tive de renunciar em função do trabalho, especialmente, à minha mãe e meu pai, cuja presença se faz viva na memória deste que os ama e deles tem saudades...

RESUMO

A manutenção das áreas verdes urbanas sempre foi justificada pelo seu potencial em proporcionar qualidade ambiental à população. Essas áreas interferem diretamente na qualidade de vida por meio das funções ecológico-ambiental, estética, paisagística, climática, psicológica e também recreativa que elas exercem para amenização das consequências negativas da urbanização. Neste sentido, a presente pesquisa tem por objetivo caracterizar e analisar as áreas verdes urbanas de Maringá/PR, destacando seus aspectos paisagísticos e sua infraestrutura a fim de compreender a qualidade ambiental desses espaços públicos e propor medidas que auxiliem no seu planejamento e gerenciamento. Para tanto, foram realizadas análises investigativas das 104 praças existentes em Maringá, de 09 parques urbanos e de 01 cemitério parque. Para a análise realizou-se trabalho de campo com base em dois formulários. O primeiro deles visava à avaliação qualitativa e quantitativa da vegetação e se constituiu dos seguintes itens: nome da área verde, sua localização, sua altitude, a vegetação nela existente, o porte e a densidade da vegetação, a cobertura do solo, as condições de relevo, aspectos físicos e sanitários da vegetação, tipo de ocupação das proximidades e qualidade paisagísticas das praças, dos parques e do cemitério parque. O segundo formulário teve como objetivo fazer o levantamento dos aspectos quantitativos e qualitativos dos equipamentos e estruturas existentes em cada logradouro. Quanto aos resultados detectou-se a falta de infraestrutura e a falta de critérios adotadas na distribuição espacial das praças, e o descaso do poder público, quanto à reposição de equipamentos e estruturas a serem implantadas nas praças, prevalecendo os maiores investimentos na parte central e a ausência na periferia. Quanto à vegetação das praças predomina a arbórea e rasteira em 49,03%, em segundo lugar as praças constituídas pela vegetação (arbórea, arbustiva e rasteira) em 28,86% das áreas estudadas e a vegetação rasteira em 18,29% dos logradouros. No que diz respeito aos parques urbanos detectou-se a falta de infraestrutura e da qualidade paisagística dos parques pesquisados. Foram encontrados inúmeros impactos ambientais negativos resultantes da ausência de plano de manejo, da falta de efetivação de uma política que promova a sustentabilidade dessas áreas verdes urbanas. Também constatou-se que quanto à qualidade paisagística 03 parques foram classificados como ruim, 01 parque foi classificado como satisfatório e 5 parques foram classificados como bom, pelo fato de possuírem infraestrutura em condições de uso pela população, bem como a preservação e manutenção dessas áreas verdes maringaenses. Tais resultados sugerem a necessidade de melhoria da quantidade e da qualidade do mobiliário e melhor distribuição das espécies de árvores, dando preferência às nativas e também do desenvolvimento e de uma política urbana, que cuide especialmente das áreas verdes, buscando um trabalho integrado entre a mesma quanto ao uso, a forma e a função desses espaços livres, na preservação da imagem da cidade verde.

Palavras-Chave: Áreas verdes, praças, parques, planejamento urbano, qualidade ambiental urbana, Maringá.

ABSTRACT

URBAN GREEN AREAS, IMAGE AND USE: A GEOGRAPHICAL STUDY ABOUT THE MARINGÁ CITY IN PARANÁ

The maintenance of urban green areas has always been justified by its potential to provide quality environment for people. These areas directly affect the quality of life through ecological functions, environmental, aesthetic, landscape, climate, psychological and recreational they have for alleviating the negative consequences of urbanization. Accordingly, this research aims to characterize and analyze the areas of urban green Maringá / PR, highlighting the landscape aspects and its infrastructure in order to understand the quality of the environmental public spaces and propose measures to assist in their planning and management. This way, it was investigated for analysis of existing in Maringá, 104 squares, 09 parks and 01 cemetery. For the analysis it was carried out the fieldwork in two forms. The first one aimed at qualitative and quantitative assessment of vegetation and consisted of the following: name of the green area, its location, its altitude, the vegetation in that area, the size and density of vegetation, soil cover, the conditions for relief, physical and health of vegetation, type of occupation of the nearby landscape and quality of parks, the parks and the cemetery park. The second form aimed to make the lifting of quantitative and qualitative aspects of equipment and structures in each street addresses. According to the results found the lack of infrastructure and lack of criteria adopted in the spatial distribution of the squares, and the neglect of the public, about the replacement of equipment and facilities to be located in squares, whichever the greater investment in the central part and in the absence periphery. As the squares of the predominant vegetation and tree trick in 49.03%, then, the squares formed by the vegetation (trees, shrubs and creeping) in 28.86% of the study areas and vegetation in 18.29% of the designations. Regarding to the urban parks it was found lack of infrastructure and the quality of the landscape parks studied. We found many negative environmental impacts resulting from the absence of the management plan, lack of effectiveness of a policy that promotes the sustainability of urban green areas. It was also found that 03 of the quality landscape parks were classified as poor, 01 park was classified as satisfactory and 05 parks were classified as good, because of having infrastructure in terms of use by the population and the preservation and maintenance of these maringaenses green areas. These results suggest the need for improving the quantity and quality of furniture and better distribution of species of trees, preferring the native and also of development and urban policy, especially to take care of green areas, seeking an integrated work between the same regarding to the use, form and function of these spaces, to preserve the image of a green city.

Key words: green areas, squares, parks, urban planning, urban environmental quality, Maringá.

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO	21
Capítulo I PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA	26
1.1 Apresentação do Tema	27
1.2 Justificativa do Tema.....	27
1.3 Pressupostos Teóricos da Pesquisa.....	29
1.4 Pressupostos Metodológicos da Pesquisa	30
CAPÍTULO II O VERDE E O URBANO: UMA BREVE REFLEXÃO TEÓRICA E CONCEITUAL	38
CAPÍTULO III PRAÇAS E PARQUES: UMA RETROSPECTIVA ATRAVÉS DOS TEMPOS	52
3.1 A Praça e a Cidade: trajetórias de uma discussão	54
3.1.1 Ágora: o centro dinâmico da cidade grega	56
3.1.2 O fórum romano e suas características.....	57
3.1.3 As praças na Idade Média	59
3.1.4 As praças durante o Renascimento e o Barroco	61
3.1.5 As praças durante o século XIX e XX	62
3.1.6 As praças no Brasil	64
3.2 Parques Urbanos: trajetórias de uma discussão	68
3.2.1 Parques Urbanos no Brasil	75
CAPÍTULO IV MARINGÁ: UMA (RE) LEITURA DA IMAGEM DA CIDADE VERDE	80
4.1 A Formação Histórica de Maringá e o Planejamento Urbano da Cidade Jardim	81
4.2 A Imagem da Cidade Verde	87
4.3 Do Plano Inicial a Propaganda	90
4.4 A Procura de uma Imagem	96
CAPÍTULO V DIAGNÓSTICO DAS PRAÇAS E PARQUES URBANOS DE MARINGÁ	107
5.1 Analisando as Praças de Maringá	109
5.2 Análise do Levantamento das Estruturas e Equipamentos Existentes nas Praças de Maringá	116
5.3 Análise do Levantamento Quantitativo e Qualitativo da Vegetação Existente nas Praças de Maringá	139
5.4 Caracterização das Praças Estudadas	145
5.4.1 Aspectos gerais das praças localizadas no setor 1	147
5.4.2 Aspectos gerais das praças localizadas no setor 2	177
5.4.3 Aspectos gerais das praças localizadas no setor 3	189
5.4.4 Aspectos gerais das praças localizadas no setor 4	205
5.4.5 Aspectos gerais das praças localizadas no setor 5	228
5.4.6 Aspectos gerais das praças localizadas no setor 6	244
5.5 Os parques urbanos de Maringá	262
5.5.1 Analisando os parques urbanos de Maringá	264
CONSIDERAÇÕES FINAIS	305
REFERÊNCIAS	313

LISTA DE FIGURAS

FIGURAS	Página
1	Ágora Grega 57
2	Fórum Romano..... 58
3	Vista Aérea da Piazza Sardello - Montova/ Itália..... 60
4	Vista Panorâmica da Piazza di San Francesco – Itália..... 60
5	Vista Panorâmica da Piazza Torcelo – Itália..... 60
6	Praça de San Marco, in primo piano il palazzo Ducale..... 61
7	Praça San Pietro vista dalla cupola michelangiolesca..... 62
8	Praça Duomo di Catania e alla sua sinistra il palazzo del Município..... 62
9	Vista parcial da Praça dos Três Poderes, em Brasília-DF..... 65
10	Vista parcial da Praça da Sé na Cidade de São Paulo..... 65
11	Vista Parcial do Hyde Park – Inglaterra..... 69
12	Vista parcial do Regent Park – Inglaterra..... 69
13	Vista parcial do Saint James Park – Inglaterra..... 70
14	Vista parcial Green Park – Inglaterra..... 70
15	Gravura de Mount Auburn, EUA, 1831..... 71
16	Vista parcial do Cemitério Mount Auburn – EUA..... 72
17	Vista parcial do Cemitério Mount Auburn – EUA..... 72
18	Vista parcial do Central Park – EUA..... 74
19	Vista parcial do Central Park – EUA..... 74
20	Vista parcial do Central Park – EUA..... 75
21	Vista parcial de o Campo de Santana, no centro do Rio de Janeiro- 1818..... 76
22	Vista Parcial do Passeio Público em 1852 - Rio de Janeiro..... 76
23	Vista Parcial do Jardim Botânico em 1875 – Rio de Janeiro 76
24	Jardim Botânico do Rio de Janeiro – Palmeiras Imperial..... 78
25	Jardim Botânico de Curitiba – PR..... 78
26	Vista Parcial do Parque do Ibirapuera em São Paulo – SP..... 79
27	Localização do município de Maringá..... 82
28	Planta de Maringá: espaços públicos e privados elaborados a partir do anteprojeto de Jorge Macedo Vieira..... 84
29	Vista parcial do centro de Maringá..... 89
30	Os Três Imãs..... 90
31	Vista Parcial do Parque do Ingá..... 94
32	Vista parcial da arborização na Avenida Paraná..... 94
33	Vista parcial do centro de Maringá..... 95
34	Vista parcial do lago Parque do Ingá..... 95
35	Ipês roxos na Avenida Pedro Taques..... 96
36	Ipê amarelo..... 96
37	Vista parcial da Praça Deputado Renato Celidônio..... 114
38	Vista noturna da Praça da Catedral..... 114
39	Localização das praças na área urbana de Maringá..... 115
40	Maringá: qualidade da iluminação das praças..... 123
41	Academia de Terceira Idade (ATI) implanta na Praça São Benedito..... 124
42	Quadra de esporte na Praça Santo Antônio..... 126
43	Teatro Kallil Haddad, localizado na Praça 21 de Abril..... 128
44	Vista parcial da Catedral..... 129
45	Monumento do Desbravador localizado na Praça 7 de Setembro..... 130
46	Vista Parcial coreto instalado na Praça dos Expedicionários..... 131
47	Vista Parcial do piso da Praça Renato Celidônio..... 135

48	Vista parcial do canteiro com cerca viva na Praça 21 de abril.....	136
49	Maringá: equipamentos e estrutura física das praças.....	138
50	Vista parcial da vegetação na parte leste de Maringá.....	139
51	Maringá: densidade da vegetação arbórea das praças.....	142
52	Maringá: qualidade paisagística das praças.....	144
53	Maringá: localização das praças em setores.....	146
54	Maringá: localização das praças do setor 1.....	147
55	Praça Rocha Pombo.....	149
56	Vista parcial dos caminhos no interior da Praça Rocha Pombo.....	149
57	Praça Raposo Tavares.....	150
58	Vista parcial da Praça Raposo Tavares.....	150
59	Praça Napoleão Moreira da Silva.....	152
60	Ipês floridos na Praça Napoleão Moreira da Silva.....	152
61	Vista parcial da Praça Presidente Kennedy.....	153
62	Praça José Bonifácio.....	154
63	Vista parcial da Praça Amábil Gíroldo.....	155
64	Praça Manuel Ribas.....	156
65	Praça Manuel Ribas.....	156
66	Vista parcial da Praça dos Sertões.....	158
67	Vista parcial da Praça dos Sertões.....	158
68	Vista parcial da Praça Lions.....	159
69	Vista parcial da Praça Lions.....	159
70	Vista parcial da Praça Vereador Malaquias de Abreu.....	160
71	Praça da Catedral.....	162
72	Praça da Catedral.....	162
73	Vista parcial da parte sul da Praça Vereador Antônio de Oliveira Salazar.....	163
74	Vista parcial da praça Vereador Antônio de Oliveira Salazar.....	163
75	Vista parcial da Praça Pedro Álvares Cabral.....	164
76	Vista parcial da Praça Pedro Álvares Cabral.....	164
77	Vista parcial da parte leste da Praça Ouro Preto.....	165
78	Vista parcial da parte oeste da Praça Ouro Preto.....	165
79	Vista parcial da Praça Júlio Jerônimo dos Santos.....	166
80	Vista parcial da Praça Júlio Jerônimo dos Santos.....	166
81	Vista parcial do templo religioso da Praça Monsenhor Bernardo Cnudde.....	168
82	Vista parcial da Praça Monsenhor Bernardo Cnudde.....	168
83	Vista parcial da Praça Largo Júlio Carmo Esteves.....	169
84	Vista parcial da Praça Largo Irineu Murazi.....	170
85	Vista parcial da Praça Altino Cardoso.....	171
86	Vista parcial do templo religioso na Praça Nossa Senhora Aparecida.....	172
87	Vista parcial da Praça São Benedito.....	173
88	Praça Renato Celidônio.....	175
89	Praça Renato Celidônio.....	175
90	Vista parcial da Praça Largo Inocente Vila Nova Junior.....	176
91	Vista parcial da Praça Emygio.....	177
92	Maringá: localização das Praças do setor 2.....	178
93	Praça Pioneiro Bento de Freitas da Silva.....	179
94	Vista parcial da Praça Elídio Neto Laranjeira.....	180
95	Vista parcial da Praça Antônio Laurentino Tavares.....	181
96	Vista parcial da Praça da Capela.....	182
97	Vista parcial da Praça Londrina.....	183
98	Vista parcial da Praça Pioneiro Júlio Ribeiro Vilella.....	184
99	Vista parcial dos equipamentos da Praça da Glória.....	185
100	Vista parcial da Praça da Glória.....	185
101	Praça Pioneira Thereza R. B. Covre.....	186
102	Praça Miguel de Oliveira.....	187

103	Praça Juiz Fernando Antônio Vieira.....	188
104	Vista parcial da Praça Sem Denominação – A.....	189
105	Maringá: localização das praças do setor 3.....	190
106	Vista parcial da Praça Emiliano Pernet.....	192
107	Vista parcial da Praça Senador Aylon de Souza Naves.....	193
108	Vista parcial da Praça do Aeroporto.....	194
109	Vista parcial da Praça Henrique Fregadolli.....	195
110	Vista parcial da Praça Zumbi dos Palmares.....	196
111	Vista parcial da parte sul da Praça Zumbi dos Palmares.....	196
112	Vista parcial da Praça Jitsuji Fujiwara.....	197
113	Vista parcial da Praça Salgado Filho.....	198
114	Vista parcial da quadra poliesportiva de Praça Salgado Filho.....	198
115	Vista parcial da Praça das Américas.....	199
116	Vista parcial da Praça Pioneiro Fiori Progiante.....	200
117	Praça Pioneiro Olímpio Forcelli.....	202
118	Vista parcial da Praça Pioneiro Olímpio Forcelli.....	202
119	Vista parcial da Praça Regente Feijó.....	203
120	Vista parcial da Praça Nadir Cancian.....	204
121	Vista parcial da Praça Sem Denominação-D.....	205
122	Maringá: localização das praças do setor 4.....	206
123	Praça Sete de Setembro.....	208
124	Ipês floridos na Praça Sete de Setembro.....	208
125	Vista parcial da Praça Largo General Osório.....	209
126	Vista parcial da Praça Largo José Inácio da Silva.....	210
127	Praça do Rotary Internacional.....	211
128	Vista parcial da Praça Geoffrey Diment.....	212
129	Vista parcial da Praça 21 de Abril.....	213
130	Vista parcial da Praça Pio XII.....	214
131	Praça dos Expedicionários.....	216
132	Vista parcial do calçamento da Praça dos Expedicionários.....	216
133	Vista parcial da Praça Todos os Santos.....	217
134	Vista parcial do Teatro Reviver na Praça Todos os Santos.....	217
135	Vista parcial da Praça Deputado Heitor Furtado.....	218
136	Vista parcial da Praça Luiz Gonzaga.....	219
137	Vista parcial da Praça Nilza de Oliveira Pipino.....	220
138	Vista parcial da Praça Eurico Vieira.....	221
139	Vista parcial da Praça Naturalista Augusto Ruchi.....	222
140	Vista parcial da Praça Ary Barroso.....	223
141	Vista parcial da Praça Largo Duque de Caxias.....	224
142	Vista parcial da Rótula Yamaguchi.....	225
143	Vista parcial da Praça das Bandeiras.....	226
144	Vista parcial da Praça Sem Denominação – B.....	227
145	Vista parcial da Praça Sem denominação – F.....	228
146	Maringá: localização das Praças do setor 4.....	229
147	Praça Sargento Francisco da Cruz Martins.....	230
148	Vista parcial da Praça Vila Rica.....	231
149	Vista parcial do templo religioso da Praça Santa Izabel.....	232
150	Vista parcial da capela na Praça Cidade de Brésia.....	233
151	Vista parcial da vegetação na Praça Cidade de Brésia.....	233
152	Vista parcial da Praça Pioneiro Jacinto Ferreira Branco.....	234
153	Vista parcial da Praça Atleta Reinaldo G. Bittencout.....	235
154	Vista parcial da Praça Arnaldo Armstrong de Oliveira.....	236
155	Vista parcial da Praça Raphaela Nane Lucchesi.....	237
156	Vista parcial da Praça Emílio Farjado Espejo.....	238
157	Vista parcial da Praça Megumi Tabaka.....	239

158	Vista parcial do templo religioso da Praça das Palmeiras.....	239
159	Vista parcial da Praça das Bandeiras.....	241
160	Vista parcial da Praça Victor Rodrigues Martins.....	242
161	Vista parcial da Praça Waldemar Pulzato.....	243
162	Vista parcial da praça Sem denominação – C.....	244
163	Vista parcial da Praça Sem Denominação - C.....	244
164	Maringá: localização das Praças do setor 6.....	245
165	Vista parcial da Praça Sagrado Coração de Jesus.....	246
166	Vista parcial da Praça Independência	247
167	Vista parcial da Praça Maestro Aniceto Matti.....	248
168	Vista parcial da Praça Ester G. Josepetti.....	249
169	Vista parcial da Praça Professor Ary de Lima.....	250
170	Vista parcial da Praça Pioneiro Galileu Rigon.....	251
171	Vista parcial da Praça São Vicente.....	252
172	Ipês floridos na Praça São Vicente.....	252
173	Vista parcial da Praça Rachel D. Pintinha.....	253
174	Vista parcial dos caminhos no interior da Praça Rachel D. Pintinha.....	253
175	Praça Vicente Simino.....	255
176	Vista parcial da Praça José Bertotti.....	256
177	Vista parcial da Praça Farroupilha.....	257
178	Vista parcial da Praça Santo Antônio.....	258
179	Vista parcial da Praça Santo Antônio.....	258
180	Vista parcial da Praça Vereador Osvaldo Vieira.....	260
181	Vista parcial da Praça Olinda.....	261
182	Vista parcial da Praça sem denominação – H.....	262
183	Maringá: localização dos parques urbanos e do cemitério parque.....	265
184	Vista área do Parque do Ingá.....	266
185	Infraestrutura do Parque do Ingá.....	267
186	Jardim japonês do Parque do Ingá.....	268
187	Pista de caminhada no interior do Parque do Ingá.....	269
188	Vista parcial da parte externa do Parque do Ingá.....	269
189	Primeira locomotiva de Maringá.....	270
190	Situação esquemática das erosões do Parque do Ingá.....	272
191	Processo erosivo no interior do Parque do Ingá.....	273
192	Galerias instaladas no interior do Parque do Ingá.....	273
193	Vista do rebaixamento do espelho d'água do Parque do Ingá.....	274
194	Vista do lago nas proximidades da Gruta Nossa senhora Aparecida.....	274
195	Passarela construída no interior do Parque do Ingá.....	275
196	Vista aérea do Parque dos Pioneiros.....	276
197	Academia de terceira idade no parque dos Pioneiros.....	279
198	Pista de caminhada e ciclovia no Parque dos Pioneiros.....	279
199	Vista parcial da entra principal do Horto Florestal.....	280
200	Pista de caminhada do Horto Florestal.....	283
201	Vista parcial da trilha no interior do Horto Florestal.....	283
202	Vista parcial da entra principal do Bosque das Grevíleas.....	284
203	Vista aérea do Bosque das Grevíleas.....	285
204	Pista de caminhada no Bosque das Grevíleas.....	286
205	Vista parcial do Parque Cinqüentenário.....	286
206	Vista Parcial de entulhos de construção depositados no Parque Cinqüentenário	288
207	Vista da entrada principal do Parque das Palmeiras.....	289
208	Vista parcial da entrada principal do Parque das Palmeiras.....	290
209	Vista parcial da parte externa do Parque das Palmeiras.....	290
210	Vista parcial do lago no Parque Alfredo Werner Niffeler.....	291
211	Vista da pista de caminhada - Parque Alfredo W. Niffeler.....	293
212	Vista parcial da pista de caminhada - Parque Alfredo W. Niffeler.....	293

213	Vista parcial do Parque Ecológico Municipal do Guaiapó.....	293
214	Vista parcial da pista de caminhada Parque Ecológico.....	294
215	Vista parcial do Parque Borba Gato.....	295
216	Vista parcial das palmáceas no Parque Borba Gato.....	297
217	Vista da entrada principal do Cemitério Parque.....	297
218	Vista parcial da parte interna do Cemitério Parque.....	299
219	Vista parcial dos jazidos do Cemitério Parque.....	299
220	Maringá: qualidade paisagística dos parques urbanos e do cemitério parque	300
221	Maringá: equipamentos e estrutura física dos parques e do Cemitério Parque...	301

LISTA DE QUADROS

QUADROS		Página
1	Símbolos dos equipamentos ou estruturas das praças de Maringá - PR	36
2	Relação das praças de Maringá-PR.....	110
3	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Rocha Pombo e propostas de implantação.....	148
4	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Napoleão Moreira da Silva e propostas de implantação.....	150
5	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Presidente Kennedy e propostas de implantação.....	152
6	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça José Bonifácio e propostas de implantação.....	153
7	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça José Bonifácio e propostas de implantação.....	154
8	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Amábile Giroldo e propostas de implantação	155
9	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Manuel Ribas e propostas de implantação.....	156
10	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça dos Sertões e propostas de implantação.....	157
11	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Lions e propostas de implantação.....	159
12	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Malaquias de Abreu e propostas de implantação.....	160
13	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça da Catedral e propostas de implantação.....	161
14	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Antônio Oliveira Salazar e propostas de implantação.....	162
15	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Pedro Álvares Cabral e propostas de implantação.....	164
16	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Ouro Preto e propostas de implantação.....	165
17	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Jerônimo dos Santos e propostas de implantação.....	166
18	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Monsenhor Bernardo Cnudde e propostas de implantação	167
19	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Largo Júlio Carmo Esteves e propostas de implantação	169
20	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Largo Irineu Murazi e propostas de implantação.....	170
21	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Altino Cardoso e propostas de implantação.....	171
22	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Nossa Senhora Aparecida e propostas de implantação.....	172
23	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça São Benedito e propostas de implantação	173
24	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Renato Celidônio e propostas de implantação.....	174
25	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Largo Inocente Vila Nova Junior e propostas de implantação.....	175

		176
26	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Emygio Brito e propostas de implantação	177
27	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Pioneiro Bento de Freitas da Silva e propostas de implantação.....	179
28	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Elídio Neto Laranjeira e propostas de implantação	180
29	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Antônio Laurentino Tavares e propostas de implantação	181
30	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça da Capela e propostas de implantação.....	182
31	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Londrina e propostas de implantação	183
32	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Júlio Ribeiro Vilella e propostas de implantação.....	184
33	Síntese qualitativa das estruturas e dos equipamentos da Praça da Glória e propostas de implantação	185
34	Síntese qualitativa das estruturas e dos equipamentos da Praça Pioneira Tereza Covre e propostas de implantação	186
35	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Miguel de Oliveira e propostas de implantação.....	186
36	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Juiz Fernando Antônio Vieira e propostas de implantação	188
37	Síntese qualitativa das estruturas e dos equipamentos da Praça Sem denominação –A e propostas de implantação	188
38	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Sem denominação – J e propostas de implantação	189
39	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Emiliano Pernetta e propostas de implantação	191
40	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Senador Abilon de Souza Naves e propostas de implantação	192
41	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Aeroporto e propostas de implantação	194
42	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Henrique Fregadolli e propostas de implantação	195
43	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Zumbi dos Palmares e propostas de implantação	196
44	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Jitsuji Fujiwara e propostas de implantação	197
45	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Salgado Filho e propostas de implantação	198
46	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça das Américas e propostas de implantação	199
47	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Pioneiro Fiori Progiante e propostas de implantação	200
48	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Olímpio Forcelli e propostas de implantação	201
49	Síntese qualitativa das estruturas e dos equipamentos da Praça Regente Feijó e propostas de implantação.....	203
50	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Nadir Aparecida Cancian e propostas de implantação	204
51	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Sem denominação - C e propostas de implantação	205
52	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Sete de Setembro e	207

	propostas de implantação	
53	Síntese qualitativa das estruturas e dos equipamentos da Praça Largo General Osório e propostas de implantação	209
54	Síntese qualitativa da Praça largo Pioneiro Inácio da Silva e propostas de implantação	210
55	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Rotary Internacional e propostas de implantação	211
56	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Geoffrey Wild Diment e propostas de implantação	212
57	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça 21 de Abril e propostas de implantação	213
58	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Pio XII e propostas de implantação	214
59	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça dos Expedicionários e propostas de implantação	215
60	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Todos os santos e propostas de implantação	217
61	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Deputado Heitor Alencar Furtado.....	218
62	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Luiz Gonzaga e propostas de implantação	219
63	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Nilza de Oliveira Pipino e propostas de implantação	220
64	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Eurico Vieira Guido e propostas de implantação	221
65	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Naturalista Augusto Ruchi e propostas de implantação	222
66	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Ary Barroso e propostas de implantação	223
67	Síntese qualitativa das estruturas e dos equipamentos da Praça Largo Duque de Caxias e propostas de implantação	223
68	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Rótula Yamaguchi e propostas de implantação	224
69	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça da Bandeira e propostas de implantação	225
70	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Sem Denominação – D e propostas de implantação	226
71	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Sem Denominação – F e propostas de implantação	227
72	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Sem Denominação – H e I e propostas de implantação	228
73	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Sargento Francisco da Cruz Martins e propostas de implantação	230
74	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Vila Rica e propostas de implantação	231
75	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Santa Isabel e propostas de implantação	232
76	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Cidade de Breécia e propostas de implantação	233
77	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Pioneiro Jacinto Ferreira Branco e propostas de implantação	234
78	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Atleta Reinaldo G. Bittencout e propostas de implantação	235
79	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Armstrong de Oliveira.....	236

80	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Raphaela Nane Lucchesi e propostas de implantação	237
81	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Emílio Farjado Espejo e propostas de implantação	238
82	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Megumi Tabaka e propostas de implantação	239
83	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça das Palmeiras e propostas de implantação	240
84	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça das Bandeiras e propostas de implantação.....	241
85	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Vitor Rodrigues Martins e propostas de implantação	242
86	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Waldemar Pulzato e propostas de implantação	242
87	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Sem denominação – C e propostas de implantação	243
88	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Sem denominação – E, G e L e propostas de implantação	244
89	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Sagrado Coração de Jesus e propostas de implantação.....	246
90	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Independência e propostas de implantação.....	247
91	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Aniceto Matti e propostas de implantação	248
92	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Ester G. Josepetti e propostas de implantação	249
93	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Ary de Lima e propostas de implantação	250
94	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Galileu Rigon e Propostas de implantação	251
95	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça São Vicente e propostas de implantação	252
96	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Rachel D.Pintinha e propostas de implantação	253
97	Síntese qualitativas das estruturas e equipamentos da Praça Vicente Simino e propostas de implantação	254
98	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça José Bertoni e propostas de implantação	256
99	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Farroupilha e propostas de implantação	257
100	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Santo Antônio e propostas de implantação	258
101	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Vereador Osvaldo Vieira e propostas de implantação	259
102	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Olinda e propostas de implantação	260
103	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos das Praças Sem Denominações – H	261
104	Relação dos Parques Pesquisados em Maringá-Pr.....	264
105	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos Parque do Ingá e propostas de implantação	275
106	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos Parque dos Pioneiros e propostas de implantação	280
107	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos do Horto Florestal e propostas de implantação	284

108	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos do Parque das Grevíleas e propostas de implantação	286
109	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos do Parque do Cinqüentenário e propostas de implantação	288
110	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos do Parque das Palmeiras e propostas de implantação	291
111	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos do Parque Alfredo W. Niffeler e propostas de implantação	293
112	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos do Parque Ecológico Municipal do Guaiapó e propostas de implantação	295
113	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos do Parque Municipal Borba Gato e propostas de implantação	297
114	Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos do Cemitério Parque e propostas de implantação.....	299

LISTA DE TABELAS**TABELAS**

1	Quantidade de praças com banco em Maringá/PR.....	119
2	Aspectos qualitativos das lixeiras das praças de Maringá/PR.....	120
3	Aspectos qualitativos das luminárias das praças de Maringá/PR.....	122
4	Aspectos quantitativos e qualitativos das praças com equipamentos de estruturas físicas para terceira idade em Maringá/PR.....	125
5	Aspectos Quantitativos e Qualitativos das Praças com quadras de esportes em Maringá/PR.....	125
6	Aspectos Quantitativos e Qualitativos das Praças com parque infantil em Maringá/PR.....	127
7	Material utilizado na pavimentação das praças de Maringá/PR.....	134
8	Porte da vegetação predominante nas praças de Maringá/PR.....	140
9	Cobertura dos solos das praças de Maringá/PR.....	140
10	Qualidade paisagística das praças de Maringá/PR.....	143

LISTA DE SIGLAS

UNESP	Universidade Estadual Paulista
UEM	Universidade Estadual de Maringá
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
CMNP	Companhia Melhoramentos Norte do Paraná
SANEPAR	Companhia de Saneamento do Paraná
PMM	Prefeitura Municipal de Maringá
IAPAR	Instituto Ambiental do Paraná
FUNDAMA	Fundação do Meio Ambiente de Maringá
CODEMAR	Companhia de Desenvolvimento de Maringá
COMDEMA	Conselho Municipal de Defesa e Meio Ambiente



Introdução

Através dos tempos o homem tem buscado ampliar o seu desenvolvimento intelectual e científico ao longo das diversas civilizações e culturas, o que resultou na transformação do ambiente natural em urbano e rural. É neste contexto que o ambiente urbano apresenta problemas determinados pelo seu crescimento, como a poluição do ar e das águas, a carência de infraestrutura básica, as dificuldades de acessibilidade, a ausência de áreas verdes, e a diminuição da qualidade de vida de seus habitantes. Assim, crescem com as cidades os problemas socioeconômicos e o desequilíbrio ambiental. Verificamos, então, que é impossível discutir sustentabilidade urbana sem reduzir os níveis de pobreza, universalizar os serviços de infraestrutura, saúde e educação, reduzir o uso ilegal da terra e a violência urbana, combater a degradação ambiental, recuperar, proteger e conservar o patrimônio histórico ambiental.

Desta forma as cidades representam os locais mais significativos de mudanças na natureza pela ação antrópica, apresentando uma paisagem natural modificada através da dinamicidade antropogenética ligada aos sistemas políticos, econômicos e sociais dominantes ao longo do processo histórico. Para Mercadante (1991), as mudanças ambientais que ocorrem em áreas urbanizadas constituem um dos marcos da ação do homem sobre a natureza. É neste sentido que a preservação, recuperação e criação de áreas verdes urbanas têm sido uma das grandes preocupações de estudiosos e planejadores urbanos, já que apresentam grande importância para a qualidade de vida da população, que utiliza esses espaços para momentos de lazer, passeio, descanso e para atividades físicas em um ambiente que mantém contato mais próximo com a natureza. Diante do exposto, para que pudéssemos realizar essa pesquisa sobre as áreas verdes (praças, parques e cemitério parque) urbanas de Maringá/PR propusemo-nos os seguintes objetivos gerais:

- a) caracterizar e analisar as áreas verdes urbanas de Maringá/PR, destacando os seus aspectos paisagísticos e sua infraestrutura, a fim de compreender a qualidade ambiental desses espaços públicos;
- b) propor medidas que auxiliem no planejamento e gerenciamento dessas áreas verdes, visando proporcionar melhoria ambiental que pode levar a qualidade de vida aos cidadãos maringaenses.

Os objetivos específicos que norteiam esta pesquisa são:

- a) discutir os interesses do poder público em promover o ideário de “cidade verde”, que sobrevive na cidade;
- b) analisar o conceito área verde urbana segundo as concepções teóricas de diferentes pesquisadores;

- c) resgatar a história das praças e parques para compreender as mudanças ocorridas do espaço público no decorrer do tempo, destacando sua relação com o lazer da população;
- d) estudar e levantar as propostas da política ambiental pública para a preservação e conservação das áreas verdes de Maringá;
- e) analisar a espacialização das áreas verdes urbanas públicas na cidade de Maringá;
- f) avaliar as áreas verdes urbanas como indicador de qualidade de vida para a população maringaense;
- g) levantar, por meio de trabalho de campo, informações que forneçam parâmetros para análise das áreas verdes, tais como: localização, tipo de vegetação existente, aspectos físicos e sanitários da vegetação, infraestrutura, tipo de ocupação, entre outros.

A pesquisa que se inicia constitui-se de uma procura das questões problema e das hipóteses referentes às áreas verdes urbanas de Maringá/PR, mais precisamente às praças e parques e ao Cemitério Parque. Neste sentido, questiona-se:

- a) O marketing “Maringá Cidade Verde” pode ser mantido nos dias de hoje? Quais são os problemas existentes em relação ao homem e à natureza no Município? Como a ação do *marketing* “cidade verde” tem agido sobre a sua população?
- b) Como o Poder Público tem agido na manutenção, recuperação e preservação das áreas verdes urbanas de Maringá? Há investimentos em infraestrutura? Quais? Onde? Qual estrato da população é mais atendido pelas infraestruturas?
- c) A falta de uma política continuada por parte do Poder Público tem relegado as praças e parques urbanos a uma importância secundária dentro da malha urbana? Isso tem levado às precárias condições de uso em que se encontram esses logradouros?
- d) O planejamento público da cidade não conseguiu direcionar um programa político que integrasse as diferentes áreas verdes. O poder público tem desenvolvido projetos e propostas para integração das áreas verdes? Como? Em quais circunstâncias?

O Parque Municipal do Ingá, localizado na região central de Maringá, é uma área verde urbana de recreação e uso intensivo. Esse parque oferece todas as oportunidades e serviços recreativos, tais como caminhos para o passeio em contato com a natureza, a paisagem agradável, *playground*, lago e zoológico, entre outras atrações. Diante desses elementos questiona-se: Por que somente o Parque do Ingá é visto como área verde de grande importância pela população maringaense? O poder público está preocupado com o Parque do Ingá? Qual a verdadeira situação do Parque do Ingá quanto aos aspectos ambientais? Por que não há uma integração do Parque do Ingá com os demais parques da cidade? Qual a política

governamental para o uso dessas áreas? Qual o papel do *marketing* em relação ao Parque do Ingá?

Diante desses questionamentos, a presente pesquisa busca investigar as 104 praças existentes na área urbana do município, 09 parques urbanos de um total de 15 e o Cemitério Parque através de uma análise individualizada de cada logradouro seguido de propostas de revitalização para cada área. Salientamos que os parques não estudados encontram-se em áreas de fundo de vale ou fora do perímetro urbano. Também é importante destacar que nesta pesquisa não foram estudados o Cemitério Municipal de Maringá e a arborização viária, que também são considerados como áreas verdes do município.

O tema da pesquisa - “Áreas Verdes Urbanas, Imagem e Uso: um estudo geográfico sobre a cidade de Maringá-PR” - encontra-se estruturado em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, denominado “Pressupostos Teóricos e Metodológicos”, tem-se como propósito fazer uma breve apresentação sobre o tema da pesquisa, destacando a justificativa, a questão-problema e os pressupostos teóricos e metodológicos que delinearão toda a discussão ao longo da construção desta tese.

No segundo capítulo, denominado “O Verde e o Urbano: uma breve reflexão teórica e conceitual” apresenta uma discussão sobre os estudos já realizados por diversos pesquisadores referentes às áreas verdes urbanas, destacando a importância de sua manutenção, seu potencial para a qualidade de vida e suas funções ambientais, sociais e estéticas. Também é propósito desse capítulo apresentar uma análise concisa sobre os conceitos de “área verde”, “praça” e “parque” que estarão presentes nas discussões desta pesquisa.

O terceiro capítulo, intitulado “Praças e Parques: uma retrospectiva através dos tempos”, busca resgatar a história das praças e parques, à procura de subsídios para compreender a estrutura, o processo, a função e a forma das mudanças através dos tempos. Neste sentido, na primeira parte do capítulo apresenta-se uma breve discussão sobre a origem das praças no Ocidente, as quais têm o seu desenvolvimento na *Ágora* ateniense, local de reunião e discussão dos destinos de muitas cidades gregas. Da *Ágora*, passando-se pelo Fórum Romano, pelas praças medievais, pelas renascentistas e modernas e pelas praças brasileiras, chegou-se aos dias atuais, destacando-se o papel desempenhado para a vida cidadina ao longo da história.

Na segunda parte desse capítulo damos ênfase aos parques urbanos, destacando o uso e as funções que desempenham na configuração da paisagem urbana. Traçamos um breve resgate sobre o surgimento dos parques urbanos ingleses e franceses, a implantação dos primeiros parques urbanos na América do Norte e no Brasil, ressaltando a preocupação

central com a qualidade de vida da população. Também nesse capítulo será apresentada uma breve discussão sobre a origem dos cemitérios parques.

No quarto capítulo, intitulado “Maringá: uma (re)leitura da imagem da Cidade Verde”, são discutidos os interesses do Poder Público em promover o ideário de “*cidade verde*” que sobrevive em Maringá. Neste sentido, o capítulo encontra-se estruturado em duas partes. Na primeira destacamos as características geográficas referente ao desenvolvimento urbano da cidade de Maringá, com suas características históricas e geográficas, sob a ótica do planejamento urbano voltado para as áreas verdes. Na segunda parte damos ênfase à ação do *marketing* “Maringá Cidade Verde”. Também são analisadas as propagandas veiculadas pela mídia, as quais proporcionaram o discurso promotor da imagem e da forma urbana, dos projetos que estimulam a valorização imobiliária, e, sobretudo a segregação urbana inerente no processo de expansão da cidade, reiterando o discurso voltado para o investimento empresarial.

O quinto capítulo, intitulado “Diagnóstico das Praças e Parques Urbanos de Maringá”, apresenta a análise e o diagnóstico geral das 104 praças, 09 parques e do Cemitério Parque que foram pesquisados no município de Maringá. Neste sentido, o capítulo se inicia fazendo uma análise e levantamento das estruturas e dos equipamentos existentes em cada praça maringaense, seguindo-se o levantamento quantitativo e qualitativo da vegetação desses ambientes. Na sequência apresenta-se o estudo detalhado de cada praça, destacando seus aspectos gerais, sua estrutura tanto interna como externa, a interna referente ao imobiliário existente e às condições da vegetação, e a externa, à relação existente com o entorno e a sua forma na malha urbana. Neste contexto, são apresentadas algumas proposições individualizadas para cada praça, visando à melhoria da qualidade ambiental de cada logradouro.

Na segunda parte desse capítulo, denominada “Os Parques Urbanos de Maringá”, apresenta-se a análise e diagnóstico de 09 parques e do Cemitério Parque, destacando-se as suas características naturais, ambientais e sua infraestrutura. Faz-se uma análise individualizada de cada área, destacando-se a infraestrutura e as condições da formação vegetal e seus impactos ambientais, a que se seguem a apresentação de proposições. Tanto a segunda parte como a primeira são seguidas de várias figuras, as quais proporcionam ao leitor uma visão precisa da imagem de cada logradouro maringaense pesquisado, bem como sua distribuição espacial pela malha urbana de Maringá.

Capítulo I

*Pressupostos teóricos e
metodológicos da pesquisa*



1.1- Apresentação do Tema

Acreditamos que nenhuma tese possa ser elaborada por uma única mão, somente por uma pessoa e por uma única forma de pensamento derivada de uma exclusiva corrente do conhecimento científico.

Ao longo do desenvolvimento desta investigação científica, entre idas e vindas, foi possível entendermos que uma tese resulta de um processo de rupturas epistemológicas em que, muitas vezes, tais dificuldades transformam-se em desafios que não conseguimos expressar de forma integral. No decorrer dessa construção percebemos que a pesquisa leva o pesquisador para áreas e particularidades do conhecimento nas quais ele nem sequer pensou aportar. A Geografia foi o nosso ponto de partida, mas também buscamos subsídios na: História, na Arquitetura, na Ecologia, no Urbanismo, no Paisagismo, na Psicologia, na tentativa de dar conta do objeto a ser investigado. Tudo isso contribuiu espontaneamente e transformou-se em um grande desafio, principalmente quando o tema da tese diz respeito a “Áreas Verdes Urbanas”, nas quais as dinâmicas econômicas, sociais e ambientais estão presentes no “uso” e na “imagem” da cidade - no nosso caso, Maringá-PR.

Enfim, o que pretendemos como resultado desta investigação é possibilitar uma reflexão sobre a atualidade e o futuro das áreas verdes de Maringá, além de contribuir com os responsáveis pelo planejamento e gerenciamento destas áreas no sentido de poderem proporcionar uma melhor qualidade de vida à população maringaense no que se refere aos momentos de lazer, descanso ou contemplação dessas áreas. É neste contexto que temos como tema desta tese “Áreas Verdes Urbanas, Imagem e Uso: um estudo geográfico sobre a cidade de Maringá-Pr”.

1.2- Justificativa do Tema

A presente pesquisa justifica-se pela necessidade de contribuir para o desenvolvimento de estudos sobre as áreas verdes urbanas (praças e parques e o Cemitério Parque da cidade), buscando saber qual a disponibilidade desses espaços destinados ao uso da população, por meio da sistematização de informações no decorrer da pesquisa. Pretendemos iniciar uma profícua discussão sobre esse tema, a qual, mediante informações levantadas de forma sistemática, contribuirá para o conhecimento da real situação de cada um desses espaços

livres, o conhecimento do conjunto de praças e parques da cidade e do Cemitério Parque (privado), a aquisição de informações que permitam a tomada de decisões para essas áreas verdes consonantes com as necessidades de cada bairro ou região da cidade.

A pesquisa poderá contribuir para a avaliação das praças e parques e do Cemitério Parque, permitindo o planejamento continuado de uma política urbana para o setor. De posse dessas informações, o planejador urbano poderá ter uma visão clara sobre a situação das praças e parques da cidade, levando-o a elaborar os projetos de implantação ou manutenção em consonância com a comunidade e com o poder público. Dessa forma será possível dispor desses espaços livres na cidade não só como um fragmento ou retalho do desenho urbano, mas sim, como espaços onde o cidadão possa vivenciar seu tempo de lazer ou simplesmente ficar na praça ou parque.

Atualmente vivemos uma relação desigual e/ou combinada da contraposição entre questões socioambientais e econômicas em que de modo geral sobressai esta última, geralmente ficando aquilo que é público em segundo plano ou considerado como problema. Os projetos de construção, intervenção ou reabilitação das áreas verdes públicas de um modo geral veem-se constantemente envolvidos por polêmicas que somente agravam sua penúria. A tendência é que, se não tomarmos uma providência no que diz respeito à reabilitação dessas áreas, não somente suas estruturas físicas, mas sobretudo suas funções sociais, geoambientais e estéticas, os únicos espaços de uso coletivo, tenderão a ser cada vez mais privados – *shopping-centers*, condomínios residenciais, edifícios polifuncionais – e não as nossas praças e parques.

Neste sentido, é necessária a discussão sobre as condições socioambientais das áreas verdes urbanas, pois a ação antrópica vem impondo uma verdadeira degradação aos ambientes urbanos. No caso de Maringá, seu crescimento se deu, e continua ocorrendo, em intensidade tal, que a todos parece escapar, a necessidade de esforços no sentido de melhoramento e regulamentação dos parques e praças da cidade, para que a população usufrua desses recursos de uma forma sustentável.

Queremos destacar as contribuições ecológicas, estéticas e sociais decorrentes da existência dos elementos naturais para a minimização dos impactos resultantes das atividades humanas. Registre-se que a proposta de pesquisa aqui apresentada é um dos primeiros trabalhos realizados na cidade com essa temática, destacando a imagem da cidade verde; os parques urbanos; a análise detalhada de cada praça por setores da cidade; as propostas de implantação ou recuperação de estruturas e equipamentos; a avaliação qualitativa dos parques

e praças, através de uma simbologia adotada, seguido de vários mapas, neste sentido a pesquisa se diferencia da De Angelis (2002), pois o referido autor centra a sua pesquisa nas praças, seguido de entrevistas e na análise superficial desses logradouros. Ressalta-se a importância do levantamento, análise e interpretação dos dados obtidos, tendo-se em vista que poderão servir de base para futuras pesquisas nessa linha. Justificamos assim a presente pesquisa pela necessidade de analisar a cidade interligada com os seus próprios espaços verdes.

De forma mais intensa, sobretudo nas últimas décadas, a discussão dos problemas ambientais vem se tornando um tema obrigatório no cotidiano cidadão. Assim sendo, as áreas verdes tornaram-se os principais ícones de defesa do ambiente, pela sua degradação e pelo exíguo espaço que ocupam nos centros urbanos. Logo, não basta saber que a cidade de Maringá é marcada pela beleza natural, pela diversidade biológica, pela riqueza histórico-cultural, e ao mesmo tempo, pela modernidade da sua arquitetura e por toda a infraestrutura que venha oferecer: é necessário avaliar suas áreas verdes para verificar as diversas possibilidades de uso por parte da população, como acessibilidade, segurança, infraestrutura, lazer etc.

1.3-Pressupostos Teóricos da Pesquisa

As questões teóricas e metodológicas descritas a seguir foram essenciais para realizar o presente trabalho.

A pesquisa teve como ponto de investigação as praças e parques urbanos e o Cemitério Parque de Maringá, a partir das quatro categorias geográficas propostas por Santos (1997), que são estrutura, processo, função e forma. Essas categorias nos possibilitam entender que o espaço é um produto social em permanente processo de transformação.

Para Santos (1997, p.52),

(...) a Geografia tende a ser cada vez mais a ciência dos lugares criados ou reformados para atender determinadas funções, ainda que a forma como os homens se inscrevem nessa configuração territorial seja ligada, inseparavelmente, à história presente. Se os lugares podem esquematicamente, ser os mesmos, as situações mudam. A história atribui funções diferentes ao mesmo lugar.

De acordo com Santos (1997), a forma é o aspecto visível de uma determinada coisa, ou seja, corresponde a um objeto ou um arranjo ordenado de objetos, como, por exemplo, uma favela, uma fábrica, um distrito industrial, no nosso caso, as praças, os parques urbanos e o Cemitério Parque. Cada forma possui uma configuração social. Na maioria das vezes a forma

permanece após ser criada e usada para desempenhar o papel para o qual foi produzida, mas poderá, com o tempo, assumir papéis diferentes, de acordo com o momento histórico.

A função é caracterizada como atividade essencial de qualquer forma espacial, ou seja, é a tarefa ou atividade esperada de uma forma, como, por exemplo, o habitar, o lazer, o trabalho, no nosso caso (as praças e os parques), a ecológica, a de lazer, a estética. A relação existente entre as duas é direta, as funções estão materializadas nas formas e estas últimas são criadas a partir de uma ou várias funções.

Tanto a forma como a função não podem estar dissociadas de um outro elemento que compõe a organização do espaço: a estrutura. Esta é a inter-relação das diversas partes que compõem o social. É fundamental a compreensão de cada período histórico para que se entendam as transformações ou a inércia das formas. Por outro lado, é essa estrutura socioeconômica que acaba estabelecendo os valores dos diversos objetos geográficos num dado momento histórico. A estrutura atribui valores e funções determinadas às formas do espaço.

O processo é uma ação contínua que se desenvolve com a história e envolve conceitos de tempo, continuidade e mudança. O tempo é considerado como processo que indica o movimento do passado ao presente e deste ao futuro, tornando-se uma propriedade da forma, função e estrutura. A praça e o parque urbano têm sido moldados ao longo do tempo pela ação do homem, que cria e recria espaços com múltiplas funções e usos. Neste contexto, a forma, a função, a estrutura e o processo estão permeando as discussões realizadas nesta pesquisa.

1.4-Pressupostos Metodológicos da Pesquisa

Para a realização desta pesquisa adotamos os seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica, levantamento de campo e atividade de gabinete.

Na fase inicial da pesquisa realizamos o levantamento bibliográfico de teses, dissertações, livros, artigos, revistas, jornais e artigos científicos na internet relacionados às áreas verdes urbanas, com o objetivo de buscar uma fundamentação teórica para a sustentação e elaboração da pesquisa sobre as áreas verdes urbanas de Maringá. Na sequência realizamos também o levantamento bibliográfico referente ao município de Maringá, incluindo teses e dissertações sobre a cidade de Maringá, planos diretores do município, lei orgânica municipal, documentos oficiais sobre o processo de construção e ocupação do espaço urbano de Maringá.

Por se tratar de uma pesquisa que visa levantar e avaliar estruturas físicas, necessário se fez o levantamento acerca dessas estruturas, de forma a termos um diagnóstico preciso e

minucioso (Capítulo V – “Diagnóstico das Praças e Parques Urbanos de Maringá -PR”). Esse diagnóstico foi executado por meio da aplicação dos formulários, compreendendo três levantamentos: a) quantitativo¹; b) avaliação qualitativa²; c) quantitativo da vegetação.

O formulário de pesquisa (ficha 01) é constituído das seguintes informações: nome da área verde, localização, altitude, vegetação existente, porte e densidade da vegetação³, cobertura do solo, condições do relevo, aspectos físicos e sanitários da vegetação, tipo de ocupação nas proximidades e qualidade paisagísticas das praças, parques e do Cemitério Parque de Maringá.

Ficha 01 – Avaliação qualitativa e quantitativa da vegetação.

Nome da Praça ou Parque: _____ N _____					
Localização: _____					
Coordenadas Geográficas: _____					
Altitude: _____					
Data da Avaliação: ____/____/____					
Início _____		Término _____		Duração _____	
Vegetação existente	Nativa	Exótica	Espontânea		Sim Não
Porte e densidade	Arbóreo ____%	Arbustivo ____%	Rasteiro ⁴ ____%		
Cobertura do solo	Calçado ____%	Solo nu ____%	Gramado ____%	Outro ____%	
Condições de relevo	Fundo de vale	Vertente	Plana		
Aspectos físicos e sanitários	Bom	Satisfatório	Ruim	Morta ou com morte aparente	
Ocupação das proximidades	Comercial	Residencial	Sem Ocupação		
Qualidade paisagística	Boa	Satisfatória	Ruim		

Fonte: Adaptado de De Angelis (2000) por BOVO, M. C. (2006).

¹ O levantamento quantitativo caracteriza-se pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento dessas técnicas estatísticas, desde as mais simples até as mais complexas (RICHARDSON, 1989, p.55). Refere-se ainda a tudo que pode ser mensurado em números, classificado e analisado através de técnicas estatísticas.

² A avaliação qualitativa compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre o indicador e o indicado, entre a teoria e os dados, entre o contexto e ação (MAANEN, 1979, p.520).

³ Porte e densidade da vegetação refere-se à quantidade de vegetação existente em uma determinada área. Para o levantamento levou-se em consideração a qualidade de espécies existentes e área de cobertura das copas das árvores.

⁴ - vegetação rasteira se refere às gramíneas.

Para classificar os aspectos físico-sanitários da vegetação utilizamos os seguintes parâmetros, adotados por Texeira (1991):

- Bom: refere-se à vegetação que está isenta de sinais de praga, doenças ou injúrias mecânicas;
- Satisfatório: a vegetações que apresentam pequenos problemas de pragas, doenças, danos físicos, necessitando de poda;
- Ruim: quando se verificam severos danos provocados por pragas, doenças ou danos físicos;
- Morta ou com morte aparente.

Para diferenciar a qualidade paisagística utilizaremos os seguintes parâmetros:

- Bom: quando se apresentam sem danos, em condições de uso pleno;
- Satisfatório: quando se apresentam com pequenos danos, possibilitando o uso;
- Ruim: quando se apresentam com danos que impossibilitam o uso pleno (TEIXEIRA, 1991).

Após o levantamento de campo e avaliação qualitativa e quantitativa da vegetação existente nas áreas estudadas, passamos para a etapa seguinte da pesquisa: o levantamento dos equipamentos e estruturas existentes nas praças, nos parques e no Cemitério Parque de Maringá.

Para evitar que o mesmo equipamento ou estrutura tivesse diferente avaliação em diferentes praças e parques, estabelecemos os parâmetros fixos de avaliação, ou seja, as condições de conservação, disponibilidade para uso, qualidade do material utilizado, manutenção, conforto, funcionalidade, entre outros. Utilizamos os parâmetros de avaliação de cada item da ficha 2 em questão, a partir do método desenvolvido por De Angelis (2000).

- **Bancos:** estado de conservação, material empregado em sua confecção, conforto, localização ao longo dos caminhos - se recuados ou não, distribuição espacial - se em áreas sombreadas ou não, *design* e quantidade.
- **Iluminação:** alta ou baixa (em função da copa das árvores); tipo - poste, superposte, baliza, holofote, localização, conservação, atendimento ao objetivo precípua.
- **Lixeiras:** tipo, quantidade, localização, funcionalidade, material empregado e conservação.
- **Sanitários:** condições de uso, conservação e quantidade.
- **Telefone público:** localização - na praça ou parque, próximo ou distante de conservação.
- **Bebedouros:** tipo, quantidade, condições de uso, conservação.

- **Piso:** material empregado, funcionalidade, segurança e conservação.
- **Traçado dos caminhos:** funcionalidade, largura, manutenção e desenho.
- **Palco/coreto/concha acústica:** funcionalidade, conservação, *design*, uso (frequente, esporádico, sem uso), se compatível com o desenho da praça ou parque.
- **Monumento/estátua/busto:** significância da obra de arte; conservação; inserção no conjunto da praça ou parque.
- **Espelho d'água/chafariz/lagoa/lago:** em funcionamento, se inserido ou não no contexto da praça ou parque e conservação.
- **Estacionamento:** conservação, sombreamento e segurança.
- **Ponto de ônibus e de táxi:** se na praça ou parque, próximo ou distante de; presença ou não de abrigo e conservação.
- **Quadra esportiva:** quantidade, conservação, material empregado com iluminação e cercada.
- **Equipamentos para prática de exercícios físicos:** tipo e quantidade, material empregado, conservação.
- **Estrutura para a terceira idade:** estruturas existentes e conservação.
- **Parque infantil:** brinquedos que o compõem, material empregado e cor, se em área reservada e protegida e conservação.
- **Banca de revista:** localização – periférica ou central, em evidência ou não, material empregado em sua construção, *design* (estética – se compatível com a praça ou parque).
- **Quiosque para alimentação e/ou similar:** tipo - *trailer*, carrinho, construção em alvenaria (...), higiene, estética, localização.
- **Segurança:** em função da localização, frequência de pessoas, policiamento e conservação.
- **Conservação:** estado geral da praça ou parque - equipamentos, estruturas, varrição, limpeza.
- **Localização:** se próximo ou distante de centros habitados, facilidade de acesso.
- **Vegetação:** estado geral e manutenção.

Ficha 02 - Levantamento dos aspectos quantitativos e qualitativos dos equipamentos e estruturas existentes nas praças e parques e no Cemitério Parque de Maringá.

Nome da praça ou parque: _____ Nº _____			
Localização: _____			
Coordenadas Geográficas: _____			
Altitude: _____			
Forma Geométrica: Quadrangular () Circular () Retangular () Outra ()			
Data da Avaliação: ____/____/____			
Início _____		Término _____	
Duração _____			
EQUIPAMENTOS/ESTRUTURAS	SIM	NÃO	QUANTIDADE
1- Bancos –Material.....			
2-Iluminação: () Alta () Baixa			
3-Iluminação: () Bom () Regular () Ruim			
4-Lixeiras () Bom () Regular () Ruim			
5- Sanitários () Bom () Regular () Ruim			
6-Telefone Público () Bom () Regular () Ruim			
7-Bebedouro () Bom () Regular () Ruim			
8-Pavimentação () Bom () Regular () Ruim			
9-Pavimentação (tipo de material) () Concreto () Paralelepípedo () Pedra () Bloquetes () Portuguesa () outros			
10- Palco () Bom () Regular () Ruim			
11- Obra de arte. Qual.....			
12-Espelho d água/ chafariz			
13-Pontos de água			
14- Canteiros () com meio-fio () cerca viva () grades () outros	-----	-----	-----
15-Estacionamento			
16- Ponto de ônibus			
17-Ponto de táxi			
18-Quadra esportiva () Bom () Regular () ruim			
19-Equipamentos para exercício físico () Bom () Regular () ruim			
20-Equipamentos físico para a terceira idade () Bom () Regular () ruim			
21-Parque Infantil () Bom () Regular () ruim			
22- Banca de revista			
23- Quiosque de alimentação			
24-Identificação (nome da área)			
25-Edificação institucional			
26 Templo religioso			
27- Qualidade paisagística: () Boa () Satisfatória () Ruim () Inexistente	-----	-----	-----
28- Aspecto geral da praça (limpeza e conservação) () Boa () Satisfatória () Ruim () inexistente	-----	-----	-----
29- Segurança			

Fonte: Adaptado de De Angelis (2000) por BOVO, M. C. (2006).

A ficha 2 propõe levantar a existência ou não de equipamentos e estrutura – em número de 29 itens - visando quantificá-los e, em alguns casos, determinar o material com o qual é confeccionado, por exemplo, os bancos e caminhos. Outra informação importante refere-se à localização das áreas.

Nesta pesquisa, para a iluminação adotamos os seguintes parâmetros para diferenciar a qualidade de iluminação, segundo CARVALHO, 2001:

























- Bom: se em bom estado de manutenção, sem luminárias quebradas ou queimadas, se o número de postes é suficiente para proporcionar uma boa luminosidade e os postes não estão localizados próximo às copas das árvores, prejudicando a iluminação;
- Regular: se, apesar de os postes de luzes estarem em bom número e bem localizados, existem luminárias queimadas ou quebradas, influenciando a iluminação da praça e prejudicando a segurança e o bem-estar da vizinhança;
- Ruim: se além de luminárias quebradas, o número de postes é insuficiente, fazendo com que a iluminação esteja aquém do necessário;
- Sem iluminação: se a área é desprovida de postes de luz ou, quando existentes, encontram-se quebrados e inativos.

No decorrer dos trabalhos de campo utilizamos o GPS⁵, com o objetivo de fazermos o levantamento de todas as coordenadas geográficas e da altitude de todas as áreas verdes. Além disso, contamos também com o levantamento fotográfico, a fim de promover uma melhor visualização das condições reais das áreas verdes de Maringá.

Na sequência foram tabuladas todas as informações tanto da ficha 1 como da ficha 2, possibilitando uma análise precisa de cada área em estudo tanto no tocante aos aspectos quantitativos como aos qualitativos. Os aspectos qualitativos das estruturas e dos equipamentos foram representados através de símbolos, sendo estes constituídos de três cores: a verde, representando as estruturas e equipamentos em bom estado; a cor laranja, simbolizando os regulares; e a cor vermelha, para indicar os equipamentos e estruturas caracterizados como ruins. Já os símbolos de cor preta indicam as propostas de equipamentos e estruturas a serem implantadas nas áreas estudadas (**quadro 01**).

⁵ Sistema de posicionamento global.

Quadro 01 - Símbolos dos equipamentos ou estruturas das praças de Maringá-PR.

Equipamento/Estruturas	Símbolos	Equipamentos/Estruturas	Símbolos
Bancos		Estacionamento	
Iluminação		Ponto de ônibus	
Lixeira		Ponto de táxi	
Sanitários		Quadra esportiva	
Telefone público		Aparelho de exercícios Físicos	
Bebedouro		Equipamentos para usuários da Terceira Idade	
Ponto d`água		Parque infantil	
Pavimentação		Quiosque de alimentação	
Palco e coreto		Identificação do logradouro	
Espelho d`água- Fonte		Edificação institucional	
Templo religioso		Segurança	
Obra de arte		Banca de revista	

Fonte: Organizado por BOVO, M. C., 2009.

A partir dos dados levantados em campo foi possível elaborar uma série de mapas por meio do programa *Autocad Drawing 2007®*, o que possibilitou uma visão espacial das áreas verdes em estudo. Entre os mapas elaborados destacamos: a) Maringá: localização das Praças; b) Maringá: qualidade paisagística das praças (através dos dados levantados); Maringá: equipamentos e estrutura física das praças (este mapa foi realizado a partir da ficha 2, tendo sido analisados 24 itens; a partir dos dados tabulados foi possível investigar o percentual de equipamentos e estrutura física existente em cada praça maringaense); c) localização dos parques urbanos e do Cemitério Parque de Maringá (neste mapa estão localizados somente 09 parques urbanos e o Cemitério Parque, que foram pesquisados, desconsiderando-se os demais parques, que se encontram em fundos de vale); d) qualidade paisagística dos parques urbanos e do Cemitério Parque; e) Maringá: qualidade da iluminação das praças (mapa elaborado a partir dos dados tabulados seguindo a metodologia de Carvalho (2001), já apresentada neste capítulo); f) Maringá: vegetação arbórea das praças (mapa elaborado a partir da pesquisa de

campo que tem como propósito apresentar a densidade de vegetação arbórea em % de cada praça): optamos pela vegetação arbórea por ser a mais representativa).

Dando continuidade ao trabalho, subdividimos a área urbana do município de Maringá em seis setores, levando em consideração a metodologia adotada por (BRANDÃO⁶, 2005, p. 68), que agrupou os bairros de Maringá de acordo com as proximidades socioeconômicas e geográficas. Na sequência agrupamos as praças por setores e realizamos uma análise individualizada das 104 praças, com o objetivo de apresentar os seus aspectos gerais quanto à estrutura, à forma, ao processo e à função, levando também em consideração os seus aspectos paisagísticos. Igualmente elaboramos um CD-ROOM (Anexo) contendo todas as praças com as seguintes informações: nome, localização, características gerais, quadro-síntese das estruturas e equipamentos existentes, proposições para a área visando a sua revitalização e uma série de fotos de todos os logradouros.

Após a realização da pesquisa de campo concentramos nossa análise no referencial teórico referente às áreas verdes e também nos dados obtidos em campo, o que ocorreu de forma gradativa, seguindo-se à redação de cada capítulo.

No capítulo dois será realizada uma breve discussão referente às áreas verdes, destacando-se os principais pesquisadores que trabalham com essa temática, os conceitos e a importância dessas áreas para a população no tocante à sua qualidade de vida, bem como suas funções ambientais, sociais e estéticas que contribuem para amenizar a gama de propriedades negativas da urbanização.

⁶ A divisão da cidade foi justificada nos agrupamentos dos bairros por proximidade socioeconômicas e geográfica, o que facilitaria a participação popular, bem como o levantamento, a hierarquização e apresentação das demandas populares ao governo evitando o bairrismo e o individualismo político e social (BRANDÃO, 2005, p. 68).

Capítulo II

*O verde e o urbano: uma breve
reflexão teórica e conceitual*



Neste capítulo realizamos uma discussão sobre os estudos realizados por diversos pesquisadores referentes às áreas verdes urbanas, sua manutenção e o seu potencial em realçar a qualidade de vida, suas funções ambientais, sociais e estéticas que venham a contribuir para amenizar a gama de propriedades negativas da urbanização. Para isso o capítulo tem como propósito/intenção apresentar uma análise concisa sobre os conceitos de “áreas verdes”, “espaços livres”, “praças” e “parques” que nortearão as discussões ao longo da construção desta pesquisa.

Diversos estudos têm sido realizados dando ênfase aos benefícios da vegetação urbana, entre os quais destacamos as pesquisas realizadas por Milano, (1988, 1990); Cavalheiro, (1991, 1992); Amorim, (1993, 2001); Goya, (1992); Oliveira (1996); Nucci, (1996, 2000, 2001); De Angelis, (2000). Esses trabalhos apresentam a importância da vegetação para o clima urbano, o controle da poluição do ar e da acústica, a melhoria da qualidade estética, os efeitos sobre a saúde mental e física da população, o aumento do conforto ambiental, a valorização econômica das propriedades e a formação de uma memória e de um patrimônio cultural.

Para Milano e Dalcin (2000), as cidades abrigam hoje mais da metade da população mundial. No Brasil, segundo o IBGE (2000), cerca de 81,25% das pessoas estão concentrados em centros urbanos. Essa concentração acaba contribuindo para o crescimento acelerado e desordenado das cidades, fruto de fluxos migratórios inter-regionais e do êxodo rural, acarretando diversas consequências socioambientais. Todos esses fatores, somados à política imobiliária, colaboram para a ocupação de áreas de risco, pois, ao se considerar o solo como mercadoria, legitimou-se a propriedade privada e a ocupação diferencial do espaço urbano. Neste contexto, as interferências humanas no meio natural tornam-se cada vez mais acentuadas, trazendo como consequência, entre outras, a proliferação de favelas, o desmatamento das áreas de encostas, as enchentes, o surgimento de ilhas de calor, a impermeabilização do solo e a ausência de áreas verdes, estas, muitas vezes, substituídas pelo concreto. No Brasil inúmeras cidades, entre elas São Paulo (SP), Belo Horizonte (MG), Presidente Prudente (SP), Santa Maria (RS) e Umuarama (PR), há a escassez de árvores nas calçadas que acompanham o sistema viário. Estas condições nos levam a pensar em como as cidades brasileiras, principalmente as de porte médio e grande, foram construídas e como crescem sem que o Poder Público discuta adequadamente suas áreas verdes públicas que são, certamente, um registro histórico de quanto o homem tem se distanciado da natureza, prescindindo do seu contato.

Santos (1997, p.42) alerta que “essas mudanças são quantitativas, mas também, qualitativas”. Para ele a cidade é cada vez mais um meio artificial, pois se até mesmo no início dos tempos modernos as cidades contavam com jardins, isso vai se tornando cada vez mais raro “o meio ambiente urbano é cada vez mais artificial, fabricado com restos da natureza primitiva crescentemente encoberta pelas obras dos homens”.

Hoje verificamos os efeitos negativos do acelerado processo de urbanização das cidades brasileiras sobre a qualidade de vida de seus moradores, entre os quais destacamos a falta de um planejamento urbano que considere as áreas verdes como elementos essenciais para os moradores citadinos. Percebemos que essas áreas são deixadas pelo Poder Público em segundo plano, tendo-se como consequências o empobrecimento da paisagem urbana, a desvalorização imobiliária das propriedades do entorno, a falta de lazer para os moradores e a deterioração do ambiente.

Segundo Di Fidio (1985), as manifestações mais caracterizadas de um macrossistema urbano-industrial são: população humana com altas densidades demográficas; multiplicidade e intensidade de intervenções humanas; importação de relevante quantidade de energia externa; eutrofização dos ecossistemas bióticos terrestres e aquáticos; compactação e impermeabilização do solo nas áreas de loteamento e infraestrutura de transporte; mudança da morfologia do solo por escavações e transporte; redução do nível do lençol freático e da subsistência do solo; formação de um clima urbano essencialmente distinto daquele circundante à cidade; geração e exportação de grande quantidade de resíduos sólidos, de efluentes domésticos e industriais, de emissões de poeira e gases, que sobrecarregam o próprio ambiente urbano e o ambiente periférico, com efeitos também a grandes distâncias; e mudanças das populações de plantas e animais nativos e das cadeias tróficas da biocenose anteriormente existentes, como consequência da modificação do biótopo e da introdução de espécies exóticas.

Moro (1976) contribui com essa discussão, ao observar que:

Tomamos conhecimentos da preocupação demonstrada por muitos estudiosos no que se refere ao valor das áreas verdes na ecologia urbana. Essa preocupação se acentuou nas últimas décadas, como fruto constante e maciço crescimento de nossas cidades, que comportam um número cada vez maior de habitantes (...) essa constante urbanização nos permite assistir, em nossos grandes centros urbanos, os problemas cruciais, decorrentes do desenvolvimento nada harmonioso entre a cidade e a natureza. Assim, podemos observar a substituição dos valores naturais por resíduos, concreto, máquinas, edificações, poluição etc. (...), o que ocasiona entre a obra do homem e a natureza crises ambientais cujos reflexos negativos, contribuem para a degradação do meio ambiente urbano, proporcionando condições nada ideais para a sobrevivência humana (...) tomando consciência desses fatos é que estudiosos como Munford, McHarg, Gottmann, Gates, Lowenthal e outros procuram despertar na humanidade o espírito no sentido de preservar ou planejar o valor da natureza como fator determinante para a sobrevivência do homem na cidade (p.15).

Entendemos que a discussão da arborização e das áreas verdes atende à preocupação dos estudiosos mencionados por ser esta uma ação real de atitude no sentido de preservar e planejar a natureza em sua relação com a sociedade. A qualidade ambiental urbana está diretamente atrelada a vários fatores, ligados à infraestrutura, ao desenvolvimento econômico e social à questão ambiental.

O conceito de áreas verdes é definido conforme diferentes interpretações e proposições. Nesse sentido, apresentamos alguns conceitos segundo o ponto de vista de alguns autores que estudam e pesquisam o referido tema. Para LIMA *et al.* (1994):

- **Áreas verdes** são espaços livres de construção onde o elemento fundamental de composição da vegetação, juntamente com o solo permeável, deve ocupar no mínimo 70% da área. Incluem as praças, os jardins públicos e os parques urbanos. Também os canteiros centrais de avenidas, os trevos e rotatórias permeáveis das vias públicas e áreas que exercem funções estéticas e ecológicas são conceituadas como áreas verdes.
- **Espaço livre:** é o conceito mais abrangente, integrando os demais e contrapondo-se ao espaço construído nas áreas urbanas.
- **Parque urbano:** é uma área verde, com funções ecológicas, estéticas e de lazer, mas com uma extensão maior que as praças e jardins públicos.
- **Praça:** é um espaço livre e público cuja principal função é o lazer. Pode não ser uma área verde, quando não tem vegetação e encontra-se impermeabilizada.
- **Arborização urbana:** diz respeito aos elementos vegetais de porte arbóreo dentro da cidade. Neste enfoque, as árvores plantadas nas calçadas fazem parte da arborização urbana, porém não integram o sistema de áreas verdes.

De acordo com Oliveira (1996), a maioria dos autores considera “áreas verdes urbanas” como conjunto composto por três segmentos, que são individualizados, mas estabelecem relações notáveis entre si. Esses segmentos são constituídos pelas:

- **áreas verdes públicas** - constituídas pelos logradouros públicos que se destinem ao lazer e recreação ou oportunizem ocasiões de encontro e convívio direto com espaços não construídos e arborizados;
- **áreas verdes privadas** - constituídas de remanescentes vegetais significativos incorporados à malha urbana, podendo ter sua utilização normatizadas por legislação específica que possa garantir ao máximo a conservação;
- **arborização de ruas e vias públicas** - constituída pela vegetação que acompanha as ruas e localizada principalmente nas calçadas e pavimentos.

Essas três variáveis são as mais aceitas em nível nacional e internacional, pois são capazes de traduzir os benefícios e as condições ambientais das cidades e a qualidade de vida da população.

Llardent (1982) utiliza como conceitos para as áreas verdes as seguintes expressões:

- **sistemas de espaços livres** - considerados como o conjunto de espaços urbanos ao ar livre destinados ao pedestre para o descanso, o passeio, a prática esportiva e em geral, ao recreio e entretenimento em suas horas de ócio;
- **espaços livres**: quaisquer das distintas áreas verdes que formam o sistema de espaços livres;
- **zonas verdes, espaços verdes, equipamentos verdes**: quaisquer espaços livres em que predominem as áreas plantadas de vegetação, correspondendo, em geral, ao que se conhece como parques, jardins e praças.

Para Carvalho, (1982), são consideradas áreas verdes os locais com vegetação contínua, livres de edificações, mesmo que recortadas por caminhos e vielas ou com a presença de brinquedos infantis e outros divertimentos leves, desde que se destinem ao uso público.

Para Nucci e Cavalheiro (1999), os espaços de construção são constituídos por áreas urbanas ao ar livre, destinadas a todo tipo de utilização que se relacione com caminhadas, descanso, passeios, práticas de esportes e, em geral, à recreação e ao entretenimento em horas de ócio. Como locais de passeio a pé, devem oferecer segurança, comodidade com separação total da calçada em relação a veículos; os caminhos devem ser agradáveis, variados e pitorescos; os locais onde as pessoas se locomovem por meios motorizados não devem ser considerados como espaços livres. Os espaços livres podem ser privados, potencialmente coletivos ou públicos, e podem desempenhar, principalmente, funções estéticas, de lazer e ecológico-ambientais, entre outras.

Nucci (2001) define área verde

...como um tipo especial de espaço livre onde há a predominância de áreas plantadas e que devem cumprir três funções (estética ecológica e de lazer); a vegetação e solo permeável, sem laje devem ocupar pelo menos 70% da área; deve ser pública e de utilização sem regras rígidas (p. 198).

É neste contexto que Nucci (2001) ressalta a importância das áreas verdes para o ambiente urbano, como pode ser visto na seguinte colocação do autor:

As áreas verdes estabilizam as superfícies por meio da fixação das raízes das plantas, criam obstáculos contra o vento, protegem a qualidade da água, pois impedem que substâncias poluidoras escoem sobre os rios, filtram o ar, diminuem a poeira em suspensão, equilibram os índices de umidade no ar, reduzem o barulho, abrigam a fauna, contribuem para a organização e composição de espaços no desenvolvimento das atividades humanas, colabora com a saúde do homem e também atenuam o impacto pluvial, auxiliando na captação das águas pluviais, tendo em vista que a impermeabilização crescente e progressiva do solo prejudica o

escoamento superficial, não tendo rede de captação de águas pluviais capacidade suficiente para escoar de modo rápido o grande volume de água que faz transbordar os córregos e se acumula nos vales do sítio urbano (p. 27).

Os espaços livres de construções desempenham funções extremamente importantes em uma cidade. Segundo Lima (1994), entre elas a ecológico-ambiental, a estética e paisagística, as climáticas, as de defesa, as psicológicas e a recreativa e de lazer. As contribuições ecológicas ocorrem na medida em que os elementos naturais que compõem esses espaços minimizam os impactos decorrentes do processo de urbanização e industrialização. Neste sentido, ressalta-se o papel das áreas verdes. Estas áreas exercem influência no microclima, na purificação e refrigeração do ar, no abrigo à fauna e no favorecimento de novos habitats para a maior variedade de espécies de animais, na manutenção das propriedades de permeabilidade e fertilidade do solo, no amortecimento dos ruídos etc. A função estética se pauta principalmente no papel da integração entre os espaços construídos e os destinados à circulação. A função social está diretamente relacionada à oferta de espaços para lazer da população, entre os quais os espaços livres para o público (parques e praças) merecem especial atenção, uma vez que deve possibilitar o acesso sem restrições a qualquer pessoa.

Considerando-se essas razões, a preocupação de geógrafos, arquitetos, urbanistas, ecólogos e educadores, entre outros especialistas, tem aumentado em relação à disponibilidade de áreas verdes nas grandes cidades. No entanto, existe carência de informações e dados sobre a proporção adequada áreas verdes nas médias e grandes cidades, sobre a sua localização e suas condições de uso para a população. Essas informações são imprescindíveis para iniciar um trabalho de planejamento que considere esses espaços como componentes de uma das redes de infraestrutura necessárias ao funcionamento sustentável do metabolismo da cidade.

Ao tratarmos da qualidade ambiental urbana percebemos o grande interesse das pessoas em conhecer qual o índice de áreas verdes que sua cidade possui para poder comparar com aquelas tidas como modelo. Os governantes preocupam-se em divulgar um índice majorado como estratégia de “*citymarketing*” e a imprensa o faz nas ocasiões em que ocorrem alagamentos ou outro problema ambiental evidente na cidade. Assim, constatamos que, nos órgãos públicos municipais e nos meios de comunicação em geral, há uma confusão entre o índice referente à quantidade de áreas verdes de uso público e aqueles referentes à cobertura vegetal, natural ou implantada presentes em áreas efetivamente urbanizadas.

Neste sentido ressalta Spirn (1995):

O custo da contínua negligência com as plantas na paisagem urbana é tangível e de amplas consequências: intensificação dos piores aspectos do clima urbano; demanda crescente de

energia; redução da absorção dos poluentes atmosféricos; enchentes cada vez maiores; degradação da qualidade de água; e, nas áreas residenciais, depreciação das propriedades (p. 201).

Sirkis (1999) discute em seu trabalho a necessidade de classificar os bairros levando-se em conta a relação verde *versus* áreas construídas, para trabalhar especificamente sobre os locais de perfil crítico, que geralmente estão entre os bairros mais carentes. Esse trabalho envolve também a educação ambiental dos moradores dessas localidades carentes, além do plantio e da manutenção. Uma das principais causas da perda de mudas plantadas é a sua destruição.

De acordo com Milano & Dalcim (2000):

(...) as práticas sociais especialmente no que se refere ao processo econômico e tecnológico, vem imprimindo também, de maneira generalizada, uma marca especial no meio urbano, o desrespeito à base natural e, como consequência, ambientes desequilibrados ecologicamente (p. 20).

Neste contexto, Troppmair (1995), Sirkis (1999) e Nucci (2001) destacam que a garantia de uso e conservação das áreas verdes públicas é direito e dever do Poder Público e da coletividade; porém há carência de informações e dados sobre os espaços verdes das cidades e as condições de seu uso para a população. Somente com essas informações básicas é possível iniciar um trabalho amplo de planejamento dessas áreas simultaneamente ao processo de urbanização.

Rodrigues (1998) ressalta que

Neste findar de século, o meio ambiente “natural” está cada vez mais ausente no “meio urbano”, ambiente porque dele foi banido por meio de formas concretas de desenvolvimento (enterrando-se os rios, derrubando-se vegetação, impermeabilizando-se terrenos, calçadas, ruas, edificando-se em altura, criando o solo urbano etc.) O meio ambiente urbano parece, assim, referir-se ao ambiente construído. O “meio ambiente natural” tem sido (re) incorporado como demonstrativo da qualidade de vida que pode ser comparada como: “ar puro e/ou a possibilidade de morar próximo ao “verde”, ao sossego, etc. dos loteamentos “modernos” ou do lazer dos parques públicos ou de prédios “inteligentes”. É também incorporado pela medida de quantidade de “verde” disponível por habitante (p. 106).

Nota-se que os ecossistemas naturais foram praticamente retirados para a instalação da área urbana, tornando-se ausentes na cidade. De outro lado, surgiu a valorização para alguns setores urbanos como empresas construtoras de megaprédios, megacondomínios, avenidas e outros símbolos de ostentação urbana. Neste caso, as áreas verdes urbanas, praças, jardins, arborização e todo o paisagismo contribuem para a valorização imobiliária das áreas urbanas. Também em outros casos a presença de elementos da natureza pode também ser identificada como aspecto positivo do ambiente urbano.

No que se refere à poluição, pode-se dizer que as árvores são meios utilizados para melhorar a qualidade do ar. Os vegetais são conhecidos como “varredores” dos poluentes do ar, impedindo seu movimento ou absorvendo-os quimicamente (SEWEL, 1978).

Para Lombardo (1990), a vegetação traz inúmeras contribuições para o ambiente urbano, descritas a seguir:

a) Quanto à composição atmosférica a vegetação contribui através da:

- ação e purificação, pela fixação de poeiras e materiais residuais;
- ação purificadora, pela depuração bacteriana e de outros microrganismos;
- ação purificadora, pela reciclagem de gases através de mecanismos fotossintéticos;
- ação purificadora, pela fixação de gases tóxicos.

b) Contribui para o equilíbrio solo/clima/vegetação através da:

- luminosidade e temperatura, pois a vegetação, ao filtrar a radiação solar, suaviza as temperaturas externas;
- conservação da umidade e da temperatura;
- redução da velocidade do vento;
- manutenção das propriedades do solo de permeabilidade e fertilidade;
- oferta de abrigo à fauna existente;
- influência no balanço hídrico.

c) No tocante aos níveis de ruído, contribui para:

- o amortecimento dos ruídos de fundo sonoro, contínuo e descontínuo de caráter estridente ocorrentes nas grandes cidades.

d) Quanto à estética, contribui para:

- a quebra da monotonia da paisagem das cidades, causada pelos grandes complexos de edificações;
- a valorização visual e ornamental do espaço urbano;
- a caracterização e sinalização de espaços, constituindo-se em um elemento de interação entre as atividades humanas e o meio ambiente.

Assim, observamos que as áreas verdes no espaço urbano são de interesse da maioria da população. O que preocupa é que esta mesma população muitas vezes não se sente responsável pela manutenção dessas áreas verdes. Neste sentido, verifica-se a importância de

criar instrumentos teóricos e práticos que possam levar informações para a população com o objetivo de conscientizá-la, pois é a beneficiária do verde urbano.

Podemos considerar as áreas verdes urbanas como um dos elementos da natureza mais expressivos no ambiente urbano, podendo ser identificados mesmo em cidades onde os elementos da natureza não são muito considerados em relação aos problemas nelas existentes. O espaço é continuamente transformado em face da dinâmica social e econômica. Assim, surgem novas necessidades relativas ao desenvolvimento tecnológico e às novas formas de organização da sociedade, mas neste processo de transformação a vegetação urbana, principalmente aquela das áreas verdes públicas, constitui-se num elemento da natureza que pode servir de referencial no espaço urbano, funcionando como um microespaço que concorre para a qualidade de vida da população e muda a relação das pessoas. É importante destacar que as praças públicas representam uma célula no espaço urbano, constituindo importante referencial para muitos indivíduos. Cercadas de encontros e desencontros, as praças envolvem muitas gerações e representam diferentes momentos da história da cidade desde o início da sua formação até os dias atuais.

A praça pública, com sua vegetação e sua variação de uso, insere-se no contexto cultural de uma civilização ou de uma cidade e amplia o reconhecimento e entendimento de sua tradição paisagística, e ao mesmo tempo serve de indicador das várias influências culturais recebidas de sua população. Ainda no que se refere à vegetação presente nas praças públicas, consideramos as plantas que oferecem flores diversas, pois a cor é um estímulo físico tanto para os seres humanos quanto para os outros seres vivos, sendo de significativa importância para a sustentação dos ecossistemas naturais. Também existe a possibilidade de buscar no paisagismo das praças a relação com a vegetação nativa da região, assim recompondo em parte a vegetação nativa e privilegiando a biodiversidade local.

Com o objetivo de facilitar a vida humana, concentrar os mais variados tipos de serviços e gerar oportunidades, as cidades transformaram-se muitas vezes em uma contradição à qualidade de vida. Nessa mesma linha de raciocínio, verifica-se que as práticas sociais, principalmente no que se refere ao processo econômico e tecnológico, vêm imprimindo de maneira generalizada uma marca especial no meio urbano: o desrespeito à base natural de sustentação, cujas consequências, na maioria das vezes, são ambientes ecologicamente desequilibrados (MILANO & DALCIM, 2000).

Os estudos já realizados apontam que a área de demanda pelos espaços livres cresce à medida que aumenta a densidade demográfica resultante do crescimento populacional. Os grandes centros urbanos e as áreas mais densamente povoadas necessitam dos benefícios

proporcionados pelas áreas verdes. É neste contexto que os espaços livres cumprem na cidade um importante papel formal e informal (esses espaços funcionam como locais de lazer e encontro), e também nos aspectos referentes à salubridade das habitações humanas, à organização de redes de infraestrutura e melhoria do microclima urbano. Para Cavalheiro e Del Picchia (1992), as funções desempenhadas nos espaços livres no contexto urbano e sua importância não estão na quantidade, mas nas relações que mantêm.

Entre as funções dos espaços livres destacamos:

- a melhoria da qualidade ambiental na cidade, evitando a impermeabilização do solo; ademais, a vegetação retém a poeira urbana, proporciona sombra, melhora a temperatura na cidade e atrai a fauna;
- a função organizacional, podendo contribuir na orientação e hierarquização das vias e bairros, através da combinação entre os elementos vegetais, pavimentação, iluminação, estacionamentos, mobiliários, etc.;
- a função social, contribuindo para promover encontros que estão relacionadas ao lazer.
- o fortalecimento da identidade local, destacando as características do sítio físico ou delimitando áreas urbanizáveis e criando diferentes fragmentos na paisagem.
- a ampliação da função ecológica, quando existem dentro das cidades áreas de proteção ambiental, como reservas e parques, que asseguram a proteção desses ecossistemas;
- influência psicológica, quando se trata da troca de energias vitais com o meio natural.

Os espaços livres constituem duas categorias espaciais, relacionadas, respectivamente, com sua propriedade (público e o privado) e com sua função (circulação e permanência). Os espaços livres privados de permanência, segundo Souza (2003), são os seguintes:

- **aqueles situados no interior dos lotes residenciais e de condomínios**, representados por pequenos lotes ou jardins e até mesmo bosques, no caso de propriedades maiores; eles possuem caráter privado, porém contribuem para a formação da paisagem urbana;
- **pátios institucionais** - como pátios de sedes de empresas, escolas, hospitais, campus universitários e clubes, os quais em geral possuem grandes áreas, como bosques ou grandes estacionamentos arborizados.

Como espaços livres públicos e de permanência destacamos:

- **praças** - consideradas como áreas públicas de convívio de tamanho variável que possuem como característica o fato de estarem totalmente inseridas no ambiente do tecido urbano;

- **parques** - áreas verdes muito grandes, que podem estar próximas ou afastadas dos centros urbanos, muitas vezes com funções específicas como, parques temáticos - por exemplo, hortos florestais, jardins botânicos e áreas de preservação ambiental.

Para Souza (2003), os espaços livres públicos e de circulação são:

- **ruas** - consideradas como os principais canais de circulação das cidades tradicionais, de forma geral são constituídas por uma pista com veículos e passeios laterais para a circulação de pedestre e em uma situação ideal, possuem sinalização, iluminação e arborização adequadas;
- **autopistas** - constituídas por canais de circulação de veículos ligando partes distantes de cidades ou fazendo ligação entre cidades;
- **calçadas** - áreas de circulação de pedestres, densamente ocupadas, onde a circulação de veículos é impraticável e desnecessária, estão presentes em alguns trechos de centros urbanos, dispendo de mobiliário urbano e outros equipamentos que induzem à permanência da vida própria.
- **bulevares** - canais de circulação para veículos e pedestres, mesclando calçadas e ruas, como, por exemplo os Champs Elisée (Paris) e Las Ramblas (Barcelona).

Dando continuidade à discussão referente às áreas verdes urbanas, apresentamos a seguir as ideias desenvolvidas por Geraldo (1997), que propõe a seguinte classificação para os espaços livres e o verde urbano:

- **jardins de representação e decoração:** áreas ligadas à ornamentação, de reduzida importância quanto à interação com o meio e sem função de recreação; são jardins à volta de prédios públicos, igrejas etc.;
- **parques de vizinhança** - praças e *playground* que apresentam função recreativa, podendo abrigar alguns tipos de equipamento;
- **parques de bairro:** áreas ligadas à recreação, possuem equipamentos apropriados para recreação, esportes e outros que necessitam de maiores espaços do que os parques de vizinhança;
- **parques setoriais ou distritais:** áreas ligadas à recreação com equipamentos que permitem desenvolver tal atividade;
- **áreas para a proteção da natureza:** áreas destinadas à conservação, podendo possuir alguns equipamentos de recreação para uso pouco intensivo;
- **áreas de função ornamental:** áreas que não possuem caráter conservacionista nem de recreação (canteiros de avenidas e rotatórias);

- **cemitérios;**
- **áreas de uso especial:** os jardins zoológicos e botânicos;
- **áreas para esportes;**
- **ruas de pedestres:** calçadas.

Nesta tese optamos por trabalhar o conceito de áreas verdes discutido por Lima *et al.* (1994), Cavalheiro (1999), e também já utilizado por Nucci (2001). A presente pesquisa terá como objeto de investigação as praças e parques e o Cemitério Parque de Maringá-PR. Os canteiros centrais das avenidas e os jardins públicos, que são considerados como áreas verdes por esses pesquisadores, não serão aqui pesquisados.

Para Griffith e Silva (1987), embora quase todas as cidades brasileiras tenham praças, parques e outras áreas onde a população pode ter momentos de lazer e desfrutar a estética da natureza, poucos espaços são organizados de modo que não sejam mais que uma coleção avulsa de espaços abertos ao ar livre. Nesse sentido, Lapoix (1979) entende que as normas para o estabelecimento de espaços urbanos abertos são fundamentais em pesquisa sobre:

- a) o desejo dos habitantes segundo os níveis socioeconômicos, socioculturais e etários;
- b) a densidade e a frequência aceitável para cada espaço, em função, principalmente, da sua natureza ecológica;
- c) a frequência previsível ou constante do usuário;
- d) os custos de implantação, gestão e animação da(s) área(s) em questão.

De acordo com Malinski (1985), em geral, quando existem planos urbanos para as áreas verdes, estes são estáticos, fragmentados, e não se constituem como instrumentos capazes de explorar o potencial da vegetação, sobretudo das espécies arbóreas, nem como elementos de definição do espaço urbano nem para a conquista de novos espaços abertos que atendam às demandas da população.

Estudos realizados por Palomo (2003) apontam que para a distribuição do verde na cidade ser realmente eficiente faz-se necessária a sua coordenação e dispersão equilibrada, apesar da complexidade de viabilizar esse ideal. Caso isso não aconteça, as distâncias devem restringir-se ao mínimo possível, mediante a maior distribuição e ampliação das áreas verdes, de modo que o usuário não tenha que andar por mais de quinze minutos para alcançar um equipamento.

Por sua vez, as áreas dos parques públicos requerem maiores extensões territoriais, que dificilmente são existentes ou tornadas disponíveis ao uso coletivo, e neste caso localizam-se geralmente nas regiões periféricas aos centros mais populosos. Para viabilizá-los

faz-se necessária a adoção de medidas para conhecer o potencial existente e a forma de viabilizar futuras implantações, de modo a torná-las unidades de conservação.

Para finalizar a discussão deste capítulo apresentamos as ideias de Sitte (1992, p. 167), que destaca a importância dos espaços livres na grande massa de edifícios, pois “são essenciais para a saúde, mas não muito menos importantes para o êxtase do espírito, que encontra repouso nessas paisagens naturais espalhadas no meio da cidade. Sem recorrer à natureza seria um calabouço fétido”.

Percebemos que nos espaços urbanos, inúmeros deles criados à luz da arquitetura e do urbanismo, recentemente a percepção ambiental passou a ganhar *status* e a materializar-se na produção de praças e parques públicos nos centros urbanos, com a finalidade de melhorar a qualidade de vida, pela recreação, preservação ambiental, áreas de preservação dos recursos hídricos e para a própria sociabilidade, essas áreas tornam-se fundamentais no ambiente urbano.

Cabe destacar a importância da vegetação no meio urbano, que, para Lamas (1993),

...do canteiro a árvore, ao jardim de bairro ou ao grande parque urbano, as estruturas verdes constituem também elementos identificáveis na estrutura urbana; caracterizam a imagem da cidade; têm individualidade própria; desempenham funções precisas; são elementos de composição e do desenho urbano; servem para organizar e definir e conter espaços (p.106).

Dentre as várias vantagens das áreas verdes cabe destacar três, que apresentamos ao longo deste capítulo: vantagens ecológicas, estéticas e sociais. Nas palavras de Guzzo (1999, p.1-2), “as contribuições ecológicas ocorrem na medida em que os elementos naturais que compõem esses espaços minimizam tais impactos decorrentes da industrialização”. “A função estética está pautada, principalmente, no papel de integração entre espaços construídos e os destinados à circulação”. “A função social está diretamente relacionada à oferta de espaços à população”.

Para Troppmair (1995, p.138), “as áreas verdes desempenham um papel importante no mosaico urbano, porque se constituem em espaço encravado no sistema urbano cujas condições ecológicas mais se aproximam das condições normais da natureza”.

Em síntese, podemos concluir que a arborização age simultaneamente sobre os lados físico e mental do homem. No plano físico ela absorve ruídos e atenua o calor do sol; no plano psicológico, atenua o sentimento de opressão do homem em relação às grandes edificações. Além disso, constitui-se em eficaz filtro das partículas sólidas em suspensão no ar, contribui para a formação e o aprimoramento do senso estético, entre tantos outros benefícios.

Ao longo deste capítulo apresentamos os conceitos e definições referentes às áreas verdes; mas tendo em vista a infinidade de trabalhos e discussões voltados para o “verde nas

ciudades”, não enfatizamos com grande destaque as praças e parques urbanos, isto porque, no capítulo três será apresentada uma retrospectiva das praças e parques, com o objetivo de compreendermos a sua estrutura, o seu processo, a sua função e a sua forma através dos tempos, desde a sua origem até a atualidade, destacando a sua importância para o ambiente urbano como área verde.

Capítulo III

*Praças e parques: uma
retrospectiva através dos
tempos*



Quando Lefebvre (1975, p. 142) afirma que a cidade é um espaço-tempo, indica que o caminho para a compreensão do espaço urbano não se esgota na observação ou na análise dos processos aos quais assistimos hoje. Por meio desse caminho, devemos ler, no presente, o tempo e o passado acumulado, assim como as potencialidades que esse passado e o presente oferecem para o futuro.

Neste capítulo, pretendemos fazer um percurso pelo passado, na tentativa de resgatar a história das praças e parques, procurando subsídios para análise das mudanças de caráter do espaço público no decorrer do tempo, através da sua estrutura, do seu processo, da sua forma e função. Embora as praças e parques tenham surgido no ambiente urbano, a sua compreensão exige considerar vários aspectos, seja porque representam uma continuidade seja porque demonstram uma ruptura no modo de produzir o espaço urbano.

Neste contexto, o capítulo inicia-se levantando sucintamente a origem das praças no Ocidente, as quais têm o seu desenvolvimento na ágora ateniense, local de reunião e discussão dos destinos de muitas das cidades gregas. Da ágora, passando-se pelo fórum romano, pelas praças medievais, pelas renascentistas e modernas, pelas praças brasileiras, até chegar aos dias atuais, constatou-se que as praças desempenharam e desempenham papel de fundamental importância na vida cidadina. A praça, enquanto local de comércio, de encontro e socialização, de espetáculos ou de testemunho da religiosidade, tem sofrido alterações, sobretudo nos seus aspectos físicos, ao longo da história.

Na segunda parte deste capítulo damos ênfase aos parques urbanos que abrangem usos e funções complexas, assim como diferentes configurações na paisagem urbana, pois trazem a fauna e a flora para mais perto do morador das cidades.

Ao longo de sua história os parques urbanos tiveram diferentes conotações. Segundo Segawa, (1996), no século X os antigos bosques particulares, dos quais usufruía a aristocracia inglesa eram lugares para entretenimento de nobres, que usavam este espaço, até então particular, para a caça, realização de festas e comemorações. Já no século XVII os parques e jardins públicos se materializaram efetivamente como criação, enquanto espaço público urbano. No decorrer do século XIX dissemina-se o crescimento industrial, provocando um desenvolvimento acelerado e desordenado das cidades europeias. Essas cidades, sem planejamento adequado, proporcionavam condições de insalubridade, principalmente nos bairros operários. A fumaça que exalava das fábricas e o desgastante ritmo de trabalho contribuíam para uma baixa qualidade de vida de seus moradores.

A partir desse momento os parques públicos começaram a ser vistos como elementos que poderiam proporcionar um maior equilíbrio ambiental às cidades, sendo-lhes atribuído o

papel de “pulmões do mundo”. A partir do século XX intensificaram-se as discussões sobre a importância dos parques nas cidades, pois esses espaços destinados ao convívio tornavam-se cada vez mais necessários à população e as funções benéficas da vegetação no meio urbano passam a ser discutidas por pesquisas realizadas em séculos anteriores. É neste contexto que apresentamos a seguir uma discussão histórica da evolução dos parques através dos tempos, destacando a sua importância e função para as cidades.

3.1- A Praça e a Cidade: trajetórias de uma discussão

Nesta tese buscamos a compreensão das praças não somente como estrutura física, mas também como espaço ocupado pelo homem para usos e funções diversos. Neste sentido, interessa entender a praça enquanto espaço onde se desenvolve parte da vida cidadina, porém não podemos deixar de lado as estruturas que a compõem, pois sem essas não há como se desenvolver a atividade humana nesses espaços. Neste contexto, é essencial que os poderes públicos ofereçam aos usuários desses espaços a segurança, estruturas físicas em condições de uso e boa qualidade ambiental quanto aos aspectos paisagísticos e estéticos.

Para Milton Santos (1996, p. 48), os espaços públicos (praias, montanhas, calçadas etc.) foram impunemente privatizados. Hoje temos que comprar o ar puro, os bosques, enquanto se criam espaços privatizados publicizados, como *play-grounds*. (...) A parcela da população que não pode pagar pelo estádio, pela piscina, pelo ar puro, pela água, fica excluída desses bens, que deveriam ser públicos, porque é essencial à qualidade de vida.

Como ficam as praças neste contexto? Hoje nos deparamos com praças envolvidas por grades a protegê-las⁷, impedindo muitas vezes o acesso do cidadão a seu interior. São praças vazias que se mantêm limpas e cuidadas, mas às quais é negado o acesso da população, restando apenas o visual. Neste caso o direito ao espaço público é negado, e, como afirma Santos (1996) é um espaço sem cidadãos.

Neste sentido, Leite (1997) discute a renúncia ao espaço público quando afirma:

A atuação do poder público agrava essa situação de isolamento, por meios de grades, muros ou procedimentos intimidatórios, dos espaços públicos coletivos, visando atender a alegações de caráter essencialmente discriminatório: falta de segurança gerada pela permanência nas praças, parques e jardins, de “desocupados” ou “suspeitos”, ou falta de condições intelectuais para participação popular em atividades culturais. A cidade responde essa rejeição recíproca entre as classes sociais e poder público, exibindo uma paisagem fragmentada e desorganizada: espaços privados fortemente definidos e espaços públicos abandonados e deteriorados (p. 141).

⁷ -O uso da expressão “praças envolvidas por grades a protegê-las” refere-se a praças cercadas onde a população urbana não tem acesso, sendo a sua função apenas estética.

Hoje alguns espaços públicos foram banalizados ou relegados ao esquecimento, quando não lhes são atribuídas funções diversas. As praças cedem lugar a estacionamentos de automóveis ou então se tornam territórios de desocupados, prostitutas, menores abandonados, mendigos, ladrões, drogados, etc. As calçadas, tomadas por camelôs e vendedores ambulantes, dificultam a circulação de pedestres por esses espaços tidos como públicos. Os parques abandonados transformam-se em áreas de depósitos de lixo urbano. Neste contexto, o cidadão, ou seja, aquele de menor poder aquisitivo, sem poder usufruir desses espaços, vê-se acuado entre o local de trabalho e a moradia.

Em tempos não muito remotos as praças eram tidas como locais de refúgio e, na maioria das vezes, encontravam-se associadas a uma igreja. Neste contexto, Marx (1980) ressalta:

A praça como tal, para reunião de gente e para exercício de um sem número de atividades diferentes, surgiu entre nós, de maneira muito típica, diante de capelas ou igrejas, de conventos ou irmandades religiosas. (...) Realçava-lhes os edifícios; acolhia os seus frequentadores” (p. 50).

Neste mesmo contexto, Pierre Deffontaines (2004) destaca:

A cidade nascente é essencialmente uma igreja e uma praça. A igreja serve de lugar de atração a toda a população, muito ligada, a uma religião de cerimônia e rituais; ela é também o centro de registro civil de nascimentos, casamentos, enterros. (...) A igreja domina assim a vida de uma tal aglomeração; ela ocupa um ponto da perspectiva da praça, o segundo elemento dessas cidades que, por sua vez, está também na dependência estreita da igreja. A praça serve de ponto de parada, onde as pessoas se divertem olhando, não ficando mais solitárias; fazer praça é o principal emprego do tempo dos habitantes; é a única ocasião que se tem de pôr a roupa de domingo, segundo os costumes do lugar; as casas que cercam a praça procuram ser luxuosas; elas fazem parte da festa, não são casas, mas palacetes e foram construídas pelos principais fazendeiros das cercanias, porque é um luxo ter-se fachada para a praça. O mais rapidamente possível, enfeita-se essa praça, traçam-se nela jardins, põe-se luz elétrica e é a ambição de toda cidade nova ter uma praça bem ajardinada e iluminada. A praça tem uma tal importância que muitas vezes essas aglomerações são chamadas de praças e não de cidades. A maioria dos habitantes da região, para gozar as vantagens dessa vida urbana de festa, tem além de sua casa de fazenda, uma casa de domingo na praça (DEFFONTAINES, 2004 [1938], p.132-133).

Desta forma a praça era concebida ora como espaço social, ora como local de encontro, de tomada de decisão de interesse da comunidade, de espetáculos, ofícios religiosos, comércio, festas, enfim, a vida da cidade passava pela praça. Com o surgimento de novas formas de lazer, novos locais de estabelecimento do comércio, associado ao descaso do poder público para com a manutenção das praças, essas passaram a constituir um fragmento dentro do espaço urbano.

No campo da Ciência Geográfica, devemos entender a praça não somente como um espaço físico materializado, com o imobiliário urbano, paisagismo e arborização, cuja função seria a de “áreas verdes” para o seu embelezamento, porém devemos entender as praças como espaços balizados pelas questões econômicas, políticas, sociais, culturais e ambientais cujo

principal elemento seja o homem, pois ele é que as utiliza. Neste sentido, a praça vista como espaço geográfico impõe um desafio. Ela é dinâmica e há uma circulação de pessoas e ocupantes no seu interior, sendo preciso entendê-la na dimensão tempo-espaço, associação que ajuda a compreender sua estrutura, processo e função.

A praça tem sido objeto de estudo de inúmeros pesquisadores, entre os quais destacamos geógrafos, biólogos, arquitetos, urbanistas e engenheiros. Esses pesquisadores têm apresentado inúmeras definições de acordo com os seus estudos. Para Rigotti (1956), as praças são locais onde as pessoas se reúnem para fins comerciais, políticos, sociais, religiosos, ou ainda, onde se desenvolvem atividades de entretenimento. Na concepção de Spirm (1947), a praça é o lugar para ser visto, para comprar e fazer negócios, para passear e fazer política.

Já para Webb (1990), a praça é conhecida como os microcosmos da vida urbana, oferecendo excitações e descanso, comércio, cerimônias públicas, etc.; um lugar para encontrar amigos e ver o mundo passar. Para Lamas (1993), a praça é o lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações da vida comunitária e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas. Casseti e Lietti (1995) ressaltam que a praça é o lugar fundamental da vida social, espaço de encontro, de trocas de palavras e mercadorias.

De acordo com as definições anteriores, fica nítido que a função da praça alterou-se ao longo do tempo: se na antiguidade sua função era bem mais rica e significativa, atualmente percebemos um estreitamento de suas funções devido às estruturas logísticas de mercado, trocas de informações aliadas ao processo de globalização; sendo assim, há um distanciamento desse espaço - que era tido como coletivo e familiar -, ou muitas vezes um isolamento dessas áreas.

Para Portoghesi (1995, p.22) “a história de qualquer praça é uma história de transformações”. As transformações ocorridas na sociedade se refletem e materializam em diferentes espaços públicos. Dessa forma, para um melhor entendimento das praças enquanto “espaço cidadão”, será apresentada, a seguir, uma exposição histórica sobre a evolução das praças ao longo do tempo, destacando a sua estrutura, o seu processo, a sua forma e função, tendo como ponto de partida a ágora grega e finalizando com a praça no Brasil.

3.1.1-Ágora: o centro dinâmico da cidade grega

Para Lewis Mumford (1982), em seu livro “A Cidade na História: suas origens, desenvolvimento e perspectivas”, a ágora era considerada o centro dinâmico da cidade grega e

é tida hoje como a antecessora de nossas praças. Era local de reunião, espaço aberto para se falar de política, ponto de encontro, mercado onde as pessoas se reuniam para fazer negócios. Possuía um amplo espaço em local privilegiado, rodeado por colunas e estátuas, com áreas sombreadas para passeio ou reuniões. Segundo Webb (1990), em algumas cidades o seu centro era ocupado por um lago artificial e ao redor desse espaço estavam distribuídos o teatro, a sala de música, o ginásio, a pista de corrida, e muito próximo se encontrava uma segunda ágora, ou seja, a praça de mercado. Para Saldanha (1993, p. 15), a ágora era “(...) espaço central e vital, tornado historicamente símbolo da presença de um povo na atividade política. Os gregos diziam que havia povos com ágora e povos sem ágora, uns com liberdade e outros sem liberdade”. Neste contexto, se fazia presente o cidadão comum com o direito de expressar o seu pensamento. A **Figura 01** representa de forma superficial as ruínas de uma ágora grega.



Figura 01: Ágora Grega.

Disponível: <http://www.grisel.net/images/greece/AncientAgora6.JPG>
(acesso 25/06/2008).

3.1.2-O fórum romano e suas características

O fórum romano era bem diferente da ágora grega. Ele possuía traçados complexos e visava abrigar as funções públicas; mas à medida que a cidade foi crescendo outros edifícios surgiram, e com funções diferenciadas, entre os quais destacamos a basílica, a praça central, o mercado, os templos e os teatros.

Para Favro (1996), o Fórum Romano era o

Centro literal e simbólico de Roma, possuindo um forte espírito de local. Em tempos distantes, os reis de Roma aproveitavam esse baixo pantanoso anteriormente usado para sepultamentos. Por séculos os romanos reuniram-se nesse espaço aberto para ouvir discursos, realizar negócios, assim como assistir lutas de gladiadores, funerais estatais e outros acontecimentos cívicos. Todo edifício celebra atividades e realizações públicas... O Fórum apresenta um cenário dinâmico cheio de vida e associações potentes. (...) Como cidadãos romanos, os edifícios apresentam-se como indivíduos distintos, relacionados pela proximidade entre si e por propósitos comuns mais do que um comando rígido (p.36).

Os estudos realizados por Homo (1971) destacam que no início do Império Romano o Fórum era o centro da cidade do ponto de vista dos negócios e do lazer. Neste sentido afirma que, além dos negócios, o Fórum conhece também a clientela dos tribunais civis e criminais, agrupados ao redor de estátuas. “Centro de negócios, o Fórum é também o local de passeio (...) e de vadiagem, quarteirão geral dos forenses, mistura de desocupados e de elementos duvidosos, que ali matam tempo com mexericos, jogos diversos, quando não coisa pior” (p. 442).

Por volta do século IV o Fórum perde sua característica de mercado e se torna a verdadeira praça. Para Aristóteles, apud Rossi (1995, p. 175) “A praça pública... nunca será sujada por mercadorias e a entrada será vedada aos artesãos... Distante e bem separada da cidade será o mercado...”.

Tanto o Fórum Romano como a Ágora grega representam formas de espaços públicos, ou seja, a necessidade de se ter um espaço onde fosse possível reunir-se, comercializar, debater idéias, adorar deuses, assistir jogos ou ocupar a ociosidade do tempo. É importante destacar que esses espaços eram os locais onde os homens exerciam a sua cidadania. A **Figura 02** ilustra o Fórum Romano.



Figura: 02- Fórum Romano

Disponível: <http://www.arikah.net/commons/en/0/03/Tavares.Forum.Romanum.reduce.jpg>
(acesso em 26/06/2008).

3.1. 3 - As praças na Idade Média

No decorrer da história a praça tem sido o local de inúmeros acontecimentos, como pode ser verificado na *Ágora* grega e no *Fórum* romano; porém na Idade Média a praça assume um papel preponderante como local de espetáculos. Segundo Ferrara (1986), na Idade Média a praça não era entendida apenas como o marco zero da cidade, mas como um retrato de sua vida íntima, com o seu micromodelo, centro de operações e decisões.

Para Lamas (1993), a praça é um espaço social, lugar do mercado, ponto de encontro político, espaço destinado a espetáculos e às relações sociais. Quanto aos aspectos físicos, a praça medieval é irregular e resulta mais de um vazio aberto na estrutura urbana.

Estudos realizados por Zucker (1959), Chiusoli (1975) e Lamas (1993) apontam que as praças medievais tinham funções diferenciadas e eram divididas ou separadas de acordo com a sua função. Para Chiusoli (1975), as praças eram separadas de acordo com suas funções religiosas, cívicas ou de mercado. Zucker (1959) classifica as praças medievais em cinco categorias; a) adro da igreja; b) praça como centro da cidade; c) praças agrupadas; d) praças de entrada da cidade; e) praças de mercado. Lamas (1993) classifica as praças medievais em praças do mercado e praça da igreja, cujas funções são diferenciadas. Neste contexto, não importa a classificação, o que existe em comum é a necessidade de reunir pessoas, mas também de uma escolha, que se traduz num princípio de relacionamento entre as pessoas: o igual direito à palavra.

Quanto aos hábitos, costumes e frequentadores da praça medieval Segawa, (1996, pp. 33-34) afirma que:

A vida na praça pública era permeada pelo universo do riso, do escárnio, da festa, numa dinâmica distinta da cultura religiosa aristocrática: gêneros artísticos e burgueses da praça pública estão frequentemente tão estreitamente misturados, que por vezes difícil traçar um limite preciso entre eles.

Para Lefèbvre (1969), a praça continuou a representar a centralidade urbana ainda na Idade Média. Uma centralidade “funcionalizada”, uma centralidade que “acolhe os produtos das pessoas” e que “proíbe seu acesso àqueles que ameaçam a sua função essencial, que passa a ser uma função econômica”.

Lefèbvre (1969) ressalta que à centralidade condensada na praça medieval sucedeu a condição de “centro do consumo” da cidade capitalista, uma centralidade dupla, ao mesmo tempo ela é o “lugar do consumo” e nela se dá o “consumo do lugar”. Esta centralidade se instala preferencialmente nos antigos núcleos, nos espaços apropriados. Independentemente das classificações já pontuadas neste item, o que importa é a centralidade simbólica, onde se

destaca uma dupla função, ou seja, a de local de relações sociais e a de sede institucional da comunidade, onde o sujeito se expõe aos olhos dos outros. As **Figuras 03, 04 e 05** são apenas alguns exemplos das praças na Idade Média.



Figura 03 – Vista aérea da Praça Sordello (Mantova/Itália)

Fonte: <http://mediasoft.it/piazze/pages/montova.htm>

(acesso 27/06/2008).



Figura 04: Vista panorâmica da Praça di San Francesco (Itália).

Disponível: <http://www.docushare.it/mediasoft/piazze/pages/assisi.htm> (acesso em 05/02/2009).



Figura 05: Vista panorâmica da Praça di Torcelo (Itália).

Disp: <http://www.docushare.it/mediasoft/piazze/pages/torcello.htm> (acesso em 05/02/2009).

3.1.4-Praças durante o renascimento e o barroco

Nos itens anteriores verificamos que tanto nas cidades gregas como nas romanas a praça apareceu com função de centralidade. Entre os povos gregos essa centralidade era manifestada em um espaço aberto, definido por marcos, a ágora, como centro urbano da cidade; já no período medieval a centralidade urbana acolhia produtos e pessoas, apresentando enorme valor de uso. No decorrer do Renascimento “a praça é entendida como um recinto ou lugar especial, e não apenas um vazio na estrutura urbana” (LAMAS, 1993, p.176). Neste contexto, é o lugar público onde se concentram os principais edifícios e monumentos; o local que adquire valor funcional, político-social, e também o máximo valor simbólico, artístico e social.

Durante o Renascimento a praça torna-se elemento básico de energia e criatividade, espaço de embelezamento, manifestação de vontade política e prestígio. Para De Angelis (2000), é nesse período histórico que a praça se converte em um dos principais elementos do espaço urbano.

Conforme Lamas (1993), as praças eram delimitadas por edifícios públicos, igrejas, edifícios religiosos, habitações e palácios, e apresentavam monumentos (estátuas, fontes). Eram também lugares da vida social e de manifestações do poder (**Figura 06**).

Já a praça barroca apresenta uma característica mais monumental que funcional, sendo a parte central constituída de jardins, árvores, bancos, ornamentos. Os espaços abertos são muito valorizados pela arquitetura. (**Figuras 07 e 08**).

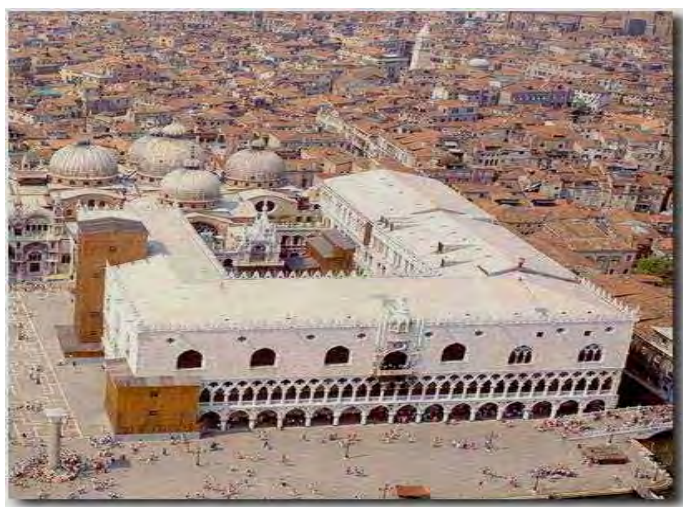


Figura 06: Praça San Marco, in primo piano il palazzo Ducale.
Disponível: <http://www.docushare.it/mediasoft/piazze/pages/venezia.htm>
(acesso 05/02/2009).



Figura 07: Praça San Pietro vista dalla cupola michelangiolesca.
Disponível: <http://www.docushare.it/mediasoft/piazze/pages/barocche.htm>
(Acesso: 05/02/2009).



Figura 08: Praça Duomo di Catania e alla sua sinistra il palazzo del Municipio
Disponível: <http://www.docushare.it/mediasoft/piazze/pages/milano.htm>
(Acesso: 05/02/2009).

3.1.5-As praças durante o século XIX e XX

O século XIX é caracterizado pela continuidade do período clássico e barroco, porém novas tipologias urbanas surgem com o desenvolvimento da cidade moderna. Esse período é marcado pelo embate entre a industrialização e o forte crescimento demográfico, principalmente nas cidades europeias. Esse crescimento passa a exigir uma reestruturação do espaço urbano, devido às novas necessidades de infraestrutura, equipamentos, habitação e novas exigências espaciais.

Neste período as cidades passam a ser um exemplo de contradições do modo de produção capitalista e percebe-se que a organização do espaço urbano é inadequada para a saúde física e mental dos seus habitantes. Como exemplo dessa situação pode-se destacar o *Flâneur* pelas ruas de Paris, perdido na multidão, como destaca Walter Benjamim (1987) em seus estudos. Outro exemplo pode ser constatado na metáfora elaborada por Harvey (1991) quando comparou a cidade a um teatro onde os lotes urbanos são as poltronas; ou seja, os últimos espectadores a chegar ao teatro ocupam sempre os piores lugares, o que significa que as cidades capitalistas foram desenvolvidas segundo a ótica do modo de produção em que o valor de troca é o fundamental, e não mais o valor do uso dos espaços públicos.

Neste contexto, Favole (1995) destaca que a praça contemporânea é um espaço que não tem função específica, nem depende de um edifício ou de um monumento, enquanto as praças anteriores a esse período estavam diretamente ligadas a um edifício, que podia ser sagrado, com a igreja, cívico ligado a um edifício municipal, uma propriedade ligada a um palácio ou ainda a um uso específico, o mercado.

Desta forma, percebemos que as praças públicas perderam sua atratividade, principalmente nos grandes centros urbanos, visto que a disseminação de novos centros com padrões de consumo e lazer muitas vezes foi substituída por ambientes totalmente artificiais, sobretudo os *shopping centers*, e pela própria influência da televisão. Porém, ainda é possível encontrar em algumas cidades de pequeno porte no nordeste brasileiro, praças exercendo um verdadeiro papel de centralidade dentro da malha urbana. Neste contexto, Ferrara (1993, p. 225) observa que a partir da segunda metade do século XX, a praça, a avenida, a multidão, enquanto expressões públicas da cidade, foram substituídas pelas versões urbanas íntimas, demarca-se claramente o espaço individual separando o coletivo, e reivindica-se a demonstração sîgnica dessa visão em nome da propriedade, da segurança, da tranquilidade íntima e da livre expressão.

Nessa imagem urbana colidem o público e o privado, prevalecendo o segundo sobre o primeiro, na média em que, agora, os espaços coletivos urbanos, praças, avenidas, ruas, galerias, lojas, pavilhões, cedem lugar à habitação como espaço urbano da intimidade, espaço vedado, seguramente protegido por portões, grades, muros, múltiplos signos de vedação, o mundo da solidão, a casa como lugar onde nos escondemos.

Assim, os espaços públicos como as praças se tornam pouco frequentados, uma vez que as grandes cidades capitalistas não garantem a segurança da população e se estruturam pelas disparidades entre o público e o privado. Segundo a autora, os espaços da coletividade cedem lugar aos espaços da vida privada, que culminam no esvaziamento de praças e largos, em função das novas circunstâncias impostas pela sociedade. Para Ferrara (1993, p.225).

A imagem urbana apoiada nos ícones da vida privada acaba por desintegrar aquela outra imagem que valorizava os espaços coletivos, a rua, a praça, o largo, a avenida, o uso da cidade se transforma em uma rotina organizada pela prensa que automatiza e unifica todos os lugares, perdem-se os pontos de referência, as marcas urbanas, os pontos de encontro.

3.1.6-As praças no Brasil

A praça como espaço público se constitui, desde os primórdios, em um referencial urbano marcado pela convivência humana. É, portanto, um importante elemento histórico e cultural do espaço urbano que está presente em inúmeras cidades, especialmente no Brasil.

Reis Filho (1968), ao estudar a evolução urbana no Brasil entre os períodos de 1500-1720 destaca que a presença de praças e largos vem de longa data, desde os primeiros séculos da colonização, ocupando a posição de valorização do espaço como função organizacional. Neste contexto, inúmeros pesquisadores, dentre eles Marx (1980), Ferrara (1993), Segawa (1996), Robba e Macedo (2002), têm discutido em seus trabalhos a importância das praças públicas na sociedade brasileira.

Para Robba e Macedo (2002), ao estudar as praças brasileiras devemos considerar dois conceitos fundamentais para esses espaços, ou seja, o *uso* e a *acessibilidade*: Devem ser usadas como espaços livres urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população em *acessíveis* ao cidadão e livres de veículos. Podemos perceber, a partir da definição, que as praças se caracterizam como espaços urbanos que, por serem públicos, facilitam a apropriação por parte das pessoas.

Neste sentido, as primeiras praças brasileiras surgiram em torno das igrejas, constituindo os primeiros espaços livres públicos urbanos. Esses espaços atraíam residências luxuosas, prédios públicos, comércio, além de servirem como local de convivência da comunidade e de elo com a igreja.

Segundo Marx (1980), a praça é:

Logradouro público por excelência, a praça deve sua existência, sobretudo, aos adros das nossas igrejas. Se tradicionalmente esta dívida é válida, mais recentemente a praça tem sido confundida como jardim. A praça como tal, para reunião de gente e para um sem número de atividades diferentes, surgiu entre nós, de maneira marcante e típica, diante de capelas ou igrejas, de conventos ou irmandades religiosas. Destacava, aqui e ali, na paisagem urbana estes estabelecimentos de prestígio social. Realçava-lhes os edifícios, acolhia os seus frequentadores (p. 50).

É importante destacar que as cidades brasileiras cresceram de forma desordenada, desfavorecendo dessa forma a implantação de espaços públicos coletivos, como praças. Neste contexto, afirma Scarlato (2001) que as

praças e ruas surgiam de forma muito desordenada. O alinhamento das ruas e casas resultava da iniciativa particular dos seus moradores. Esse fato revela mais uma vez a menor presença do

Estado português em comparação com o espanhol. Após sua fundação pela coroa ou pelos donatários, as cidades cresciam espontaneamente, seguindo a orientação das condições físicas do seu sítio. Ruas e praças adaptaram-se às irregularidades do relevo (p. 418).

De acordo com a citação de Marx (1980) e Scarlato (2001), percebemos que as cidades brasileiras, apesar de terem tido origem a partir da construção da igreja, não obedeciam a um traçado regular. Assim, as praças públicas ficavam prejudicadas devido à ausência de planejamento da época.

Também é importante destacar que as praças brasileiras representavam papéis bem diferentes na sociedade, sendo estes caracterizados pelas funções cívica ou militar, apesar de terem sido durante muito tempo símbolo do poderio religioso e estatal (**Figuras 09 e 10**).



Figura 09: Vista parcial da Praça dos Três Poderes, em Brasília-DF.
Disponível: <http://vela.stf.gov.br/institucional/visitaSTF/fotos.asp?foto=foto6>
(Acesso 25/06/2008).



Figura 10: Vista parcial da Praça da Sé na Cidade de São Paulo.
Disponível: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=9653191>
(Acesso: 25/06/2008).

Quando estudamos as praças brasileiras, não podemos desvinculá-las do desenvolvimento do paisagismo em nosso país. Segundo De Angelis (2000), o paisagismo brasileiro se define no século XIX a partir da consolidação de uma rede de cidades, situadas principalmente ao longo do litoral e marcadas por forte influência urbanística europeia (francesa e inglesa), influência que contribuiu para a criação de espaços públicos (parques, praças e bulevares).

Macedo (1998, p.15), através do Projeto Quapa, divide o paisagismo brasileiro em três períodos distintos: o eclético, o moderno e o contemporâneo:

- a) O período do eclétismo é definido pelo surgimento dos primeiros parques públicos, das praças ajardinadas, dos jardins dos barões do café no Rio de Janeiro e São Paulo. Iniciou-se com a construção do Passeio Público do Rio de Janeiro e perdeu a sua hegemonia com os grandes projetos públicos de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. É importante salientar que recebeu forte influência europeia.
- b) O período moderno iniciou-se com os trabalhos desenvolvidos por Roberto Burle Marx em Recife, mas destaca-se pelos jardins do Ministério da Educação e Cultura no Rio de Janeiro, caracterizados pelo uso da vegetação nativa e pelo rompimento com as escolas clássicas.
- c) O período contemporâneo: Desenvolveu-se a partir dos anos de 1980 e 1990, recebendo forte influência dos paisagistas japoneses, americanos e franceses, utilizando estruturas construídas e vegetação.

Após essa breve referência aos três períodos do paisagismo brasileiro, não podemos deixar de mencionar a incorporação da vegetação no espaço urbano brasileiro. De forma bem resumida, Spirm (1995, p. 45) destaca a necessidade do homem urbano em relação à natureza:

Por mais insensíveis que possam ter sido aos processos da natureza, os habitantes da cidade têm cultivado elementos naturais, isolados, procurando incorporá-lo ao seu ambiente físico. Em busca da natureza têm sido evidenciados, através de milênios, em jardins, parques e alamedas, subúrbios e propostas utópicas de cidades-jardins. No século VII a.C. Senaqueribe construiu um parque para cidadãos de Nínive; no século XIX, as cidades reservaram grandes porções de seus bosques e prados para a educação, saúde e recreação de seus habitantes. Filósofos da antiga Atenas reuniram seus discípulos em jardins arborizados; os habitantes das cidades do século XVII passeavam por alamedas margeadas de árvores. Moradores das cidades medievais europeias cuidavam de numerosos jardins dentro dos muros das cidades, da mesma forma que jardineiros urbanos cultivam atualmente pequenos canteiros em coberturas, terraços e terrenos baldios.

É neste contexto que a natureza esteve sempre unida ao homem. No caso do Brasil a população cria os jardins botânicos são abertos ao público, as ruas e as praças começam a ser arborizadas. Para Robba e Macedo (2002, p. 26), “o sucesso do processo de ajardinamento da

cidade é enorme e algumas praças coloniais mais antigas e tradicionais recebem vegetação e tratamento de jardins, perdendo algumas das suas peculiaridades com largo pátio e terreiro”.

Em síntese, a inserção da arborização de forma planejada nas cidades brasileiras ocorre de forma paralela à evolução das funções das praças. Estas eram construídas em imensos espaços, totalmente abertos, sem vegetação, servindo apenas como locais de reuniões de pessoas. Atualmente elas são incrementadas com seus jardins e desta forma o espaço urbano torna-se mais agradável tanto a nível estético quanto no tocante à sua funcionalidade. A praça ajardinada constitui o marco principal da valorização da jardinagem no ambiente urbano, principalmente nos espaços públicos, constituindo-se em um indicador de qualidade dos espaços livres públicos.

Em um passado não muito remoto as praças eram os locais de festividades, da espontaneidade, do riso e da liberdade, agora jardim, a praça passa a ser lugar do silêncio, da ordem e da observação. Segawa (1996, p. 46) resume o comportamento social e o cotidiano nos jardins públicos cuja função era:

Reunir-se: fazer-se público de sua presença, exhibir pompa, ver homens e mulheres bem vestidos e bonitos, contar e ouvir novidades, assistir a apresentações musicais, mostrar filhas à busca de maridos, homens finos admirados e fazendo a corte às cortesãs. Os jogos sociais e sexuais – com tácita concordância entre seus praticantes (...) tinha um palco magnífico nos jardins públicos.

De acordo com a citação do autor, percebemos que a roupa constitui o símbolo da hierarquia social, uma vez que os trajes de moda eram tidos como consumo, luxo e prestígio restritos às classes mais nobres da sociedade da época.

Em contrapartida, Segawa (1996, p. 227) alerta que outros grupos adentravam esses espaços ajardinados

...encontravam-se também os desgraçados, os sem empregos, os mendigos. O mendigo é o cisco da cidade. A sua função, com o embotamento das forças vivas da resistência, é verticalizar-se. Os mendigos nos jardins chegam a fim da desagregação. Os desgraçados, os sem emprego, apóiam-se na eclosão da natureza para criar ânimo, para beber esperanças, e, como doentes do corpo vão ao campo convalescer, há homens sujos e pálidos nos jardins, sem almoço, sem pão, sem protetores, que pedem às árvores a cura da própria sorte.

Desta forma, apesar do ajardinamento e do empenho das administrações municipais em dotá-las de infraestrutura e de uma vegetação exuberante, as praças públicas brasileiras vêm perdendo sua atratividade entre a população, principalmente nos grandes centros urbanos, onde têm que competir com os novos padrões de consumo e lazer representados principalmente pelos *shoppings centers* e pela televisão.

3.2-Parques Urbanos: trajetórias de uma discussão

Iniciamos a discussão desse item com base nas ideias de Anne Whiston Spirn (1995) de que, “por mais insensíveis que possam ter sido aos processos da natureza, os habitantes da cidade têm cultivado elementos naturais isolados, procurando incorporá-los ao seu ambiente físico” (p. 45). É neste contexto que a autora ressalta que a natureza tem sido evidenciada pela humanidade por meio de jardins, parques e alamedas, subúrbios e propostas de cidades-jardins.

No decorrer da Idade Média, os moradores das cidades europeias cuidavam de inúmeros jardins dentro dos muros das cidades. Neste período, principalmente na Inglaterra, os jardins serviam de moldura para as mansões da aristocracia, onde a beleza da natureza era a maior atração. Os parques passaram a ter a função de áreas onde a natureza seria preservada e se tornaram local de ócio, do lazer simplista da população, do encontro e do desencontro da massa humana. Já no século XIX, as cidades reservaram grandes porções de bosques e parques para a educação, saúde e recreação de seus habitantes, devido à preocupação com o estado ambiental das cidades industriais.

Na Inglaterra, parques pertencentes à família real ou a famílias de melhor poder aquisitivo foram abertos ao público, na tentativa de amenizar os problemas sofridos pelo operariado inglês. Também houve interesse de empreendedores em investir na cidade com objetivo de futuros lucros, pois os parques urbanos valorizavam as áreas que foram transformadas em parques públicos. Em 1840 Londres apresentava vários parques urbanos, dentre eles o Hyde Park, o Regent`Park, o Saint James Park e o Green Park (**Figuras 11, 12, 13 e 14**), dentre outros.

Na segunda metade do século XIX ocorre a implantação de parques urbanos em Paris através da reformulação urbana de Haussmam. Essa reformulação teve como objetivo limpar e clarear a cidade, estabelecer conexões entre o centro urbano e os terminais ferroviários e bulevares e criar avenidas e ruas principais nos distritos suburbanos. Neste contexto, a ideia era criar um sistema interligando parques e residências, através de bulevares e corredores verdes usados como conexão. Toda essa preocupação resume-se na situação caótica em que se encontrava Paris em 1849. Neste sentido, afirma Azevedo (1994)

Uma congestão de casas apiladas em qualquer parte do vasto horizonte. O que você observa? Acima, o céu está sempre encoberto, mesmo em dias belos (...) Olhando para isto, imaginamos se esta Paris, e, tomados um medo súbito, hesitamos em penetrar neste vasto dédalo onde já se acotovelam mais de um milhão de homens, onde o ar viciado de exalações insalubres se eleva, formando uma nuvem infecta que obscurece quase por completo o sol. A maior parte das ruas desta maravilhosa Paris nada mais é senão condutos sujos e sempre úmidos de água pestilenta.

Encerradas entre fileiras de casas, as ruas nunca são penetradas pelo sol, que apenas roça o topo das chaminés. Uma multidão pálida e doentia transita continuamente por essas ruas, os pés nas águas que escorrem o nariz no ar infectado e os olhos atingidos, em cada esquina, pelo lixo mais repulsivo. Nessas ruas moram os trabalhadores mais bem pagos. Também há ruelas, que não permitem a passagem de dois homens juntos, cloacas imundices e de lama onde uma população enfraquecida inala cotidianamente a morte. São estas as ruas da antiga Paris, ainda intactas. A cólera flagelou-as duramente em sua passagem, tanto que esperava não estarem mais lá se esta retornasse, mas a maior parte delas ainda permanece no mesmo estado, e a doença poderá voltar. (CHEVALLIER *apud* AZEVEDO, 1994, p. 62).

Com o planejamento e hierarquização desses espaços Haussmam cria um sistema de espaços verdes planejados com vias arborizadas e parques públicos. Esses parques franceses eram projetados segundo os modelos ingleses. Assim, afirmam Macedo & Sakata (2003, p. 35), “(...) os novos parques e jardins de Paris possuem ambientes cenograficamente inspirados em uma visão pastoril e romântica, típica do parque inglês público ou privado, dos séculos XVIII e XIX, adaptada à visão naturalista francesa”.



Figura 11: Vista Parcial do Hyde Park – Inglaterra.

Disponível: <http://www.ci.st-joseph.mo.us/parks/Images/Hyde%20Park.jpg>.
(Acesso 30/07/2008).



Figura 12: Vista parcial do Regent Park – Inglaterra.

Disponível: http://www.2-londonapartments.com/flat_rental/regents-park.jpg.
(Acesso 30/07/2008).



Figura 13: Vista parcial do Saint James Park – Inglaterra

Disponível: http://i.pbase.com/u43/merloz/upload/28268569.dsc03724_std.jpg
(Acesso 30/07/2008).



Figura 14: Vista parcial do Green Park – Inglaterra.

Disponível: http://i6.photobucket.com/albums/y229/atlan_london3/178_Green_Park.jpg
(Acesso: 30/07/2008).

O surgimento dos parques urbanos ingleses e franceses contribuiu para a implantação dos primeiros parques urbanos na América do Norte, cuja preocupação central era a qualidade de vida da população. Nestes termos, o Comitê de Higiene Pública da Associação Americana de Medicina foi um defensor da necessidade de criação dos parques urbanos. Para Schuyler (1986, p. 38) “.... espaços públicos com ornamentação de bom gosto e a plantação de árvores são um dos maiores corretivos da vitalidade do ar para os habitantes de um lugar populoso”.

Porém a influência do pensamento europeu manifestou-se de forma diferente no planejamento urbano americano. Essa manifestação diferenciada deve-se ao movimento denominado Romantismo⁸, considerado de maior influência, em que se davam ao público

⁸ - Romantismo refere-se ao movimento que procura recriar a imagem do parque (influência inglesa) com grande cenarização formada de grandes gramados, arvoredos e lagos.

imagens escritas da idealização da paisagem natural. A paisagem quase intocada da América do Norte no início do século XIX contribuía para inspirações da paisagem ideal, que, por ser a mais natural possível, passava uma imagem da promessa de um novo continente, e quanto aos Estados Unidos, de um governo democrático.

Neste período, ou seja, aproximadamente em 1831, foi criado nos EUA o primeiro cemitério rural no estilo romântico, conhecido como *Mount Auburn* (**Figuras 15, 16 e 17**). Esse cemitério passou a ser frequentado aos domingos, por inúmeras pessoas, mas seus proprietários proibiram o acesso de terceiros, ficando este limitado aos proprietários, familiares e alguns convidados. Esse cemitério possuía uma beleza que inspirava a criação de guias ilustrados, cartões postais e artigos descritivos. É importante destacar que, com a criação deste cemitério, outros surgiram em cidades dos Estados Unidos como Nova York, Filadélfia e Baltimore.



Figura 15: Gravura de Mount Auburn, EUA, 1831.

Disponível: <http://www.nps.gov/nr/twhp/wwwlps/lessons/84mountauburn/84mountauburn>.
(Acesso em 01/08/2008).

A grande procura da população pelos cemitérios rurais marca um momento muito importante no paisagismo norte americano. Cabe destacar duas ideias que se tornam evidentes: a primeira diz respeito à nova atitude diante da natureza domesticada, nascida da literatura e da pintura, e a segunda seria o debate sobre a forma urbana, demonstrando a crescente necessidade de espaços públicos que trouxessem o campo para as cidades, ou seja, a necessidade de parques públicos urbanos.



Figura 16: Vista parcial do Cemitério Mount Auburn – EUA
Disponível: <http://www.mountauburn.org/gallery/#> -(Acesso 03/08/2008).



Figura 17: Vista parcial do Cemitério Mount Auburn – EUA
Disponível: <http://www.mountauburn.org/gallery/#> (Acesso 03/08/2008).

Para Schuyler (1986), os cemitérios rurais funcionavam como “parques suburbanos”, eram locais onde o visitante podia apreciar a natureza, conhecer a paisagem e seus monumentos. Porém não foram suficientes para a demanda de grandes espaços públicos onde a natureza prevalecesse para a saúde e vitalidade da população urbana, surgindo desta forma a necessidade destes espaços dentro das cidades.

Essa discussão sobre os cemitérios rurais contribuiu para inspirar a criação de parques urbanos. Esses parques deveriam ter espaços para a recreação apropriada para a América

Republicana, localizada não nos subúrbios, e sim, nas cidades, sendo disponível não só para a classe abastada, mas para a classe e média e toda a população.

Desta forma inicia-se o *Parks Movement*, um movimento que propunha a criação de parques urbanos por compreendê-los como essenciais ao ambiente urbano. Na Europa, principalmente na Inglaterra, os parques foram abertos ao uso público e apropriados para recreação, e ao mesmo tempo tinham como objetivo proteger a saúde pública, ao passo que nos Estados Unidos sua tradição era inexistente. Também havia grandes diferenças entre os equipamentos públicos e a ornamentação, sendo necessária uma reformulação da idealização desses espaços.

Percebe-se que a América havia criado barreiras sociais entre as classes nos espaços públicos, já na Europa propunha-se a convivência democrática dentro dos parques. Neste contexto afirma Schuyler (1986) que “os parques são locais democráticos de convivência onde o pobre, o rico, o mercante e o homem letrado, se misturam num passeio em perfeita igualdade”.

Diante das ideias apresentadas ressaltamos que os responsáveis pela criação dos parques urbanos puderam não só proporcionar melhores condições sanitárias às cidades, mas também espaços de convívio social, além de agir como influentes agentes de melhoramento moral dos indivíduos que habitam as áreas urbanas.

No decorrer do século XX a ideia de criar sistemas de parques urbanos, iniciada no século XIX, ganhou impulso e uma série de propostas urbanas foram levadas em conta. Segundo essas propostas, nas cidades do futuro os espaços livres públicos não seriam só para o lazer da população, mas para a criação de cidades urbanizadas e saudáveis.

Para finalizar a discussão desse item transcrevemos a seguir uma das propostas de cidades ideais, publicada na Carta de Atenas de 1933, a qual fala dos ideais de cidade e de seus espaços livres:

As superfícies livres são, em geral, insuficientes.

Existem, ainda, superfícies livres no interior de algumas cidades. Elas são a sobrevivência, miraculosa em nossa época, de reservas constituídas no passado: parques rodeados de residências principescas, jardins adjacentes a casas burguesas, passeios sombreados ocupando a área de uma muralha militar derrubada.

Os dois últimos séculos consumiram com voracidade essas reservas, autênticos pulmões da cidade, cobrindo-os de imóveis, colocando alvenaria no lugar da relva e das árvores. Outrora os espaços livres não tinham outra razão de ser o deleite de alguns privilegiados. Não intervieram ainda o ponto de vista social, que dá hoje um sentido novo a sua destinação.

Eles podem ser prolongamentos diretos ou indiretos da moradia; diretos, se cercam a própria habitação, indiretos, se estão concentrados em algumas grandes superfícies, não tão próximas. Em ambos os casos, sua destinação será a mesma: acolher a atividade coletiva da juventude,

propiciar espaço favorável às distrações, aos passeios ou aos jogos das horas de lazer. (Carta de Atenas, 1933).

É importante destacar que no século XX os parques urbanos se tornam reconhecidos em várias sociedades e culturas e o lazer passa a ser uma conquista da cidadania nas sociedades democráticas. A ciência passa a considerar a importância dos parques urbanos, o lazer torna-se uma necessidade social do indivíduo e os parques urbanos desempenham importante função nessa nova mentalidade. Desde o seu surgimento nas cidades, o parque tem assumido diferentes configurações e significados e se constituem como um elemento de forte permanência, mantendo-se com suas principais características independentemente das transformações das estruturas urbanas em seu entorno, porém a casos em que os parques urbanos são totalmente artificial, por exemplo, o Central Park, nos Estados Unidos que foi totalmente construído dentro do ambiente urbano (**Figuras 18, 19 e 20**).



Figura 18: Vista parcial do Central Park – EUA

Disponível: <http://www.ego4u.com/images/countries/usa/central-park.jpg>
(Acesso 06/06/2008)



Figura 19: Vista parcial do Central Park – EUA

Disponível: http://oglobo.globo.com/blogs/arquivos_upload/2007/12/106_2832-alt-Central-Park.jpg
(Acesso 06/06/2008).



Figura 20: Vista parcial do Central Park – EUA.
Disponível: http://www.c-avolio.com/uploaded_images/central_park.jpg
(Acesso 06/06/2008).

3.2.1-Parques urbanos no Brasil

Para Macedo & Sakata (2003) os parques urbanos brasileiros são bem diferentes dos europeus, pois eles não surgiram da urgência social de atender às necessidades das massas urbanas das cidades do século XIX. O Brasil, nesse período, não tinha uma rede urbana expressiva e as cidades brasileiras não tinham o porte das cidades europeias. No Brasil, o parque é criado como figura complementar ao cenário das elites emergentes, que controlavam a Nação e procuravam construir uma configuração urbana compatível aos modelos ingleses e franceses.

No território brasileiro, os primeiros parques públicos surgiram no Rio de Janeiro, com a vinda da família real em 1808, pois nesse período teve início a “organização urbana”, que consistia na limpeza das ruas, na criação da polícia militar, na criação da imprensa régia e na fundação do Banco do Brasil. Esse processo de reestruturação e modernização do Rio de Janeiro e de outras cidades brasileiras deve-se às funções administrativas. É nesse sentido que foram criados os três primeiros parques públicos⁹: o Campo da Santana, O Passeio Público e o Jardim Botânico (**Figuras 21, 22 e 23**).

⁹ - Os três primeiros parques urbanos foram influenciados pelos portugueses, porém é importante destacar que tivemos várias contribuições dos holandeses na criação de outros parques urbanos principalmente no Estado de Pernambuco.



Figura 21: Vista Parcial de Campo de Santana, no centro do Rio de Janeiro, em 1818.
Disponível: http://www.geocities.com/nunes_garcia/JM_P_Map.htm (acesso 09/06/2008)



Figura 22: Vista Parcial do Passeio Público em 1852 - Rio de Janeiro.
Disponível: www.vitruvius.com.br/.../arq000/esp.185.asp. (Acesso 09/06/2008).



Figura 23: Vista Parcial do Jardim Botânico em 1875 – Rio de Janeiro.
Disponível: www.terramagazine.terra.com.br (Acesso 09/06/2008).

Neste período os parques urbanos eram vistos pela sociedade como algo contemplativo, como um cenário completamente concebido, uma modernidade importada dos países europeus, alheia às necessidades sociais da população urbana daquela época.

É importante destacar que o Jardim Botânico, criado pela família real portuguesa, foi transformado ao longo do século XIX em um parque público, mantendo as características dos jardins ingleses. Segundo Macedo & Sakata (2003, p. 54) “o Jardim Botânico do Rio de Janeiro é um exemplo típico da fusão das duas vertentes projetuais”, ou seja, o lugar do passeio, do “ver e ser visto”. Neste local a aristocracia passeava trajando a última moda francesa. Estes jardins eram espaços públicos quanto à sua localização, porém reservados quanto ao seu uso. Apenas as pessoas com vestes apropriadas podiam circular entre as palmeiras imperiais e a vegetação nativa brasileira, já a maioria da população não tinha acesso a esses espaços.

Não obstante, havia contrastes entre essas áreas públicas, e era no Rio de Janeiro que se encontravam as mais exuberantes, como é o caso do Jardim Botânico¹⁰. Porém, o afastamento dessa área em relação aos centros urbanos constituía um empecilho para que a população as frequentasse, e neste contexto a população passava a vivenciar cotidianamente a natureza local.

Diante das circunstâncias apresentadas, a própria natureza tropical foi responsável pelo esvaziamento desses espaços públicos; porém com o processo da urbanização brasileira essa natureza adquire outro significado no espaço urbano e passa a ser questionada a partir da segunda metade do século XX. Esses questionamentos surgem devido à diminuição de espaços públicos, e com a escassez de áreas de lazer para as massas menos privilegiadas o parque urbano tornou-se uma necessidade social ambicionada por milhares de pessoas.

Entre as décadas de 1960 e 1970 os parques urbanos passaram por inúmeras transformações, entre as quais destacamos as suas diferentes funções sociais, como servirem de instrumento de socialização comunitária assumindo novas configurações socioambientais, com a intervenção pública, ou ainda de lazer e recreação, de conservação e preservação da natureza.

Esses parques urbanos brasileiros representam na dinâmica da cidade um “espaço verde” fundamental ao crescimento e desenvolvimento econômico e urbano. Eles constituem um espaço destinado ao lazer, ao contato com a natureza, e contribuem com a qualidade de

¹⁰ - Jardim Botânico do Rio de Janeiro têm como missão, promover, realizar e divulgar o ensino e as pesquisas técnico-científicas sobre os recursos florísticos do Brasil, visando o conhecimento e a conservação da biodiversidade, assim como a manutenção das coleções científicas sob sua responsabilidade.

vida da população, despertando novos valores sociais, humanos e ambientais e proporcionando uma postura mais consciente aos indivíduos em relação à importância da natureza para os seres vivos. As **Figuras 24, 25 e 26** são apenas alguns exemplos de espaços verdes existentes nas cidades brasileiras.



Figura 24: Jardim Botânico do Rio de Janeiro – Palmeiras Imperiais.
Disponível: <http://www.flickr.com/photos/soldon/544444342/>
(Acesso 12/06/2008)



Figura 25: Jardim Botânico de Curitiba – PR
Disponível: http://www.geocities.com/Baja/Mesa/7068/Jardim_Bot.JPG
(Acesso 13/06/2008).



Figura 26: Vista Parcial do Parque do Ibirapuera em São Paulo – SP
Disponível: www.yvettedefrance.com/photos-du-monde/sao (Acesso 13/06/2008)

Ao longo deste capítulo realizamos uma retrospectiva histórica das praças e parques através dos tempos, com o intuito de destacar a sua estrutura, processo, função e forma. Também as inúmeras ilustrações nos proporcionaram uma riqueza de detalhes em diferentes momentos históricos, na procura de subsídios para análise das mudanças de caráter do espaço público no decorrer do tempo. Embora as praças e parques tenham surgido no ambiente urbano, a sua compreensão exige considerar vários aspectos, seja porque eles representam uma continuidade, seja por demonstrarem uma ruptura no modo de produzir o espaço urbano.

No capítulo a seguir, intitulado “Maringá: uma (re)leitura da imagem da Cidade Verde”, destacaremos as características geográficas referente ao desenvolvimento urbano da cidade de Maringá sob a ótica do planejamento urbano no tocante às áreas verdes. Também daremos ênfase à ação do *marketing* “Maringá Cidade Verde”, analisando as propagandas veiculadas na mídia, as quais proporcionaram o discurso promotor da imagem e da forma urbana, da valorização imobiliária, e, sobretudo a segregação urbana inerente no processo de expansão da cidade, reiterando o discurso voltado para o investimento empresarial.



Capítulo IV

*Maringá: uma (re)leitura
da imagem da cidade*

O presente capítulo intitulado “Maringá: uma (re) leitura da imagem da Cidade Verde” tem por objetivo discutir os interesses do poder público em promover o ideário de “*cidade verde*” que sobrevive em Maringá. Neste sentido, o capítulo encontra-se estruturado em duas partes. Na primeira destacaremos as características geográficas referentes ao desenvolvimento urbano da cidade de Maringá com suas características históricas e geográficas sob a ótica do planejamento urbano voltado para as áreas verdes. Na segunda parte, daremos ênfase à ação do *marketing* “Maringá Cidade Verde”, pois é difícil resistir a esse fascínio, tamanho é o poder de convencimento por ele exercido. Também serão analisadas as propagandas veiculadas na mídia que proporcionaram o discurso promotor da imagem e da forma urbana, dos projetos que estimulam a valorização imobiliária, e, sobretudo a segregação urbana inerente no processo de expansão da cidade, reiterando o discurso voltado para o investimento empresarial.

4.1- A Formação Histórica de Maringá e o Planejamento Urbano da Cidade Jardim

Maringá está localizada no Norte do Paraná, entre as coordenadas geográficas de 23°15'14" e 23° 33'40" de latitude sul e 51°50'01" e 52°05'40" de longitude oeste, limitando-se ao norte com os municípios de Ângulo e Mandaguaçu, ao sul com os municípios de Floresta, Ivatuba e Marialva, a leste com os municípios de Sarandi e Marialva, a oeste com os municípios de Paiçandu e Mandaguaçu e a noroeste com os municípios de Astorga e Iguaraçu (**Figura 27**). Sua superfície é de 473.064.190m², sua altitude média é de 545 metros e encontra-se na região fisiográfica chamada de Terceiro Planalto Paranaense.

Segundo Maack (1981) a região de Maringá encontra-se no Terceiro Planalto Paranaense. Nesta região predomina o relevo plano e suave ondulado, com altitudes variando em 300 e 600 metros (PARANÁ, 1987). Essas características topográficas ocorrentes na cidade de Maringá são muito propícias para a instalação de todo o tipo de infraestrutura urbana, favorecendo a expansão do perímetro urbano da cidade.

O clima predominante no município apresenta verões quentes e geadas pouco frequente, com concentração de chuvas nos meses de verão, sem estação seca definida. A média do mês mais quente é superior a 22° C e o mês mais frio tem temperatura abaixo de 18° C (IAPAR, 1978), e o índice pluviométrico variando entre 1250 e 1600 mm, sendo os meses mais chuvosos, novembro, dezembro, janeiro e fevereiro.

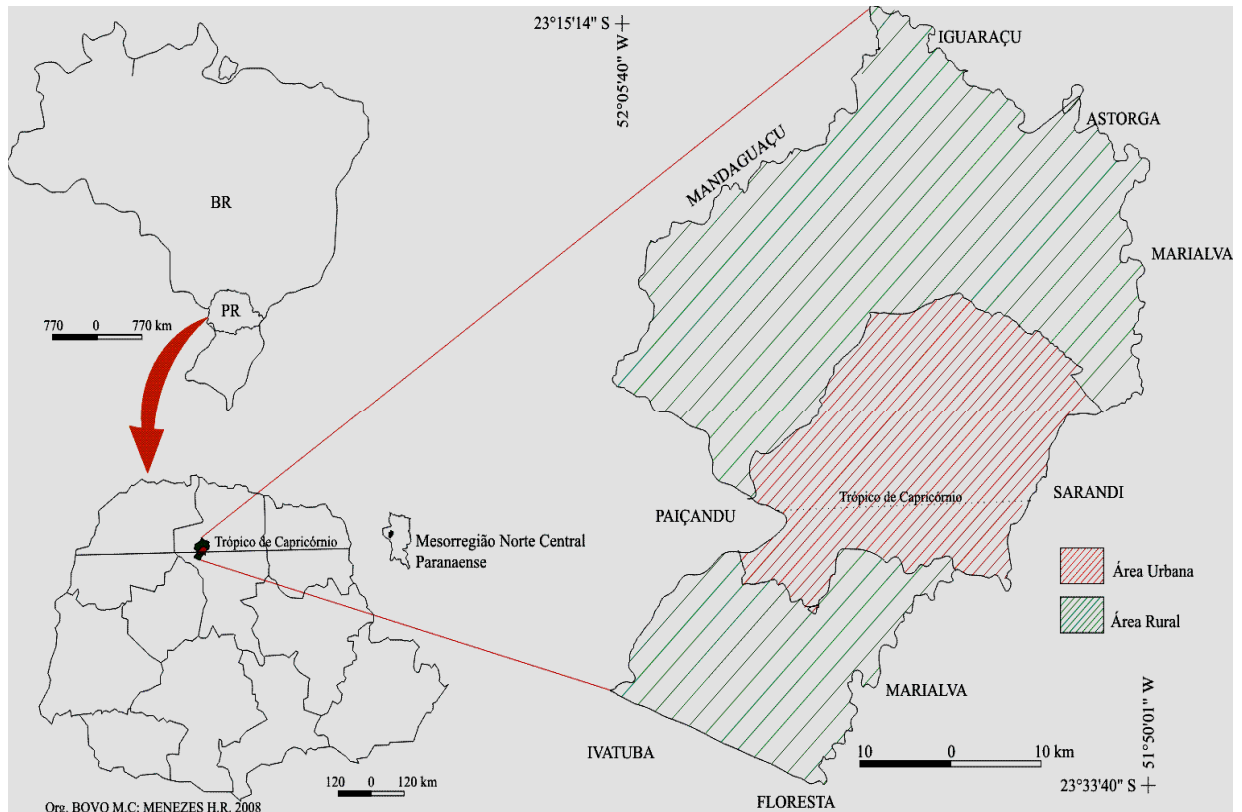


Figura 27: Localização do município de Maringá.

Quanto aos aspectos fisiográficos o município de Maringá apresenta resquícios de floresta estacional semidecidual submontana que se estende pelos planaltos com altitudes superiores a 500 metros. Essa floresta original caracteriza-se por apresentar espécies decíduas (entre 20 a 50% das espécies) perdendo suas folhas devido a seca fisiológica do inverno ou a exposição a temperatura baixas (PMM, 1993).

A história de Maringá inicia-se com a vinda dos primeiros fazendeiros paulistas e mineiros em princípios do século XX, os quais tinham como objetivo desbravar novas terras para o plantio de café. É neste contexto, que a empresa colonizadora britânica *Paraná Plantations Company*, através de sua subsidiária, a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, adquiriu do Governo do Estado do Paraná e de diversos posseiros uma gleba de 515.000 alqueires, que constituíam o Norte Novo do Paraná (GARCIA, 2006, p. 25).

A cultura de café viabilizou o desenvolvimento da região, contribuindo para sua forte divulgação em todo o País, tornando-se necessário dar início ao processo de colonização a fim de vender os lotes. Para Negri (2006), os lotes foram vendidos a preços baixos, e, além disso, a Companhia tinha como propósito garantir o desenvolvimento das cidades, então, doava terrenos urbanos para o poder público e para outras repartições ali se instalarem. Para o autor supracitado, “a mercantilização da economia nacional aliada à acumulação de capitais

produtivos e comerciais oriundos do café aprofundara a divisão técnica do trabalho no campo e nas cidades cedendo espaço para novos tipos de capital, o industrial e bancário” (NEGRI, 2001, p. 28).

Para Heidecke (2001, p. 34), “A própria política da companhia colonizadora estabelecia que devesse favorecer-se e dar apoio aos fazendeiros, sem por isso deixar de levar em consideração àqueles que dispunham menores recursos”.

Desta forma, a Companhia iniciou o processo de colonização fundando a cidade de Londrina, tendo como objetivo a demarcação de lotes urbanos e rurais. Os lotes rurais eram de pequenas dimensões, variando entre 10, 15 e 20 alqueires, o que promovia uma reforma agrária voltada para a pequena propriedade, destinada a fortalecer as relações comerciais das cidades fundadas na própria região em decorrência do pequeno volume de produção proveniente dos produtores rurais, deixando-os inviabilizados de comercializar o montante recolhido nos grandes centros, conforme afirmam Carvalho e Mendes (1999).

Paralelamente aos loteamentos rurais, os lotes urbanos surgiam como uma proposta de fundar cidades com o objetivo de prestar serviços à população rural. Desta forma, o posicionamento dessas cidades obedeceu a dois critérios gerais: acompanhar a linha férrea, no caso das cidades de maior importância, ou as estradas de rodagem, quando não houvesse ferrovia, devendo situar-se sempre no espigão.

Uma das diretrizes adotadas pela Companhia era que

cidadae destinadas a tornarem núcleos de maior importância seriam demarcadas de cem a cem quilômetros, aproximadamente. Entre estas, distanciados de 10 a 15 quilômetros um do outro, seriam fundados os patrimônios, centros comerciais e abastecedores intermediários (CMNP, 1975, p.76).

Deste modo,

Para formar o Norte Novo e Novíssimo foram idealizados quatro núcleos habitacionais, fundados sucessivamente, distanciados entre si de aproximadamente cem quilômetros e destinados às grandes cidades do Norte e do Oeste do Paraná: Londrina (1930/1934), Maringá (1947/1951), Cianorte (1953/1955) e Umuarama (1955/1960), (CMNP, 1975, p. 252).

Assim, através de um planejamento minucioso a Companhia planejou uma série de assentamentos urbanos menores, que teriam uma distância ideal, com o objetivo de facilitar a vida nas propriedades rurais das proximidades, já que os moradores das áreas rurais poderiam deslocar-se a pé até esses centros com uma caminhada de 5 a 9 quilômetros no máximo. Seguindo essa proposta da companhia, Londrina, Maringá, Cianorte e Umuarama foram estrategicamente implantadas ao longo da ferrovia, com intervalos regulares, e foram desenhadas por engenheiros e agrimensores.

Diante da proposta que lhe foi apresentada a Companhia encarregou de elaborar o projeto de Maringá o engenheiro Jorge de Macedo Vieira, que trabalhava na Companhia City

de Loteamentos, em São Paulo, no mesmo período em que Barry Parker desenvolveu os projetos dessa empresa para os bairros paulistanos Jardim América, Alto da Lapa e Pacaembu. A título de informação, Parker era sócio de Raymond Unwin e juntos haviam desenhado as primeiras cidades-jardins inglesas. Desta forma, Jorge Macedo Vieira foi impulsionado e influenciado pela “arte inglesa de projetar cidades” e muitas de suas ideias e soluções foram aplicadas no anteprojeto de Maringá, com base no tratado de desenho urbano de Unwin, publicado em 1999, conforme afirma Rego (2001).

O desenho de Vieira para Maringá em 1947 era constituído de uma cidade com mais de 400 quadras (**Figura 28**), projeto considerado muito ambicioso na época, indo muito além de Londrina. A proposta inicial partiu de três pontos fundamentais: o traçado da linha férrea no sentido leste-oeste e dois pequenos vales ao sul. Estes vales foram destinados a parques urbanos, preservando-se as duas nascentes existentes, eles configurariam o centro da vida comunitária em área plana, todo esse planejamento estava de acordo com as diretrizes propostas por Unwin (1984).

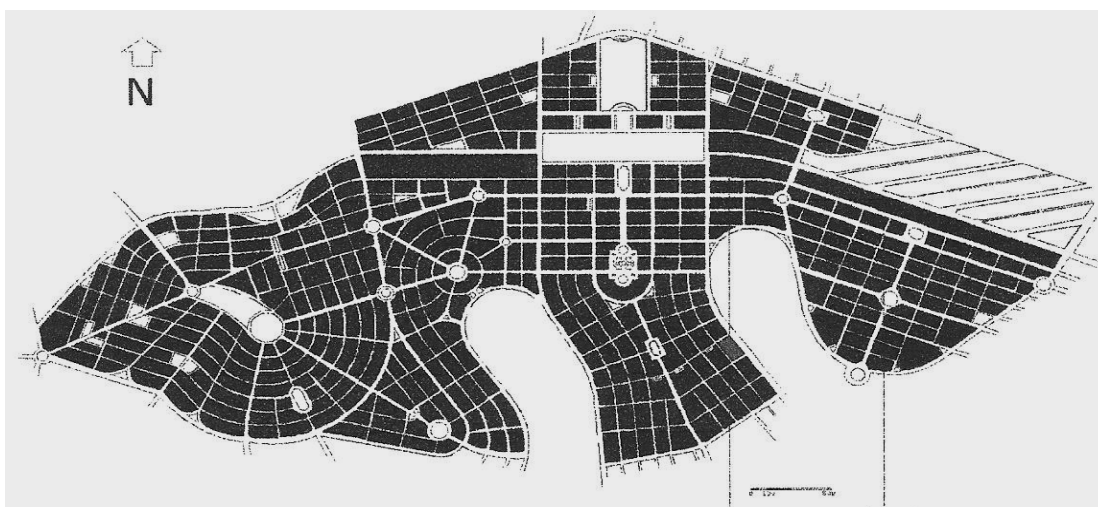


Figura 28: Planta de Maringá: espaços públicos e privados elaborados a partir do anteprojeto de Jorge Macedo Vieira.

Fonte: REGO, Renato Leão (2001).

Segundo Rego (2001), as curvas de nível foram determinantes para o desenho da cidade, pois levaram em consideração a configuração topográfica do terreno, definindo a forma urbana alongada e o traçado orgânico como diretrizes para as principais vias. Foi neste contexto que Jorge Macedo Vieira observou as condições naturais e realizou em seu projeto traçados de forma irregular na maior parte da malha urbana, contribuindo dessa forma para a implantação das primeiras áreas verdes urbanas do município de Maringá.

Toda essa demarcação teve como finalidade destacar a importância do espaço público, o formalismo, a monumentalidade, de modo a garantir o “caráter artístico” do desenho urbano. Também é possível observar o quadrilátero formado pela ferrovia ao norte e os bosques a leste e oeste, que delimitam a área central de traçado regular, seguido do centro cívico ao lado da estação ferroviária.

Outro elemento a ser observado na planta original de Vieira é que a praça central de Maringá não coincide com a praça de estação, mas pelo desenho da planta é possível visualizar um eixo arrematado por duas praças, destacando o desenho da cidade como o seu elemento principal. Nesta parte encontra-se uma via com canteiro central e um passeio de pedestre que se encontra ligado ao centro cívico, juntamente com uma praça semicircular, a qual devia abrigar um edifício público, porém hoje se encontra instalada a catedral neste local.

Para Rego (2001), no anteprojeto de Vieira as vias que deixam o centro e seguem nas direções sul e oeste da cidade e perdem a regularidade ortogonal e adquirem um traçado consoante com as curvas de nível. Já na parte leste as condições do sítio e de seus limites são dadas pela ferrovia e pelo bosque, onde o traçado ortogonal ainda prevalece, com vias curtas e a presença de praças e lotes destinados a edifícios públicos. Na porção norte da linha férrea encontram-se o bairro residencial e o campo de esportes ligados por vias formando um semicírculo.

Em seu anteprojeto Jorge Macedo Vieira dividiu a cidade em três zonas residenciais (principal, popular e operária), zona comercial (dependências e armazéns da estrada de ferro) e os núcleos comerciais, todas sempre com um limite preciso, neste caso, uma avenida ou bosque. Desta forma cada zona ou bairro residencial deveria ter seu centro secundário, constituído de espaço livre público cercado de edifícios comerciais. Neste sentido, o desenho da cidade mostra uma estrutura polinuclear, articulada em uma hierarquia muito clara entre o elemento principal do plano e seus centros secundários, conforme afirma Rego (2001).

Quanto ao formato das quadras, tanto as residenciais como as comerciais foram desenhadas respeitando o formato retangular (144 m x 80 m), porém a não adoção do traçado em xadrez acabou contribuindo para algumas modificações. Essas foram subdivididas em porções menores de 500m² em média, de acordo com o padrão indicado por Unwin (1994) de 25 a 30 lotes por hectare, dando lugar a jardins privados que ampliam para dentro do lote a massa verde que cobre as largas calçadas públicas.

Desta forma tanto Maringá como as demais cidades fundadas pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná seguiram o seu plano urbanístico estabelecido, com praças,

ruas e avenidas demarcadas segundo a topografia do sítio escolhido, revelando a preocupação no que se refere às áreas verdes e à vegetação nativa.

Com todos esses traços urbanísticos de uma cidade-jardim, seguindo as características contemporâneas, surge Maringá, a 10 de maio de 1947, como distrito de Mandaguari. Nesse período Maringá foi denominada de “Cidade Fantasma”. “Esta denominação era consequência de uma cláusula nos contratos da Companhia que só vendia lotes de terras no perímetro urbano com a obrigação do adquirente construir em determinado prazo” (ESTRADA, 1962, p. 27). Desta forma as casas foram surgindo, em sua maior parte construídas de madeira e fechadas por falta de moradores.

Maringá tornou-se município através da Lei n.º 790, de 14 de fevereiro de 1951, com os distritos de Iguatemi, Floriano e Ivatuba (hoje emancipada). No dia 09 de março de 1954 foi instalada a Comarca de Maringá. A cidade foi projetada por Jorge Macedo Vieira para abrigar uma população de 200.000 habitantes em um prazo de 50 anos, porém Maringá superou esta expectativa, contando hoje com 325.968 habitantes (PMM, 2008).

O conceito de cidade-jardim de Ebenezer Howard foi seguido de forma detalhada por Jorge Macedo Viera no traçado de Maringá, no qual buscava uma organicidade a adequação do espaço urbano através das características da paisagem local e da presença de extensos parques e lugares públicos amplos e abertos, buscando o respeito às imposições da topografia local e a proteção dos mananciais. Isso se verifica pelos três parques, com um sistema viário de muito pouca declividade e bastante amplo, constituído de notável arborização, o que acabou conferindo à cidade uma originalidade única dentro do contexto urbanístico brasileiro.

Com o passar dos anos e seu processo evolutivo, esse modelo de desenho urbano não se repetiu na expansão da malha urbana de Maringá. O que se percebe é que o traçado original de Maringá vem se descaracterizando, com uma perda crescente da qualidade em função da expansão recente, sem ao menos considerar questões importantes do planejamento urbano previstas no plano inicial.

Hoje Maringá, através da sua evolução e expansão territorial, assumiu um monótono traçado ortogonal, contradizendo os princípios da cidadejardim. Reduziram-se em muito as praças e os espaços abertos, sua organicidade e funcionalidade se perderam, comprometendo os cursos d'água, a manutenção da cobertura vegetal original a manutenção de um adequado padrão de qualidade ambiental.

4.2- Imagem da Cidade Verde

Para iniciarmos essa discussão será necessário fazer uma breve reflexão em torno do *marketing* que contribui para as transformações da imagem difundida pela mídia. As imagens produzidas pelos diversos meios de comunicação extrapolam fronteiras e lugares, convertendo o mundo em imagem do mundo, ao mesmo tempo em que a imagem passou a representar um produto em si (BAUDRILLARD, 1995).

É neste contexto que os objetos geográficos apresentam uma intencionalidade nunca vista, em virtude da imposição das determinações da racionalidade técnica sobre os lugares. Para Santos (1996, p.101-102), o espaço não é apenas um receptáculo na história, mas a condição de sua realização qualificada, e essa dialética concreta inclui a ideologia e os símbolos, pois a ideologia produz símbolos, que foram criados para fazer parte do real e que frequentemente tomam a forma de objetos. O real está cada vez mais vinculado à produção da imagem, cuja referência não é apenas abstrata, mas possui relações concretas com o espaço socialmente construído.

Nesta perspectiva é importante destacar que o meio técnico-científico-informacional, concentrado nas cidades permite a ação da racionalidade técnica sobre os processos simbólicos, intermediando a imagem da cidade. Os processos simbólicos envolvidos na produção da imagem da cidade estão cada vez mais concentrados no “meio” e não no “sujeito”. A construção da imagem da cidade constitui um processo social de planejamento pelo Estado em favor dos agentes do mercado.

Para Ribeiro (1996) e Garcia (1996), a imagem da cidade foi institucionalizada tendo o *citymarketing* como destaque. O *citymarketing* aparece como um processo que orienta a política urbana e as necessidades do consumidor enquanto investidor, turista ou morador. A promoção da cidade adquire uma importância fundamental na gestão urbana, pois contribui com o planejamento da base infraestrutural do espaço urbano; ou seja, antes de prevenir o que é indesejável, os instrumentos do *marketing* buscam atribuir um incentivo positivo ao que é desejável.

Desta forma a projeção de imagens urbanas desejáveis mediante a intervenção no ambiente construído e a renovação de seus aspectos faz parte do denominado *marketing* de imagem. A meta do *marketing* de imagem é manipular padrões de comportamento do público alvo para que compre produtos e entretenimento e se associe a organizações, do que é exemplo a cidade de Curitiba, que na década de 1970 buscou renovar os transportes, as áreas históricas e o planejamento ambiental.

Os estudos urbanos da Geografia contemporânea apontam a necessidade de refletir a integração entre a materialidade, a representação e a imaginação. Nesta relação cabe destacar as práticas espaciais e suas categorias de *representação do espaço* e *espaço das representações*, como destaca Lefévre (1991).

Para Ribeiro (1991), a produção da imagem urbana está vinculada ao sistema de produção de imagens e sua configuração como indústria e ideologia na sociedade global. Desta forma as imagens produzidas representam sínteses históricas dos interesses sociais que disputam a interpretação sintética e hegemônica do espaço da vida coletiva. O poder de comando das cidades é exercido pela presença dos setores econômicos e políticos diretamente envolvidos com a apropriação financeira do espaço urbano, conforme afirmam Ribeiro (1988); Harvey (1994); Santos (1996).

O cognome¹¹ “Cidade Verde” ou “Cidade Ecológica” apareceu com a necessidade de o poder público municipal afirmar o compromisso com a causa ecológica, já que a Constituição da República Federativa do Brasil (1988, p. 99), em seu artigo 225, estabelece que: “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida”. Neste contexto, o Poder Público apropriou-se do *marketing* “Cidade Verde”, o qual coloca a cidade de Maringá como uma das cidades brasileiras que mais investiram na qualidade de vida de sua população.

A partir desse discurso as ações do Poder Público municipal foram orientadas no sentido de afirmar a imagem e transformá-la em símbolo da administração municipal. Essa imagem da cidade de Maringá foi lançada em forma de discurso, como estratégia política. Neste sentido, como ressalta Certeau, “O discurso produz então efeitos, não objetos... fazer crer é fazer” (1994, p.154). Para Certeau, fazer crer é dever do *marketing*, que procura, a partir de técnicas específicas, cristalizar e divulgar a imagem positiva da cidade. No caso de Maringá podemos constatar a afirmação dessa imagem num cartão postal ou folder, por exemplo, “Maringá, 50 anos – Um Mergulho no Paraíso Verde” (RCA-Vídeos Produções, 1997); “A Realidade em Concreto é Verde” (folheto-PMM); “Conheça Maringá, A Cidade Verde” (Folder-PMM) ou em jornais. Todos esses anúncios afirmam a condição ecológica de Maringá como uma das características que a diferenciam das cidades brasileiras. Os anúncios e reportagens, afirmam que o conforto ambiental em preservar o verde é meta dos administradores.

¹¹ - A ideia de “Cidade Verde” ou “cidade ecológica” é muito anterior a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, pois Maringá surgiu na década de 1940, já projetada conservando na sua planta original suas principais áreas verdes, porém foi somente na década de 1980 que foram traçadas as estratégias para a criação do slogan.

O discurso ecológico foi muito discutido pelos sanitaristas, pois procura disciplinar e naturalizar os problemas da cidade, como afirma Carlos:

O discurso ecológico apresenta uma concepção idealizada na natureza contraposta à cidade e inventando o antiurbano. Isso vem acalmar. Como processo de reprodução do espaço urbano, fundamentalmente nas metrópoles, tem quase eliminado as áreas vazias e esgotando o processo de verticalização, os empreendedores imobiliários vêm sendo cada vez mais obrigados a limitarem suas ações às áreas periféricas à mancha urbana, com isso tem surgido o “subúrbio jardim”, o loteamento de alto luxo. Como convencer a população de alta renda a abandonar a metrópole, aumentar seus custos e tempo de deslocamento, bem como seus gastos para a manutenção das residências? ‘Vendendo o Verde’. Criando a necessidade do consumo de espaços verdes, de uma vista saudável longe da poluição e embolsando lucros fantásticos, pois as terras adquiridas de agricultores e proprietários rurais por hectares, para em seguida, para serem loteadas e vendidas por m² (1994, p. 77).

A citação anterior remete à ideia e reflexão a respeito do discurso ecológico e da produção do espaço urbano. No tocante à ecologia e à cidade, tal discurso procura transformar esse espaço em um ambiente agradável do ponto de vista estético (**Figura 29**), o que faz com que as preocupações das contradições do capital e do trabalho fiquem em segundo plano. Num primeiro instante a causa ecológica pode parecer neutra e desprovida de qualquer poder ideológico ou manifestação de classes; porém a produção e divulgação dos discursos ligados à ecologia não são neutros, ao contrário, são ideológicos e representam interesses da classe. É isso que ficou evidente quando Maringá divulgou o cognome “Cidade Verde”. Esse discurso procurou homogeneizar os olhares da cidade, tentando com isso ocultar as contradições no modelo de produção do espaço urbano maringaense. Para Citelli, “As instituições falam através dos signos fechados, monossêmicos, dos discursos de convencimento” (1995, p. 32), e neste contexto os discursos imperativos e persuasivos construídos com simplicidade textual não deixam margem para a interpretação.



Figura 29: Vista parcial do centro de Maringá.
Foto: BOVO, M. C. 2007.

4.3-Do Plano Inicial á Propaganda

A proposta de cidade-jardim inicia-se na década de 1940, com a CTNP/CMNP, através de um traçado arquitetônico moderno do sítio urbano de Maringá combinado com a natureza, inspirado no modelo de Ebenezer Howard. Segundo Howard (2002), não há dualidades entre o campo e a cidade, mas sim, a combinação entre os atrativos da cidade e a beleza do campo. Neste sentido, propõe uma inovação do espaço urbano, como pode ser verificado em sua obra “Os Três Ímãs”, onde apresenta uma síntese do seu ideal de cidade, ou seja, uma única cidade que fundia o espaço urbano, o campo e a cidade. Os três ímãs eram uma estratégia de planejamento regional para conter o fluxo migratório em direção aos grandes centros urbanos. No planejamento de Howard, as cidades seriam auto-organizadas e interligadas por um sistema de transporte público eficiente, e constituídas por estabelecimentos industriais e cinturões agrícolas. A **Figura 30** representa a concepção proposta por Howard:

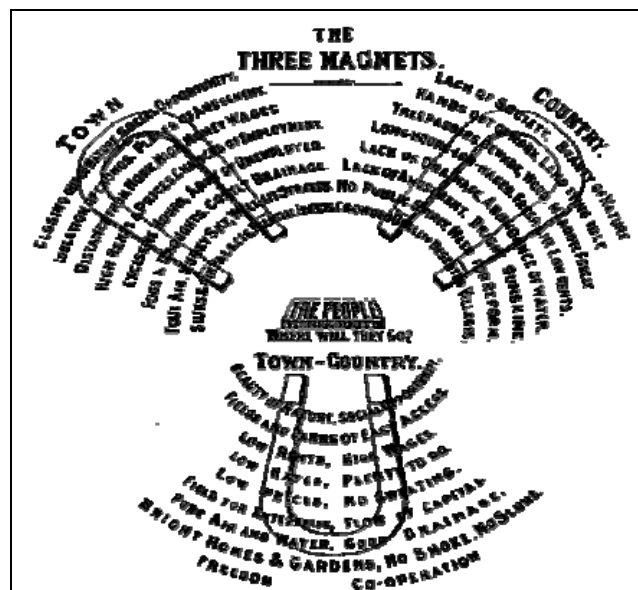


Figura 30: Os Três Ímãs

Fonte: HOWARD, Ebenezer. Cidades-Jardins de Amanhã. São Paulo.Hucitec, (1996 p. 109).

A visão ideológica de Howard foi uma tentativa de resolver os problemas de insalubridade, pobreza e poluição nas cidades. Ele buscava a combinação perfeita entre a cidade e o campo, juntando todas as vantagens de uma vida urbana cheia de oportunidades e a beleza e os prazeres do campo. Através dessa união, a migração de pessoas de cidades

congestionadas se daria naturalmente para uma cidade próxima da natureza, considerada como fonte de vida, riqueza e felicidade. A indústria se deslocaria para o campo, a produção agrícola teria mercados próximos ao núcleo rural. A proposta de Howard estava pautada no seguinte princípio:

A cidade-jardim foi construída. Sua população atingiu 32.000 habitantes. Como crescerá? Crescerá estabelecendo provavelmente por meios de poderes do Parlamento, outra cidade a uma pequena distância de sua zona “rural”, de modo que a nova cidade tenha igualmente sua própria zona rural. Eu disse “estabelecendo outra cidade” e, para os fins administrativos haverá duas cidades. Mas os habitantes de uma poderão atingir a outra em poucos minutos, pois se providenciará especialmente para isso de um transporte rápido e assim o povo das duas cidades representará, na verdade uma única comunidade (2002, p. 187).

A concepção da ideia de cidade jardim de Howard visava propiciar aos homens mais liberdade através da vida comunitária, diferentemente de empreendedores, que pensam somente em rendimentos.

As ideias de Ebenezer Howard se propagaram para vários países, entre eles os Estados Unidos, a França, o Canadá e o Brasil, mas a concretização de uma cidade jardim ocorreu somente no início do século XX, no próprio território inglês, em 1902, com os arquitetos Raymond Unwin e Barry Parker. Eles fizeram a primeira construção da cidade jardim, Letchowoth, a 56 quilômetros de Londres. Possuía traçados simples, com ruas no sentido leste-oeste, seguindo a ferrovia que ligava Londres a Cambridge, cortadas por duas grandes avenidas em direção norte-sul. Essa cidade foi projetada para acolher 30.000 habitantes, com a mesma proposta de Howard, sendo constituída de grandes espaços públicos, áreas verdes em parques, praças e jardins, áreas agrícolas circundantes, habitação, comércio e indústrias separados em setores (HALL, 2000).

Otoni (2002), em seu livro ‘Introdução: Cidade-Jardim – Formação e Percurso de uma Ideia’, discute a influência de Howard em várias cidades brasileiras, como Rio de Janeiro e São Paulo, onde foram construídos bairros de alto padrão com ajardinamento nos lotes, espaços coletivos arborizados, exclusividades para construções residenciais. Esses bairros foram chamados de cidades-jardim.

Para Otoni (2002), a cidade do Rio de Janeiro recebeu influência de Alfred Agache com o projeto “A Cidade do Rio de Janeiro – Extensão Remodelação, Embelezamento”. Ele propôs duas cidades-jardins, uma para a Ilha do Governador e outra para Paquetá, porém não foram concretizadas. Ao nos referirmos ao Rio de Janeiro, podemos verificar que apenas alguns loteamentos na Gávea e no Jardim Botânico basearam-se no modelo cidade-jardim. Quanto aos modelos de cidades-jardim surgidos em São Paulo, temos o Jardim América, bairro de São Paulo que teve o projeto assinado por Barry Parker e Raymond Unwin,

tornando-se a maior expressão de um bairro com características de uma cidade-jardim de São Paulo. Podemos destacar ainda os loteamentos no Alto da Lapa, Alto de Pinheiros, Butantã e Morumbi.

Após essa breve discussão referente às cidades jardins, não há dúvida de que o projeto de Jorge de Macedo Vieira para Maringá foi inspirado no modelo de cidade jardim, pois se trata de um projeto que previa a estruturação espacial das zonas funcionais residencial, comercial, industrial, médico-hospitalar e administrativa previamente estabelecidas entre si por amplas avenidas com várias rótulas para amortização do tráfego, ruas com largos passeios e quatro amplos bosques no espaço urbano: Parque do Ingá, Bosque 2 (Parque dos Pioneiros), Parque das Grevíleas e Horto Florestal. Desta maneira, o planejamento urbano centra-se nos princípios da relação homem/natureza, uma vez que pressupunha uma relação harmoniosa entre o habitante e o verde, garantindo o *status* de cidade-jardim.

Não obstante, há algumas diferenças entre a cidade jardim de Howard e a cidade jardim de Jorge Macedo Vieira. Ebenezer Howard (2002) projeta para a cidade jardim uma administração política autônoma e de gestão comunitária, com uma dimensão espacial delimitada por uma grande extensão de área verde com pequenos núcleos urbanos, visando manter a relação harmônica entre homem e natureza.

Outro ponto refere-se à distribuição dessas cidades. Para Howard, dar-se-ia por um grande círculo no entorno de uma cidade central para uma população de 58.000 habitantes, já as cidades do entorno seriam constituídas por populações de 30.000 habitantes. Ao todo teríamos um ciclo de seis cidades, o que resultaria em cerca 240.000 habitantes, população suficiente para desafogar os grandes centros urbanos.

Quanto às ideias desenvolvidas por Jorge Macedo Vieira, verificamos que a cidade de Maringá foi distribuída em torno de um eixo, com uma estrada de ferro cortando-a no sentido leste-oeste, sendo o seu sistema político-administrativo autônomo, com circulação e reprodução do capital, ao passo que, para Howard, as cidades jardins se dariam através de um sistema administrativo de cooperativas. Percebe-se que o número ideal de habitantes não foi mantido conforme as proposições de Howard, o que sugere que os planejadores tomaram consciência de que as cidades brasileiras possuem dinâmicas e escalas de crescimento bem diferentes da população europeia. A ideia do verde e a presença maciça de amplas avenidas demonstram as modificações e a vinculação urbanística.

No plano inicial a cidade de Maringá foi dividida nas seguintes zonas distintas: a) áreas de armazéns; b) áreas destinadas à implantação de indústrias; c) áreas destinadas à

habitação; d) áreas destinadas ao comércio; e) áreas periféricas de chácaras, compondo o modelo clássico dos projetos da CTNP e o cinturão verde.

Quanto ao parcelamento dos lotes urbanos, as quadras centrais possuem áreas e medidas menores do que as situadas nos bairros fora do centro. Essas áreas menores favoreceram o aumento do número de lotes, os quais se tornaram lotes comerciais. Já nos bairros afastados do centro, os lotes possuem maior largura, sendo apropriados ao uso residencial (CARVALHO, 2000).

Para Carvalho (2000), os lotes que margeiam a ferrovia foram projetados com dimensões apropriadas ao estabelecimento de pequenas indústrias, de prestadores de serviços, de atacadistas e de armazéns. Neste sentido, o plano urbano de Maringá seguiu a orientação planejada pela CMNP, vinculada às suas prestações de serviços junto ao projeto maior de loteamento do Norte do Paraná, até meados da década de 1970. Neste período vivenciamos uma série de mudanças significativas tanto a nível nacional como internacional, alterando as características do crescimento urbano e também a dinâmica da estruturação da rede urbana, que não tinha mais o mesmo ritmo do período da “marcha para o Oeste”. Esse fato contribuiu para a modificação da estrutura interna e do plano urbano, o qual fora construído de acordo com a orientação do zoneamento funcional, passando a predominar o uso e a ocupação do solo urbano através de um processo acelerado de verticalização do espaço maringaense.

Desta forma Maringá surge como exemplo de padrão urbanístico vinculado à ideia de cidade jardim. Para France Luz (1997, p. 47), “Com os dados indispensáveis sobre a topografia, o clima e a vegetação da região, que lhe foram fornecidos pela Companhia, o referido urbanista [Jorge de Macedo Vieira] planejou Maringá de acordo com a mais avançada concepção de cidade existente na época”. Na citação acima se observa que a observação da autora, longe de ser uma avaliação urbanística rigorosa, constitui-se num fortalecimento da imagem publicitária. Essa afirmação leva a reconhecer que um dos propósitos para que tal princípio nasça incorporado ao plano da cidade seria evidenciá-lo como um dos mais modernos e importantes exemplos de planos urbanísticos realizados pela CTNP/CMNP, de acordo com a sua estratégia publicitária.

É neste sentido que a CTNP/CMNP, juntamente com os agentes imobiliários, utilizaram a propaganda para divulgar a imagem da nova cidade que surgia no Norte do Paraná usando expressões pitorescas, como, por exemplo: “Nova Canaã”, “Eldorado”, e “Terra onde se anda sobre dinheiro” (GONÇALVES, 1999, p.118). Essas expressões visavam promover a região que se desbravava.

Diante desta ideia pitoresca “terra onde se anda sobre dinheiro”, a cidade foi produzida dentro da concepção de cidade jardim que teve como objetivo atrair as preferências dos colonizadores das terras colocadas à venda. Neste sentido, a cidade foi sustentada no discurso que a criou. Discurso esse, que incrementou a imagem e a produção do espaço desde a sua formação, ou seja, Maringá surge imbuída de um forte caráter publicitário traduzindo em sua imagem de cidade verde, agradável, eficiente e com serviços disponíveis (**Figuras 31, 32 e 33**).



Figura 31: Vista Parcial do Parque do Ingá.
Fonte: www.maringa.pr.gov.br (acesso em 25/07/2007).



Figura 32: Vista parcial da arborização na Avenida Paraná.
Fonte: www.maringa.pr.gov.br (acesso em 25/07/2007).



Figura 33: Vista parcial do centro de Maringá.
Fonte: www.maringa.pr.gov.br (Acesso em 25/07/2007)

Procura-se desta forma apontar no traçado da cidade e no desenho de sua planta se os sinais das cidades-jardins estão evidentes, pois o projeto urbanístico contemplava, em sua teoria original, ruas arborizadas, praças, parques públicos e particulares, bem como um cinturão agrícola, nele se encontrando as ideias do imaginário de “cidade-verde”, “cidade ecológica” que despontou na década de 1980. É nessa década que este imaginário entra em cena no cenário nacional através do discurso ambiental. Maringá é citada pela mídia pelos seus amplos bosques naturais pelos ipês-roxos, pelos túneis verdes, pelos tapetes de flores das sibipirunas e pelas flores vermelhas do flamboiã (**Figuras, 34, 35, 36**).



Figura 34: Vista parcial do lago Parque do Ingá.
Fonte: www.maringa.pr.gov.br (Acesso 28/07/2007).



Figura 35: Ipês-roxos na Avenida Pedro Taques.
Fonte: maringá.pr.gov.br (Acesso em 28/07/2007).



Figura 36: Ipê-amarelo.
Foto: BOVO, M. C. 2007.

É importante destacar que Jorge de Macedo Vieira, ao planejar a cidade de Maringá, deixou em sua parte central duas reservas nativas situadas no centro da cidade com o formato de pulmões humanos, ou seja, o Parque do Ingá e o Bosque 2 (Parque dos Pioneiros). Essa ideia foi baseada nos projetos de cidades-jardins de Howard. Neste contexto, Vieira¹² (1986) confirma a intenção dos parques na área central de Maringá.

O projeto de Maringá, a curiosidade que se tem é que os parques que eu projetei no meio da cidade, eu projetei aqueles parques com o seguinte sentido: de mostrar às gerações que viessem depois, quando a cidade tivesse construída, o que era Maringá antes da cidade, né? Era uma mata virgem. E de mais a mais são dois pulmões da cidade... Maringá não deve temer a poluição como o resto do mundo, ela já tem dois pulmões. (Boletim 2, Projeto Memória, 1996, p. 18).

Ao projetar a cidade Vieira tinha consigo o ideal preservacionista, ou seja, uma preocupação com a qualidade do ambiente urbano, livre de poluições, e também uma preocupação em preservar essas áreas para as gerações futuras, ideia muito semelhante ao modelo urbanístico de Howard, e é assim que surge a cidade verde com seus parques e praças.

4.4- A Procura de uma Imagem

Para escrever sobre a imagem de uma cidade é necessário fazer uma espécie de investigação referente às diversas formas de representação do espaço geográfico. É neste sentido que a imagem é constituída por representações individuais ou de grupos, pois nada é igual na cidade, e quanto maior for a cidade, maior será a sua diversidade de formas, estruturas e funções. Neste sentido afirma Ladrière:

A apreensão de uma cidade é sempre incorreta, exploratória e nunca acabamos de explorar uma cidade, mesmo quando há muitos habitantes. Há os bairros, que não são familiares,

¹² Publicado no Boletim n. 2 da Equipe Projeto Memória – 1996.

aqueles que conhecemos todas as pedras, todos os pavimentos, todas as portas, todas as casas; mas há também bairros longínquos que figuramos como inacessíveis que permanecem misteriosos, um pouco inquietantes, carregados de sombras e mistérios (1979, p. 167).

A procura de uma imagem depende da apreensão da forma como ela é passada e transmitida; é pensar a totalidade, é estabelecer ligações entre os lugares, é enxergar as contradições existentes no espaço urbano, é ver a cidade enquanto totalidade. Como afirma Ladrière, “só pode aparecer-nos em um lugar não traçado no solo, em um lugar fora da visão de perspectiva, invisível; este lugar invisível que chamamos de imaginário” (1979, p.71).

São várias as formas de avaliar a imagem da cidade, e nossa opção foi relacionar a imagem de Maringá transmitida pelo poder público e pela mídia a partir da década de 1980. Nesse período intensificaram os debates e reflexões entre os diversos segmentos da sociedade, fatos que, independentemente de suas matrizes e propósitos, apontam a necessidade de compreender a interdependência e unicidade da relação entre natureza e sociedade como caminho imprescindível para a superação dos problemas ambientais.

Durante a década de 1980 o prefeito Said Felício Ferreira incluiu em seu programa de governo projetos relacionados com paisagismo e urbanismo, e também elegeu a árvore como símbolo de preservação ambiental. Nesse período Maringá era conhecida como “Cidade Canção”, título que já era considerado ultrapassado e nada trazia de benefício para a cidade. Segundo Paula (1998), Maringá necessitava de algo que remetesse à ideia de preservação ambiental, de ecologia, de qualidade de vida e beleza urbana, e acima de tudo, de um signo memorial capaz de trazer em si uma carga representativa de relações passadas e presentes com a natureza, e que tivesse uma linguagem universal.

Desta forma o símbolo estava presente entre os maringaenses e a ideia de natureza estava ali preservada: as amplas avenidas, ruas, praças e parques encontravam-se verdes e coloridos, a natureza preservada desde muito tempo, e assim, é utilizada a árvore como símbolo que o discurso é difundido entre a população maringaense. Esse imaginário não é algo totalmente alienante, visto que a população usufrui desse imaginário em seu favor, porém em determinados momentos ele acaba seduzindo seus moradores e visitantes, que assim se alienam em relação à realidade ali existente. É importante destacar que esse imaginário ecológico fora implantado em 1949, na época da exploração pela CTNP, e ressurgiu na década de 1980, sob a percepção do prefeito da época, o qual “lembrou” que a árvore poderia amenizar o clima urbano e também mudar a paisagem da cidade. Essa foi a estratégia usada para torná-la ambientalmente preservacionista e transformá-la em um paraíso turístico.

No ano de 1983 o prefeito Said, através da Secretaria da Cultura e Turismo do Município, lança a campanha para escolher o *slogan* para a “cidade verde”. Nesse período a

proposta foi considerada inovadora, pois reuniu os meios de comunicação e as escolas na campanha para a criação do *slogan* que conseguisse expressar a “consciência ecológica” da cidade de Maringá. Após ampla divulgação, o *slogan* vencedor foi: “**Maringá: coração verde do Brasil**”.

Em um dos seus discursos o prefeito Said F. Ferreira (1984) destaca a valorização das qualidades geográficas e humanas da cidade de Maringá e ressalta que:

A natureza é obra do Criador. O Homem, obra prima do universo, dotado de liberdade e razão, podendo aprimorar ou destruir a bela Natureza.

Com um realce de vista, a pessoa sensível percebe fácil atuação do Homem na transformação do meio ambiente e na construção de novas realidades.

Maringá é obra do engenho humano, que se aliou aos seus recursos naturais para um porvir risonho. A verdade é que seu destino é certo e seguro. Dotado de terras especiais e em localização ideal, o homem plantou na mata virgem a bela cidade.

Seus atrativos, sua beleza e encantos, foram multiplicados pela criatividade humana... (PMM,1984).

Na transcrição do discurso do prefeito verificamos que as palavras “Criador”, “Homem” e “Natureza” aparecem com as iniciais maiúsculas, sendo todas colocadas no mesmo nível. Para o prefeito, tanto o Criador como o homem e a natureza “criaram” para que a natureza vivesse em harmonia, ou seja, no “paraíso” que é Maringá. Na realidade, o discurso do prefeito está reafirmando a ideia da CTNP/CMNP na ótica do prefeito e da Companhia. Os homens que plantaram a cidade no meio da floresta são tão criadores quanto o Criador. Para Paula (1998), “o discurso é diretamente dirigido ao “estrangeiro”, àquele que, sendo de outro espaço fora de Maringá, reconheça os encantos que a cidade tem a oferecer e também decida por nela investir” (p.188). Levando em consideração a ideia do discurso, percebemos que é um convite ao investimento empresarial no município, pelas oportunidades que são oferecidas.

A partir deste momento estão lançadas pela população as bases para o *marketing* de Maringá como “cidade verde” e seu imaginário. Neste sentido afirma Baczko:

A influência dos imaginários sociais sobre as mentalidades depende em larga medida da difusão destes e, por conseguinte, dos meios que asseguram tal difusão. Para garantir a dominação simbólica, é de importância do capital o controle dos meios, que correspondem a outros tantos instrumentos de persuasão, pressão e inculcação de valores e crenças. É assim, que qualquer poder procura desempenhar um papel privilegiado na emissão dos discursos que veiculam os imaginários sociais, do mesmo modo que tenta conservar certo controle sobre os circuitos de difusão (1984, p. 313).

A ideia apresentada por Bronislaw Baczo na citação anterior vem ao encontro da proposta lançada pelo município de Maringá, pois a construção simbólica de “cidade ecológica” ocorreu em um espaço social, ou seja, a escola, um dos meios mais eficazes para divulgar a ideia de preservação ambiental. Não obstante, esse espaço serviu de estratégias e interesses do poder político, contribuindo, segundo Paula (1998), para “escamotear a ideia de

desmatamento desmedido promovido pela (re)ocupação do município de Maringá, o qual, mesmo tendo sido idealizado com um cinturão verde, não foi capaz de proteger a cidade da poluição das queimadas na época...” (p.154).

A partir da década de 1980 se intensificam as propagandas desenvolvidas pela Prefeitura do Município de Maringá através de jornais locais, por meio de cartazes e pôsteres distribuídos nos hotéis e agências de viagens que apresentavam a cidade como um lugar paradisíaco. Toda essa propaganda visava ao *marketing* da “cidade verde”.

Neste contexto, algumas propagandas foram desenvolvidas pela Prefeitura do Município de Maringá a partir da década de 1980. Um dos primeiros pôsteres a ser lançado tinha o *slogan* “**Viver Maringá**”. Ele traz a imagem do Parque do Ingá, fotos de jardins, praças, templos religiosos e ruas amplamente arborizadas e o Horto Florestal; porém no interior desse pôster duas imagens estão em destaque: a praça do monumento do desbravador e uma imagem da cidade com a seguinte frase “**Conheça Maringá, A Cidade Verde**”. Este pôster apresenta a cidade de Maringá cercada pelos seus muros “naturais”, colorida e com suas ruas arborizadas, dando a ideia de uma cidade verde e planejada e de qualidade de vida para seus habitantes.

Com o término da gestão do prefeito Said Ferreira, seu sucessor, o prefeito Ricardo Barros, apresenta o próximo pôster com o *slogan* “**Maringá a Opção Pelo Melhor/Option For The Best**”. Este pôster transmite a ideia de que a cidade e o campo estão muito próximos, pois o espaço que os separa é apenas o da plantação de soja. O que nos chama a atenção nesse pôster são as informações direcionadas em dois idiomas: inglês e português. Na contracapa do pôster há o seguinte texto:

Maringá, canção que virou cidade moderna, arrojada, de contrastes. Extensas áreas verdes convivem em perfeita harmonia com o conforto e o planejamento racional, que proporcionam qualidade de vida acima da média.

Cidade cosmopolita, mas que ainda mantém suas extensas fazendas, reservas florestais e sítios que são um refúgio ao alcance da mão. O burburinho do progresso e do desenvolvimento acelerado são abafados pelo verde da paisagem. As fábricas fundem-se com os campos. A paisagem bucólica dos arredores da cidade é um contraposto à agitação de 350 mil pessoas, que compram, trabalham e fazem de Maringá um dos centros regionais mais importantes do país.

Maringá é assim. Ao mesmo tempo uma usina do progresso e um oásis de tranquilidade (Folder PMM, 1990).

Ao analisar a citação anterior verificamos que o discurso apresentado é dirigido ao público visitante, e o convite a usufruir de um paraíso bucólico nos remete à uma ideia tentadora, pois coexistem o progresso e a tranquilidade das áreas verdes. Outro ponto a destacar é que, ao ler o texto, é levado a crer na existência harmoniosa entre as fábricas e as paisagens bucólicas. Aqui o verde está associado à ideia de progresso. No interior do pôster

são apresentadas informações de agências turísticas, bancárias, de transporte aéreo e rodoviário, locadoras de automóveis, principais pontos de táxi, cinemas, *shoppings*, pronto socorro, relações de restaurantes e casas noturnas, etc. Toda a informação contida no fôlder permite ao leitor formar uma imagem da cidade de Maringá, em que se harmonizam o concreto das edificações e o verde, oferecendo o conforto e as tecnologias disponíveis e garantindo tranquilidade, beleza e segurança aos seus visitantes.

A imagem publicitária utilizada pelo Poder Público foi muito forte e dominadora, e transmitia aos cidadãos a ideia de uma cidade planejada e sem problemas. Nela se utilizam imagens belas, dando a noção de um paraíso que sobreviveu acompanhado do progresso. A “cidade verde” é o paraíso perfeito para as férias e o lugar apropriado para a aquisição de propriedades longe dos grandes centros poluidores.

A Prefeitura Municipal de Maringá, através da RCA- Vídeos produções, elaborou o vídeo chamado “Maringá, 50 anos – Um Mergulho no Paraíso Verde”. A sequência de imagens das ruas e avenidas em movimento apresentada no vídeo nos dá a sensação de velocidade. À medida que as imagens apresentam os parques da cidade, o movimento se torna mais lento, conduzindo o espectador a uma ideia de tranquilidade. A imagem transmitida é de uma cidade preservacionista e ecológica, e por trás dela há uma verdadeira apologia da cidade verde. As transformações ocorridas no espaço urbano maringaense aparecem de forma tênue, como representantes do desenvolvimento econômico da região e da integração com outras áreas do país. Tudo passa a ideia de um verdadeiro paraíso, onde o verde é o integrador do progresso e da preservação ambiental.

A imagem publicitária nunca esteve dissociada das políticas para o Norte do Paraná, e no final da década de 1990 a campanha publicitária sobre Maringá intensificou-se, gerando um planejamento estratégico e fazendo com que os discursos publicitários se tornassem um modelo para o planejamento empresarial, no qual as cidades estão submetidas às condições e desafios de uma empresa. Os governos neoliberais e os grandes empresários veem a cidade como se fosse uma empresa, e nesse sentido é necessário que regras sejam estabelecidas ao discurso veiculado na propaganda.

No ano de 1999 Maringá foi comparada a Dallas (EUA) em uma reportagem da revista *Veja*:

(...) um desejo mal disfarçado dos moradores dessa espécie de capital do noroeste do Paraná: ser uma extensão do Texas ou da Califórnia no Brasil. Maringá não tem o interesse em imitar o destino das grandes capitais brasileiras. Maringá está mais perto do Texas que do Brasil. É o que mostram os índices sócio-econômicos... (LIMA. M. In. **REVISTA VEJA**, N. 20, 1999, p. 16).

Lima (1999), ao usar a imagem americana como desejo dos moradores, mostra o discurso construído, ou seja, um consenso entre os cidadãos que depreciam a sua própria cultura, para os quais o que importa é o sucesso da cidade como empresa, em que não se admitem conflitos. É importante destacar que os moradores ficam deslumbrados por terem a sua cidade comparada a grandes centros urbanos, pois as propagandas estimulam o orgulho de ser maringáense e viver em uma cidade verde. Por outro lado há moradores que acreditam naquilo que dizem as reportagens e não contestam os fatos inverídicos existentes nas entrelinhas, como o verificado no seguinte trecho da reportagem “... não espere encontrar cinemas e teatros por todo o lado. Na hora da diversão, são outras atrações que fazem a festa dos habitantes. Existem três grandes eventos na agenda anual da cidade: um rodeio, uma feira agrícola e a escolha da Garota Country...” (LIMA, 1999, p. 16).

Neste contexto, a reportagem não menciona em nenhum momento a grande comunidade japonesa, com sua etnia, tradição cultural e com seus espaços construídos. Desta forma concluímos que há um esquecimento e o que importa é a imagem texana, uma vez que a oriental é totalmente contrária ao discurso.

Por esta ótica, Maringá torna-se uma mercadoria a ser vendida e o *marketing* urbano desempenha um papel importante, pois outras cidades também estão à venda. Para Vainer (2000), ao “vender” uma cidade é preciso saber o que se põe à venda que pode ir além de espaços de convenções até segurança. No caso de Maringá, o que se vende é a imagem da cidade verde, de centro regional, de qualidade de vida, de segurança, sucesso empresarial, da circulação de mercadoria e do Novo Centro¹³.

Essa imagem é repetida nos órgãos públicos, como pode ser verificado na transcrição abaixo de KIOURANIS & TEIXEIRA.

O vertiginoso progresso de Maringá acontece harmoniosamente sem perder suas características de cidade projetada, onde a consciência pela preservação da natureza, impõe como se pode notar pela sua farta arborização que proporciona um festival de cores todos os meses do ano. Nesta cidade moderna e arrojada extensas áreas verdes convivem em perfeita harmonia com o conforto e o planejamento racional que proporcionaram qualidade de vida acima da média (KIOURANIS & TEIXEIRA. 2000, p. 5).

Para as autoras, os órgãos públicos procuram passar uma imagem de convencimento, positiva e atraente para os grandes investidores, ou seja, a imagem de cidade sem problemas socioambientais.

¹³ O nome Novo Centro não é o mais adequado para explicar as transformações desta área, pois não se trata da criação de um centro novo, mas da incorporação desta região vizinha ao centro tradicional. Negri (1997) e Negri e Mendes (1998), fazendo uma crítica ao nome escolhido do projeto, chamam a área de “falso Novo Centro”. Os autores questionam a ideia de criação de um novo centro, e consideram a ideia falsa, pois, para eles, o que está ocorrendo é a incorporação da área pelo pela expansão do centro tradicional.

Anos depois, em 2005, chama-nos a atenção uma outra reportagem, intitulada “Do Velho Oeste ao Paraíso” veiculada em nível nacional pela Revista Época. Vejamos na transcrição a seguir da imagem de cidade verde:

Viver num lugar tranquilo, onde se sai à noite sem medo, as crianças brincam na rua e podem ir à escola de ônibus, é um sonho de toda a família de cidade grande. Refúgios assim ainda existem no Brasil. Uma pesquisa inédita feita pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), que Época divulga com exclusividade, mapeou o país à procura das cidades mais seguras e também das mais violentas. Cruzando dados oficiais, os pesquisadores criaram um índice que mede o risco de uma pessoa a ser assassinada nos municípios com mais de 300 mil habitantes. Maringá, no rico noroeste do Paraná, lidera o ranking de tranquilidade. Serra, nos arredores de Vitória, é a campeã de violência (CLEMENTE, I. In **REVISTA ÉPOCA**, 04/04/2005, p. 75-77).

O texto da reportagem apresenta a ideia de competitividade que se encontra presente entre as cidades com mais de 300 mil habitantes, mostrando um *ranking* entre elas. No caso de Maringá, esses índices justificam-se pela inexistência de favelas, já que a população mais carente reside nos municípios periféricos, como Paiçandu e Sarandi, cidades conurbadas a Maringá. Para Vainer (2000), no planejamento estratégico admite-se apenas uma demanda solvável, os pobres estão do lado de fora, porque comprometem a atratividade da cidade tanto do ponto de vista do concreto quanto da imagem que é transmitida. Na mesma reportagem de Clemente (2005, p. 77), o autor evidencia a ordem desejada, através de denúncias.

... a Prefeitura não autoriza construções em locais sem infra-estrutura completa, o que inibe a formação das favelas. Ao menor sinal de um aglomerado, a população denuncia e a prefeitura age. A sociedade civil, por sua vez, cobra o tempo todo. Semanalmente empresários se reúnem para discutir as carências de Maringá, procurando definir propostas para encaminhar ao poder público contra a violência (CLEMENTE, I. In **REVISTA ÉPOCA**, 04/04/2005, p.77).

Pela citação acima pode-se verificar que os empresários decidem sobre a cidade, a sociedade civil tem o papel de denunciar e a prefeitura age. Em Maringá o *marketing* “cidade verde”, “cidade ecológica”, é mantido pelo poder público, por empresários do ramo imobiliário e pela própria população. “Maringá, ao contrário, parece um pedaço do paraíso, quando comparada à maior parte das cidades brasileiras”, afirma Clemente (2005).

Dessa forma, é compreensível a aceitação do discurso oficial do poder público sobre a sua arborização, o qual passa a ser reproduzido pela população. O *slogan* de “cidade verde” traduz a representação social da harmonia socioambiental em seu espaço urbano, na medida em que esta é favorecida pela estrutura espacial da cidade, que apresenta amplas ruas, avenidas, praças e parques arborizados.

Outro ponto a destacar se refere à legislação ambiental, que desde a década de 1960 é marcada por algumas medidas importantes no tocante à política ambiental do município. Entre essas medidas destacamos: a preocupação com o problema do aproveitamento do lixo urbano, manifesta na Lei Municipal n.º 420/65, que autoriza a abertura de concorrência

pública para o aproveitamento do lixo coletado; a criação do 1º Plano Diretor, através da Lei Municipal n.º 621/68; a criação do serviço de abastecimento de água através da CODEMAR (Companhia de Desenvolvimento de Maringá); a erradicação da favela que estava sendo formada na Zona 2, com o objetivo de evitar focos de violência e miséria; o desenvolvimento de projetos de saneamento básico; e a política de atrair indústrias. Todas essas medidas contribuíram para Maringá receber o título “*Maringá uma visão de Futuro, preocupada com a qualidade de vida da população*”.

No final da década de 1960 ocorreu um dos maiores impactos da época: um incêndio de grandes proporções, que devastou grande parte da vegetação nativa existente no Parque do Ingá. Para a sua recuperação utilizaram-se espécies retiradas do Horto Florestal, pertencente à Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.

Já na década de 1970 as iniciativas e as preocupações com a cidade de Maringá se ampliaram e foram tomadas as seguintes medidas: a urbanização do Bosque 1, que na época era conhecido como Parque Dr. Etelvino Bueno de Oliveira e pela Lei n.º. 880/71 passou a se chamar Parque do Ingá; desenvolvimento de infraestrutura no setor de água e esgoto; ampliação e modernização da estação de tratamento de água; recuperação de equipamentos na estação de captação do Rio Pirapó; criação do lixão com uma área de 10,77 alqueires; criação da Lei n.º. 1213/78, que institui o Conselho Municipal de Combate à Poluição e de Defesa do Meio Ambiente. Entretanto, os maiores impactos ocorreram no Bosque 2, ou Parque dos Pioneiros, onde foi construída uma pista de *motocross* no interior da mata nativa, e também a devastação de uma grande área do mesmo parque para a construção da Avenida Juscelino Kubtschek de Oliveira (Perimetral Sul).

Também na década de 1970 foram feitas algumas alterações e propostas quanto ao planejamento urbano de Maringá, entre as quais se destacam: o estabelecimento de normas para a construção de ruas e avenidas, que deveriam respeitar sempre o projeto original; a ampliação do perímetro urbano com uma área de 12.800,00 hectares; integração entre os loteamentos e o sistema viário original da cidade; levantamento aerofotogramétrico, para possibilitar um arruamento mais preciso para a cidade.

Com todos esses avanços na década de 1970, Maringá foi reconhecida como a cidade mais desenvolvida do Estado do Paraná, e entre 500 municípios brasileiros obteve a 44ª posição em pesquisa realizada pela “Revista Dirigente Municipal”, do Grupo Visão, intitulada “Os 500 Municípios mais Desenvolvidos do País” no ano de 1979. Essa revista utilizou como indicadores de análise a renda *per capita*, o abastecimento e o meio ambiente.

Na década de 1980 os dirigentes do município de Maringá, mediante um planejamento mais sistematizado, criaram uma série de mecanismos que contribuíram para a política ambiental e para o planejamento urbano do município. Entre as medidas neste sentido estão: a transferência do serviço de abastecimento de água para o Estado, através da Sanepar, que assumiu toda a responsabilidade pelo abastecimento e pela manutenção da rede de esgoto municipal; a Lei Municipal 1715/83, que disciplina o descarte de resíduos infecto-contagiosos; a aquisição de duas usinas de reciclagem, para cuja concretização a lei 1759/84 autorizou a liberação dos recursos necessários, mas somente uma foi instalada, na Zona Sul; a arborização pública começa a receber investimentos e direcionamento quanto à poda.

Também na década de 1980 foi criada a lei 1735/84, que tem como objetivo determinar que pelo menos 35% das áreas de loteamento devem ser constituídas de um sistema de circulação, implantação de equipamentos urbanos comunitários e espaços livres comuns, além de infraestrutura básica, arborização de passeios e canteiros centrais de ruas e avenidas.

No ano de 1988 foi implantado no setor norte da cidade, através da Lei Municipal 016/88, o Parque Alfredo Werner Nyffeler, resultante do processo de recuperação de um terreno com grande processo erosivo e degradação ambiental (deposito de lixo urbano).

Já na década seguinte ampliaram-se as discussões referentes aos problemas ambientais, e o município de Maringá adotou uma série de medidas de proteção e conservação de seu ambiente, entre elas: os planos de manejo do Parque do Ingá e do Parque dos Pioneiros (Bosque 2); as metas para a proteção ambiental do manancial do Rio Pirapó para combater a poluição e a erosão; a instituição do Conselho Municipal de Defesa e Meio Ambiente – COMDEMA, através da Lei Municipal n.º 2.948/91; a criação do Programa de Educação Ambiental no interior o Parque do Ingá; a elaboração da lei n.º 3.513/93, que criou três novos parques (Parque Ecológico Municipal do Guaiapó, Parque Ecológico Municipal das Palmeiras e o Parque Ecológico das Perobas; implantação do ICMS ecológico dos seguintes parques, em virtude de serem unidades de conservação: Parque do Ingá, Parque Florestal dos Pioneiros, Recanto Borba Gato, Parque Municipal do Guaiapó, Parque Florestal das Perobas, Parque Florestal das Palmeiras, Parque Florestal do Sabiá e Parque do Cinquentenário; criação da Lei Complementar n.º 09/93, que regulamenta a política de proteção, controle conservação e recuperação do meio ambiente; fundação de uma escola de jardinagem, através da Lei n.º 4.434/94, ficando sob responsabilidade de uma ONG denominada FUNDAMA (Fundação do Meio Ambiente de Maringá).

Na segunda metade da década de 1990 as discussões se ampliaram e outros mecanismos foram elaborados, entre eles a criação do Fórum Permanente Para a Proteção e Recuperação do Meio Ambiente de Maringá, através da Lei Municipal n.º 4.486/97, que tem por objetivo congrega entidades e pessoas, promovendo discussões para a elaboração de propostas ao poder público municipal para a execução do planejamento urbano e rural do município, além de realizar a política de preservação ambiental estabelecida em leis, tratados e convenções internacionais e elaborar a Agenda 21 local.

Neste mesmo período foram criadas as seguintes leis municipais: Lei n.º 4.406/97, que instituiu o Programa Natureza Viva, com objetivo de coletar, armazenar e destinar pilhas, acumuladores de bateria utilizados ou descartados aleatoriamente, a fim de evitar danos ao meio ambiente; a Lei n.º 4.723/98, que criou o Programa Patrimônio Verde, o qual determina que a cada dois anos o município realize o levantamento e atualização do índice de área verde por habitante; a Lei n.º 261/98, que se refere à proteção dos lençóis freáticos, das águas dos rios e córregos tanto localizados no perímetro urbano quanto na zona rural, estabelecendo as condições para armazenamento, transporte de combustíveis, lavagem de veículos, máquinas, equipamentos e peças; o Decreto Municipal 35/98, que regulamenta a licença ambiental para construção, localização e funcionamento das atividades industriais, comerciais e prestação de serviços; a Lei Complementar n.º 218/97, que regulamenta o controle e a fiscalização das atividades que geram poluição sonora na cidade, estabelecendo as zonas de ruídos e as penalidades; e a Lei n.º 331/99, que dispõe sobre o uso e ocupação do solo no município, disciplinando o uso do solo urbano.

A década de 1990 ficou marcada pelo grande avanço obtido na política ambiental municipal de Maringá, com a elaboração de inúmeras leis, decretos e propostas. Provavelmente isso ocorreu em virtude da ECO-92, realizada no Rio de Janeiro, a qual acabou atribuindo aos municípios a responsabilidade de preservação do meio ambiente local. Porém percebemos que a legislação ambiental tem garantido a Maringá o título de preservadora do ambiente e da qualidade de vida, enquanto na prática nem sempre isto não se verifica. A título de informação, merece destaque a reportagem veiculada na Revista Veja em 19/05/1999, com o título “Dallas no Paraná”, colocando Maringá como uma das cinco cidades brasileiras de maior “pujança e qualidade de vida” do país, sendo comparada a Dallas, no Texas – EUA.

Iniciamos a primeira década do século XXI com uma imagem bem positiva de Maringá, e novas diretrizes foram traçadas, entre as quais destacamos a realização do I Fórum Ambiental, que teve como proposta promover discussões sobre as questões ambientais e

mobilizar a cidade em reconstituir o Conselho Municipal de Meio Ambiente, bem como a sua atuação. Neste fórum foram identificados e avaliados os principais problemas ambientais referentes à vegetação, aos resíduos sólidos, à política ambiental, à educação ambiental, SOS recursos hídricos e à fauna.

Ao longo deste capítulo apontamos uma discussão referente à imagem da cidade verde, transmitida pelos políticos, empresários e empreendedores imobiliários e pela ação da mídia sobre o ideário construído. Diante das ponderações apresentadas percebemos o belo, o atraente modelo de cidade ideal com suas áreas verdes em plena harmonia com a natureza preservada, com suas belas praças, seus magníficos parques, com os lindos ipês floridos e suas amplas avenidas e ruas arborizadas. Passa-se a imagem de que tudo é maravilhoso em Maringá e de que a cidade caminha dentro da modernidade em plena harmonia, em que o homem e a natureza vivem em sincronia, embora se apresentem alguns problemas ambientais que não chegam a comprometer totalmente a ideologia do verde.

Na tentativa de apresentar questionamentos referentes às áreas verdes urbanas de Maringá, **Capítulo V**, “Diagnóstico das Praças e Parques Urbanos de Maringá”, apresenta a análise e o diagnóstico geral das 104 praças, 09 parques e do Cemitério Parque que foram pesquisados no município de Maringá. Neste sentido, o capítulo apresenta uma análise e levantamento das estruturas e dos equipamentos existentes em cada praça maringaense, seguidos do levantamento quantitativo e qualitativo da vegetação das praças. Na seqüência será apresentado o estudo detalhado de cada praça, destacando seus aspectos gerais, sua estrutura tanto interna como externa - a interna, referente ao imobiliário existente e às condições da vegetação, e a externa, referente à relação existente com o entorno e a sua forma na malha urbana.

Na segunda parte deste capítulo, denominada “Os Parques Urbanos de Maringá”, far-se-á uma análise e diagnóstico de 09 parques e do Cemitério Parque, destacando as suas características naturais, ambientais e sua infraestrutura. Será feita análise individualizada de cada área, destacando sua infraestrutura, as condições da formação vegetal e seus impactos ambientais, e a seguir, a apresentação de proposições. Tanto a segunda parte como a primeira são seguidas de várias figuras, que proporcionam ao leitor uma visão precisa da imagem de cada logradouro maringaense pesquisado, bem como sua distribuição espacial pela malha urbana de Maringá.

Capítulo V

Diagnóstico das praças e parques urbanos de Maringá



Atualmente o crescimento contínuo das áreas urbanizadas vem provocando modificações na sua paisagem, comprometendo a qualidade do meio físico. Esse crescimento, tanto horizontal como vertical das cidades, ocorre em detrimento da qualidade dos recursos naturais (solo, água, ar, etc.) e das áreas verdes. Todas as necessidades humanas deveriam estar inseridas nesse planejamento, porém na sociedade burguesa as preocupações econômicas constituem o tema principal da investigação humana, e todas as outras considerações são secundárias (LEFEBVRE, 1969). Marcus e Detwyler (1972, p.15) também destacam que, “tradicionalmente os fatores econômicos têm decidido o uso da terra sem levar em consideração os fatores ecológicos”.

Desta forma iniciamos este capítulo, que tem como propósito apresentar um diagnóstico das praças e parques urbanos da cidade de Maringá e do Cemitério Parque, fazendo menção à Lei Federal n.º 10.257, de 10 de julho de 2001, também conhecida como Estatuto da Cidade, considerada hoje uma das mais importantes para o planejamento, pois estabelece as diretrizes para o uso da propriedade urbana em prol do bem coletivo, da segurança, do bem-estar dos cidadãos e do equilíbrio ambiental (art. 1º, parágrafo único).

De acordo com o Estatuto da Cidade, a política urbana deve ter como objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e da sua propriedade mediante as diretrizes gerais, entre elas a de garantir às cidades o direito à sustentabilidade (Art. 2º, Inc I) e ao planejamento de seu desenvolvimento, de modo a evitar as distorções do crescimento urbano e seus efeitos negativos sobre o meio ambiente (Art. 2º, Inc.IV).

Neste contexto, é importante destacar que sua política deve garantir o direito ao ordenamento e controle do uso do solo de forma a evitar a poluição e degradação ambiental (Art. 2º, Inc. VI), a adoção de padrões de produção e consumo e de expansão urbana compatíveis com os limites de sustentabilidade ambiental (Art. 2º, Inc. VIII) e a proteção, preservação e recuperação do meio ambiente natural e construído (Art. 2º, Inc. XII).

Quanto à qualidade ambiental das cidades, o Estatuto aponta como diretrizes dessa política a garantia da oferta de equipamentos urbanos e comunitários adequados aos interesses e necessidades da população (Art. 2º Inc. V) e a ordenação e controle do uso do solo, de forma a evitar o seu parcelamento a edificação, ou o uso expressivo e inadequado da infraestrutura urbana (Art. 2º Inc. VI).

As proposições apresentadas pelo Estatuto da Cidade nos levam a refletir sobre o “equilíbrio ambiental”, as “cidades sustentáveis”, os “efeitos negativos sobre o ambiente urbano”, a “poluição e degradação ambiental dos espaços públicos”, a “proteção, preservação

e recuperação do meio natural”, entre outros aspectos presentes no Estatuto. Esses temas são pertinentes à discussão do “verde urbano”, o qual, apesar de sua importância, vem sendo muitas vezes negligenciado no planejamento de muitas cidades. É importante destacar que a vegetação extrapola um valor meramente sentimental e estético (MONTEIRO, 1976), desempenhando um papel importante nas áreas urbanizadas no que se refere à qualidade ambiental (LOMBARDO, 1990).

Diante dos questionamentos apresentados anteriormente, pretendemos realizar uma análise referente à atual situação das praças e dos parques urbanos da cidade de Maringá e do Cemitério Parque, na qual apresentaremos os resultados de um levantamento quantitativo e qualitativo dos equipamentos, das estruturas e da vegetação. Esse levantamento, feito de forma sistemática, propiciará o conhecimento da real situação de cada um desses espaços verdes, além de fornecer subsídios através da obtenção de informações que permitam a tomada de decisões relativas a essas áreas verdes conforme as necessidades de cada bairro ou região da cidade.

A pesquisa pretende contribuir para o planejamento continuado de uma política para o setor, pois de posse dessas informações o planejador terá uma visão clara sobre a situação das praças e parques da cidade, permitindo-lhe elaborar os projetos de implantação ou manutenção em consonância com a comunidade e com o poder público. Dessa forma será possível dispor desses espaços livres na cidade não só como um fragmento ou retalho do desenho urbano, mas sim, como espaços onde o cidadão possa vivenciar seu tempo de lazer, ou simplesmente ficar na praça ou parque. É neste contexto, que destacamos as contribuições ecológicas, estéticas e sociais decorrentes da existência dos elementos naturais na minimização dos impactos resultantes das atividades humanas.

5.1 Analisando as Praças de Maringá

As praças constituem uma das unidades urbanísticas essenciais para a vida urbana. Nas cidades ocidentais elas são mesmo imprescindíveis, em face do papel que desempenham na vida social das diversas sociedades nas quais se inserem. O modo como são tratadas e o uso que lhes é dado pela população indicam claramente o nível de criatividade de uma determinada cidade, bem como o exercício dos direitos e deveres de cidadania.

Quanto às suas funções, historicamente, elas eram um espaço cívico destinado à realização de discursos e espetáculos, à execução de condenados à morte, à contemplação de

prédios importantes, ao encontro de pessoas e ao lazer, e locais onde se colocavam as estátuas e os monumentos.

As praças maringenses perfazem o total de 104, (**Quadro 02**), e encontram-se distribuídas por toda a malha urbana. Em alguns casos exercem várias funções e em outros estão isoladas como se não tivessem nenhuma utilidade para a população maringense. Cabe destacar no início desta discussão que há duas praças de grande representatividade: a Praça Deputado Renato Celidônio (**Figura 37**) e a Praça da Catedral (**Figura 38**). Na primeira está o centro político-administrativo, formado pelo paço municipal e o fórum, e, na segunda, a Praça da Catedral, localiza-se o ponto turístico de maior representatividade da cidade, a “Catedral Basílica Menor Nossa Senhora de Glória”. Partindo desse contexto e da importância das praças para a cidade de Maringá, procuramos fazer um estudo detalhado desses espaços públicos através de um “olhar geográfico”.

Quadro 02: Relação das Praças de Maringá – Pr

N °	PRAÇA	LOCALIZAÇÃO	BAIRRO
01	Sete de Setembro	Avenida Brasil/Avenida 19 de Dezembro	Zona 04 e 05
02	Rocha Pombo	Avenida Brasil/Avenida Pedro Taques	Zona 01 e 03
03	Raposo Tavares	Avenida Brasil/ Avenida Getúlio Vargas	Zona 01
04	Emiliano Perneta	Avenida Brasil/Avenida Riachuelo	Zona 03
05	Napoleão Moreira da Silva	Avenida Brasil/ Avenida Duque de Caxias	Zona 01
06	Presidente Kennedy	Avenida XV de Novembro/Avenida Parigot de Souza	Zona 01
07	José Bonifácio	Avenida Brasil/ Avenida Cidade de Leria	Zona 01 e 04
08	Largo General Osório	Avenida Brasil/ Rua Antônio Octávio Scramim	Zona 06
09	Largo Pioneiro José Inácio da Silva	Avenida Brasil/ Rua Antônio Carniel	Zona 06
10	Rotary Internacional	Avenida Brasil/Avenida Dom Manuel Silveira D’Elboux	Zona 05
11	Geofrey Wild Diment	Avenida Brasil/ Avenida Luiz Teixeira Mendes	Zona 05
12	21 de Abril	Avenida Luiz Teixeira Mendes/ Avenida dos Andradas	Zona 05
13	Senador Aylon de Souza Naves	Avenida Brasil/ Avenida Dr. Gastão Vidigal	Zona 03 e 08
14	Aeroporto	Antigo Aeroporto/ Avenida Brasil	Zona 08
15	Amábile Giroldo	Avenida Humaitá/ Luiz Teixeira Mendes	Zona 04
16	Pio XII	Avenida Euclides da Cunha/ Avenida Pio XII	Zona 05
17	Expedicionários	Avenida Rio Branco/ Avenida Luiz Teixeira Mendes	Zona 04 e 05
18	Manuel Ribas	Avenidas Tiradentes/ Avenida Curitiba	Zona 04
19	Sertões	Avenida Euclides da Cunha/ Rua Nilo Peçanha	Zona 04
20	Lions	Avenida Euclides da Cunha/ Rua João	Zona 04

		Alfredo	
21	Vereador Malaquias de Abreu	Avenida João XXIII/ Rua Martin Afonso	Zona 02
22	Catedral	Avenida Tiradentes/ Avenida Papa João XXIII	Centro
23	Ministro Antônio Oliveira Salazar	Avenida Papa João XXIII/ Rua Tomé de Souza	Zona 02
24	Pedro Álvares Cabral	Avenida Cerro Azul/ Rua Santa Maria	Zona 02
25	Todos os Santos	Avenida Cerro Azul/ Avenida Juscelino K. de Oliveira	Zona 02
26	Deputado Heitor Alencar Furtado	Avenida Carlos Borges/ Avenida Nildo Ribeiro da Rocha	Jardim Iguaçú
27	Praça Luiz Gonzaga	Avenida Nildo Ribeiro da Rocha/Avenida Joaquim Duarte.	Jardim Higianópolis
28	Nilza de Oliveira Pipino	Avenida Cerro Azul/ Avenida Nildo Ribeiro Oliveira	Vila Emilia e Vila Marumbi
29	Henrique Fregadoli	Avenida Dr. Gastão Vidigal/ Avenida Nildo Ribeiro da Rocha	Parque da Gávea
30	Zumbi dos Palmares	Rua José Fernandes/ Rua José Carlos Filho	Santa Felicidade
31	Vereador Eurico Vieira Guido	Rua Amazonas/ Rua Paraíso	Vila Marumbi
32	Naturalista Augusto Ruschi	Rua Flamengo/ Rua Pioneiro Alberto Biazzon	Jardim Tabaete
33	Jitsuji Fujiwara	Avenida Gastão Vidigal/ Rua Cambira	Jardim Vila Rica
34	Salgado Filho	Avenida Dr. Gastão Vidigal/ Rua Nova Esperança	Zona 08
35	Américas	Rua Cambé/ Ruas São Cristóvão	Zona 08
36	Pioneiro Fiori Progiante	Avenida Laguna/Avenida Riachuelo	Vila Operária
37	Pioneiro Olímpio Forcelli	Rua Mitsuzo Taguchi/ Rua Olanda	Jardim Internote
38	Sagrado Coração de Jesus	Avenida São Domingos/ Rua Val Paraíso	Vila Morangueira
39	Sargento Francisco Cruz Martins	Avenida Alziro Zarur/Avenida Sabia	Ney Braga
40	Pioneiro Bento de Freitas da Silva	Avenida Guaiapó/ Avenida Sophia Rasgulaeff	Residencial Tuiuti
41	Elídio Neto Laranjeira	Rua Rio Manso/ Rua Rio Encantado	Jardim Novo Oásis
42	Independência	Avenida Franklin D. Roosevelt/ Rua Chile	Jardim Alvorada
43	Maestro Aniceto Matti	Avenida Franklin D. Roosevelt/ Avenida Lucílio de Held	Jardim Alvorada
44	Professor Ester G. Josepetti	Avenida Franklin D. Roosevelt/ Rua Vitor Amaral	Jardim Alvorada
45	Professor Ary de Lima	Avenida Pedro Taques/ Avenida Franklin D. Roosevelt	Jardim Alvorada
46	Pioneiro Galileu Rigon	Avenida Franklin D. Roosevelt/ Rua Visconde de Mauá	Jardim Alvorada
47	Vila Rica	Avenida Sophia Rasgulaeff/ Avenida Morangueira	Jardim Alvorada
48	São Vicente	Avenida Pedro Taques/ Avenida Sophia Rasgulaeff	Jardim Alvorada

49	Professora Rachel D. P. Pintinha	Avenida Sophia Rasgulaeff/ Rua Ivan Pavilov	Jardim Alvorada
50	Vicente Simino	Rua Vitor do Amaral/ Rua Ana Neri	Jardim Alvorada
51	José Bertoni	Avenida Sophia Rasgulaeff/ Rua Ana Neri	Jardim Alvorda
52	Ouro Preto	Avenida Sophia Rasgulaeff/ Avenida Morangueira	Jardim Alvorada
53	Farroupilha	Avenida Pedro Taques/ Avenida Dr. Alexandre Rasfulaeff	Jardim Alvorda
54	Santo Antônio	Rua Vereador Joaquim P. Castro/ Rua Aristides Lobo	Vila Santo Antônio
55	Vereador Osvaldo de Oliveira	Rua Aristides Lobo/ Rua São Pedro	Zona 7
56	Júlio Jerônimo dos Santos	Avenida São Paulo/ Avenida Colombo	Zona 7
57	Mons. Bernardo Cnudde	Avenida Pedro Taques/ Rua Floriano Peixoto	Zona 7
58	Largo Júlio Carmo Esteves	Avenida São Paulo/ Avenida XV de Novembro/ Avenida Anchieta	Zona 01
59	Regente Feijó	Avenida Riachuelo/ Avenida Paiçandu	Zona 01
60	Largo Irineu Murazi	Rua Néo Alves Martins/ Avenida Laguna	Zona 01, 02 e 03
61	Santa Izabel	Rua Jalbas R. Alves/ Rua Virginio Acelino Cardoso	Vila Santa Isabel
62	Cidade de Brésicia	Rua Nossa Senhora da Glória/ Rua Jaboticaba	Jardim São Jorge
63	Pioneiro Jacinto Ferreira Branco	Avenida Mandacaru/ Avenida Alziro Zarur	Vila Vardelina
64	Atleta Reinaldo G. Bittencout	Avenida Mandacaru/ Avenida Dr. Alexandre Rasgulaeff	Parque das Laranjeiras
65	Arnaldo Armstrong de Oliveira	Avenida Pintassilgo/ Avenida Sabiá	Ney Braga
66	Raphaela Name Lucchesi	Avenida Naihma Name/ Rua Ema	Jd. Olímpico
67	Antônio Laurentino Tavares	Avenida dos Palmares/ Rua José Chris Capinan	Jardim América
68	Capela	Rua Julio Mesquita/ Rua Márcia Mendes	Jardim América
69	Londrina	Avenida dos Palmares/ Rua Esmeraldo Leandro	Jardim América
70	Pioneiro Julio Ribeiro Vilella	Avenida Osires S. Guimarães/ Avenida Sophia Rasgulaeff	Conjunto Itatiaia
71	Glória	Rua Carlos Poppi/ Rua 7 de Setembro	Jardim da Glória
72	Pioneira Thereza R. B. Covre	Avenida Guaiapó/ Avenida Jironku Kubota	Jardim Pinheiros
73	Altino Cardoso	Avenida Morangueira/ Avenida Kakogawa	Zona 29
74	Ary Barroso	Avenida Carlos Correia Borges/ Rua Santa Joaquina de Vedruna	Zona 5
75	Largo Duque de Caxias	Avenida Paraná/ Avenida Nobrega	Zona 4
76	Emílio Farjado Espejo	Avenida Kakogawa/ Américo Belay	Resid. Quebec
77	Megumi Tabaka	Avenida Kakogawa/ Avenida das Grevíleas	Parque das Grevíleas
78	Palmeiras	Avenida São Judas Tadeu/ Avenida das	Parque das

		Palmeiras	Palmeiras
79	Bandeiras	Rua Seringueira/ Rua Ébano	Parque das Bandeiras
80	Nossa Senhora Aparecida	Rua Múcio Leão/ Cecília Meireles	Vila Esperança
81	São Benedito	Rua Primavera/ Viela 1	Vila Esperança
82	Renato Celidonio	Avenida XV de Novembro/ Avenida Tiradentes	Centro
83	Olinda	Rua Buenos Aires/ Rua Jinroku Kubota	Jd. Alvorada
84	Professora Nadir Aparecida Cancian	Rua Evaristo da Veiga/ Avenida Beto Munhoz da Rocha Neto	Zona 7
85	Vereador Miguel de Oliveira	Maria Paulina Palma/Rua Rio San Martin	Conjunto Requião
86	Juiz Fernando Antônio Vieira	Avenida Osires Stenguel Guimarães/ Rua Jairo Mesquita	Jardim América
87	Largo Inocente Vila Nova Jr.	Avenida João Paulino Vieira Filho/ Avenida Prudente de Moraes	Novo Centro
88	Vitor Rodrigues Martins	Avenida Mandacaru/ Avenida da Palmeiras	Jardim Paris
89	Waldemar Pulzatto	Av. das Torres/ Av. José Alves dos Santos	Jardim Brasil
90	Yamaguchi	Avenida Paranaíba/BR 317	Zona 6
91	Bandeira	Avenida Paranaíba/ Rua dos Cafezais	Zona 6
92	Emigio de Brito	Avenida Dr. Alexandre Rasgulaeff/ Avenida São Judas Tadeu	Jardim Imperial II
93	Sem Denominação (A)	Marginal Contorno Norte/ Avenida Abelardo J. Cruz	Conjunto Itaparica
94	Sem Denominação (B)	Rua Guruaia/Saulo Porto Virmond	Jardim Novo Horizonte
95	Sem Denominação (C)	Avenida Américo Belay/Avenida Franklin Delano Roosevelt	Parque Avenida
96	Sem Denominação (D)	Avenida Dr. Gastão Vidigal/ Rua Raul Seixas	Bairro Aeroporto
97	Sem Denominação (E)	Avenida Dr. Gastão Vidigal/ Avenida Centenário	Bairro Aeroporto
98	Sem Denominação (F)	Rua das Azaléias/ Rua Nadir dos Santos	Parque Horto
99	Sem Denominação (G)	Anel viário	J. Copacabana
100	Sem Denominação (H)	Avenida José Alves Nendo/ Rua Carmem Miranda	Jardim Cathedral
101	Sem Denominação (I)	Avenida José Alves Nendo/ Avenida Dr. Gastão Vidigal	Jardim Cathedral
102	Sem Denominação (J)	Avenida José Alves Nendo/ Avenida Dr. Gastão Vidigal	Jardim Cathedral
103	Sem Denominação (K)	Avenida Dr Alexandre Rasgulaef/ Rua Argentina	Jardim Alvorada
104	Sem Denominação (L)	Avenida das Torres	J. Brasil

Fonte: Elaborado por BOVO, M C. 2008.



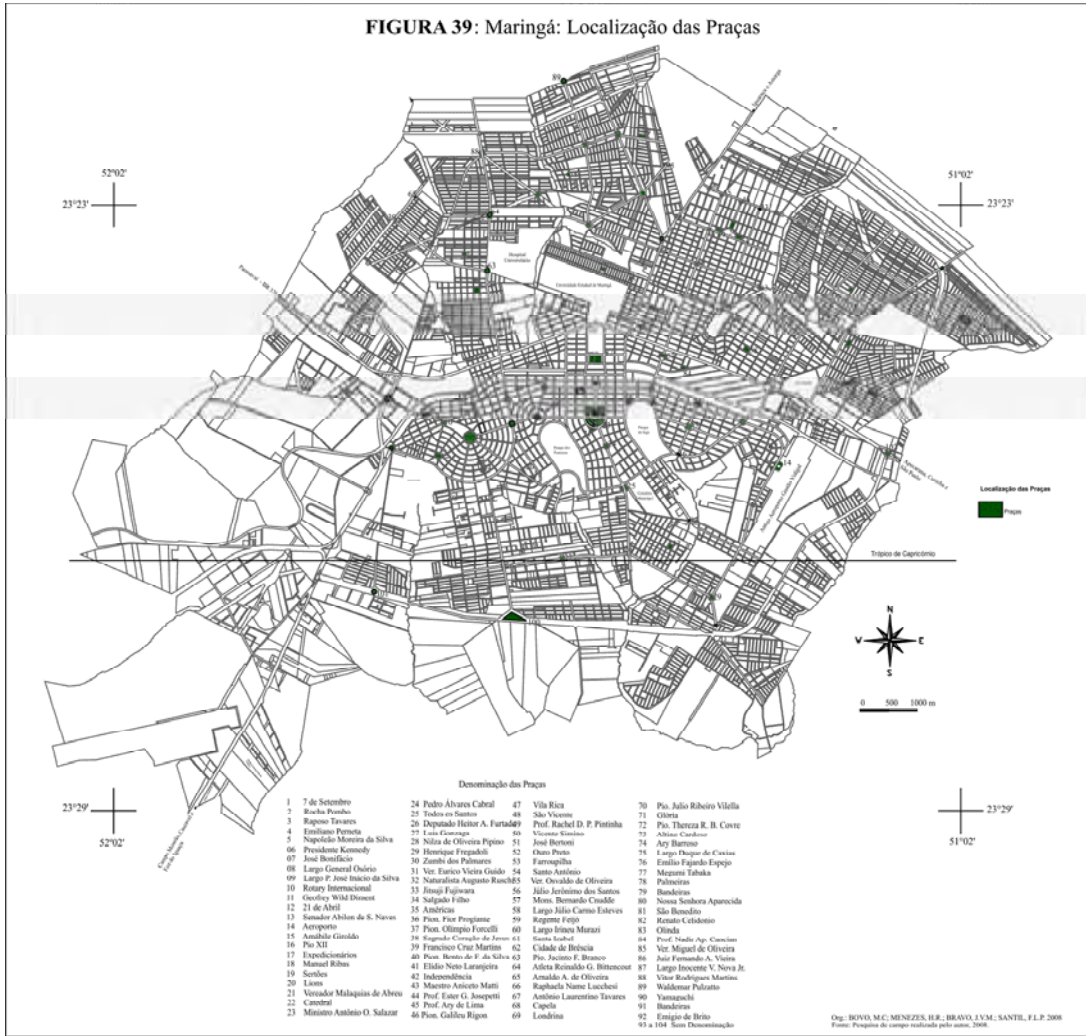
Figura 37: Vista parcial da Praça Deputado Renato Celidônio.
Foto: BOVO, M. C. 2007.



Figura 38: Vista noturna da Praça da Catedral.
Disponível:<http://img118.imageshack.us/img118/7117/1153754174fyi5.jpg>
(acesso em 25/06/2008)

A **Figura 39** apresenta a localização das praças maringaenses a serem investigadas nesta pesquisa.

FIGURA 39: Maringá: Localização das Praças



Na primeira parte deste capítulo serão analisadas as estruturas existentes nas praças públicas de Maringá, apresentando-se os seus aspectos qualitativos e quantitativos tendo como base o formulário de pesquisa, já apresentado no **Capítulo 1**, que é constituído das seguintes informações: nome da área verde, localização, altitude, vegetação existente, porte e densidade da vegetação, cobertura do solo, condições do relevo, aspectos físicos e sanitários da vegetação, tipo de ocupação nas proximidades e qualidades paisagísticas. Na sequência subdividimos a área urbana do município em seis setores, levando em consideração a metodologia adotada por (BRANDÃO, 2005, p. 68), que agrupou os bairros de Maringá de acordo com as proximidades socioeconômicas e geográficas. Em seguida agrupamos as praças por setores e realizamos uma análise individualizada das 104 praças, com o objetivo de apresentar os seus aspectos gerais quanto à sua estrutura, forma, processo e função, levando-se também em consideração os seus aspectos paisagísticos.

Para a melhor compreensão desse diagnóstico deixamos claros alguns pontos que serão utilizados para a análise dos dados obtidos, e neste sentido utilizamos as informações obtidas de Lamas (1993, p. 44).

Aspectos quantitativos – Todos os aspectos da realidade urbana que podem ser quantificáveis e que se referem a uma organização quantitativa: densidade, superfícies, fluxos, coeficientes volumétricos, dimensões perfis, etc. Todos esses dados quantificáveis são utilizados para controlar os aspectos físicos da cidade.

Aspectos da organização funcional – Relacionam-se com as atividades humanas (habitar, instruir-se tratar-se, comerciar, trabalhar etc.) – e também com o uso de uma área, espaço edifício (residencial, escolar, comercial, sanitário, industrial, etc.), ou seja, o tipo de uso do solo. Uso a que é destinado e o uso de que ele faz.

Aspectos qualitativos – Referem-se ao tratamento dos espaços, ao “conforto” e à “comodidade” do utilizador... No meio urbano poderão ser caracterizados como o estado dos pavimentos.... a acessibilidade....o conforto da iluminação etc...

Aspectos figurativos - Os aspectos figurativos relacionam-se essencialmente com a comunicação estética.

Na sequência apresentamos o diagnóstico referente às praças de Maringá tendo como parâmetro o levantamento quantitativo e a avaliação qualitativa dos equipamentos e estruturas existentes. Também será realizado o levantamento quantitativo e qualitativo da vegetação existente nas praças maringaenses.

5.2- Análise do Levantamento das Estruturas e Equipamentos Existentes nas Praças de Maringá

As praças de Maringá funcionam como um elemento estruturador da malha urbana, sendo que grande parte delas (40,5%) estão concentradas ao longo das principais avenidas e

são de forma circular. Embora muitas delas tenham sofrido alterações ao longo do tempo, elas constituem um elemento no quadro urbanístico da cidade e são espaços públicos, portanto de competência administrativa do Poder Público, devendo ser dotadas de condições de uso, de segurança e de infraestrutura adequada ao entretenimento e à melhoria da qualidade ambiental para a população maringaense.

Para a implantação de uma praça pública deve-se levar em consideração a função desse espaço, o mobiliário adequado ao atendimento dos moradores, sejam esses moradores crianças, jovens ou idosos. Neste sentido, será utilizado nesta pesquisa o conceito de mobiliário urbano de Ferrari (2004, p. 240):

Mobiliário urbano (urban furniture, mobilier urbain, mobilaje urbana). Conjunto de elementos materiais localizados em logradouros públicos ou locais visíveis desses logradouros e que complementam as funções urbanas de habitar, trabalhar, recrear e circular: cabinas telefônicas, anúncios, idealizações horizontal, vertical e aérea; postes, torres, hidrantes, abrigos e pontos de parada de ônibus, bebedouros, sanitários públicos, monumentos, chafarizes, fontes luminosas etc.

Essa citação nos leva a um nível mais compreensível daquilo que seria o mobiliário urbano, apesar de não deixar claro o que seriam as idealizações horizontais, verticais e aéreas. Neste sentido, o formulário de pesquisa (**Capítulo1**) fornece informações que referentes aos equipamentos e estruturas existentes nas praças maringaenses que podem ser quantificadas e mapeadas, desde os elementos mais simples - como os bancos, telefone público, lixeiras, iluminação, bebedouros, - até os mais complexos, como obras de arte, estruturas esportivas, parques infantis, equipamentos para exercícios físicos, equipamentos físicos para a terceira idade, edificações institucionais, templos religiosos e outros.

Também devemos levar em consideração os estudos realizados por Demattê (1999), Carvalho (2001) e Minaki (2007). Esses autores destacam que em uma praça deve haver água potável, caminhos e espaços para pedestres, rampas para portadores de necessidades especiais, bancos, lixeiras e iluminação noturna. Também seriam necessários telefone público, banheiro feminino e masculino, abrigo para ponto de ônibus, quiosques, entre outros elementos. Na sequência serão analisados todos os elementos que constituem a estrutura das praças maringaenses.

a) Forma geométrica das praças de Maringá

Ao longo de sua história as praças têm sido locais de descanso ou recreação e possuidoras de várias estruturas para atender a tais funções, como: quadra poliesportiva,

parque infantil, equipamentos de exercícios físicos, equipamentos para a terceira idade, edificações religiosas, edificações institucionais ou qualquer outra função que permita a utilização por parte de seus usuários.

No caso de Maringá, a forma geométrica circular é a predominante, correspondendo a 40,5% das praças, as quais estão concentradas ao longo das principais vias, contribuindo com o fluxo de automóveis. Além das praças circulares, foram identificadas na pesquisa praças com as formas triangular (22,2%), quadrangular (9,1%), retangular (14,1%), semicircular (3,0%), triangular bipartida (3,0%), oval (1,0%), circular bipartida (1,0%), retangular bipartida (1,0%) e irregular (5,1% das praças).

b) Identificação do logradouro

Para Marx (1980), o nome dos lugares lança luz sobre a evolução das cidades e abre novas perspectivas para o estudo da urbanização, da vida do espaço urbano. A História demonstra a importância do nome que se dá aos logradouros públicos. Esses registram no tempo a evolução sociopolítica de um lugar. São considerados espelho de uma época. A identificação dos logradouros públicos tem por finalidade homenagear pessoas, riquezas naturais e minerais, vegetação, fauna, flora, rios, etc. É importante destacar que a nomenclatura é um elemento de grande importância, como referência ou como localização na malha urbana.

Em Maringá, das 104 praças, apenas 17¹⁴, ou seja, 16,34% apresentam identificação por algum tipo de placa, sendo inferior a Ribeirão Preto-SP, que apresenta identificação em 27% de suas praças (GOMES, 2004, p. 151). Diante desses dados, é possível reconhecer a falta de compromisso da mantenedora com as instalações de placas nos referidos logradouros. Por outro lado, detectamos que em boa parte as placas instaladas em vários logradouros foram arrancadas pela ação de vândalos.

¹⁴ Relação das praças que possuem identificação: 7 de Setembro, Rocha Pombo, Raposo Tavares, Rotary Internacioanl, Expedicionários, Lions, Catedral, Pedro Alvares Cabral, Sertões, Vereador Eurico Viera Guido, Sagrado Coração de Jesus, Vicente Simino, Monsenhor Bernardo Cnudde, Largo Irineu Murazi, Pioneira Tereza Corve, Renato Celidônio, Bandeiras (Avenida Paranavaí/ Rua dos Cafézais).

c) Bancos

Os bancos de uma praça constituem-se em um elemento fundamental, uma vez que as praças, ao longo de sua história, vêm sendo locais de encontro, contemplação, descanso, e nesse sentido esse equipamento é essencial. A presença ou ausência de bancos em uma praça é decorrente de um planejamento que contemple esse espaço como um todo a partir da execução de um projeto elaborado pelo órgão responsável por sua manutenção, ou seja, a prefeitura.

É importante destacar que o banco é um elemento essencial, porém devemos analisar a sua disposição no logradouro, o material utilizado e o seu *design*, pois sua função é servir como equipamento de descanso para os seus usuários. No caso de Maringá, constatamos que os bancos existentes nessas áreas verdes estão bem distribuídos, não impedindo a circulação de pessoas ao longo do passeio.

Das 104 praças maringaenses os bancos estão presentes em 36,54%, a título de comparação com Guarapuava-PR estão em 90% das praças (LOBODA, 2002, p.93), e em Araçatuba-SP, em 58,62% delas (MINAKI, 2007, p. 172), e em Ribeirão Preto-SP, em 92,5% delas (GOMES, 2004, p. 151) possuem essa estrutura. Diante dos dados apresentados, Maringá encontra-se, em termos quantitativos, com dados inferiores aos dos demais municípios, sendo necessária a instalação desse equipamento ou sua reposição nos logradouros em que ele foi implantado. A tabela 1 proporciona uma visão geral da atual situação das praças de Maringá com relação a esse mobiliário, que é de fundamental importância para os usuários.

Tabela 01 - Quantidade de praças com banco em Maringá-PR

Bancos	Quantidade de Praças	Porcentagem (%)
Presente	38	36,54
Ausente	66	63,46
Total	104	100

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em janeiro de 2008.

d) Lixeiras

As lixeiras constituem-se em um elemento essencial para qualquer espaço público. A sua instalação e o seu uso deveriam ser obrigatórios para o poder público e para os moradores, respectivamente. Podem ser confeccionadas com diversos tipos de material e cor e constituem um elemento integrante do mobiliário urbano e do cotidiano dos locais de uso público.

No caso de Maringá, através dos dados levantados durante a pesquisa, constatamos que apenas 26,93% das praças de Maringá possuem lixeiras, independentemente de o logradouro situar-se na área central ou na periferia. Já em Ribeirão Preto-SP 18,7% (GOMES, 2004, p.151) e Guarapuava-PR 47% (LOBODA, 2002, p.92) das praças contam com esse equipamento. De acordo com os autores supracitados, a ausência de lixeiras justifica-se pelo baixo fluxo de usuários nesses logradouros; por outro lado, constatamos que a deposição de lixo nos canteiros e passeios exige dos responsáveis uma manutenção constante, a qual nem sempre ocorre, gerando um acúmulo de lixo nesses logradouros e um desconforto para o ambiente. Pela tabela 02 é possível fazer uma avaliação quantitativa e qualitativa das lixeiras presentes ou ausentes nas praças de Maringá. Para análise dos aspectos qualitativos foram levados em consideração os seguintes critérios: *bom* - para as lixeiras possíveis de serem utilizadas e em excelente estado de conservação; *regular* - para as lixeiras que podem ser utilizadas, mas se apresentam danificadas pela ação do tempo; *Ruim* – para lixeiras impróprias para o uso, quebradas ou em péssimo estado de conservação.

Tabela 02: Aspectos qualitativos das lixeiras das praças de Maringá - PR

Lixeiras	Quantidade de Praças	Porcentagem (%)
Bom	19	18,28
Regular	07	6,73
Ruim	02	1,92
Ausente	76	73,07
Total	104	100

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em janeiro de 2008.

e) Equipamentos para a prática de exercícios físicos

Os equipamentos para exercícios físicos estão presentes em apenas 06 praças maringaenses, o que corresponde a apenas 5,76% do total. Encontram-se em bom estado de conservação e são constantemente utilizados pelos que residem no entorno desses

logradouros, cabendo destaque para as praças Santo Antônio, Regente Feijó e Pedro Álvares Cabral.

Esses equipamentos são de baixo custo e necessitam de estruturas simples para sua instalação, por isso poderiam ser instalados em outras praças, contribuindo como um atrativo para que as pessoas as utilizem com mais frequência.

f) Quiosque de alimentação

As praças podem agregar diversos tipos de atividade, dentre eles os quiosques de alimentação. Constatamos que estes se encontram distribuídos em apenas 8 praças¹⁵, totalizando apenas 7,69%, e comercializam principalmente lanches e caldo de cana-de-açúcar, em Guarapuava-PR eles estão presentes em 27% das praças (LOBODA, 2002, p. 82), e em Ribeirão Preto-SP, em 15 desses logradouros ou 5% deles, segundo (GOMES, 2004, p. 151), possuem quiosque de alimentação. Quanto às características qualitativas, 50% desses quiosques possuem estrutura em bom estado de conservação e com espaço adequado para o preparo dos alimentos, enquanto os outros 50% podem ser caracterizados como regulares, por possuírem espaços menores, o que dificulta o manuseio dos alimentos, podendo muitas vezes comprometer a qualidade do produto, devido à falta de higiene.

g) Iluminação

A iluminação é um elemento fundamental da praça, pois esta, como espaço público, deverá oferecer condições de uso independentemente do horário e ser constituída de um sistema de iluminação que proporcione condições de uso no período noturno. É importante destacar que é preciso levar em consideração a interferência das copas das árvores. Neste caso o recurso satisfatório é o uso de luminárias rebaixadas, mas existem em algumas praças luminárias instaladas acima do nível da copa das árvores, resultando em total ineficiência na iluminação da área. No caso de Maringá, 29,80% das praças possuem luminárias rebaixadas, 37,5% têm luminárias altas, 7,79% possuem luminárias altas e baixas, ou seja, 75,09% das praças possuem luminárias. Já na pesquisa realizada por Gomes, 2004 (p. 151) na cidade de Ribeirão Preto-SP destaca que 92,5% dos logradouros possuem luminárias, e a pesquisa

¹⁵ As praças maringaense que possuem quiosque de alimentação: Raposo Tavares, Emiliano Pernetá, Napoleão Moreira da Silva, Salgado Filho, Américas, Sagrado Coração de Jesus, Ouro Preto e Praça Juiz Fernando Vieira.

realizada por Loboda, 2002 (p. 78) em Guarapuava-PR mostra que 87% dos logradouros possuem luminárias. Diante desses dados, Maringá encontra-se em condição bem inferior às das demais cidades onde os estudos foram realizados.

As praças maringaenses localizadas na área central apresentam-se satisfatoriamente iluminadas, mas à medida que nos direcionamos para a periferia detectamos que a maioria é parcialmente iluminada, sendo que muitas não apresentam nenhum tipo de iluminação. Outro problema que fica evidente é a ação de vândalos, tanto na área central como na periferia, onde constatamos inúmeras luminárias quebradas. Este fato, associado ao descaso do poder público, acaba tornando essas áreas mal iluminadas e propícias a ações de marginais ou de usuários de drogas. Outro problema refere-se às praças totalmente desprovidas de iluminação, as quais representam insegurança para a comunidade circunvizinha à área.

Após a análise realizada apresentamos na **Tabela03** as características da iluminação das praças públicas de Maringá e aspectos qualitativos da iluminação das praças pesquisadas.

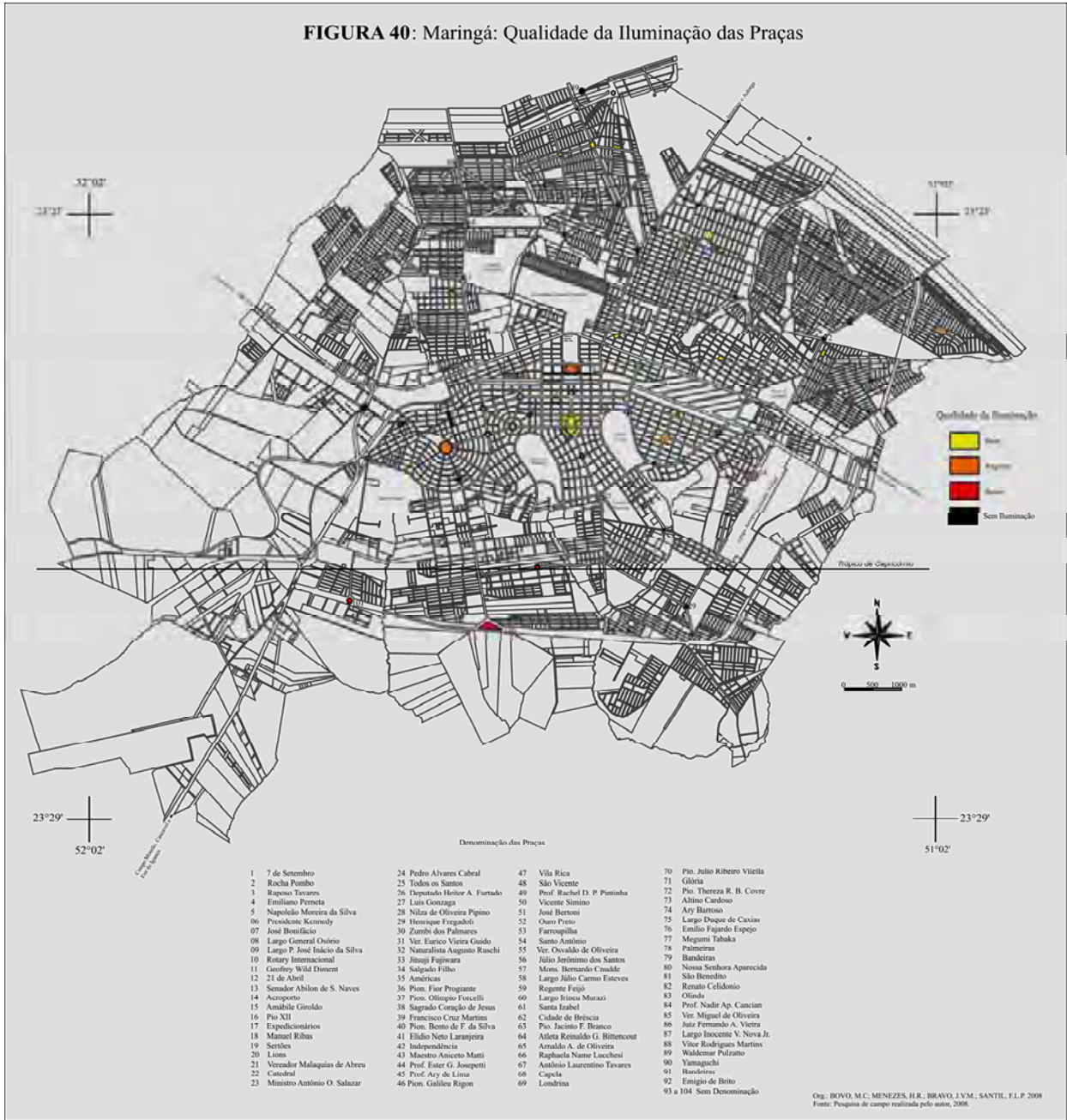
Tabela 03: Aspectos qualitativos das luminárias das praças de Maringá-PR.

Iluminação	Quantidade de Praças	Porcentagem (%)
Bom	36	34,61
Regular	22	21,15
Ruim	21	20,20
Sem Iluminação	25	24,04
Total	104	100

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em janeiro de 2008.

A **figura 40** representa a qualidade da iluminação das praças de Maringá.

FIGURA 40: Maringá: Qualidade da Iluminação das Praças



h) Estrutura física para a terceira idade

Atualmente o número de pessoas da terceira idade tem crescido em escala mundial, devido ao aumento da expectativa de vida verificado nos últimos anos. Para melhorar a qualidade de vida da população nessa faixa etária é preciso que o Poder Público ofereça opções de lazer, criando espaços alternativos para o descanso, a contemplação, a recreação e a prática de exercícios físicos.

Maringá está muito longe de atingir esses objetivos, apesar de algumas praças possuírem áreas com jogos de xadrez, canchas de bocha e atualmente estarem sendo implantadas em algumas praças as ATIs (Academias de Terceira Idade), que se constituem de um conjunto de equipamentos desenvolvidos especialmente para as pessoas de terceira idade (**Figura 41**). Esses equipamentos encontram-se instalados nas praças: Pioneiro Olímpio Forcelli, Independência, Vicente Simino, José Bertoni, Santo Antônio, Regente Feijó, São Benedito e Farroupilha.

Cabe destacar que as praças que apresentam esses equipamentos, instalados, muitas vezes, com estruturas simples e de baixo custo encontram-se fora da área central da cidade e atendem especialmente à população do sexo masculino, enquanto a população do sexo feminino não usufrui desses equipamentos, exceto as ATIs. A tabela 04 representa o número de praças que possuem equipamentos de terceira idade e nos permite avaliar qualitativamente os equipamentos presentes nesses logradouros.



Figura 41: Academia de Terceira Idade (ATI) implantada na Praça São Benedito.

Foto: BOVO, M. C. (2008).

Tabela 04: Aspectos quantitativos e qualitativos das praças com equipamentos de estrutura física para a terceira idade em Maringá – PR

Equipamentos	Quantidade de praças	Porcentagem (%)
Bom	06	5,76
Regular	02	1,94
Ruim	01	0,96
Ausente	95	91,34
Total	104	100

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em janeiro de 2008.

i) Quadra esportiva

Desde o Fórum romano, o *gymnasium* fazia parte do complexo que o formava. Era o local de cultivar o corpo através das práticas esportivas (DE ANGELIS, 2000, p. 68). Durante a Idade Média as praças muitas vezes eram utilizadas para provas hípicas e embates de cavaleiros. Passados vários séculos desde o Império Romano, a praça continua oferecendo espaço para atividades esportivas. Dessa forma verifica-se que as praças públicas, de uma maneira ou de outra, ainda vêm cumprindo a sua função social.

No caso de Maringá, as quadras esportivas estão presentes em apenas 13 praças, o que corresponde a 12,5% dos logradouros, enquanto em Guarapuava-PR em 60% dos logradouros possuem quadra esportiva (LOBODA, 2002, p.81) e Ribeirão Preto-SP, 14,6% (GOMES, 2004, p.151). São, em sua maioria, quadras poliesportivas que poderiam servir como elemento essencial às crianças e aos jovens para práticas de atividades esportivas. Entre as praças que possuem quadras destacam-se a Santo Antônio, a Manuel Ribas, a Glória, a Regente Feijó, a Salgado Filho e outras. A **Tabela 5** apresenta o número de praças que possuem quadras esportivas e nos permite avaliar qualitativamente suas condições de uso, sendo que algumas não apresentam sistema de iluminação adequado para práticas de atividades no período noturno. A **Figura 42** representa a quadra esportiva da Praça Santo Antônio.

Tabela 05: Aspectos qualitativos e quantitativos das praças com quadras de esportes em Maringá-PR

Quadras esportivas	Quantidade de praças	Porcentagem (%)
Bom	07	6,73
Regular	04	3,84
Ruim	02	1,93
Ausente	91	87,5
Total	104	100

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em janeiro de 2008.



Figura 42: Quadra de esporte na Praça Santo Antônio.
Foto: BOVO, M. C.2008.

j) Parque infantil

Os parques infantis constituem elementos integradores das praças públicas, desde que cumpram a sua função, que é proporcionar lazer ao público infantil. Para isso temos que levar em consideração suas condições de uso, ou seja, a qualidade dos equipamentos instalados. No caso específico de Maringá, de um total de 104 praças, apenas 15¹⁶ possuem esses equipamentos instalados, e boa parte deles apresenta problemas relacionados à conservação. Os de ferro estão enferrujados ou quebrados, já os de madeira necessitam de pintura e/ou de substituição pelos desgastes sofridos pela ação do tempo. Neste caso, o ideal é fabricar os brinquedos com outros tipos de material, utilizar cores e desenhos variados, e adequá-los à capacidade psicomotora da idade dos usuários desses logradouros.

Desta forma percebemos que a cidade de Maringá não privilegia a praça enquanto espaço para a criança. Em Guarapuava-PR, por exemplo, cerca de 80% das praças públicas possuem parques infantis (LOBODA, 2002, p.82), enquanto em Maringá apenas 14,42% delas os possuem. A **Tabela 06** possibilita fazer uma avaliação quantitativa e qualitativa dos parques infantis de Maringá. Independentemente de situarem-se na área central ou na periferia, apresentam problemas semelhantes, além de possuírem, na maioria das vezes, os mesmos equipamentos instalados.

¹⁶Praças com parque infantil instalados: Zumbi dos Palmares, Sertões, Todos os Santos, Glória, Amábile Giroldo, Santo Antônio, Monsenhor Bernardo Cnudde, Salgado Filho, Napoleão Moreira da Silva, Augusto Rusch, Pionero Olímpio Forcelli, Vereador Osvaldo de Oliveira, Juiz Fernando Antônio Vieira, das Bandeiras (Avenida Paranavaí), Praça Sem Denominação (Avenida Belay).

Tabela 06: Aspectos qualitativos e quantitativos das praças com parque infantil em Maringá – PR

Parque Infantil	Quantidade de praças	Porcentagem (%)
Bom	08	7,69
Regular	06	5,77
Ruim	01	0,96
Ausente	89	85,57
Total	104	100

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em janeiro de 2008.

k) Edificação institucional

A presença de edificações institucionais em praças públicas é muito antiga. Segundo Benevolo (1993), já no fórum romano, a praça era rodeada por edifícios públicos ligados ao lazer, como os teatros, anfiteatros, e termas, como também pelo palácio e os edifícios administrativos.

Nos dias atuais consideramos como edificações institucionais os prédios públicos, como escolas, creches, teatros, bibliotecas, centros de educação infantil, postos de saúde, etc. Na pesquisa de campo, constatamos que em Maringá existem ao todo oito praças¹⁷ que apresentam edificações institucionais, o que corresponde ao percentual de 7,7%, em Ribeirão Preto–SP 9,8%, delas, segundo Gomes, 2004, p. 15, possuem edificações institucionais. Essas praças são bem conservadas e constantemente utilizadas pela população maringaense e cidades vizinhas que necessitam desses espaços para lazer (teatro), educação (escolas e bibliotecas) ou saúde (postos de saúde). A **Figura 43** ilustra o Teatro Kallil Haddad, localizado na Praça 21 de Abril, uma edificação institucional localizada em um dos bairros mais nobres de Maringá.

¹⁷ Praças com edificação institucional: 21 de Abril, Todos os Santos, professora Rachel Pintinha, Renato Celidonio, Nadir Cancian, Miguel de Oliveira, Pio XII e Praça José Bertoni.



Figura 43: Teatro Kallil Haddad, localizado na Praça 21 de Abril.
Disponível: <http://adrianogatto.files.wordpress.com/2007/10/070507calil1.jpg>
(Acesso 27/06/2008).

1) Templo religioso

Para Marx (1980), a praça deve sua existência, sobretudo, aos adros das igrejas. A praça como local de reunião de pessoas para o exercício de atividades diferentes surgiu entre nós de maneira marcante e típica, diante de capelas e igrejas, de conventos e instalações de irmandades religiosas. As praças contribuíam para realçar os edifícios e acolhiam os frequentadores.

A presença de templos religiosos em praças públicas é muito comum nas cidades brasileiras, principalmente de templos e instalações da Igreja Católica. No caso específico de Maringá esses templos estão presentes em 10 praças¹⁸ (9,61% do total). Todas as praças onde se encontram instalados os templos religiosos possuem uma boa infraestrutura, são bem arborizadas e possuem equipamentos essenciais para a sua funcionalidade, tais como telefone, bebedouros, bem como os canteiros bem conservados, melhorando a qualidade paisagística da área. A **Figura 44** ilustra o templo religioso localizado na Praça da Catedral.

¹⁸ - As praças maringaense com templos religiosos são: Catedral, Praça Sagrado Coração de Jesus, Santo Antônio, Santa Isabel, Capela, Palmeiras, Nossa Senhora Aparecida, Nadir Aparecida Cancian, Emiliano Perneta e Praça Monsenhor Bernardo Cnudde.



Figura 44: Vista parcial da Catedral.

Disponível: http://www.maringa.pr.gov.br/pontos_turisticos/galeria.php
(Acesso 30/07/2008).

m) Obras de arte

A arte sempre esteve presente nas praças públicas desde o surgimento das primeiras praças, ou seja, essas estruturas em espaços públicos remontam ao fórum romano, onde era comum a presença de estátuas representando os deuses ou imperadores da época. Esses elementos continuam a fazer parte das praças, onde são colocados para homenagear personalidades de relevância local ou não, e contribuem com a estética, buscando a valorização do espaço urbano e da coletividade, através do estímulo ao desempenho social, político, histórico e simbólico do espaço, revelando o grau de cultura de uma comunidade, à medida que se tornam acessíveis ao público.

No caso específico de Maringá, em poucos logradouros existem obras de arte, ou seja, apenas 11 deles¹⁹ o que corresponde a 10,57% do total. Essas obras de arte sofrem a ação de vândalos e em geral não são recuperadas pelo Poder Público, deixando uma imagem negativa para as pessoas que visitam ou utilizam constantemente esses logradouros.

É importante destacar o monumento do desbravador (**Figura 45**) inaugurado em 1972. É uma escultura que retrata, através da nudez e os seus braços erguidos para o céu, a simplicidade e a fé dos desbravadores de Maringá. Também é possível identificar ao seu lado

¹⁹ Praças com obras de arte: 7 de Setembro, Raposo Tavares, Napoleão Moreira da Silva, Presidente Kennedy, José Bonifácio, Rotary Internacional, Expedicionários, Manuel Ribas, Pio XII, Lions, Praça de Catedral e Renato Celidonio.

três machados estilizados que simbolizam a abertura de caminhos na mata virgem da cidade ou da zona rural.



Figura 45: Monumento do Desbravador na Praça Sete de Setembro.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

n) Espelho d`água/chafariz

O espelho d`água em praças públicas é um elemento decorativo que teve origem no período renascentista, tornando-se comum em praças públicas, juntamente com as igrejas ou edifícios públicos. Durante o renascimento a presença de um chafariz em uma praça constituía um elemento fundamental, pois contribuía para atrair a população para aquele espaço.

Em Maringá chafarizes/espelhos d`água estão presentes na Praça da Catedral e na Praça Monsenhor Bernardo Cnudde, mas em funcionamento encontra-se somente o da Catedral. A não instalação desses equipamentos em praças justifica-se pelo elevado custo de manutenção.

o) Banca de revista

Durante um longo período da história as praças foram locais de reflexão, de leitura, ambientes tranquilos e acolhedores, locais de meditação dos grandes intelectuais; mas hoje isso mudou muito, devido à falta de segurança e conservação. É importante destacar que esse hábito desapareceu quase totalmente e são raras as exceções.

Em Maringá as bancas de revista estão localizadas nas praças centrais, destacando-se a Praça Raposo Tavares (02), a Praça Napoleão Moreira da Silva (01), a Praça Todos os Santos (01), a Praça Salgado Filho (01), a Praça Renato Celidônio (01), representando 4,8% das

praças maringaense, em Ribeirão Preto-SP estão presentes em 18,8% das praças, segundo Gomes, 2004, p. 151. Cabe destacar que todas as bancas se apresentam em bom estado de conservação.

p) Palco/coreto

No passado inúmeras praças possuíam coreto²⁰, local onde aconteciam as manifestações artísticas. Esse equipamento foi perdendo a sua importância na vida social e quase desapareceu das praças públicas. Em Maringá existe somente um coreto, na Praça dos Expedicionários. Cabe destacar que os coretos foram substituídos por palcos, que raramente são utilizados para apresentações artísticas, salvo nas épocas de campanha eleitoral, quando são reformados e preparados para as apresentações, e servindo, na maioria das vezes, como um local de discurso.

Maringá apresenta 05 praças²¹ com palcos, o que corresponde a apenas 4,8% do total (Ribeirão Preto-SP elas correspondem a 15,5%, (GOMES, 2004, p. 151)). Quanto aos seus aspectos qualitativos, três palcos apresentam características boas, enquanto os outros dois, apresentam aspectos apenas regulares, necessitando de reformas. A **Figura 46** mostra a vista parcial do único coreto instalado em uma praça de Maringá.



Figura 46: Vista Parcial do coreto instalado na Praça dos Expedicionários.
Foto: BOVO, M. C.2008.

²⁰ Espécie de quiosque, geralmente erigido em praça pública, para apresentação de bandas e concerto musicais.

²¹ Praças maringaenses que possuem palcos instalados: Praça Raposo Tavares, Praça Farroupilha, Praça Manuel Ribas, Praça Rocha Pombo, Praça Renato Celidônio.

q) Ponto de táxi e de ônibus

Os pontos de ônibus e de táxi não são considerados elementos integrantes das praças, porém é comum encontrá-los em vários logradouros. Percebe-se que tais estruturas são positivas do ponto de vista do deslocamento e do acesso das pessoas que utilizam esse tipo de transporte, porém essas pessoas não usufruem desses logradouros, seja para o lazer seja simplesmente para descanso, elas simplesmente passam por ali. Em Maringá encontramos 19 praças²² com ponto de ônibus, perfazendo 18,26% do total, e 04 praças²³ com ponto de táxi (em Ribeirão Preto-SP esse percentual é bem maior, ou seja, 45,9% das praças possuem ponto de ônibus e 13,1% possuem ponto de táxi, conforme (GOMES, 2004, p. 151)).

Quanto aos aspectos qualitativos, verificou-se que a maioria das praças possui abrigos para ponto de ônibus, os quais passam por constante manutenção, devido à ação de vândalos que danificam, pichando ou quebrando esses equipamentos. Os reparos e as reposições são feitos pela empresa que monopoliza o transporte coletivo urbano de Maringá.

r) Estacionamento

O aumento significativo do contingente populacional, acrescido dos visitantes das cidades circunvizinhas, acarreta um problema sério de estacionamento, principalmente nas áreas centrais de Maringá. Mesmo assim, as praças não vêm sofrendo consequências como a invasão de automóveis em seus canteiros. Pela pesquisa de campo constatamos que 15 praças²⁴ possuem estacionamento e todos apresentam bom estado de conservação. Esse tipo de equipamento não necessariamente faz parte das praças, porém muitas vezes os estacionamentos se encontram juntos às mesmas e dificultam inclusive o acesso das pessoas que passam por esses logradouros.

²² Relação das praças com ponto de ônibus: Raposo Tavares, Emiliano Pernetá, 21 de abril, Aeroporto, Sertões, Vereador Malaquias de Abreu, Catedral, Todos os Santos, Zumbi dos Palmares, Salgado Filho, Olimpio Forcelli, Aniceto Matti, Vila Rica, Rachel Pintinha, Ouro Preto, Júlio Gerônimo dos Santos, Deputado Renato Celidônio e Nadir Cancian.

²³ Relação das Praças com ponto de táxi: Raposo Tavares, Napoleão Moreira, Todos os Santos, Julio Gerônimo dos Santos.

²⁴ Relação das praças com estacionamento: Raposo Tavares, 21 de abril, Deputado Renato Celidônio, Napoleão Moreira da Silva, Catedral, Todos os Santos, Aeroporto, Américas, Sagrado Coração de Jesus, Rachel Pintinha, Nadir Aparecida Cancian, Julio Jerônimo dos Santos, José Bertoni, Vicente Simino. Santa Izabel.

s) Bebedouros/pontos de água

A água é um elemento de fundamental importância e deveria estar presentes em todas as praças públicas, pois tem como objetivo saciar a sede das pessoas que utilizam esses espaços, bem como servir para limpeza do logradouro ou mesmo ser utilizada para irrigar as plantas dos canteiros. No caso específico de Maringá, 05 praças²⁵ possuem bebedouros instalados, sendo que 60% destes apresentam bom estado de conservação, enquanto os restantes 40% apresentam aspecto regular.

Em relação aos outros pontos d'água, existem em 22 praças²⁶, número que corresponde a 21,15% do total. Esse número é considerado muito baixo e os pontos d'água se constituem basicamente de torneiras, muitas das quais instaladas no nível do solo.

t) Telefone público

Os telefones públicos encontram-se distribuídos por toda a cidade de Maringá, porém se encontram, em sua maioria, na área central. Esses equipamentos são escassos e estão presentes em apenas 10 praças²⁷ das 104, perfazendo 9,6% do total delas, e geralmente estão instalados junto a edificações institucionais ou templos religiosos. A maior concentração deles está na Praça Raposo Tavares (11 deles nas proximidades da antiga rodoviária e do terminal urbano). Outra grande concentração ocorre na Praça Renato Celidônio, com 10 deles nas proximidades da Prefeitura Municipal. Para se ter uma ideia da situação de Maringá em relação a outras cidades, em Ribeirão Preto-SP as praças apresentam um índice bem elevado de telefones públicos, ou seja, 66,3% (GOMES, 2004, p. 151), e em Guarapuava-PR esse índice é de 87% (LOBODA, 2002, p. 91).

Quanto aos aspectos qualitativos, todos se apresentam em bom estado de conservação e funcionamento.

²⁵ Relação das praças com bebedouros instalados: Santo Antônio, Regente Feijó, Deputado Renato Celidônio, Olímpio Forcelli, Vicente Simino.

²⁶ - Relação das praças com ponto d'água: 7 de Setembro, Raposo Tavares, Napoleão Moreira da Silva, José Bonifácio, 21 de Abril, Catedral, Pedro Alvares Cabral, Todos os Santos, Sagrado Coração de Jesus, Vicente Simino, Olímpio Forcelli, Faropilha, Santo Antônio, Renato Celidônio, Rejente Feijó, Pioneiro Jacinto Ferreira Branco, Glória, Nossa Senhora Aparecida, Monsenhor Bernardo Cnudde, Júlio Jerônimo dos Santos.

²⁷ Praças que possuem telefones instalados: Raposo Tavares, Emiliano Pernetá, Napoleão Moreira da Silva, Catedral, Rachel Pintinha, Capela, Deputado Renato Celidônio, Nadir Aparecida Cancian, Olímpio Forcelli, Largo Inocente Vilanova Junior.

u) Pisos/ caminhos

Neste item levamos em consideração a importância de caminhos calçados, que são fundamentais numa praça pelo fato de facilitarem o acesso de transeuntes ao local. Eles facilitam a circulação de pessoas nos dias de chuva, evitando a passagem sobre o solo nu ou sobre o gramado. Das 104 praças de Maringá, 59,61% possuem caminhos pavimentados com concreto, paralelepípedo, pedra ou bloquetes portugueses. Na **Tabela 07** é possível visualizar o tipo de material utilizado nos passeios das praças de Maringá. Na periferia, a maioria das praças não possui nenhum tipo de caminho e isso possibilita o pisoteio das pessoas que circulam por essas áreas, prejudicando a qualidade paisagística.

Tabela 07: Material utilizado na pavimentação das praças de Maringá-PR.

Material	Quantidade de Praças	Porcentagem (%)
Concreto	20	19,2
Paralelepípedo	05	4,80
Bloquetes portugueses	17	16,36
Concreto/bloquetes portugueses	19	18,26
Concreto/paralelepípedo	01	0,96
Ausente	42	40,38
Total	104	100

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em janeiro de 2008

Quanto aos aspectos qualitativos dos pisos, boa parte das praças necessitam de uma reforma, pois são encontrados buracos ou o piso encontra-se solto. Na Praça Renato Celidônio (**Figura 47**), nas proximidades da prefeitura, o piso é altamente escorregadio em dias de chuva, colocando em risco as pessoas que circulam por essa área (uma das mais movimentadas).

Quanto aos caminhos, estes apresentam um traçado adequado do ponto de vista funcional, estético e largura, o que possibilita a circulação dos pedestres; porém há necessidade de reparos no piso, problema que é comum em muitas praças maringaenses.



Figura 47: Vista Parcial do piso na Praça Renato Celidônio.
Foto: BOVO, M. C. agosto 2007.

v) Sanitários

A implantação de sanitários públicos é algo que requer estrutura e constante manutenção, caso contrário torna-se inviável. Neste sentido, encontramos um pequeno número desses nas praças maringaenses. Os sanitários públicos existentes são apenas 03 e estão localizados nas praças, José Bertoni, Regente Feijó e Renato Celidônio.

Quanto aos aspectos qualitativos, todos os sanitários apresentam condições apenas regulares, necessitando de alguns reparos devido à ação de vândalos que picham e danificam os equipamentos ali instalados.

É muito complicada a implantação de sanitários em praças públicas, pois temos que levar em consideração as condições de uso e conservação, que são essenciais. Neste sentido, teria que haver equipes de limpeza quase permanentes e também vigilância, para evitar usos impróprios desse espaço como usar e/ou traficar drogas, fazer sexo e praticar atos de vandalismo.

x) Canteiros

Os canteiros das praças públicas são fundamentais, pois os seus traçados geométricos, associados com os diversos tipos de plantas ornamentais, conferem uma boa qualidade paisagística e colocam os usuários em contato com a natureza. Nesse sentido foram levantados quantitativa e qualitativamente os canteiros das praças de Maringá, tendo-se

constatado que canteiros com meio fio representam 75% das praças e cerca viva representa 25%. A **Figura 48** representa o canteiro com cerca viva na Praça 21 de abril.



Figura 48: Vista parcial do canteiro com cerca viva na Praça 21 de Abril.
Foto: BOVO, M, C. 2008

Quanto aos aspectos qualitativos, os canteiros da parte central da cidade passam por constantes trabalhos de manutenção e em algumas praças o serviço de limpeza e jardinagem é feito constantemente, porém à medida que nos deslocamos para a periferia, percebemos o descaso para com a população. Há praças abandonadas²⁸ com lixo depositado e gramíneas raramente podadas. Já as praças com canteiro de cerca viva estão próximas a edificações institucionais públicas (teatros) ou de templos religiosos, apresentando-se sempre em boas condições de manutenção e conservação.

y) Segurança

Para avaliar a segurança das praças maringaenses adotamos os mesmos critérios de De Angelis (2000), que considera se o entorno é habitado, se há sistema de iluminação, vigilância, conservação e afluxo de pessoas. A partir da análise desses critérios, constatamos que 45,2% das praças tiveram conceito bom, 33, 65% tiveram conceito regular, em virtude de problemas a de iluminação e de o afluxo de pessoas ser menor; e 21,15% delas foram classificadas como ruins, em virtude da falta de iluminação e conservação e de o afluxo de pessoas ser bem reduzido.

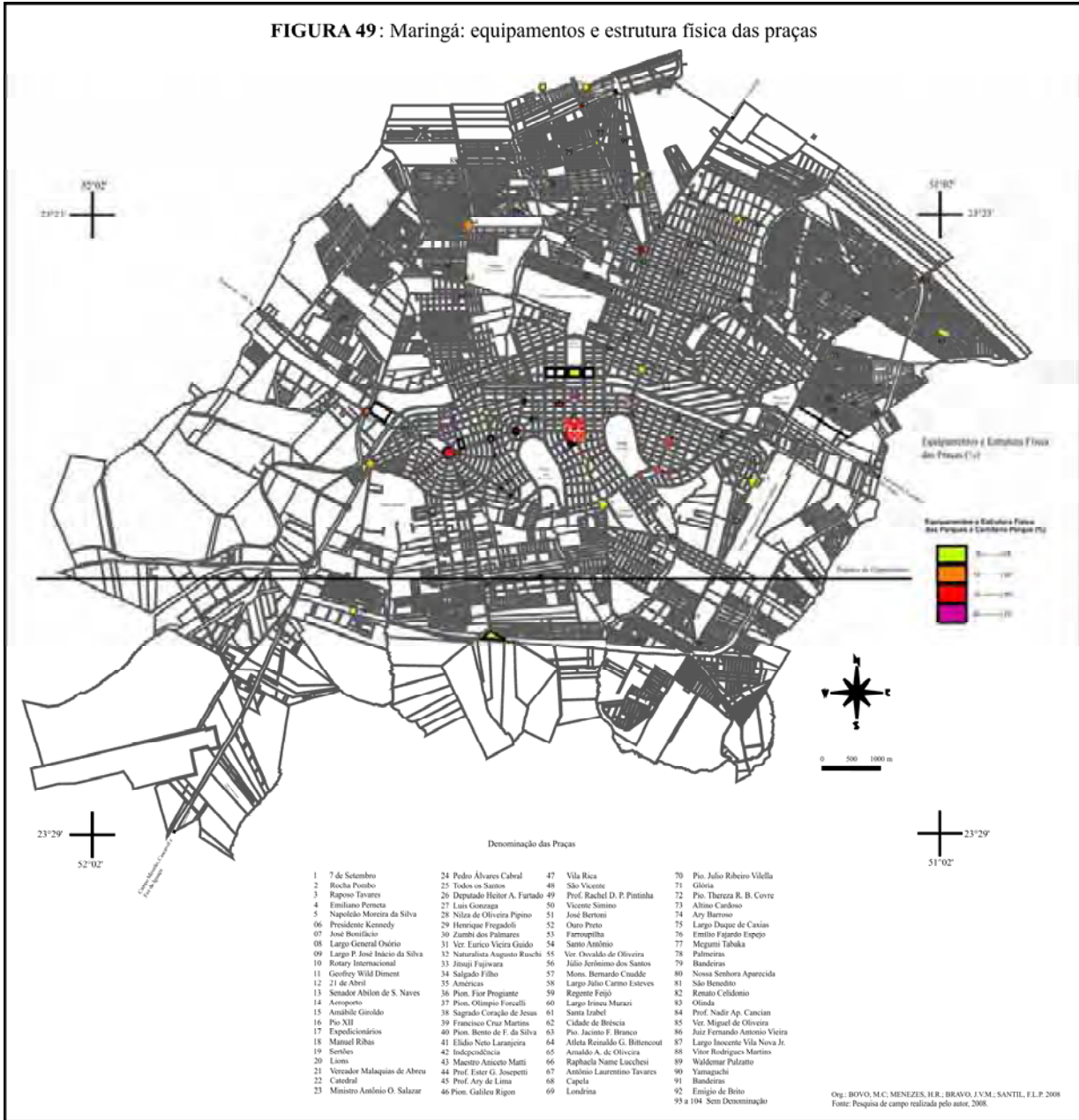
Outro problema detectado em várias praças maringaenses refere-se às condições socioeconômicas da população do nosso país, que acabam afetando parte considerável da

²⁸ Essas praças já foram implantadas, pois existem decretos que as regulamentam.

população, incluindo-se aí os desempregados, as crianças de rua, os sem teto, enfim, aquele segmento desassistido de nossa sociedade, e levam essas pessoas a se concentrarem nos espaços públicos. Diante dessa realidade, parte da população se sente insegura em utilizar esses locais, que se veem relegados ao abandono por causa desses cidadãos que, por má sorte, não podem usufruir de sua cidadania.

Tomando como parâmetro todos os itens analisados referentes às estruturas existentes nas praças de Maringá, queremos destacar que não existem parâmetros que estabeleçam quais são os equipamentos que são mais ou menos relevantes em uma praça; porém o ideal é que a população discuta com os poderes públicos a escolha dos equipamentos essenciais para serem instalados nas praças. Outro ponto a ser destacado refere-se às áreas periféricas, que são carentes de lazer e nas quais as crianças e adolescentes perambulam pelas ruas, pois o que lhe é oferecido é muito pouco. Diante desse contexto, o ideal é repensar as praças públicas, criar condições de funcionalidade, investir em infraestrutura que garanta qualidade a esses ambientes para atender a população de forma adequada. Na **Figura 49**, Maringá: equipamentos e estrutura física das praças, é possível verificamos que a maior concentração de equipamentos e estruturas está presente nas praças centrais, enquanto a periferia apresenta dados inferiores aos das áreas centrais.

FIGURA 49: Maringá: equipamentos e estrutura física das praças



Denominação das Praças

- | | | | |
|----------------------------------|-------------------------------|---------------------------------|---------------------------------|
| 1 7 de Setembro | 24 Pedro Álvares Cabral | 47 Vila Rica | 70 Pio. Júlio Ribeiro Vilela |
| 2 Rocha Pombo | 25 Todos os Santos | 48 São Vicente | 71 Glória |
| 3 Roposo Tavares | 26 Deputado Heitor A. Furtado | 49 Prof. Rachel D. P. Puntinha | 72 Pio. Thériza R. B. Covre |
| 4 Emiliano Peres | 27 Luis Gonzaga | 50 Vicente Simões | 73 Altino Cardoso |
| 5 Napoleão Moreira da Silva | 28 Nilza de Oliveira Pipino | 51 José Bertoni | 74 Ary Barroso |
| 06 Presidente Kennedy | 29 Henrique Fregadelli | 52 Osmo Preto | 75 Largo Duque de Caxias |
| 07 José Bonifácio | 30 Zumbi dos Palmares | 53 Farroupilha | 76 Emílio Figueiro Espozo |
| 08 Largo General Osório | 31 Ver. Eurico Vieira Grido | 54 Santo Antônio | 77 Mequini Tabaka |
| 09 Largo P. José Inácio da Silva | 32 Naturalista Augusto Ruscho | 55 Vir. Osvaldo de Oliveira | 78 Palmeiras |
| 10 Rotary Internacional | 33 Jooji Fujiwara | 56 Júlio Jerônimo dos Santos | 79 Bandeiras |
| 11 Geoffrey Wild Diment | 34 Salgado Filho | 57 Mons. Bernardo Coadde | 80 Nossa Senhora Aparecida |
| 12 21 de Abril | 35 Americas | 58 Largo Julio Carmo Esteves | 81 São Benedito |
| 13 Senador Ablon de S. Naves | 36 Pion. Fior Prugante | 59 Regente Feijó | 82 Renato Celdonio |
| 14 Aeroporto | 37 Pion. Olimpio Forcellini | 60 Largo Ines Murari | 83 Otília |
| 15 Amabile Giroldo | 38 Sagrado Coração de Jesus | 61 Santa Isabel | 84 Prof. Nadir Ap. Cancian |
| 16 Pio XII | 39 Francisco Cruz Martins | 62 Cidade de Betesica | 85 Vir. Miguel de Oliveira |
| 17 Expedicionários | 40 Pion. Bento de F. da Silva | 63 Pio. Jacinto P. Branco | 86 Juiz Fernando Antonio Vieira |
| 18 Manuel Ribas | 41 Eldio Neto Laranjeira | 64 Aletta Renaldo G. Bittencout | 87 Largo Inocente Vila Nova Jr. |
| 19 Serbes | 42 Independência | 65 Arnaldo A. de Oliveira | 88 Visor Rodrigues Martins |
| 20 Livros | 43 Maestro Antonio Marti | 66 Raphaela Name Lucchesi | 89 Waldemar Palzotto |
| 21 Vereador Malaquias de Abreu | 44 Prof. Ester G. Josepetti | 67 Antônio Laurentino Tavares | 90 Yamaguchi |
| 22 Catedral | 45 Prof. Ary de Lima | 68 Capela | 91 Bandeiras |
| 23 Ministro Antônio O. Salazar | 46 Pion. Galileu Rigon | 69 Londrina | 92 Erigido de Brito |
| | | | 93 e 104 Sem Denominação |

Org.: BOVO, M.C.; MENEZES, H.R.; BRAYO, J.V.M.; SANTIL, F.L.P. 2008
Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor, 2008.

5.3-Análise do Levantamento Quantitativo e Qualitativo da Vegetação Existente nas Praças de Maringá

Na sequência serão avaliados os aspectos quantitativos e qualitativos da vegetação existente nas praças maringaenses. Salientamos que nossa intenção não é apresentar os índices de vegetação existentes em Maringá, mas sim, fazer uma avaliação quanto aos seguintes aspectos: localização das áreas; vegetação existente; porte e densidade de vegetação; cobertura de solo; condições do relevo; aspectos físicos e sanitários da vegetação; tipo de ocupação nas proximidades; qualidades paisagísticas e aspectos urbanísticos. Para análise qualitativa adotamos a metodologia de Teixeira (2001), já apresentada nesta pesquisa no capítulo 1.

a) Vegetação, cobertura do solo e condições de relevo das praças de Maringá

A vegetação é um componente físico importante da paisagem urbana, e caracteriza-se pela aparência, rugosidade no meio das edificações (**Figura 50**), juntamente com as áreas gramadas. Atua como condicionante térmico natural e auxilia no reabastecimento dos lençóis de água subterrânea através de sua infiltração no subsolo.



Figura 50: Vista parcial da vegetação na parte leste de Maringá.
Foto: BOVO, M. C. 2007.

Os espaços gramados podem absorver maior quantidade de radiação solar e irradiar uma quantidade menor de calor que qualquer superfície construída, uma vez que grande parte da energia absorvida pelas folhas é utilizada pelo seu processo metabólico, enquanto em outros materiais toda a energia absorvida é transformada em calor (ROMERO, 1998).

Nesta pesquisa investigamos a vegetação existente nas praças. Num primeiro momento constatamos que, das 104 praças analisadas, 62,5% são constituídas de espécies nativas e exóticas, 14,43% possuem vegetação espontânea, 11,54% possuem somente espécies exóticas e 11,54% das praças investigadas possuem somente espécies nativas.

Para verificar a densidade da vegetação existente nas praças em estudo, analisou-se quanto, percentualmente, cada tipo de vegetação (arbóreo, arbustivo e rasteiro) está presentes em cada área. A **Tabela 08** apresenta o porte da vegetação predominante nas áreas verdes. A **Figura 51** apresenta a densidade da vegetação arbórea das praças maringaenses.

Tabela 08: Porte da vegetação predominante nas praças de Maringá - PR.

Porte da vegetação	Quantidade de praças	Percentagem (%)
Arbóreo/arbustivo/rasteiro	30	28,86
Arbóreo/rasteiro	51	49,03
Rasteiro	19	18,29
Arbóreo/arbustivo	03	2,86
Arbustivo/rasteiro	01	0,96
Total	104	100

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em janeiro de 2008.

Pelos dados apresentados verificamos que o percentual maior das praças maringaenses possui vegetação arbórea e rasteira (cerca de 49,03%). Em segundo lugar estão as que apresentam vegetação arbóreo-arbustivo-rasteira, com 28,86% das áreas existentes e 18,29% delas possuem vegetação de porte rasteiro, e se encontram na periferia.

Quanto à cobertura do solo dessas áreas verdes, foi avaliado se as praças possuem gramado, solo nu ou calçado. A **Tabela 09** apresenta a cobertura de solo das praças maringaenses.

Tabela 09: Cobertura do solo das praças de Maringá - PR.

Cobertura do solo	Quantidade de praças	Percentagem (%)
Gramado	24	23,07
Gramado e calçado	45	43,27
Gramado/calçado/solo nu	21	20,19
Gramado e solo nu	06	5,77
Outros	08	7,70
Total	104	100

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em janeiro de 2008.

Pelos dados apresentados na **Tabela 9** é possível verificar que a percentagem maior das praças maringaenses possui gramado e calçamento (cerca de 43,27%), principalmente aquelas localizadas nas áreas centrais ou próximas a templos religiosos ou edificações

institucionais. Os gramados estão presentes em 96 praças, contribuindo assim para a retenção de umidade e armazenamento de água no lençol freático. Ao todo, 08 praças, localizadas principalmente na periferia, encontram-se praticamente abandonadas, servindo de depósito de lixo e para a proliferação de insetos, com o mato crescendo naturalmente.

Quanto aos aspectos topográficos, das 104 praças existentes em Maringá, 71,15% se encontram em relevo plano, 24,03% em áreas de média vertente e 4,8% em fundos de vale. Atualmente há uma carência de implantação de novas áreas verdes em Maringá, pois muitas vezes as áreas cedidas pelos novos loteamentos acabam sendo destinadas a outras finalidades, bem diferentes das do lazer, como é percebido na periferia maringaense.

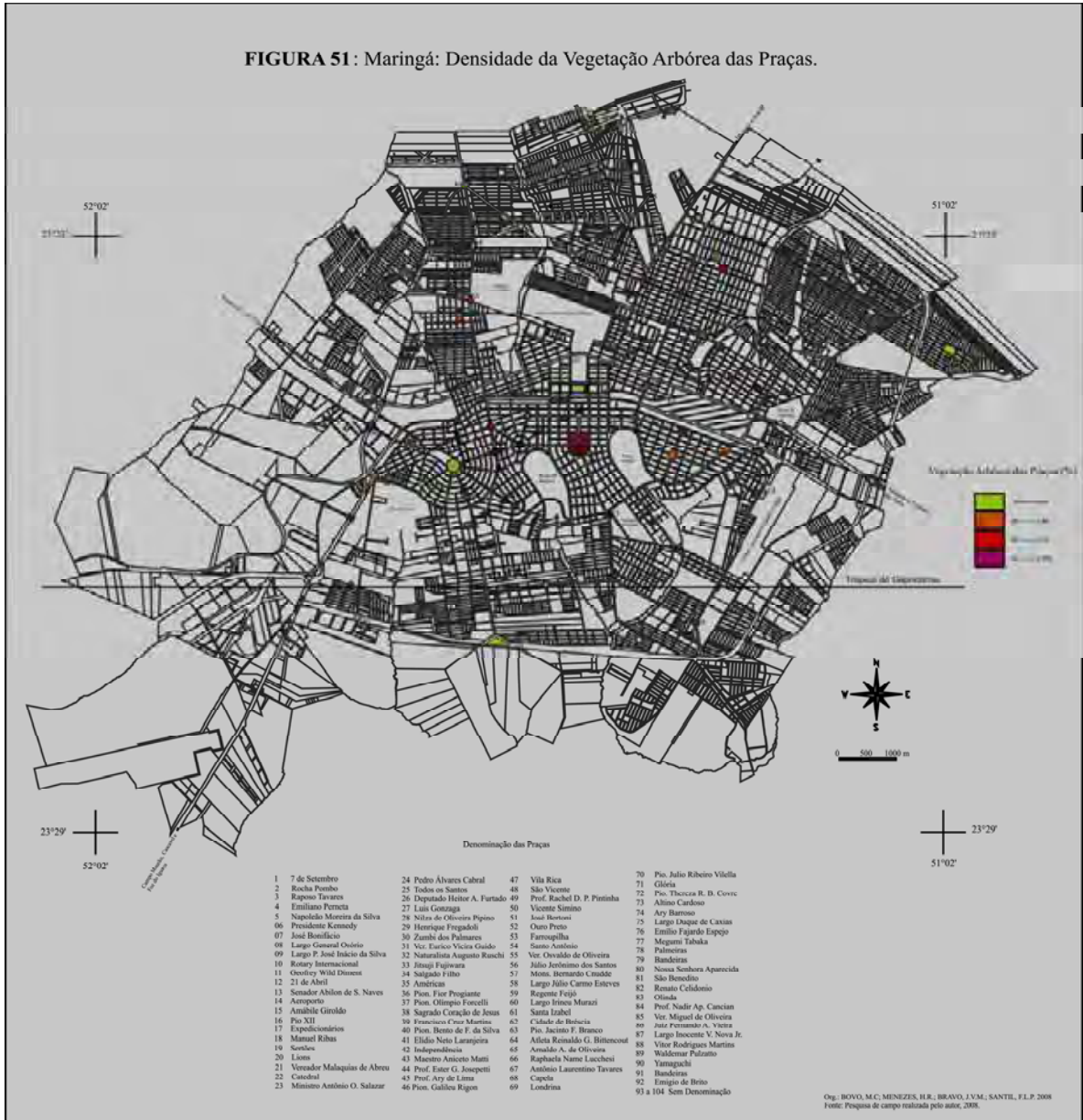
b) Aspectos físicos e sanitários da vegetação

Os aspectos físicos e sanitários da vegetação são de fundamental importância para a sobrevivência das árvores. Das 104 praças investigadas, 51,92% apresentam boas condições. Este é um bom sinal quanto à qualidade de vida e de suas atividades metabólicas. Entre os fatores responsáveis pelas boas condições estão: a ausência de podas inadequadas, que se torna possível nas praças porque as fiações de energia elétrica não estão presentes. Outro fator relevante é que as praças apresentam espaços suficientes para o crescimento de raízes profundas não havendo danos para a pavimentação.

A pesquisa permitiu constatar que 28,84% das praças se encontram em estado satisfatório, com pequenos problemas de pragas, doenças e danos físicos, necessitando de poda ou de reposição das espécies arbóreas ou arbustivas. Em 19,24% das praças verificamos severos danos, desencadeados por pragas, doenças ou danos físicos, necessitando urgentemente de monitoramento e, por vezes, de um novo plantio de espécies.

Tendo-se em vista a melhoria dos aspectos físicos e sanitários da vegetação dessas áreas verdes, devem-se levar em consideração: as espécies introduzidas nesses logradouros; mão-de-obra treinada e especializada no manejo, plantio e acompanhamento do crescimento, poda e tratamentos obedecendo às técnicas adequadas; a manutenção atualizada do cadastro, com dados completos de todas as espécies de árvores (idades, características plásticas, características do crescimento, distribuição das espécies na malha urbana e percentagem de todas as espécies plantadas).

FIGURA 51: Maringá: Densidade da Vegetação Arbórea das Praças.



Denominação das Praças

1 7 de Setembro	24 Pedro Álvares Cabral	47 Vila Rica	70 Pio. Julio Ribeiro Villela
2 Rocha Pombo	25 Todos os Santos	48 São Vicente	71 Glória
3 Raposo Tavares	26 Deputado Helder A. Furtado	49 Prof. Rachel D. P. Pininha	72 Pro. Theozza R. D. Covre
4 Emiliano Pereira	27 Luis Gonzaga	50 Vicente Simão	73 Altino Cardoso
5 Napoleão Moreira da Silva	28 Nilza de Oliveira Pipino	51 José Hortesi	74 Ary Barroso
06 Presidente Kennedy	29 Henrique Fregadelli	52 Duro Pinto	75 Largo Duque de Caxias
07 José Bonifácio	30 Zumbi dos Palmares	53 Fátima	76 Emílio Fajardo Espejo
08 Largo General Otávio	31 Vez. Eusébio Vieira Guido	54 Santo Antônio	77 Maguini Tabaka
09 Largo P. José Inácio da Silva	32 Natalina Augusto Runchi	55 Vez. Osvaldo de Oliveira	78 Palmeiras
10 Rotary Internacional	33 Jitaji Fujiwara	56 Júlio Jerônimo dos Santos	79 Bandeiras
11 Geoffrey Wild Diment	34 Saigado Filho	57 Mons. Bernardo Crodde	80 Nossa Senhora Aparecida
12 21 de Abril	35 Américan	58 Largo Julio Carmo Esteves	81 São Benedito
13 Senador Atilon de S. Naves	36 Pim. Fior Prognante	59 Regente Feijó	82 Renato Celdonio
14 Aeroporto	37 Pim. Olímpio Forcellini	60 Largo Irineu Marazzi	83 Ottonia
15 Amêlie Giroldo	38 Sagrada Cação de Jesus	61 Santa Isabel	84 Prof. Nadir Ap. Cancian
16 Pio XII	39 Francisco Cruz Martins	62 Cidade de Beluzia	85 Vez. Miguel de Oliveira
17 Expedicionários	40 Pim. Bento de F. da Silva	63 Pio. Jacinto F. Benico	86 Cruz Ferreira A. Vieira
18 Manuel Ribas	41 Eldio Neto Lameira	64 Adelia Remaldo G. Bellencon	87 Largo Inocente V. Nova Jr.
19 Raulus	42 Independência	65 Arnaldo A. de Oliveira	88 Vitor Rodrigues Martins
20 Lócio	43 Mestre Aniceto Matti	66 Raphaela Neme Lucchesi	89 Waldemar Palazzi
21 Vereador Malaguán de Abreu	44 Prof. Ester G. Josepatti	67 Antônio Laurocino Tavares	90 Yamaguchi
22 Catedral	45 Prof. Ary de Lima	68 Capela	91 Bandeiras
23 Ministro Antônio O. Salazar	46 Pim. Galileo Rigon	69 Londrina	92 Emílio de Brito
			93 a 104 Sem Denominação

Org.: BOVO, M.C.; MUNEZES, H.R.; BRAVO, J.V.M.; SANTIL, F.L.P. 2008
 Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor, 2008.

c) A ocupação das proximidades das praças

Quanto à ocupação das proximidades das praças, predominam a residencial e a comercial, mas também existem áreas sem ocupação. Diante desses dados é possível verificar a real necessidade de investimentos em estruturas e equipamentos. Também é possível avaliar as condições de uso dessas áreas verdes pelos moradores, aspecto em que, dependendo da ocupação do entorno, a praça pode ter uma valorização meramente estética. No caso de Maringá, 42,30% das praças têm como ocupação do seu entorno atividades comerciais e residenciais, 29,80% possuem no seu entorno somente atividades comerciais, 24,05% delas se encontram somente em áreas residenciais e 3,85% estão em áreas que não possuem ocupação no seu entorno.

d) Qualidade paisagística das praças de Maringá

A qualidade paisagística refere-se à análise geral do mobiliário existente nas áreas verdes, como parques infantis, áreas de lazer, quadras, bebedouros, condições de uso dos bancos e outros. Neste trabalho utilizamos os parâmetros adotados por Teixeira para diferenciar a qualidade paisagística. Para o autor, considera-se o estado “bom: quando se apresenta sem danos, em condições de pleno uso; satisfatório: quando se apresentam com pequenos danos, possibilitando o uso; ruim: quando se apresenta com danos que impossibilitam o uso pleno” (TEIXEIRA, 1991 p. 27).

Pela pesquisa verificamos que as praças que apresentam melhores qualidades paisagísticas estão localizadas nas áreas centrais, porém é comum encontrá-las com qualidade apenas satisfatória quanto à sua estrutura e equipamentos também nessas áreas. Já a grande concentração de praças classificadas como ruins se encontra na periferia. A **Tabela 10** indica a qualidade paisagística das praças maringaenses.

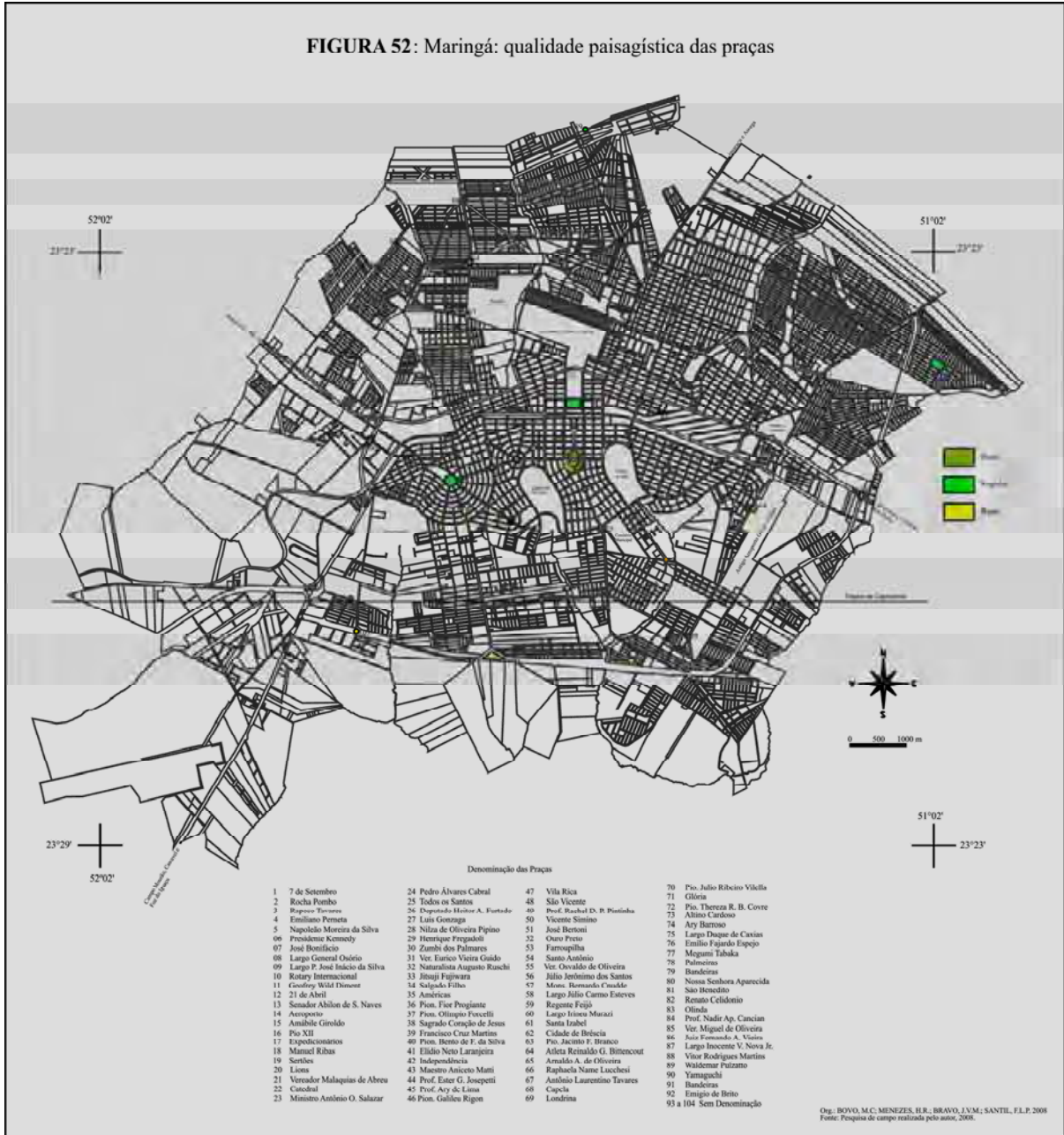
Tabela 10: Qualidade paisagística das praças de Maringá-PR

Qualidade	Quantidade de praças	Porcentagem (%)
Bom	40	38,47
Satisfatório	25	24,03
Ruim	39	37,5
Total	104	100

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em janeiro de 2008.

A **Figura 52** nos possibilita uma visão espacial da qualidade paisagística das praças de Maringá.

FIGURA 52: Maringá: qualidade paisagística das praças



5.4- Caracterização das Praças Estudadas

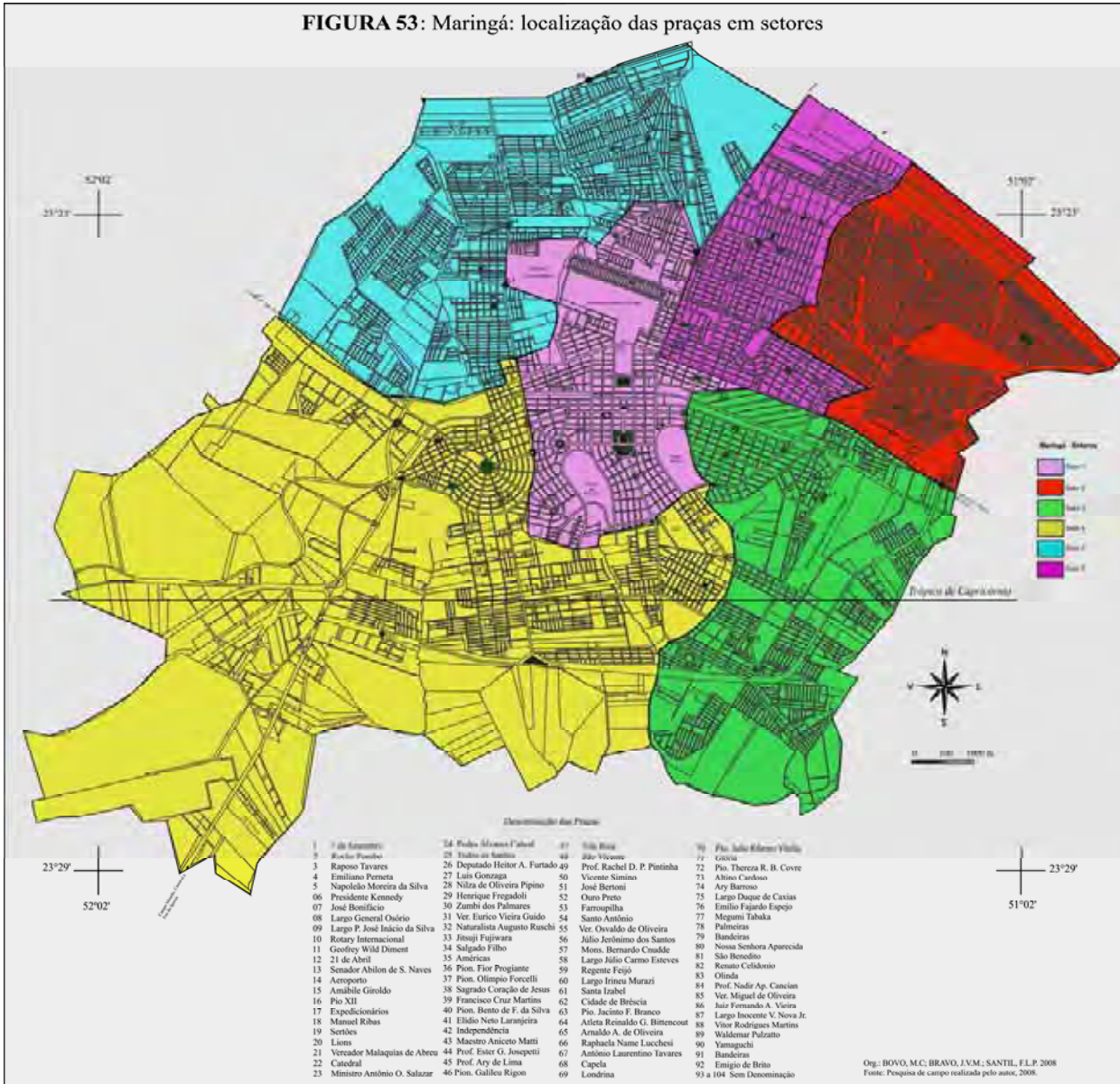
Este item tem por objetivo apresentar o diagnóstico das 104 praças estudadas, no qual destacamos a sua posição geográfica, os aspectos gerais referentes aos equipamentos e estruturas existentes em cada logradouro e suas características relativas à formação vegetal; e para finalizar, propomos algumas alternativas com vista à qualidade ambiental de cada logradouro.

Ao longo deste item utilizamos símbolos (**Quadro 02**) para identificar os aspectos qualitativos dos equipamentos e estruturas das praças de Maringá. Os símbolos estão representados pela cor verde quando se referem aos equipamentos ou estrutura em bom estado de conservação; pela cor laranja quando os equipamentos ou estruturas apresentam estado regular, necessitando manutenção; pela cor vermelha para referir-se aos equipamentos caracterizados como ruins, necessitando ser substituídos ou ampliada a quantidade; e os equipamentos e estruturas representados em preto se referem às sugestões e propostas de implantação na área pesquisada. Salientamos que os equipamentos e as estruturas essenciais para o funcionamento de uma praça são: iluminação, bancos, ponto d'água e pavimentação. Como, porém não há regras específicas de quais equipamentos devam ou não ser implantados, o ideal é verificar com a população o que é necessário em cada área.

Na sequncia subdividimos a área urbana do município de Maringá em seis setores (**Figura 53**) levando-se em consideração a metodologia adotada por Brandão (2005), que propôs a divisão da cidade por “agrupamentos dos bairros por proximidade socioeconômicas e geográficas” (p.68). Neste sentido, as subdivisões proporcionam o levantamento das necessidades populares de todas as áreas evitando desta forma o bairrismo e o individualismo político e social conforme afirma Brandão (2005).

Tendo por base a proposta de Brandão (2005) agrupamos as praças em setores e realizamos uma análise individualizada das praças com objetivo de apresentar os seus aspectos gerais quanto à estrutura, a forma, processo e a função, levando também consideração os seus aspectos paisagísticos.

FIGURA 53: Maringá: localização das praças em setores



5.4.1-Aspectos gerais das praças localizadas no setor 1

No setor 1 há 24 praças localizadas na parte central de Maringá e também na periferia (**Figura 54**). As praças localizadas na parte central apresentam boa infraestrutura, excelente arborização, predominando o estrato arbóreo e desempenham várias funções, já as praças periféricas necessitam de investimentos em infraestrutura. Neste setor as praças de maior representatividade são: a Praça Deputado Renato Celidônio, a Praça da Catedral, a Praça Raposo Tavares, a Praça Napoleão Moreira da Silva. Na sequência será apresentada a análise individualizada das praças do respectivo setor.

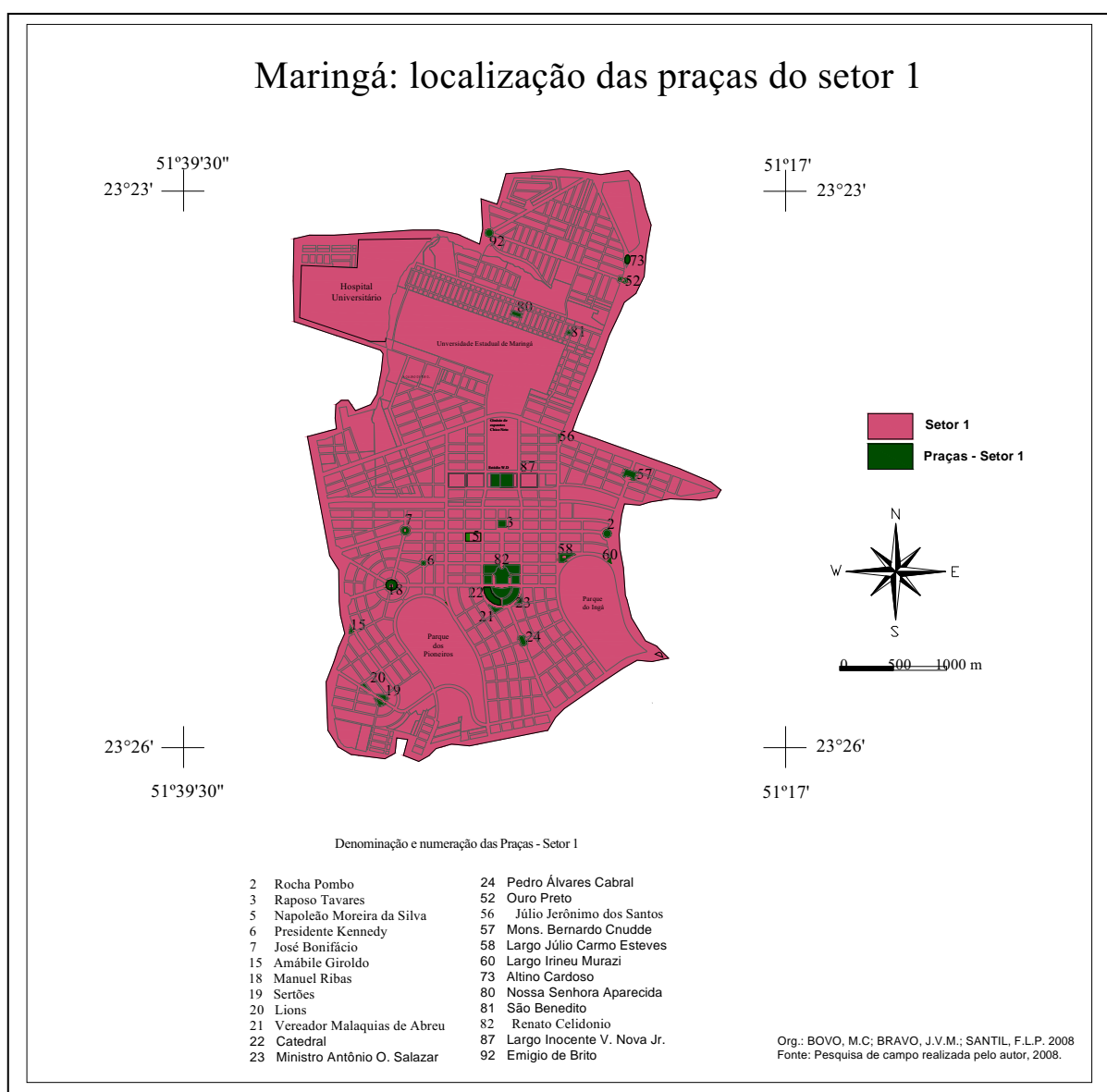


Figura 54: Localização das praças do setor 1

a) Praça Rocha Pombo (Nº 2)

A Praça Rocha Pombo encontra-se localizada no cruzamento da Avenida Brasil com a Avenida Pedro Taques, mais precisamente nas coordenadas geográficas 23° 25'16" latitude sul e 51° 55'42" longitude oeste, com altitude de 506 metros.

Projetada por Jorge de Macedo Vieira, possui forma circular e contribui para a melhoria do trânsito. Atualmente é pouco frequentada, mas no passado, até por volta de 1984, segundo De Angelis (2000), era muito frequentada por prostitutas, devido à existência de um prostíbulo nas imediações. Hoje raramente encontramos pessoas usufruindo desse espaço, exceto os mendigos que por ali perambulam. A ocupação nas imediações é constituída quase exclusivamente por estabelecimentos comerciais.

Quanto à sua infraestrutura, é dotada de bancos dispostos em círculos formando duas grandes áreas, iluminação baixa, pavimentos de concreto e bloquitos portugueses, caminhos internos amplos, um pequeno palco na sua parte central e identificação. O **Quadro 3** apresenta a síntese qualitativa das estruturas e equipamentos existentes na praça.

Quanto aos aspectos da vegetação encontramos espécies nativas e exóticas, entre elas ipês-roxos (*Tabebuia avellanadae*), paus-ferro (*Caesalpinia ferrea var. leiostachya*), palmeiras (*Roystonea spp.*) e outras. A área é constituída, em cerca de 80%, por vegetação arbórea, e em 20%, de espécies arbustivas, sendo boa a qualidade paisagística. Quanto à cobertura do solo, a área tem 50% de pavimentação e 50% de gramado.

Como sugestões para a revitalização propomos: instalação de lixeiras, telefone público e ponto d'água; manutenção e limpeza dos bancos; substituição das luminárias danificadas; ampliação da área de gramado para diminuir a impermeabilização do solo. As **figuras 55 e 56** representam os aspectos paisagísticos da Praça Rocha Pombo.

Quadro 03 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Rocha Pombo e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figuras: 55: Praça Rocha Pombo.
Foto: BOVO, M. C. 2008.



Figuras: 56: Vista parcial dos caminhos no interior da Praça Rocha Pombo.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

b) Praça Raposo Tavares (Nº 3)

A Praça Raposo Tavares localiza-se no centro de Maringá, entre a Avenida Brasil e no início da Avenida Getúlio Vargas, nas coordenadas geográficas 23° 25'13" latitude sul e 51° 56'18" longitude oeste, com altitude de 546 metros de altitude.

No entorno dela está localizada a antiga rodoviária e o terminal urbano, sendo a sua imediação ocupada por estabelecimentos comerciais. Atualmente é frequentada por usuários de transportes coletivos, prostitutas, desocupados, aposentados, camelôs e usuários de drogas. É importante destacar a presença constante de artistas de rua, curandeiros e pastores que realizam pregações religiosas.

Quanto aos equipamentos e estruturas existentes destacamos 105 bancos, iluminação baixa em bom estado de conservação, lixeiras, telefone público, ponto d'água, ponto de ônibus, ponto de táxi, bancas de revistas, quiosque de alimentação, pavimentação em bloquitos portugueses e amplos passeios, os quais facilitam a circulação dos usuários. Também possui uma obra-de-arte, o busto em homenagem a Joubert de Carvalho. Há um pequeno anfiteatro a céu aberto, conhecido como Templo da Bíblia, que reúne pastores de diversas igrejas com seus fiéis. O **Quadro 4** apresenta a síntese qualitativa das estruturas e equipamentos existentes na praça.

A Praça Raposo Tavares tem uma vegetação diversificada, constituída de espécies exóticas e nativas, destacando-se as sibipirunas (*Caesalpinia pectophoroides*), ipês-roxos (*Tabebuia avellanadae*). A vegetação se constitui de 70% de espécies arbóreas e 30% de espécies arbustivas, apresentando um aspecto físico e sanitário de boa qualidade. No tocante à

cobertura do solo, cerca de 80% da área possuem calçamento e apenas 20% se constituem de gramado. Também é comum a presença de pombos, que são alimentados pelos usuários.

Das praças maringaenses, apesar da falta de segurança, é a que possui o maior número de manifestações coletivas, exposições, feiras, reuniões públicas, comícios políticos, assemelhando-se muito às praças do passado.

Como sugestões apresentamos a revitalização da área através de limpeza e manutenção dos bancos, limpeza dos telefones públicos em virtude da poluição visual ocasionada por propagandas e a instalação de um módulo policial visando à segurança do local. As **Figuras 57 e 58** indicam os aspectos gerais da Praça Raposo Tavares.

Quadro 04 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Raposo Tavares e propostas de implantação.

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 57: Praça Raposo Tavares.
Foto: BOVO, M. C. 2008.



Figura 58: Vista parcial da Praça Raposo Tavares
Foto: BOVO, M. C. 2008.

c) Praça Napoleão Moreira da Silva (Nº 5)

A Praça Napoleão Moreira da Silva localiza-se entre a Avenida Brasil, a Rua Santos Dumont, a Avenida Duque de Caxias e a Rua Basílio Saltchuk, mais precisamente nas coordenadas geográficas 23° 25'17" de latitude sul e 51° 56'26" de longitude oeste, a uma altitude 539 metros.

Foi a primeira praça a ser implantada na cidade de Maringá, o que foi feito pela Lei N. 32/57 e nela seria construída a primeira estação rodoviária. Segundo De Angelis (2000), foi doada à prefeitura pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), toda arborizada com árvores nativas da região. Na década de 1960, na administração do segundo prefeito, essas árvores foram cortadas pela Prefeitura, gerando uma crise com a CTNP.

Durante a elaboração do projeto da cidade pelo urbanista Jorge Macedo Vieira ficou estabelecido que seria a “Praça da Rodoviária”, porém a estação rodoviária foi construída em outro local.

Atualmente é uma das praças maringaenses localizadas na parte central da cidade. Possui inúmeros equipamentos e uma boa estrutura para a sua funcionalidade, com vários bancos, boa iluminação, lixeiras, telefone público, estacionamento, banca de revistas, ponto de táxi, quiosque de alimentação e parque infantil. Todos os anos é instalada ali a Casa do Papai Noel, servindo de atrativo para as crianças. A pavimentação é constituída de concreto e bloquetes portugueses e na sua parte central há uma área livre, permitindo a realização de eventos como, por exemplo, feiras de artesanato. Também se encontra na praça o busto de Napoleão Moreira da Silva, como homenagem ao pioneiro que deu nome a este logradouro. O **Quadro 5** apresenta a síntese qualitativa das estruturas e dos equipamentos existentes na praça.

A vegetação existente é nativa e exótica. Há palmeiras-imperiais (*Roystonea spp*), ipês-roxos (*Tabebuia avellanadae*) e uma falsa seringueira (*Ficus elastica*), que é da época da fundação da cidade. Quanto ao porte da vegetação, cerca de 90% são arbóreos e 10% arbustivos. No que diz respeito à cobertura do solo, cerca de 70% se constituem de calçada e 30% de gramado.

A praça encontra-se envolvida por vários estabelecimentos comerciais e bancários. Durante o dia, inúmeras pessoas circulam livremente pela praça, porém no período noturno essa praça passa a ser território de prostitutas, travestis e michês, tornando-se um local inseguro.

Como sugestão, propomos: instalação de mais lixeiras, substituição do calçamento devido à existência de inúmeros buracos, limpeza e manutenção dos bancos, instalação de novos equipamentos no parque infantil e recuperação dos já existentes, e ampliação da segurança. As **Figuras 59 e 60** representam os aspectos paisagísticos da Praça Napoleão Moreira da Silva.

Quadro 05 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Napoleão M. da Silva e propostas de implantação.

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 59: Praça Napoleão Moreira da Silva.
Foto: BOVO, M. C. 2008.



Figura 60: Ipês floridos na Praça Napoleão Moreira da Silva.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

d) Praça Presidente Kennedy (Nº 6)

A Praça Presidente Kennedy se encontra localizada na confluência das avenidas 15 de Novembro e Parigot de Souza, nas coordenadas geográficas de 23° 15'25" latitude sul e 51° 56'42" longitude oeste, com altitude de 561 metros. No seu entorno predominam hospitais, consultórios médicos, laboratórios, farmácias, além de edifícios residenciais.

Quanto à funcionalidade, essa praça é basicamente estética, pois quebra a monotonia causada pelos edifícios e clínicas médicas ali instalados, embora seja também uma área de circulação de pedestres.











Sua estrutura física deixa muito a desejar, pois é constituída basicamente de 04 bancos de madeira, luminárias altas que ficam acima da copa das árvores, dificultando a iluminação, canteiro com meio-fio, calçamento em bloquetes portugueses e dois caminhos amplos que cruzam a parte central (**Quadro 06**).

A praça é constituída de vegetação nativa e exótica, predominando o estrato arbóreo, com destaque para as espécies tipuana (*Tipuana tipu*) e cássia-rósea (*Cassia grandis*), que florescem no verão, e palmeiras (*Roystonea spp*). Quanto ao aspecto físico e sanitário, a

vegetação é de boa qualidade. Em relação à cobertura do solo, cerca de 50% de toda a área possuem calçamento, 20% gramado e 30% se constituem de solo nu.

Como sugestões propomos: rebaixamento e instalação de luminárias, instalação de lixeiras, ponto d'água e placa de identificação, substituição dos bancos de madeira, manutenção dos canteiros com ornamentos de flores substituindo o solo nu, redução da área de calçamento para diminuir a área pavimentada da praça, instalação de lixeiras e de uma placa de identificação da área. A **Figura 61** ilustra os aspectos gerais da Praça Presidente Kennedy.

Quadro 06 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Presidente Kennedy e propostas de implantação.

									
---	---	---	---	---	---	--	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 61: Vista parcial da Praça Presidente Kennedy.
Foto: BOVO M. C. 2008.

e) Praça José Bonifácio (Nº7)

A Praça José Bonifácio localiza-se na Avenida Brasil em seu ponto de cruzamento com a Avenida Cidade de Leria, mais precisamente nas coordenadas geográficas 23° 25'13" de latitude sul 51° 56'18" de longitude oeste, com altitude de 546 metros.

Quanto aos equipamentos e estruturas existentes, possui bancos, sistema de iluminação em bom estado de conservação, pavimentação de paralelepípedo, destacando-se o monumento a José Bonifácio. O **Quadro 7** apresenta a síntese qualitativa das estruturas e equipamentos existentes na praça.

Essa praça encontra-se localizada em uma área de intensa atividade comercial, e também está nas proximidades de hospitais e laboratórios de análises clínicas.

A vegetação é constituída de espécies exóticas e nativas, com destaque para paus-ferro (*Caesalpinia ferrea var. leiostachya*) e sibipirunas (*Caesalpinia peltophora*), sendo 70% de espécies arbóreas e 30% de espécies arbustivas. Quanto à cobertura do solo, cerca de 70% da área são possui gramado e 30% de calçamento (**Figura 62**).

Como sugestão propomos: instalação de lixeiras, recuperação e manutenção dos bancos, manutenção da iluminação (limpeza, conserto e troca de lâmpadas e luminárias) e dos canteiros e plantio de nova vegetação.

Quadro 07 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça José Bonifácio e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figuras 62: Praça José Bonifácio.

Foto: BOVO, M. C. 2008.

f) Praça Amáble Giroldo (Nº 15)

A Praça Amáble Giroldo se localiza entre a Avenida Humaitá e a Avenida Luiz Teixeira Mendes, nas coordenadas geográficas de 23° 25'45" latitude sul e 51° 57'08" longitude oeste, com altitude de 538 metros. É de forma triangular e de pequena dimensão, porém no seu interior encontramos os seguintes equipamentos e estruturas físicas: bancos, iluminação baixa de boa qualidade, pavimentação em bloquetes portugueses, canteiro com meio-fio e parque infantil em condições de uso (**Quadro 08**). A ocupação do entorno é residencial e comercial, sendo utilizada principalmente pelos moradores da localidade.

A vegetação existente é nativa e exótica, sendo constituída de 80% de espécies arbóreas e 20% de espécies arbustivas. A arborização é constituída basicamente de sibipirunas

(*Caesalpinia peltophora*) e tipuanas (*Tipuanas tipo*). Devido ao porte das árvores, a área é totalmente sombreada. O terreno apresenta certa declividade em direção à Avenida Humaitá, e neste sentido foram construídas pequenas elevações com muros para a construção dos canteiros. A cobertura do solo consiste de cerca de 40% calçamento 30% de gramado, enquanto os restantes 30% se constituem de solo nu. A praça apresenta boa qualidade paisagística.

Apresentamos as seguintes propostas: instalação de lixeiras; manutenção e limpeza dos bancos; instalação de um ponto d'água e de telefone público; manutenção dos brinquedos existentes no parque infantil; instalação de uma placa de identificação da área; implantação de canteiros no solo nu, devido à presença de sombra (plantio de vegetação adequada, que se adapte à sombra). A **Figura 63** apresenta os aspectos gerais da Praça Amábil Giroldo.

Quadro 08 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Amábil Giroldo e propostas de implantação.

								
--	--	--	--	--	--	---	--	--

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 63: Vista parcial da Praça Amábil Giroldo.

Foto: BOVO, M. C. 2008.

f) Praça Manuel Ribas (Nº 18)

Situada entre a Avenida Tiradentes e a Avenida Curitiba, nas coordenadas geográficas 23° 25'32" latitude sul e 51° 56'55" longitude oeste, com altitude de 551 metros, possui no seu entorno atividades comerciais e residenciais.

Essa praça apresenta excelente aproveitamento dos seus espaços, principalmente devido à existência de quadra de areia poliesportiva onde frequentemente ocorrem

competições, atraindo jovens para esse espaço. Também existe um parque infantil em péssimo estado de conservação.



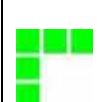



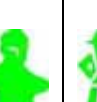



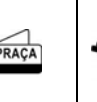
Quanto a sua topografia apresenta um desnível que permitiu a implantação de subespaços dentro da área que a torna atrativa. Encontramos no seu interior um local isolado com bancos para descanso.

É importante destacar que apresenta iluminação em bom estado de conservação, porém alta, pavimentação em bloquetes portuguesas. O **Quadro 09** apresenta a síntese qualitativa das estruturas e equipamentos existentes na praça.

A vegetação é constituída de plantas nativas e exóticas, cerca de 40% da cobertura da área é arbórea. Na cobertura do solo cerca de 30% possui calçamento, 20% gramado e 50% solo nu. Quanto aos aspectos paisagísticos apresenta-se em bom estado.

Como sugestões: recuperar o parque infantil, rebaixamento das luminárias, instalação e recuperação dos bancos existentes, instalação de lixeiras, telefone público, colocar placa de identificação da área. As **Figuras 64 e 65** ilustram os aspectos gerais da Praça Manuel Ribas.

Quadro 09 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Manuel Ribas e propostas de implantação.

										
---	---	---	---	---	---	---	--	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 64: Praça Manuel Ribas.
Foto: BOVO, M. C. 2007.



Figura 65: Praça Manuel Ribas.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

h) Praça dos Sertões (Nº 19)

A Praça dos Sertões encontra-se localizada entre Avenida Euclides da Cunha e a Rua Nilo Peçanha nas coordenadas geográficas 23° 26'07" latitude sul e 51° 56'57" longitude oeste, com altitude de 558 metros. Encontra-se dividida em duas partes. Em uma delas encontra-se um parque infantil em péssimas condições de uso, sendo necessária a substituição de todos os equipamentos. Encontra-se também nesta parte uma quadra de esporte com alambrado em seu entorno, necessitando de pintura e substituição da trave do gol. (**Quadro 10**). A iluminação é alta e apresenta estado regular, e partes das lixeiras instaladas estão danificadas. Na outra parte da praça encontra-se vegetação constituída de espécies exóticas e nativas (em apenas 20% da área se encontra vegetação arbórea). Entre as espécies há ipês-roxos (*Tabebuia avellanadae*), ipês-brancos (*Tabebuia roseo-alba*), ipês-amarelos (*Tabebuia chrysotricha*) e pinheiro-do-Paraná (*Araucaria angustifolia*). A cobertura do solo se constitui de cerca de 80% de gramado e em 20% da área o solo está nu, proporcionando a permeabilização.

Quanto à funcionalidade, destacamos a presença de pessoas que participam de jogos na quadra, principalmente nos finais de semana, e de crianças que brincam no parque infantil, apesar de estar danificado principalmente pela ação do tempo. A ocupação do entorno é residencial.

Nossas sugestões para melhoria da Praça dos Sertões são: instalação de novos equipamentos no parque infantil, substituindo todos os brinquedos existentes; manutenção e reforma da quadra; substituição das lixeiras que se encontram danificadas, rebaixamento da iluminação e instalação de novas luminárias; instalação de um ponto d'água próximo à quadra e colocação de uma placa de identificação da área. As **Figuras 66 e 67** ilustram os aspectos gerais da Praça dos Sertões.

Quadro 10 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça dos Sertões e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 66 :Vista parcial da Praça dos Sertões.
Foto: BOVO M. C. 2008



Figura 67: Vista parcial da Praça dos Sertões.
Foto: BOVO M. C. 2008.

i) Praça Lions (Nº 20)











A Praça Lions encontra-se situada entre a Avenida Euclides da Cunha e a Rua João Alfredo, nas coordenadas geográficas de 23° 26'03" latitude sul e 51° 57'03" longitude oeste, a uma altitude de 558 metros, sendo praticamente continuidade da Praça dos Sertões. Encontra-se localizada em uma área residencial e comercial, tendo como principais usuários os moradores do bairro.

A Praça Lions possui bancos em concreto, recuados no passeio, sendo circundado de toletes de eucalipto. Conta com iluminação rebaixada, que permite o uso no período noturno. Possui pavimentação de concreto, canteiro com meio-fio e identificação da área. Também se encontra no interior da praça um busto de Melvin Jones, fundador do Lions Clube Internacional, entidade que deu nome ao logradouro (**Quadro 11**).

A vegetação existente é constituída de plantas exóticas e nativas, sendo 70% arbóreas e 30% arbustivas, com destaque para o ipê-roxo (*Tabebuia avellanedae*) e o pau-ferro (*Caesalpinia ferrea ver. leiostachya*), propiciando ao espaço sombra durante a maior parte do dia. Quanto à cobertura do solo 60% se constituem de calçamento e 40% de áreas gramadas. A Praça Lions apresenta boa qualidade paisagística.

Como sugestões para sua melhoria, propomos: instalação de lixeiras, telefone público e ponto d'água, além da manutenção da iluminação existente na praça. As **Figuras 68 e 69** representam os aspectos gerais da Praça Lions.

Quadro 11 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Lions e propostas de implantação.

									
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 68: Vista parcial da Praça Lions.
Foto: BOVO, M. C. 2008.



Figura 69: Vista parcial da Praça Lions.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

j) Praça Vereador Malaquias de Abreu (Nº 21)

A Praça Vereador Malaquias de Abreu localiza-se entre a Avenida João XXIII e a Rua Martim Afonso, nas coordenadas geográficas de 23° 25'39" latitude sul e 51° 56'18" longitude oeste, com altitude de 549 metros. Encontra-se situada nas imediações da Praça da Catedral, formando uma grande área verde na parte central de Maringá em conjunto com as demais praças que ali se encontram. É constituída basicamente de vegetação nativa e exótica, predominando o estrato arbóreo. Entre as espécies se destacam pínus (*Pinus spp*), paineiras (*chorisia speciosa*) e ipês-roxos (*Tabebuia avellanadae*). A cobertura do solo é representada por cerca de 80% de gramado e 20% de calçamento.

Os equipamentos e infraestrutura são constituídos de uma calçada no seu entorno, canteiro com meio-fio, ponto de ônibus e iluminação no seu interior, recentemente instalada (**Quadro 12**).

Essa praça encontra-se instalada em uma área residencial e comercial, tendo um colégio nas proximidades. A praça é frequentada principalmente por prostitutas que durante o dia procuram seus clientes, e por estudantes que utilizam o ponto de ônibus.

A Praça Vereador Malaquias de Abreu possui um valor estético e contribui para a quebra da monotonia da paisagem, pois é uma área constituída de muitos estabelecimentos e

de um fluxo contínuo de automóveis. Contribui igualmente para a valorização ornamental desse espaço.

Como propostas, sugerimos a construção de uma calçada ecológica na parte central, para evitar o pisoteio do gramado, e a instalação de placa de identificação e de algumas lixeiras, principalmente nas proximidades do ponto de ônibus. A **Figura 70** representa os aspectos gerais da Praça Vereador Malaquias de Abreu.

Quadro 12 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Vereador Malaquias de Abreu e propostas de implantação.

--	--	--	--	--	--	--

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 70: Vista parcial da Praça Vereador Malaquias de Abreu.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

k) Praça da Catedral (Nº 22)

Esta praça está localizada na parte central de Maringá, entre a Avenida Tiradentes e a Avenida Papa João XXIII, nas coordenadas geográficas 23° 25'34" latitude sul e 51° 56'16" longitude oeste, com altitude de 562 metros.

Considerada como uma das principais praças de Maringá, nela se encontra instalada a Basílica Menor Nossa Senhora da Glória, monumento símbolo da cidade, construído no período de julho de 1959 a maio de 1972. A catedral apresenta arquitetura moderna e é o 10º monumento em altura do mundo. É de forma cônica e possui um diâmetro térreo externo de

50 metros. Sua altura é de 114 metros de altura, mais 10 metros de cruz no topo, totalizando de 124 metros.

Essa praça é um verdadeiro atrativo para a população maringaense e para os turistas que por ali passam. Possui amplos gramados que são utilizados como passeio, descanso e caminhada. Há iluminação, lixeiras, telefone público, espelho d'água com chafariz. Sua pavimentação é feita de concreto e bloquetes portugueses e em seu interior e entorno existe um amplo estacionamento para automóveis. O **Quadro 13** apresenta a síntese qualitativa das estruturas e equipamentos existentes na praça.

A vegetação existente é constituída de espécies exóticas e nativas, com destaque para as palmeiras (*Roystonea spp*), ipês-roxos (*Tabebuia avellanadae*) e alecrins (*Holocalyx balansae*). Cerca de 70% dessa vegetação constituem-se de espécies arbóreas e 10%, de espécies arbustivas. A cobertura do solo é constituída de amplos gramados, que cobrem cerca de 70% da área; os restantes 30% possuem calçamento. No entorno da Praça da Catedral estão instalados órgãos públicos e um estabelecimento de ensino, além de construções comerciais e residenciais.

A sua funcionalidade é constante e atende à funções social e estética. É um local de encontro, reunião, lazer e ócio, é onde misturam jovens, idosos, crianças e adolescente, para brincar, correr, passear ou mesmo deitar na grama. Também é comum os casais ali tirarem fotografias após a cerimônia religiosa. É frequente a encenação de peças religiosas e a realização de eventos dessa categoria. Nos finais de ano, a instalação de presépios e a chegada de Papai Noel constituem grande atrativo para as crianças.

Como sugestões, propomos: recuperar o chafariz, que constantemente apresenta problemas; ampliar a segurança, para evitar principalmente a prostituição nos períodos noturno e diurno.

As **Figuras 71 e 72** representam os aspectos gerais da Praça da Catedral.

Quadro 13 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça da Catedral e propostas de implantação.

											
---	---	---	---	---	---	---	--	---	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 71: Praça da Catedral.
Foto: BOVO, M. C. 2007



Figura 72: Praça da Catedral.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

1) Praça Ministro Antônio Oliveira Salazar (Nº 23)

A Praça Ministro Antônio Oliveira Salazar, de forma triangular, localiza-se entre a Avenida Papa João XXIII, a Rua Tomé de Souza e a Rua Padre Germano Mayer, nas coordenadas geográficas de 23° 25'37" latitude sul e 51° 56'12" de longitude oeste, com altitude de 550 metros. Também situada nas proximidades da Praça da Catedral, tem como principal função a estética e serve para a circulação de pedestre. Possui iluminação recentemente instalada, pavimentação de concreto e canteiro com meio-fio (**Quadro 14**).

Sua formação vegetal é constituída de espécies nativas e exóticas, sendo 20% da área ocupados com espécies arbóreas e 10% com arbustos. Entre as espécies se destacam os ipês-roxos (*Tabebuia avellanadae*). Já a cobertura do solo é constituída de 80% de gramado e 20% de calçamento de concreto. Possui excelente qualidade paisagística, tornando-se um ambiente agradável. Encontra-se circundada por residências e edificações comerciais. Sugerimos a instalação de lixeiras nas laterais da praça. As **Figuras 73 e 74** ilustram os aspectos gerais da Praça Vereador Antônio Oliveira Salazar.

Quadro 14 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Ministro Antônio Oliveira Salazar e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 73: Vista parcial da parte sul da Praça Vereador Antônio de Oliveira Salazar.
Foto: BOVO, M. C. 2008.



Figura 74: Vista parcial do gramado da Praça Vereador Antônio de Oliveira Salazar.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

m) Praça Pedro Alvares Cabral (Nº 24)

A Praça Pedro Alvares Cabral localiza-se na Avenida Cerro Azul na confluência com a Rua Santa Maria, nas coordenadas geográficas de 23° 25'49" latitude sul e 51° 56'11" longitude oeste, com altitude de 556 metros. A área em que se situa é comercial e residencial. A praça é bastante utilizada por jovens, principalmente nos finais de semana, por possuir uma área com estrutura completa de *skate* e patins.

Quanto às outras estruturas físicas, destacamos os bancos, que apresentam acento contínuo de concreto, iluminação baixa, lixeira (01), pavimentação em bloquetes portugueses, canteiro com meio-fio, ponto d'água e placa de identificação da área (**Quadro 15**).

Sua formação vegetal é constituída de espécies nativas e exóticas, sendo 70% pertencentes ao estrato arbóreo e 30% pertencente aos estratos arbustivos. Possui uma vegetação densa, constituída de palmeiras (*Roystonea spp*), ipês-roxos (*Tabebuia avellanadae*) tipuanas (*Tipuana Tipu*) e outras espécies. Cerca de 60% da área possuem calçamento e apenas 40% se constituem de gramado. A limpeza é ruim, havendo muito lixo no interior da praça.

Propomos as seguintes melhorias: limpeza e manutenção dos bancos; instalação de lixeiras; limpeza, conserto e troca das lâmpadas das luminárias; manutenção dos canteiros; substituição de parte dos bloquetes portugueses, que estão faltando ou se encontram danificados; manutenção da estrutura de *skate* e patins. As **Figuras 75 e 76** ilustram os aspectos gerais da Praça Pedro Alvares Cabral.

Quadro 15 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Pedro Álvares Cabral e propostas de implantação.

									
---	---	---	---	---	---	---	--	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 75: Vista parcial Praça Pedro Álvares Cabral.
Foto: BOVO, M. C. 2008.



Figura 76: Vista parcial da Praça Pedro Álvares Cabral.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

Praça Ouro Preto (Nº 52)

A Praça Ouro Preto se localiza na Avenida Morangueira com a Avenida Sophia Rasgulaeff, nas coordenadas geográficas de 23°23'57" latitude sul e 51° 55'36" longitude oeste, com altitude de 540 metros. Situada em área residencial e comercial, a praça é utilizada para descanso das pessoas que trabalham nas imediações, pelas pessoas que permanecem no ponto de ônibus e pelas que utilizam o quiosque para alimentação.

A Praça é provida das seguintes estruturas e equipamentos: bancos de concreto, iluminação (recém instalada), pavimentação de bloquetes portugueses, canteiro com meio-fio e cerca viva, ponto de ônibus e quiosque de alimentação (**Quadro 16** referente às estruturas e equipamentos).

A vegetação é constituída de espécies exóticas e nativas, sendo que em 60% da área predomina o estrato arbóreo e em 40% o estrato arbustivo. A única espécie ali existente e a das sibipirunas (*Caesalpinia peltophor*). Quanto à cobertura do solo, cerca de 40% possuem calçamento, 40% são gramados e 20% são solo nu. A vegetação apresenta satisfatório aspecto físico e sanitário e a qualidade paisagística da praça é igualmente satisfatória.

Como proposições apresentamos: reestruturação dos canteiros que estão com o solo nu, plantando espécies de vegetação que se adaptem ao ambiente sombrio; manutenção e

limpeza dos bancos; substituição do piso e instalação de placa de identificação, lixeiras e ponto d'água.

É importante destacar que a Praça Ouro Preto encontra-se em uma área de intenso tráfego de veículos e é cortada na sua parte central pela Avenida Morangueira, por isso não é ideal a instalação de outros equipamentos nessa área. Atualmente ela vem sendo revitalizada pela Prefeitura Municipal. As **Figuras 77 e 78** apresentam os aspectos gerais da Praça Ouro Preto.

Quadro 16 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Ouro Preto e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 77: Vista parcial da parte leste da Praça Ouro Preto.

Foto: BOVO, M. C. 2008.



Figura 78: Vista parcial da parte oeste da Praça Ouro Preto.

Foto: BOVO, M. C. 2008.

o) Praça Julio Jerônimo dos Santos (Nº 56)

A Praça Júlio Jerônimo dos Santos se localiza entre as avenidas São Paulo e Colombo, nas coordenadas geográficas de 23° 24'45" de latitude sul e 51° 55'58" de longitude oeste, com altitude de 569 metros. A praça está situada em área de intenso movimento de veículos e possui no seu entorno residências e comércios.













Essa praça é provida dos seguintes equipamentos e estruturas: bancos em bom estado de conservação, iluminação baixa em estado regular, lixeiras embora em número insuficiente,

pavimentação em concreto, canteiro elevado com pedras e com meio-fio, ponto d'água, estacionamento, ponto de ônibus e de táxi (**Quadro 17**).

A sua vegetação é constituída de espécies exóticas e nativas, sendo 80% da área formados pelo estrato arbóreo e 20% por vegetação pertencente ao estrato arbustivo. Destacam-se na praça as sibipirunas (*Caesalpinia peltophor*), ipês-roxos (*Tabebuia avellanadae*) e uma falsa-seringueira (*Ficus elastica*). Quanto à superfície do solo, 40% da área possuem calcamento, 40% são gramados e 20% são constituídos de solo nu. A vegetação apresenta aspecto físico e sanitário classificado como bom. A qualidade paisagística da praça é satisfatória.

Apresentamos as seguintes propostas: instalação de lixeiras e placa de identificação; manutenção do canteiro com solo nu com espécies que se adaptem ao ambiente de sombra; manutenção das luminárias e da limpeza dos bancos. A área da praça é muito pequena e deve ser conservada e melhorada quanto à sua estética, de modo a oferecer um aspecto agradável para o ambiente urbano. As **Figuras 79 e 80** indicam os aspectos gerais da Praça Julio Jerônimo dos Santos.

Quadro 17 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Julio Jerônimo dos Santos e propostas de implantação.

											
---	---	---	---	---	---	---	--	---	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 79: Vista parcial da Praça Julio Jerônimo dos Santos
Foto: BOVO, M. C. 2008.



Figura 80: Vista parcial da Praça Julio Jerônimo dos Santos
Foto: BOVO, M. C. 2008.

p) Praça Monsenhor Bernardo Cnudde (Nº 57)

A Praça Monsenhor Bernardo Cnudde localiza-se entre as duas pistas da Avenida Pedro Taques e as ruas Floriano Peixoto e Rua Francisco Glicério, nas coordenadas geográficas 23° 24'58" latitude sul e 51° 55'36" longitude oeste, com altitude de 531 metros.

Provida de excelente infraestrutura, encontramos no seu interior a Igreja Divino Espírito Santo, cuja construção é do estilo bizantino, diferenciando das demais igrejas católicas de Maringá. Junto à igreja está localizado o salão paroquial.

Sua estrutura física é constituída de parque infantil, quadra poliesportiva cercada por alambrado, quadra de areia, vários bancos distribuídos pela área, excelente iluminação, lixeiras, estacionamento, placa de identificação, pavimentação de concreto e bloquetes portugueses e uma fonte (desativada) na parte frontal à igreja. O **Quadro 18** apresenta a síntese qualitativa das estruturas e equipamentos existentes na praça.

Toda essa estrutura contribui para a sua funcionalidade. Atividades esportivas são realizadas constantemente pelos moradores do entorno. As cerimônias religiosas da igreja Divino Espírito Santo atraem um grande número de fiéis, que por ali permanecem nas festas religiosas, e de crianças, que utilizam o parque infantil.

Sua cobertura vegetal é composta por espécies nativas e exóticas, predominando as espécies arbóreas (80%), com apenas 20% de arbustivas. Dentre as espécies se destacam: ipês-roxos (*Tabebuia avellanadae*), sibipirunas, (*Caesalpinia peltophor*), palmeiras (*Roystonea spp*) de diferentes espécies e jacarandá (*Jacaranda mimosaeifolia*). Quanto à cobertura do solo, cerca de 50% possuem calçamento ou construções, 40% gramado e 10% da área apresentam solo nu. Quanto ao aspecto físico e sanitário da vegetação, a praça se encontra em bom estado.

Entre as sugestões destacamos: recuperação do parque infantil e instalação de telefone público e reativação da fonte luminosa. As **Figuras 81 e 82** indicam as principais características da Praça Monsenhor Bernardo Cnudde.

Quadro 18 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Monsenhor Bernardo Cnudde e propostas de implantação.

											
---	---	---	---	---	---	---	---	--	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 81: Vista parcial do templo religioso da Praça Monsenhor Bernardo Cnudde.
Foto: BOVO, M. C. 2008.



Figura 82: Vista parcial da Praça Monsenhor Bernardo Cnudde.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

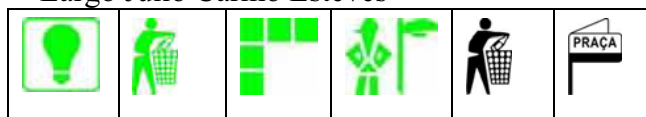
q) Praça Largo Júlio Carmo Esteves (Nº 58)

A Praça Largo Júlio Carmo Esteves se localiza entre a Avenida São Paulo, Avenida XV de Novembro e a Avenida Anchieta, nas coordenadas geográficas de 23°25'27" de latitude sul e 51°55'58" de longitude oeste, com altitude de 558 metros. Situada na área central de Maringá, nas proximidades do Parque do Ingá, essa praça é provida dos seguintes equipamentos e estruturas: iluminação alta e baixa, lixeiras, pavimentação de concreto e canteiro com meio-fio (**Quadro 19** com as estruturas e equipamentos).

A vegetação é formada de espécies exóticas e nativas, com a presença dos estratos arbóreos e arbustivos. As espécies arbóreas ali encontradas são ipê-roxo (*Tabebuia avellanadae*) e chuva-de-ouro (*Cassia speciosa*). A cobertura do solo se constitui de cerca de 80% de gramado e 10% calçamento, ficando 10% da área em solo nu. A vegetação apresenta bom aspecto físico e sanitário e a praça possui boa qualidade paisagística. (**Figura 83**).

Sugerimos a instalação de lixeiras, colocação de placa de identificação e cobertura do canteiro com solo nu com plantas que se adaptem ao ambiente de sombra. A área da praça é muito pequena e deve ser conservada e melhorada quanto à sua estética, de modo a dar um aspecto agradável ao ambiente urbano.

Quadro 19 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Largo Júlio Carmo Esteves



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 83: Vista parcial da Praça Largo Júlio Carmo Esteves
Foto: BOVO, M. C. 2008.

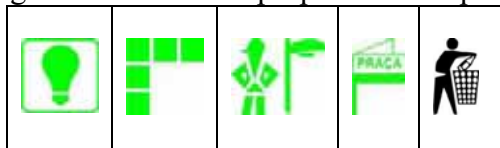
r) Praça Largo Irineu Murazi (Nº 60)

A Praça Largo Irineu Murazi é de forma triangular e situa-se entre a Rua Néo Alves Martins e a Avenida Laguna, nas coordenadas geográficas de 23° 25'24" latitude sul e 51° 55'04" longitude oeste, com altitude de 537 metros. Esta situada em área residencial e comercial, nas imediações do Parque do Ingá. Possui as seguintes estruturas e equipamentos: iluminação alta em bom estado de conservação, pavimentação em concreto, canteiro com meio-fio e placa de identificação da área (**Quadro 20**).

A vegetação é rasteira, destacando-se o gramado sobre a pequena área. O logradouro apresenta qualidade paisagística satisfatória.

Apresentamos as seguintes propostas: plantio de espécies nativas, manter o gramado sempre podado, desenvolver ornamentos com flores valorizando a sua estética. Quanto aos equipamentos sugerimos a instalação de lixeiras. A **Figura 84** representa os aspectos gerais da Praça Largo Irineu Murazi.

Quadro 20 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Largo Irineu Murazi e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 84: Vista parcial da Praça Largo Irineu Murazi.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

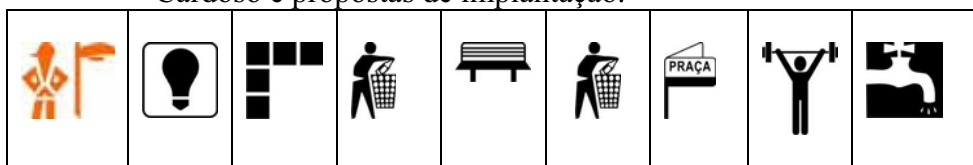
s) Praça Altino Cardoso (Nº 73)

A Praça Altino Cardoso se localiza no ponto de cruzamento da Avenida Morangueira com a Avenida Kakogawa, nas coordenadas geográficas de 23° 23'50" de latitude sul e 51° 55'35" de longitude oeste, com altitude de 522 metros. Situada em uma área comercial de intenso movimento, por ser ponto de entrada e saída da cidade, a praça encontra-se totalmente desprovida de estruturas e equipamentos.

Sua vegetação é constituída de espécies exóticas, com apenas 10% da área com vegetação arbórea, com destaque para as grevileas (*Grevilea robusta*) e as grandes mangueiras (*Mangifera indica*), que dão um destaque a área. Quanto à cobertura apresenta um gramado que cobre toda a área. Sua qualidade paisagística é classificada satisfatória.

Como proposições destacamos: instalação de luminárias baixas e placa de identificação; construção de calçamento ecológico no entorno na parte central da área; ornamentação de canteiros com flores; colocação de lixeiras, bancos, aparelhos para exercícios físicos e ponto d'água (**Quadro 21**), e melhoria na arborização da área. A **Figura 85** mostra os aspectos gerais da Praça Altino Cardoso.

Quadro 21 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Altino Cardoso e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 85: Vista parcial da Praça Altino Cardoso.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

t) Praça Nossa Senhora Aparecida (Nº 80)

A Praça Nossa Senhora Aparecida se localiza no ponto de cruzamento da Rua Múcio Leão com a Rua Cecília Meireles, nas coordenadas geográficas de 23° 24'07" de latitude sul e 51° 56'11" de longitude oeste, com altitude de 569 metros. Situada em uma área residencial, a praça possui na sua parte central a igreja Nossa Senhora Aparecida e também o salão paroquial, que juntos, ocupam a maior parte da área.

A praça possui as seguintes estruturas e equipamentos instalados: vários bancos em bom estado de conservação, iluminação, lixeiras (embora insuficientes), pavimentação de concreto e bloquetes portugueses e canteiro com meio-fio e cerca viva (**Quadro 22**).

A vegetação existente é formada por espécies nativas e exóticas, predominando o estrato arbóreo. Entre as espécies se encontram a sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*), o ipê-roxo (*Tabebuia avellanadae*), a flamboiã (*Delonix regia*) e outras. Quanto à cobertura do solo, cerca de 30% possuem calçamento, 30% se constituem de gramado e 40% da área são ocupados por construções. O aspecto físico e sanitário da vegetação está em bom estado, bem como a sua qualidade paisagística.

Destacamos as seguintes sugestões: melhorar a iluminação da área e instalar lixeiras, ponto d'água, placa de identificação e telefone público. A **Figura 86** mostra os aspectos gerais da Praça Nossa Senhora Aparecida.

Quadro 22 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Nossa Senhora Aparecida e propostas de implantação.

										
---	---	---	---	---	---	--	---	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figuras 86: Vista parcial do templo religioso na Praça Nossa Senhora Aparecida.

Foto: BOVO, M. C. 2008.

u) Praça São Benedito (Nº 81)

A Praça São Benedito se localiza entre a Rua Primavera com a Viela 1, nas coordenadas geográficas de 23° 24'13" de latitude sul e 51° 55'54" de longitude oeste, com altitude de 548 metros. Situado em área residencial, o logradouro é constantemente utilizado por moradores do entorno, que praticam atividades físicas na academia de terceira idade, e pelas crianças, que utilizam esse espaço para brincar.











A praça apresenta os seguintes equipamentos e estruturas físicas: iluminação baixa em bom estado de conservação, bancos recuados ao longo do passeio, caminhos calçados em bloquetes portugueses, canteiro com meio-fio, equipamentos de exercícios físicos para terceira idade (em ótimo estado de conservação), lixeiras e ponto d'água (**Quadro 23**). A placa de identificação da área foi arrancada pela ação de vândalos.

A vegetação da praça é densa, sendo formada por espécies nativas e exóticas, predominando o estrato arbóreo em 80% da área, representado por flamboiãs, (*Delonix regia*), ipês-roxos (*Tabebuia avellanedae*) e ipês-amarelos (*Tabebuia chrysotricha*). Quanto à cobertura do solo cerca de 60% da área se constituem de gramado e 40% de calçamento. O

aspecto físico e sanitário da vegetação é bom, como também a qualidade paisagística (**Figura 87**).

Apresentamos as seguintes proposições: manter a área bem conservada e o gramado sempre podado, e instalar telefone público e placa de identificação.

Quadro 23 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça São Benedito e propostas de implantação.

									
---	---	---	---	---	---	--	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 87: Vista parcial da Praça São Benedito.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

v) Praça Renato Celidônio (Nº 82)

Essa praça está situada na parte central de Maringá, tendo em seus contornos as Avenidas XV de Novembro, Tiradentes, Duque de Caxias e Herval, nas coordenadas geográficas 23° 25'28" latitude sul e 51° 56'18" de longitude oeste, com altitude 557 metros.

Considerada como a maior praça de Maringá, ao longo de sua história passou por várias reformas. Até 1987 era formada por duas praças, separadas apenas por uma via que ligava a Avenida XV de Novembro à Avenida Tiradentes. Com a reforma, as Praças D. Pedro II e Desembargador Franco Pereira Costa foram unidas, dando origem à Praça Deputado Renato Celidônio.

Na praça encontram-se instalados a Prefeitura Municipal de Maringá, o fórum, a agência central dos correios e o Hotel Bandeirante (hoje desativado), e nas proximidades há

presença de inúmeros estabelecimentos comerciais, edifícios residenciais e a Basílica Menor Nossa Senhora da Glória.

Espaço livre provido de vários equipamentos com iluminação excelente, estacionamentos, floreiras elevadas que sustentam as luminárias, estrutura de concreto na parte central (obra de arte), inúmeras lixeiras, telefone público, sanitários, bebedouro, banca de revista, placa de identificação, bancos, pavimentação de cerâmica com cores diversas. O **Quadro 24** apresenta a síntese qualitativa das estruturas e equipamentos existentes na praça.

Quanto à sua funcionalidade, apresenta diversas atividades, entre elas exposições e feiras, com destaque para eventos como a Feira das Nações e comemorações cívicas.

A sua cobertura vegetal é constituída de 70% de espécies arbóreas e 30% de espécies arbustivas tanto nativas como exóticas. Cabe destacar as sibipirunas (*Caesalpinia peltophoroides*) e as palmeiras (*Roystonea spp*) dispostas na parte central. Cerca de 80% do solo possuem calçamento e 20% da sua cobertura se constituem de gramado e flores. Os aspectos físicos e sanitários da vegetação estão em bom estado.

Como sugestões propomos: substituição de todo o piso da praça, em virtude de ser de cerâmica (escorregadio); manutenção dos banheiros públicos (limpeza, pintura e manutenção da instalação hidráulica); manutenção e limpeza dos bancos; ampliação da segurança no período noturno contra baderneiros que danificam o patrimônio público. As **Figuras 88 e 89** ilustram a Praça Renato Celidônio.

Quadro 24 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Renato Celidônio e propostas de implantação.

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 88: Praça Renato Celidônio.
Foto: BOVO, M. C.2008.



Figura 89: Praça Renato Celidônio
Foto: BOVO, M. C.2008.












x) Praça Largo Inocente Vila Nova Junior (Nº 87)

A Praça Largo Inocente Vila Nova Junior se localiza entre a Avenida Dr. João Paulino Vieira Filho e a Avenida Prudente de Moraes, nas coordenadas geográficas de 23° 24' 59'' de latitude sul e 51° 56' 17'' de longitude oeste, com altitude de 546 metros. Situada em área comercial, no seu entorno encontramos instalados alguns armazéns que estão desativados. Essa área é utilizada para a circulação de pessoas e é comum encontrar pessoas utilizando drogas nas proximidades dos armazéns. A praça possui iluminação baixa em estado regular, telefone, pavimento de tijolos em cerca de 90% da área e um pequeno espaço gramado, com 10% da área (**Quadro 25**).

A vegetação existente compreende apenas 05% da área com estrato arbóreo e 05% com variedades arbustivas. A qualidade paisagística é classificada como ruim.

Apresentamos as seguintes propostas de melhoria: substituição de toda a área de calçamento por calçada ecológica; ampliação da área gramada em 70%; implantação de canteiros com flores e plantio de espécies nativas e exóticas; construção de um amplo caminho para a circulação de pedestres; implantação de novas luminárias em substituição às existentes; colocação de lixeiras, ponto d'água, placa de identificação e bancos ao longo de toda a praça. A **Figura 90** mostra os aspectos gerais da Praça Largo Inocente Vila Nova Junior.

Quadro 25 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Largo Inocente Vila Nova Junior e propostas de implantação.

										
---	---	---	---	---	---	---	--	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 90: Vista parcial Praça Largo Inocente Vila Nova Junior.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

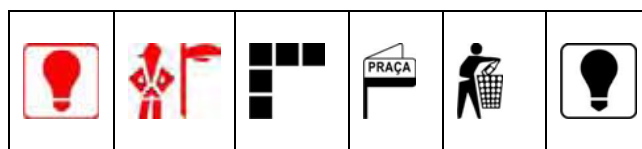
y) Praça Emygio de Brito (Nº 92)

A Praça Emygio de Brito se localiza na confluência da Avenida Dr. Alexandre Rasgulaeff com a Avenida São Judas Tadeu, nas coordenadas geográficas de 23° 23'42" de latitude sul e 51° 56'20" de longitude oeste, com altitude de 489 metros. Situada em área comercial e residencial, a praça encontra-se desprovida de estrutura e equipamentos.

Sua vegetação é constituída de espécies exóticas, sendo 05% pertencentes ao estrato arbóreo. Quanto à cobertura, a área é totalmente permeável e toda gramada. Sua qualidade paisagística é considerada ruim.

Apresentamos as seguintes propostas: instalação de luminárias, calçamento ecológico no entorno da praça, plantio de espécies de árvores nativas, manutenção do gramado e limpeza da praça, colocação de uma placa de identificação na área e instalação de lixeiras (**Quadro 26**). A **Figura 91** mostra os aspectos gerais da Praça Emygio de Brito.

Quadro 26 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Emygio de Brito e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 91: Vista parcial da Praça Emygio de Brito.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

5.4.2 Aspectos gerais das praças localizadas no setor 2

No setor 2 há 12 praças (**Figura 92**) localizadas na parte noroeste de Maringá. Essas praças são praticamente desprovidas de infraestrutura, não há investimentos pelo Poder Público, quanto à instalação de equipamentos, manutenção e limpeza desses logradouros, bem como o plantio de novas espécies de vegetação. É importante destacar, que essa região é uma das áreas mais carentes de Maringá.

Neste setor as praças de maior representatividade são: a Praça da Capela e a Praça da Glória que possuem como principal função o lazer.

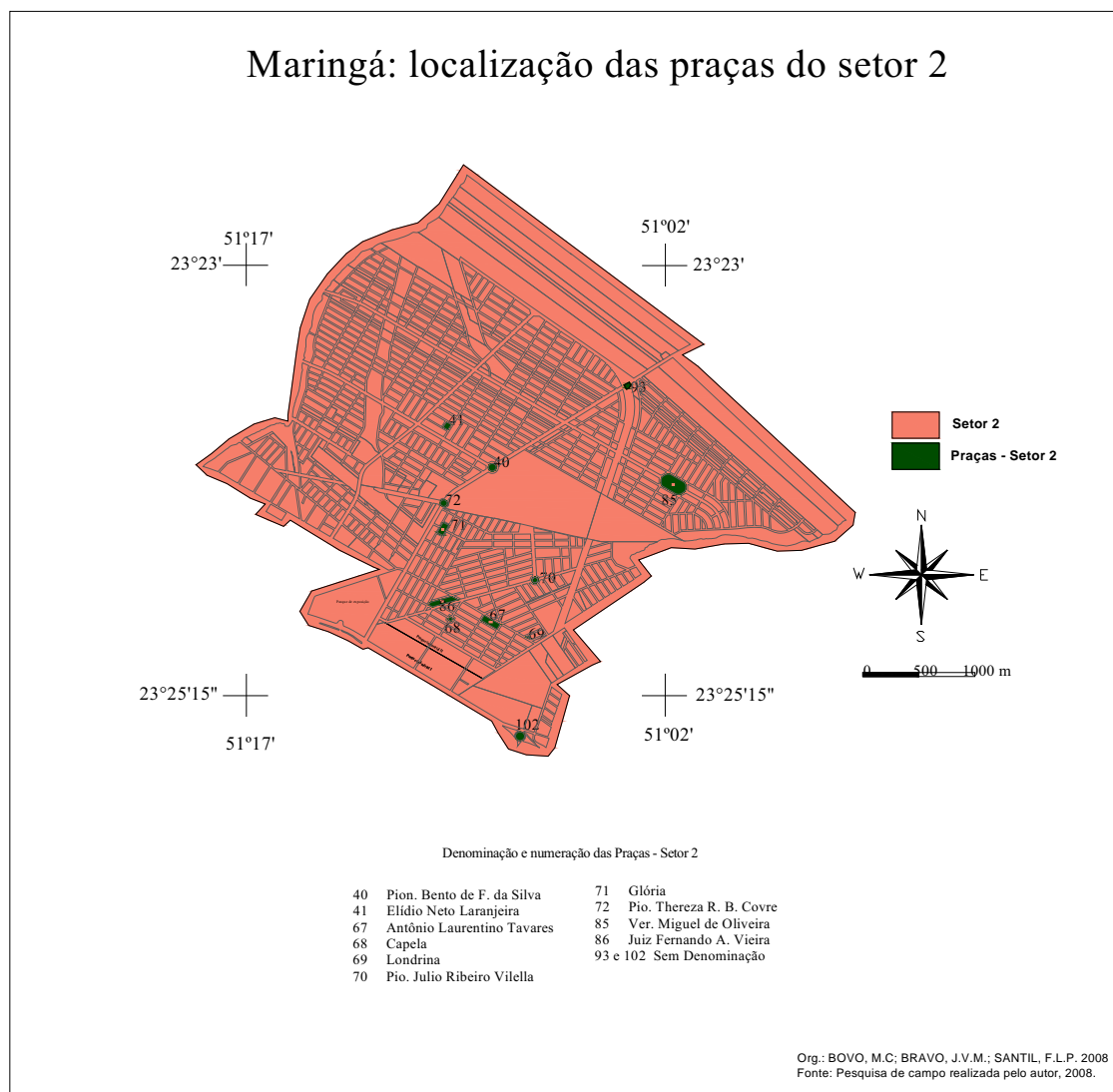


Figura 92: Localização das praças do setor 2










a) Praça Pioneiro Bento de Freitas da Silva (N^o 40)

A Praça Pioneiro Bento de Freitas da Silva se localiza na Avenida Guaiapó no ponto de cruzamento com a Avenida Sophia Rasgulaeff, nas coordenadas geográficas de 23° 24'33" de latitude sul e 51° 53'23" de longitude oeste, com altitude de 570 metros. Esta situada em área residencial e comercial da periferia, porém desprovida de estrutura e equipamentos, cabendo destacar apenas o canteiro com meio-fio e uma única luminária alta (**Quadro 27**).

A vegetação existente é constituída de espécies nativas e exóticas, predominando o estrato arbóreo, com tipuanas (*Tipuana tipu*), sibipirunas (*Caesalpinia peltophoroides*) e ipês-roxos (*Tabebuia avellanadae*). A cobertura do solo é formada por 100% de gramado. A Praça apresenta qualidade paisagista satisfatória, sendo utilizada pelos moradores para jogos de bola e passagem de pedestres (**Figura 93**).

Como medidas para a revitalização da área propomos: plantio de espécies nativas; construção de calçada ecológica; instalação de lixeiras, iluminação baixa e bancos; colocação de um ponto d'água; instalação de telefone público de placa de identificação.

Quadro 27 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Pioneiro Bento de Freitas da Silva e propostas de implantação.

								
---	---	---	---	---	---	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 93: Praça Pioneiro Bento de Freitas da Silva.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

b) Praça Elídio Neto Laranjeira (Nº 41)

A Praça Elídio Neto Laranjeira se localiza entre a Rua Rio Manso e a Rua Rio Encantado, nas coordenadas geográficas de 23° 24'20" de latitude sul e 51° 53'37" de longitude oeste, com altitude de 533 metros. Regulamentada pela Lei nº 4.046/96, encontra-se situada em uma área residencial, porém os moradores das imediações desconhecem a sua existência.





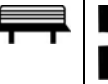






Desprovida de estruturas e equipamentos, tem sido utilizada como depósito de lixo e entulhos da construção civil. Cabe salientar que, desde a sua criação, 12 anos se passaram e nada foi feito a não ser a poda do mato que viceja na área, o que retrata o descaso do Poder Público em relação às áreas periféricas.

Como medidas para a revitalização da área propomos: delimitar a área da praça com meio-fio; plantio de espécies nativas; construção de calçada ecológica; instalação de lixeiras, iluminação baixa e bancos; plantio de gramado na área; colocação de um ponto d'água; instalação de telefone público, instalação e de uma academia de terceira idade (ATI);

implantação de um parque infantil; construção de uma quadra de esporte e de uma placa de identificação do logradouro (**Quadro 28**).

Na realidade, estas são apenas algumas propostas, mas acima de tudo é essencial que os moradores das imediações se conscientizem dos seus direitos e cobrem da mantenedora a revitalização dessa área. A **Figura 94** representa a área destinada a Praça Elídio Neto Laranjeira.

Quadro 28 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Elídio Neto Laranjeira e propostas de implantação.

										
---	---	---	---	---	---	--	---	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 94: Vista parcial Praça Elídio Neto Laranjeira.
Foto: BOVO, M. C. 2008.







c) Praça Antônio Laurentino Tavares (N^o 67)

A Praça Antônio Laurentino Tavares se localiza na Avenida dos Palmares, no ponto de cruzamento com a Rua José Chris Capinan, nas coordenadas geográficas de 23° 25'18" de latitude sul e 51° 53'22" de longitude oeste e altitude de 585 metros. Situada em área residencial e comercial, é uma pequena praça com um poste de iluminação alto na sua parte central, possuindo caminhos externos pavimentados em paralelepípedo.

A sua vegetação é constituída por espécies nativas e exóticas, predominando o estrato arbóreo. Entre as espécies arbóreas se destaca a sibipiruna (*Caesalpinia peltophora*). A cobertura do solo é constituída de 90% de gramado e 10% de calçamento. A praça possui qualidade paisagística satisfatória.

Como propostas sugerimos a instalação de iluminação rebaixada, de bancos, de lixeiras, identificação da área com placa e manutenção do gramado (**Quadro 29**). Em virtude de ser uma área pequena, não é viável a instalação de outros equipamentos. O ideal é valorizar ao máximo a estética dessa área, deixando o local bem agradável para os seus moradores. A **Figura 95** mostra os aspectos gerais da Praça Antônio Laurentino Tavares.

Quadro 29 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Antônio Laurentino Tavares e propostas de implantação.

							
---	---	---	---	---	--	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 95: Vista parcial da Praça Antônio Laurentino Tavares.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

d) Praça da Capela (N^o 68)

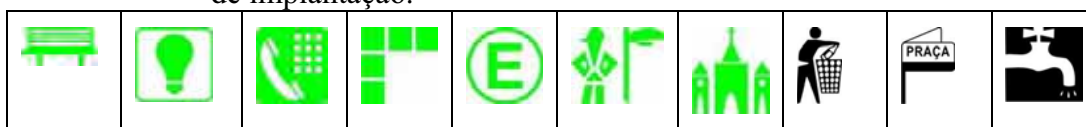
A Praça da Capela se localiza no ponto de cruzamento da Rua Júlio Mesquita com a Rua Márcia Mendes, nas coordenadas geográficas de 23° 25'19" de latitude sul e 51° 53'37" longitude oeste, com altitude de 575 metros. Situada em área residencial, possui no seu interior uma capela que ocupa praticamente 70% da área.

O logradouro possui as seguintes estruturas: bancos distribuídos no entorno da capela, iluminação alta e baixa em bom estado de conservação, telefone público, canteiro com meio-fio e pavimentação com bloquetes portugueses (**Quadro 30**).

A vegetação está presente em 20% da área e se constitui de espécies nativas e exóticas, cabendo destacar ipê-roxo (*Tabebuia avellanadae*), ipê-amarelo (*Tabebuia chrysotricha*) e palmeira-imperial (*Roystonea spp*), com árvores que circundam a capela. A cobertura do solo é formada por 20% de gramado e 10% de calçamento, sendo 70% da área ocupados pela capela. A praça apresenta boa qualidade paisagística.

Como sugestões propomos a continuidade do trabalho que já vem sendo desenvolvido, pois essa praça apresenta um ambiente agradável. Salientamos a necessidade de instalação de lixeiras, ponto d'água e uma placa de identificação. A **Figura 96** mostra uma vista parcial da Praça da Capela.

Quadro 30 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça da Capela e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 96: Vista parcial da Praça da Capela.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

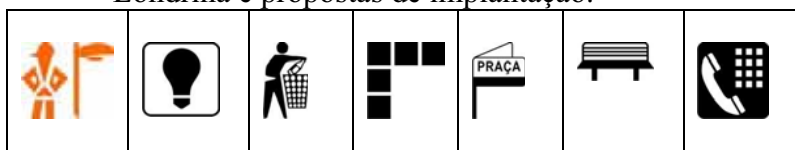
e) Praça Londrina (nº 69)

A Praça Londrina se localiza na Avenida dos Palmares, no ponto de cruzamento com a Rua Esmeraldo Leandro, nas coordenadas geográfica de 23° 25'24" de latitude sul e 51° 53'13" de longitude oeste, com altitude de 573 metros. Está situada em área residencial, é pequena e desprovida de estrutura e equipamentos.

Quanto à vegetação existente é constituída de estrato arbóreo, predominando as sibipirunas (*Caesalpinia peltophoroides*) e flamboiãs (*Delonix regia*), plantadas em toda a área. A qualidade paisagística boa.

Apresentamos as seguintes propostas: colocação de luminárias baixas; instalação de lixeiras, bancos, e telefone público; construção de calçada ecológica no entorno; substituição do gramado existente; e colocação de uma placa de identificação do logradouro (**Quadro 31**). A praça, por ser muito pequena, não comporta a instalação de outros equipamentos na área, devendo-se valorizar a sua estética. A **Figura 97** mostra os aspectos gerais da Praça Londrina.

Quadro 31 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Londrina e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 97: Vista parcial da Praça Londrina.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

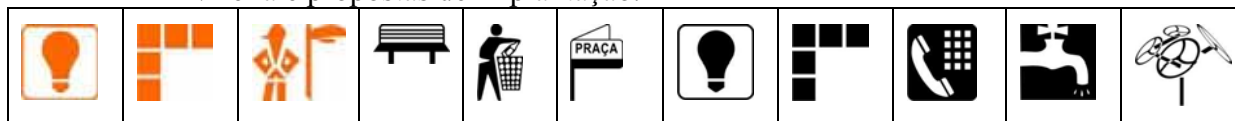
f) Praça Pioneiro Júlio Ribeiro Vilella (N^o 70)

A Praça Pioneiro Júlio Ribeiro Vilella se localiza na Avenida Osires S. Guimarães, no ponto de cruzamento com a Avenida Sophia Rasgulaeff, nas coordenadas geográficas de 23° 25'06" de latitude sul e 51° 53'11" de longitude oeste, com altitude de 585 metros. Situada em área residencial e comercial de periferia, possui como estrutura iluminação alta, pavimentação de concreto, caminhos internos com uma pequena escadaria, necessária pela declividade do terreno e canteiro com meio-fio (**Quadro 32**).

A vegetação é formada por espécies nativas e exóticas, que cobrem 20% da área e se constituem de vegetação arbórea, predominando os ipês-roxos (*Tabebuia avellanadae*). A cobertura do solo se constitui de 70% de área gramada e 30% de calçamento. Em seu interior há lixo depositado, sendo a sua qualidade paisagística classificada como ruim.

Como propostas para a melhoria da área apresentamos: instalação de lixeiras, telefone público, placa de identificação, iluminação baixa, bancos e mesas quadriculadas para jogos; construção de calçada ecológica; manutenção do gramado; colocação de um ponto d'água; plantio de novas espécies de árvore, de preferência nativas; manutenção e limpeza do gramado. A **Figura 98** mostra os aspectos gerais da Praça Pioneiro Júlio Ribeiro Vilella.

Quadro 32 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Pioneiro Julio Ribeiro Vilella e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 98: Vista parcial da Praça Pioneiro Julio Ribeiro Vilella.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

g) Praça da Glória (Nº 71)

A Praça da Glória se localiza no ponto de cruzamento da Rua Carlos Poppi com a Rua 7 de Setembro, nas coordenadas geográficas de 23° 24'55" de latitude sul e 55° 53'40" de longitude oeste, com altitude de 535 metros. Situada em área residencial, a praça apresenta boa estrutura de lazer e atende pessoas de diversas faixas etárias.













A Praça da Glória dispõe de estruturas e equipamentos instalados, como bancos bem distribuídos em todo o seu interior, propiciando a criação de espaços diferenciados, amplos caminhos, iluminação alta e baixa que possibilitam seu uso no período noturno, pavimentação de concreto e bloquitos portugueses, ponto d'água, canteiro com meio-fio, parque infantil com areia e diversos brinquedos instalados. É cercada de alambrado e possui uma quadra poliesportiva com piso e cercada com alambrado; também possui uma pista de *skate* e uma cancha para jogo de malha (**Quadro 33**).

A vegetação é constituída de espécies nativas e exóticas, predominando o estrato arbóreo em 40% da área. Cabe destacar que a vegetação é de grande porte, sendo o perímetro externo todo arborizado com sibipirunas. Também se encontram outras espécies, como alecrim (*Holocalyx balansae*), flamboiã (*Delonix regia*), ipê-roxo (*Tabebuia avellanadae*) e ipê-amarelo (*Tabebuia chrysotricha*). Quanto à cobertura do solo, 50% da área se constituem de gramado, 20% possuem calçamento e 30% são ocupados com a instalação de

equipamentos. A praça apresenta qualidade paisagística apenas satisfatória, sendo possível verificar a falta de limpeza e conservação da área (**Figuras 99 e 100**).

Apresentamos as seguintes sugestões: instalação de lixeiras e de placa de identificação da área, recuperação dos equipamentos instalados, limpeza e manutenção dos canteiros.

Quadro 33 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça da Glória e propostas de implantação.

											
---	---	---	---	---	---	---	--	---	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 99: Vista parcial dos equipamentos da Praça da Glória.
Foto: BOVO, M.C. 2008.



Figura 100: Vista parcial do gramado da Praça de Glória.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

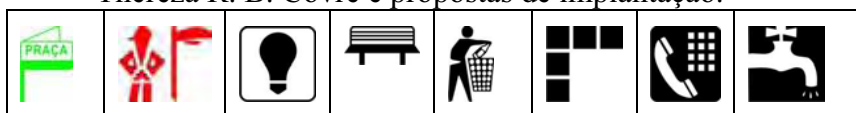
h) Praça Pioneira Thereza R. B. Covre (N^o 72)

A Praça Pioneira Thereza R. B. Covre se localiza no ponto de cruzamento da Avenida Guaiapó com a Avenida Jironku Kubota, nas coordenadas geográficas de 23° 24'43" latitude sul e 51° 53'38" de longitude oeste, com altitude de 549 metros. Situada em área residencial e comercial, a praça é totalmente desprovida de estruturas e equipamentos, possuindo somente canteiro com meio-fio e placa de identificação.

Sua vegetação é densa (**Figura 101**) e constituída de espécies nativas e exóticas, sendo que em 80% da área predomina o estrato arbóreo. Entre as espécies destacam-se flamboiã (*Delonix regia*), tipuana (*Tipuna tipu*), sibipiruna (*Caesalpinia peltophor*) e ipê-roxo (*Tabebuia avellanadae*). O solo é totalmente permeável, predominando o gramado em toda a área. A praça apresenta qualidade paisagística satisfatória.

Como propostas para a melhoria dessa área verde apresentamos: instalação de lixeiras, telefone público, iluminação baixa, bancos e ponto d'água; construção de calçada ecológica; colocação de lixeiras e manutenção do gramado (**Quadro 34**).

Quadro 34 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Pioneira Thereza R. B. Covre e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 101: Praça da Pioneira Thereza R. B. Covre.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

i) Praça Miguel de Oliveira (Nº 85)

A Praça Miguel de Oliveira se localiza entre a Rua Maria Paulina Palma com a Rua Rio San Martín, nas coordenadas geográficas de 23° 24'36" de latitude sul e 51° 52'30" de longitude oeste, com altitude de 556 metros. A praça está situada em uma das áreas mais pobres de Maringá e seu entorno é ocupado por residências.

Essa área, embora tida como praça, na realidade é totalmente ocupada por uma edificação pública, tendo como estrutura um centro de educação infantil. Quanto à cobertura do solo, quase toda a área encontra-se edificada e cercada por alambrado no entorno. Sugerimos a instalação de telefone público, lixeiras e placa de identificação da área (**Quadro 35**). A **Figura 102** mostra os aspectos gerais da Praça Miguel de Oliveira.

Quadro 35 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Miguel de Oliveira e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figuras 102: Praça Miguel de Oliveira.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

j) Praça Juiz Fernando Antônio Vieira (Nº 86)

A Praça Juiz Fernando Antônio Vieira se localiza na Avenida Osires Stenguel Guimarães com a Rua Júlio Mesquita, nas coordenadas geográficas de 23° 25'15" de latitude sul e 51° 53'43" de longitude oeste, com altitude de 564 metros. Situada em área comercial e residencial, possui as seguintes estruturas e equipamentos instalados no seu interior: bancos instalados e bem distribuídos pela praça; sistema de iluminação regular; lixeiras em estado regular; pavimentação de bloquetes portugueses; e parque infantil em bom estado de conservação e com alambrado e quiosque de alimentação (**Quadro 36**).

A vegetação é formada por espécies nativas e exóticas, sendo que 40% da área são cobertos por estrato arbóreo e 20% por espécies arbustivas. As espécies encontradas são o ipê-amarelo (*Tabebuia chrysotricha*), a tipuana (*Tipuana tipu*) e a palmeira *Roystonea spp.* A cobertura do solo se constitui de 30% de calçamento, 40% de gramado e 30% de área construída. A praça apresenta boa qualidade paisagística.

Apresentamos as seguintes propostas para a melhoria da área: recuperação das luminárias, que se encontram danificadas por ações vandálicas; instalação e reposição das lixeiras danificadas, de novos brinquedos no parque infantil; colocação de placa de identificação da área, de ponto d'água e telefone público; e manutenção dos canteiros. A **Figura 103** mostra os aspectos gerais da Praça.

Quadro 36 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Juiz Fernando Antônio Vieira e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação.



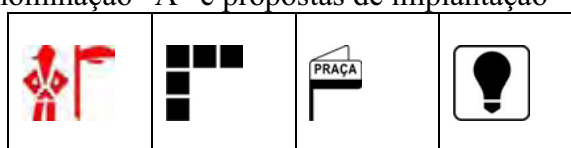
Figura 103: Praça Juiz Fernando Antônio Vieira.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

k) Praça sem denominação – A (Nº 93)

Essa praça está localizada no ponto de cruzamento da Avenida Marginal Contorno Norte com a Avenida Abelardo J. Cruz, nas coordenadas geográficas de 23° 23'46" de latitude sul e 51° 53'09" de longitude oeste, com altitude de 514 metros. Esta situada em área residencial em contato com a zona rural, é totalmente desprovida de infraestrutura e a vegetação existente é espontânea. Sua qualidade paisagística é classificada como ruim.

Propomos as seguintes benfeitorias: calçamento ecológico; plantio de espécies nativas e gramado na área; um nome para o logradouro e placa de identificação; calçamento e iluminação (**Quadro 37**). As demais estruturas e equipamentos deverão ser instalados a longo prazo de acordo com as necessidades da comunidade. A **Figura 104** mostra os aspectos gerais da área.

Quadro 37 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Sem Denominação “A” e propostas de implantação



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



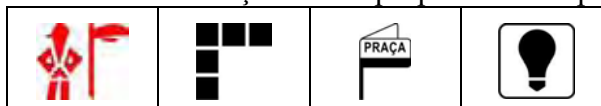
Figura 104: Vista parcial da praça sem denominação -A
Foto: BOVO, M. C. 2008.

1) Praça sem denominação -J (Nº 102)

Praça localizada em área periférica encontra-se desprovida de equipamentos e estruturas, possuem somente o canteiro com meio fio, predominando a vegetação espontânea.

Dentre as propostas destacamos: plantio de gramado em toda a área e plantio de espécies nativas e exóticas, instalação de luminárias alta (**Quadro 38**). Quanto às demais estruturas devem ser instaladas a longo prazo e, além disso, devido a sua localização depende de um estudo mais detalhado e da opinião dos moradores.

Quadro: 38 - Síntese qualitativa das estruturas equipamentos das Praças Sem Denominações “J” e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação

5.4.3- Aspectos gerais das praças localizadas no setor 3

No setor 3 há 13 praças (**Figura 105**) localizadas na parte sudeste de Maringá. Neste setor encontramos várias contradições entre as praças, desde praças bem equipadas e com boa infraestrutura, a praças cujos equipamentos estão ausentes ou necessitam de reposição em virtude dos desgastes sofridos principalmente pela ação do tempo.

Neste setor destacamos as seguintes praças: Praça Emiliano Pernet, Praça Salgado Filho, Praça das Américas e a Praça Pioneiro Olímpio Forcelli. Essas praças possuem boas estruturas e vários equipamentos, além de boa qualidade paisagística e com o predomínio da vegetação arbórea.

Quanto às demais praças desse setor, todas necessitam passar por um processo de revitalização, desde a substituição de equipamentos como implantação de outros. Várias

praças precisam de plantio de espécies vegetais tanto arbustivas como arbóreas, bem como melhorar o ajardinamento principalmente das localizadas na periferia deste setor. Cabe salientar que várias praças encontram-se instaladas em áreas carentes de Maringá cuja população necessita desses espaços quer seja, para lazer ou para a prática de atividades físicas, como é o caso da Praça Zumbi dos Palmares localizada no Conjunto Santa Felicidade, sendo este originado do processo de desfavelização de Maringá na década de 1980. Na sequência será apresentada a análise individualizada das praças do respectivo setor.

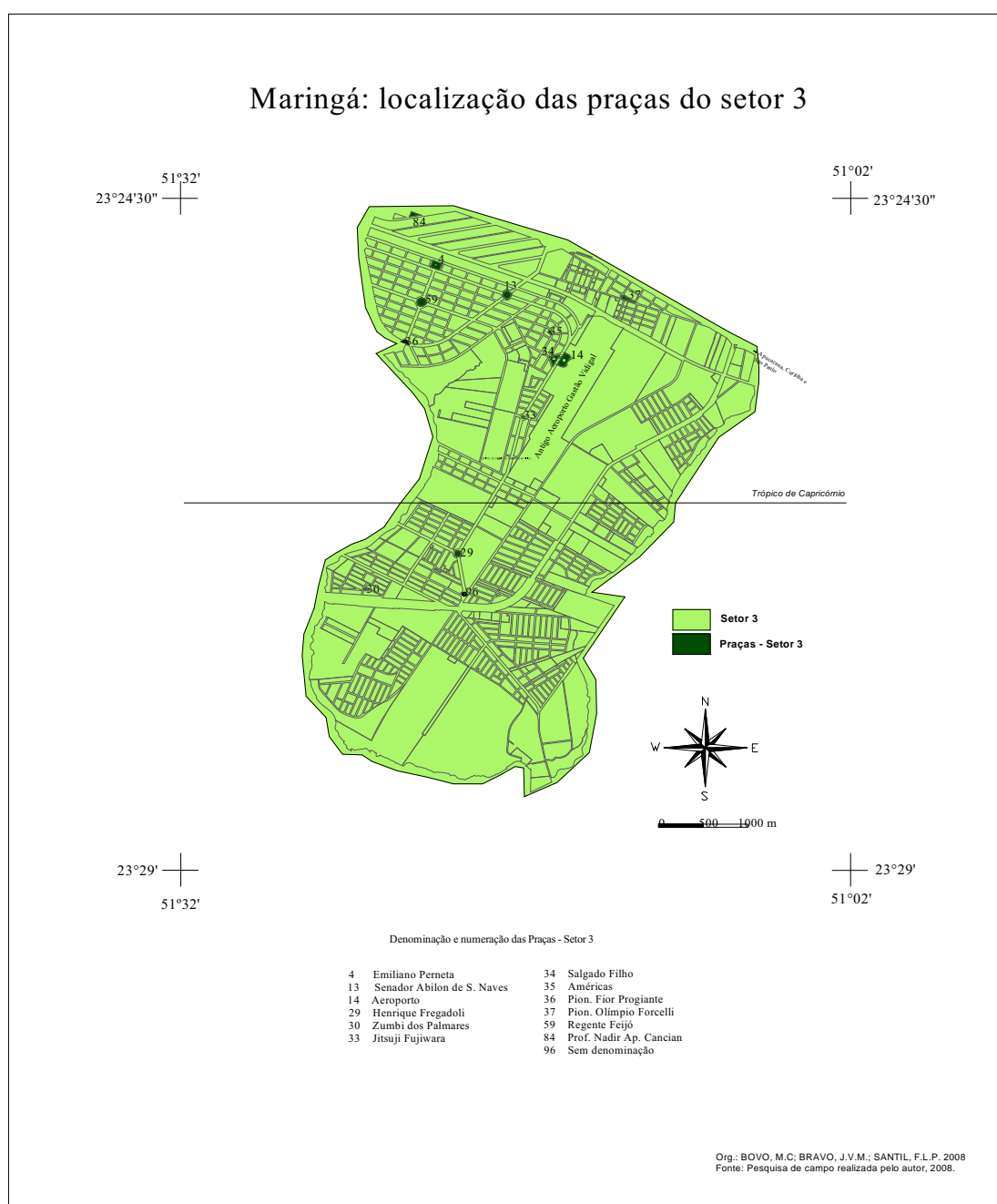


Figura 105: Maringá: localização do setor 3.

a) Praça Emiliano Pernetta (Nº 4)

A Praça Emiliano Pernetta se encontra localizada entre a Avenida Brasil e a Avenida Riachuelo, nas coordenadas geográficas 23° 25'24" latitude sul e 51° 55'12" de longitude oeste, com altitude de 529 metros.

Quanto aos equipamentos e estrutura física, a praça dispõe de vários bancos distribuídos em seu interior, de mesas quadriculadas que proporcionam jogos de dama, de iluminação rebaixada em toda a área e em bom estado de conservação, lixeira, telefone público, pavimentação de concreto, canteiro com meio-fio, ponto d'água, quiosque de alimentação e ponto de ônibus (**Quadro 39**).

Na sua parte central encontramos a igreja paroquial católica São José Operário, além do salão paroquial. É uma das áreas mais antigas da cidade, constituída no seu entorno por residências, colégio, creche e a casa das Irmãs Missionárias. Sua funcionalidade é muito intensa, principalmente nos dias de missa, sendo utilizada por moradores das localidades ou mesmo pelas pessoas que utilizam o ponto de ônibus ali instalado.

A vegetação existente é exótica e nativa, predominando os estratos arbóreos em 50% da área, e 10%, espécies arbustivas, com destaque para os ipês-roxos (*Tabebuia avellanadae*) e as palmáceas (*Roystonea spp*) de grande porte. Quanto à cobertura do solo, cerca de 50% são constituídos de calçamento e 40% de gramado, enquanto 10% da área se constitui de solo nu. A vegetação apresenta bom aspecto físico e sanitário.

Como sugestões propomos: limpeza e manutenção dos bancos, instalação de ponto d'água e mais lixeiras a única existente não é suficiente e implantação de canteiros no solo nu. A **Figura 106** ilustra os aspectos gerais da Praça.

Quadro 39 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Emiliano Pernetta e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 106: Vista parcial da Praça Emiliano Perneta.
Foto: BOVO M. C. 2008.

b) Praça Senador Aylon de Souza Naves (Nº 13)

A Praça Senador Aylon de Souza Naves se localiza nas extremidades das avenidas Brasil e Dr. Gastão Vidigal, sendo contornada pelas pistas da Avenida Tuiuti, nas coordenadas geográficas de 23° 25'36" latitude sul e 51° 54'45" longitude oeste, com altitude de 529 metros. Apresenta uma estrutura física constituída de poucos bancos instalados em seu interior, um único poste de iluminação em estado regular e pavimentação de concreto (**Quadro 40**). A ocupação do seu entorno é basicamente comercial.

A vegetação é constituída de espécies exóticas e nativas, sendo 70% de espécies arbóreas e 30% de espécies arbustivas. Entre as espécies de vegetação se encontram ipês-roxos (*Tabebuia avellanadae*), figueiras (*Ficus sp*) paineiras (*Chorisia speciosa*) e outras. A cobertura do solo é constituída de 70% de gramado e 30% de calçamento. A praça apresenta boa qualidade paisagística (**Figura 107**).

Dentre as proposições sugerimos: instalação de iluminação baixa, ampliação e conservação dos bancos existentes, instalação de lixeiras, de uma placa de identificação da área, manutenção dos canteiros, instalação de ponto d'água e substituição do calçamento de concreto por calçada ecológica.

Quadro 40 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Senador Aylon de Souza Naves e propostas de implantação.

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 107: Vista parcial da Praça Senador Abilon de Souza Naves.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

c) Praça do Aeroporto (Nº 14)

A Praça do Aeroporto se localiza na Avenida Brasil, nas coordenadas geográficas 23° 26'01" latitude sul e 51° 54'24" longitude oeste, com altitude de 553 metros. Possui no seu interior os seguintes equipamentos e estruturas físicas: bancos em madeira, iluminação alta, lixeiras, canteiro com meio fio, estacionamento e ponto de ônibus (**Quadro 41**). É utilizada pela população residente das imediações, que dela se apropria para fazer caminhadas e jogar bola, e por crianças que brincam com pipas. No passado era um ponto de recepção das pessoas que chegavam à cidade por via aérea, mas hoje, com a desativação do aeroporto e seu deslocamento para outra área da cidade, diminuiu o fluxo de pessoas que passam por essa praça e das pessoas que ali iam ver o pouso e decolagem dos aviões.

A vegetação é constituída de espécies nativa e exótica, representada por 20% de espécies arbóreas, com destaque para as grandes palmeiras-jerivás (*Syagrus romanzoffiana*) na parte central, os ipês-roxos (*Tabebuia avellanedae*), ipês-amarelos (*Tabebuia chrysotricha*) e quaresmeiras (*Tibouchina granulosa*), que dão um colorido muito bonito no decorrer do ano. A cobertura do solo é totalmente permeável, sendo toda a área da praça coberta de gramado. O logradouro apresenta bom aspecto paisagístico e estético. A (**Figura 108**) ilustra seus aspectos gerais.

Propomos as seguintes melhorias: instalação de bancos, ponto d'água e lixeiras; construção de uma pista de caminhada no entorno da praça para evitar o pisoteio do gramado; instalação de uma placa de identificação da área; rebaixamento da iluminação; manutenção do gramado em articulação com o canteiro com flores, para dar outro visual à área.

Quadro 41 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça do Aeroporto e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação.



Figura 108: Vista parcial da Praça do Aeroporto.

Foto: BOVO, M. C. 2008.

d) Praça Henrique Fregadolli (Nº 29)

A Praça Henrique Fregadolli se localiza na Avenida Dr. Gastão Vidigal com a Avenida Nildo Ribeiro da Rocha, nas coordenadas geográficas de 23° 27'16" latitude sul e 51° 55'04" longitude oeste, com altitude de 527 metros. Embora desprovida de estrutura física e equipamentos no seu interior, é uma bela praça. Seu entorno é ocupado basicamente por estabelecimentos comerciais.

A vegetação é constituída de espécies exóticas e nativas, sendo 90% de espécies arbóreas e 10% de espécies arbustivas. Entre as espécies destacamos a presença de ipês-roxos (*Tabebuia avellanadae*) e paus-ferro (*Caesalpinia ferrea var. leiostachya*), todos de grande porte. Quanto à cobertura do solo cerca de 90% da área se constituem de gramado e apenas 10% apresentam solo nu, devido à sombra das árvores.

A praça apresenta uma qualidade paisagística excelente e é utilizada pela população para descanso, devido a sua localização privilegiada, de onde é possível visualizar grande parte da cidade.

Apresentamos como sugestões: a instalação de luminárias rebaixadas, placa de identificação do logradouro e ponto d'água; calçada ecológica (**Quadro 42**) na sua parte central para evitar o pisoteio do gramado por parte das pessoas que circulam pela área; manter o gramado sempre podado e plantar espécies de vegetação que se adaptem à sombra; manter

essa área, valorizando a sua estética; e evitar o uso excessivo de equipamentos. A **Figura 109** proporciona a vista parcial da Praça Henrique Fregadolli.

Quadro 42 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Henrique Fregadolli e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 109: Vista parcial Praça Henrique Fredagolli.
Foto: BOVO M. C. 2008.

e) Praça Zumbi dos Palmares (Nº 30)

A Praça Zumbi dos Palmares se localiza entre a Rua José Fernandes e a Rua José Carlos Filho, no Conjunto Santa Felicidade, nas coordenadas geográficas 23° 27'29" latitude sul e 51° 55'43" longitude oeste, com altitude de 488 metros. Situada em um dos bairros mais pobres de Maringá, em uma área residencial, a praça possui os seguintes equipamentos e estruturas físicas: bancos, iluminação alta em estado regular, canteiro com meio-fio, quadra esportiva com alambrados em estado regular, mesa quadriculada para jogos e parque infantil (danificado), limitando-se seu uso à condição de ponto de ônibus (**Quadro 43**).

A vegetação é constituída de espécies nativas e exóticas, sendo 10% da área constituídos de estrato arbóreo. Quanto à cobertura do solo, 10% da área possuem calçamento e 90% se constituem de gramado associado com vegetação espontânea. Os aspectos físicos e sanitários da vegetação são ruins e a limpeza, conservação e manutenção deixam a desejar, pois o lixo está sobre os canteiros, apresentando qualidade paisagística ruim.

Apresentamos as seguintes proposições: revitalização de toda a praça; rebaixamento da iluminação; manutenção da quadra; instalação de novos equipamentos no parque infantil e

substituição dos brinquedos existentes; limpeza e manutenção dos bancos; colocação de lixeiras, ponto d'água e telefone público; manutenção do gramado e limpeza da praça; instalação de placa de identificação; conscientização da população sobre a importância dessa área para o bairro. As **Figuras 110 e 111** ilustram os aspectos gerais da Praça Zumbi dos Palmares.

Quadro 43 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Zumbi dos Palmares e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 110: Vista parcial Praça Zumbi dos Palmares
Foto: BOVO, M. C. 2008.



Figura 111: Vista parcial da parte Sul da Praça Zumbi dos Palmares.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

f) Praça Jitsuji Fujiwara (Nº 33)

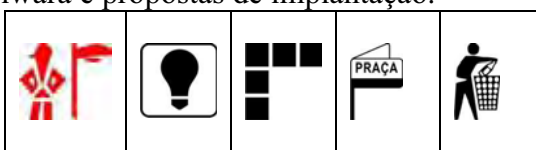
A Praça Jitsuji Fujiwara se localiza entre a Avenida Dr. Gastão Vidigal e a Rua Esperança, nas coordenadas geográficas de 23° 26'23" latitude sul e 51° 54'39" longitude oeste, com altitude de 545 metros. Embora desprovido de infraestrutura e equipamentos, esse logradouro constitui-se como uma bela área verde situada em uma área residencial e comercial.

A vegetação existente é constituída de espécies nativas e exóticas, predominando o estrato arbóreo em 95% da área e apenas 5% da vegetação se constituem de espécies arbustivas. Entre as espécies destacam-se o ipês-roxo (*Tabebuia avellanedae*) e pau-ferro (*Caesalpinia ferrea var. leiostachya*). Quanto à cobertura do solo, a praça é gramada em 95%

de sua área em 5% o solo está nu. A vegetação apresenta bom aspecto físico e sanitário. A praça apresenta boa qualidade paisagística. A **Figura 112** indica seus aspectos gerais.

Sugerimos a instalação de luminárias rebaixadas, placa de identificação, lixeiras, calçada ecológica na sua parte central para evitar o pisoteio do gramado por parte das pessoas que circulam pela área, manter o gramado sempre podado, instalar iluminárias baixas, manter essa área valorizando a sua estética e evitar o uso excessivo de equipamentos (**Quadro 44**).

Quadro 44 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Jitsuji Fujiwara e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 112: Vista parcial da Praça Jitsuji Fujiwara.

Foto: BOVO M. C. 2008.

g) Praça Salgado Filho (nº 34)

A Praça Salgado Filho se encontra localizada entre a Avenida Dr. Gastão Vidigal com a Rua Nova Esperança, nas coordenadas geográficas de 23° 26' 01" latitude sul e 51° 54' 27" longitude oeste, com altitude de 542 metros. Situada em uma área residencial, nas proximidades do antigo aeroporto, a praça é constantemente utilizada pelos moradores.



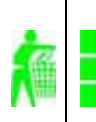
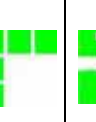








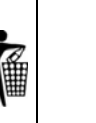
Quanto aos equipamentos e estrutura física, a praça é provida de vários bancos distribuídos em várias partes da praça, possui amplos caminhos, iluminação alta, lixeiras, pavimentação de concreto e bloquitos portugueses, canteiro com meio-fio, ponto de ônibus, duas quadras poliesportivas e parque infantil em bom estado de conservação (**Quadro 45**).

A vegetação é constituída por espécies nativas e exóticas, predominando o estrato arbóreo em 30% da área e em apenas 10% encontramos vegetação arbustiva. Dentre as espécies destaca-se a sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*). Quanto à cobertura do solo,

70% se constituem de gramado e 30% da área possuem calçamento. A praça apresenta boa qualidade paisagística.

Apresentamos as seguintes proposições: rebaixamento de toda a iluminação no interior da praça; instalação de mais lixeiras, pois uma única existente não é suficiente; de telefone público, e de novos brinquedos no parque infantil para atender crianças de diferentes faixas etárias; e reestruturação da quadra poliesportiva. As **Figuras 113 e 114** indicam os aspectos gerais da Praça Salgado Filho.

Quadro 45 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Salgado Filho e propostas de implantação.

												
---	---	---	---	---	---	---	--	---	---	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 113: Vista parcial da Praça Salgado Filho
Foto: BOVO, M. C. 2008.



Figura 114: Vista parcial da quadra poliesportiva na Praça Salgado Filho.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

h) Praça das Américas (Nº 35)


A Praça das Américas se encontra localizada entre a Rua Cambé com a Rua São Cristóvão, nas coordenadas geográficas de 23° 25'55" latitude sul e 51° 54'31" oeste, com altitude de 550 metros. Situada em uma área residencial e comercial. Na praça se encontra a igreja da paróquia católica de São Miguel Arcanjo e também o centro catequético paroquial. Praça muito movimentada, principalmente nos finais de semana, devido às cerimônias religiosas, é também utilizada pela população das imediações.

A Praça das Américas possui as seguintes estruturas e equipamentos: bancos maciços de concreto, bem diferentes das demais praças maringauenses. Possui excelente iluminação baixa, pavimentação de concreto, canteiro com meio-fio e quiosque de alimentação (**Quadro 46**).

A vegetação existente se constitui de espécies nativas e exóticas, sendo 90% espécies arbóreas e 10% de espécies arbustivas, cabendo destacar as sibipirunas (*Caesalpinia peltophoroides*) de grande porte que envolvem toda a praça, inclusive o templo religioso. A cobertura do solo é constituída de 40% de calçamento e 40% de gramado, enquanto em 10% da área o solo se apresenta nu, devido à sombra das árvores. A praça apresenta boa qualidade paisagística. A **Figura 115** ilustra os aspectos gerais da praça.

Como proposições apresentamos: instalação de lixeiras, ponto d'água e telefone público; manutenção das áreas dos canteiros, que estão com o solo nu, devido à sombra nesses locais (plantio de vegetação adequada, que se adapte à sombra); e instalação de uma placa de identificação da área.

Quadro 46 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça das Américas e propostas de implantação.

										
---	---	---	---	---	---	---	--	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 115: Vista parcial da Praça das Américas.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

i) Praça Pioneiro Fiori Progiante (Nº 36)

A Praça Pioneiro Fiori Progiante se localiza na Avenida Laguna no cruzamento com a Avenida Riachuelo, nas coordenadas geográficas de 23° 25'54" latitude sul e 51° 55'25" longitude oeste, com altitude de 558 metros. Situada em uma área residencial e comercial, a praça serve para a circulação de pessoas das imediações, uma vez que se encontra desprovida de estruturas e de equipamentos.

A sua vegetação é constituída de espécies nativas e exóticas, sendo que 95% pertencem ao estrato arbóreo e 05% pertencem ao estrato arbustivo, destacando-se entre as espécies a tipuanas (*Tipuana tipu*) e o ipê-roxo (*Tabebuia avellanedae*). A cobertura do solo é constituída de 90% de gramado, sendo que em 10% da área o solo está nu. A praça apresenta boa qualidade paisagística. A **Figura 116** apresenta os aspectos gerais da Praça Pioneiro Fiori Progiante.

Como sugestões propomos: manutenção das áreas dos canteiros que estão com o solo nu, devido à presença de sombra nesses locais (plantio de vegetação adequada, que se adapte a sombra); instalação de uma placa de identificação da área; construção de uma calçada ecológica na parte central para evitar o pisoteio do gramado por parte dos usuários; instalação de lixeiras e iluminárias; e evitar o uso excessivo de equipamentos, pois a área é muito pequena e deve ser valorizada a sua estética no ambiente urbano (**Quadro 47**).

Quadro 47 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Pioneiro Fiori Progiante e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 116: Vista parcial da Praça Pioneiro Fiori Progiante.
Foto: BOVO, M. C. 2008

j) Praça Pioneiro Olímpio Forcelli (Nº 37)

A Praça Pioneiro Olímpio Forcelli se localiza entre a Rua Mitsuzo Taguchy e a Rua Olanda, nas coordenadas geográficas de 23° 25'38" latitude sul e 51° 53'57" longitude oeste, com altitude de 559 metros, situada em uma área comercial e residencial. É muito utilizada por crianças, jovens e idosos e possui excelente estruturas e vários equipamentos instalados no seu interior, e apesar de seu espaço ser pequeno, a praça foi bem planejada.

Quanto à sua estrutura e equipamentos destacamos vários bancos bem distribuídos por toda a área, iluminação alta e baixa em estado regular, telefone público, bebedouro, pavimentação de bloquitos portugueses, ponto d'água, quadra esportiva em bom estado de conservação e com cobertura, mesa quadriculada para jogos, equipamentos físicos para terceira idade (ATI), cancha de malha e bocha, parque infantil em bom estado de conservação, canteiros com meio-fio e caminhos que permitem uma boa circulação em seu interior (**Quadro 48**). Das praças maringense é a que possui melhor estrutura em equipamentos instalados. As **Figuras 117 e 118** indicam aspectos gerais da infraestrutura dessa praça.

A sua vegetação é constituída de espécies nativas e exóticas, predominando o estrato arbóreo, com destaque para as sibipirunas (*Caesalpinia peltophoroides*) e os ipês-roxos (*Tabebuia avellanae*). A cobertura do solo é formada de 50% de calçamento, 40% de gramado, com 10% de solo nu. A sua vegetação apresenta bom estado físico e sanitário. A praça apresenta boa qualidade paisagística.

Como medidas para sua melhoria sugerimos: instalação de mais lixeiras, pois as duas existentes são insuficientes; manutenção das áreas dos canteiros que estão com o solo nu, devido à presença de sombra nesses locais (plantio de vegetação adequada), recuperação das luminárias que estão danificadas e a manutenção dos equipamentos instalados em boas condições de uso.

Quadro 48 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Pioneiro Olímpio Forcelli e propostas de implantação.

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação.



Figura 117: Praça Pioneiro Olímpio Forcelli.
Foto: BOVO, M. C. 2008.



Figura 118: Vista parcial da Praça Pioneiro Olímpio Forcelli.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

k) Praça Regente Feijó (Nº 59)

A Praça Regente Feijó se localiza no ponto de cruzamento da Avenida Riachuelo com a Avenida Paiçandu, nas coordenadas geográficas 23° 25'38" latitude sul e 51° 55'19" de longitude oeste, com altitude de 544 metros. Essa praça é mais um centro comunitário da Vila Operária do que uma praça, pois ela foge à regra: é cercada por alambrado no seu entorno e possui horário para a utilização. Encontra-se situada em área residencial e comercial.

Esse logradouro possui vários equipamentos instalados no seu interior entre os quais se destacam bancos de concreto em estado regular, iluminação alta e baixa, (necessita de manutenção), lixeiras (precisam ser substituídas), sanitário em estado regular necessitando de substituição de seus equipamentos, pavimentação de concreto, bebedouro em bom estado de conservação, ponto d'água, canteiro com meio fio, quadra poliesportiva com arquibancada e iluminação noturna, parque infantil (em péssimo estado de conservação, necessitando da substituição dos brinquedos), quadra de bocha para a terceira idade e uma bela piscina semiolímpica, onde as crianças praticam natação assessoradas por um professor (**Quadro 49**). Como podemos perceber, toda essa estrutura está mais para um centro comunitário do que para uma praça.

Cerca de 30% da área apresentam vegetação arbórea, constituída de espécies nativas e exóticas, dentre elas sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*), alecrim (*Holocalyx balansae*), grevilea (*Grevilea robusta*), e ipê-roxo (*Tabebuia avellanadae*). A cobertura do solo é constituída de 20% de gramado, 20% de calçamento e 50% de área construída, sendo os

restantes 10% representados por solo nu. A vegetação apresenta bom estado físico e sanitário, já a qualidade paisagística da praça é considerada ruim.

Como sugestões, propomos a interdição da área e recuperação de todos os equipamentos instalados, bem como a manutenção dos canteiros e do alamedado do entorno, pois nada adianta ter um complexo poliesportivo para atender a população se não há, por parte do Poder Público, a sua manutenção. Também sugerimos placa de identificação e instalação de telefone público. A **Figura 119** apresenta os aspectos gerais da Praça Regente Feijó.

Quadro 49 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Regente Feijó e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 119: Vista parcial da Praça Regente Feijó
Foto: BOVO M. C. 2008.

1) Praça Professora Nadir Aparecida Cancian (Nº 84)

A Praça Professora Nadir Cancian se localiza no ponto de cruzamento da Rua Evaristo da Veiga com a Avenida Bento Munhoz da Rocha Neto, nas coordenadas geográficas de 23° 25'04" de latitude sul e 51° 55'22" de longitude oeste, com altitude de 562 metros. A praça, que é de forma triangular e se situa em área comercial e residencial, possui em seu interior as seguintes estruturas e equipamentos: iluminação baixa em bom estado de conservação, telefone público, pavimentação de concreto e paralelepípedo, canteiro com meio-fio e ponto de ônibus (**Quadro 50**). Também é importante destacar o Teatro Barracão, que se encontra instalado na sua parte central, feito de madeira.

Sua vegetação é constituída de espécies nativas e exóticas, sendo 20% pertencentes ao estrato arbóreo e 10% da área cobertos por vegetação arbustiva. Entre as espécies

encontramos a tipuana (*Tipuana tipu*) e palmáceas (*Roystonea spp*). Quanto à cobertura do solo cerca de 40% da área são cobertos de gramado, 20% possuem calçamento e 40% da área são cobertos por construções. O logradouro possui boa qualidade paisagística.

Como medidas para uma melhor qualidade dessa praça propomos: instalação de bancos, lixeiras, placa de identificação e ponto d'água; recuperação e manutenção do teatro; manutenção e limpeza do gramado. A **Figura 120** mostra os aspectos gerais da Praça Nadir Cancian.

Quadro 50 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Nadir Cancian e propostas de implantação.

										
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figuras 120: Vista parcial da Praça Nadir Cancian.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

m) Praça sem denominação –D (Nº 96)






A praça localizada na Avenida Dr. Gastão Vidigal com a Rua Raul Seixas, nas coordenadas geográficas 23° 27'32" de latitude sul e 51° 55'04" de longitude oeste, com altitude de 514 metros, está situada em área residencial e comercial e conta somente com uma luminária em sua parte central.

A vegetação existente é espontânea, predominando gramado em toda a sua área. A qualidade paisagística é considerada ruim.

Propomos as seguintes melhorias para a área: instalação de luminárias; calçamento ecológico no entorno da praça; placa de identificação do logradouro (**Quadro 51**); plantio de espécies de árvores nativas; substituição do gramado. Os demais equipamentos deverão ser

instalados a longo prazo de acordo com as necessidades da comunidade. A **Figura 121** mostra os aspectos gerais da praça.

Quadro 51 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Sem Denominação “C” e propostas de implantação.

				
---	---	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figuras 121: Vista parcial da praça sem denominação –D.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

5.4.4- Aspectos gerais das praças localizadas no setor 4

No setor 4 há 22 praças localizadas na parte sul e sudoeste de Maringá (**Figura 122**). Neste setor destacamos cinco praças com excelente infraestrutura, boa qualidade paisagística e com o predomínio de vegetação arbórea, desempenhando principalmente a função estética e de lazer. Esses logradouros são: Praça 7 de Setembro, Praça do Rotary Internacional, Praça 21 de Abril, Praça dos Expedicionários e a Praça de Todos os Santos. Em contrapartida várias praças deste setor apresentam problemas, desde a falta de arborização à falta de estruturas e equipamentos ou a manutenção destes para atender os moradores dos bairros em que estão instaladas. Na sequência será apresentada a análise individualizada das praças do respectivo setor.

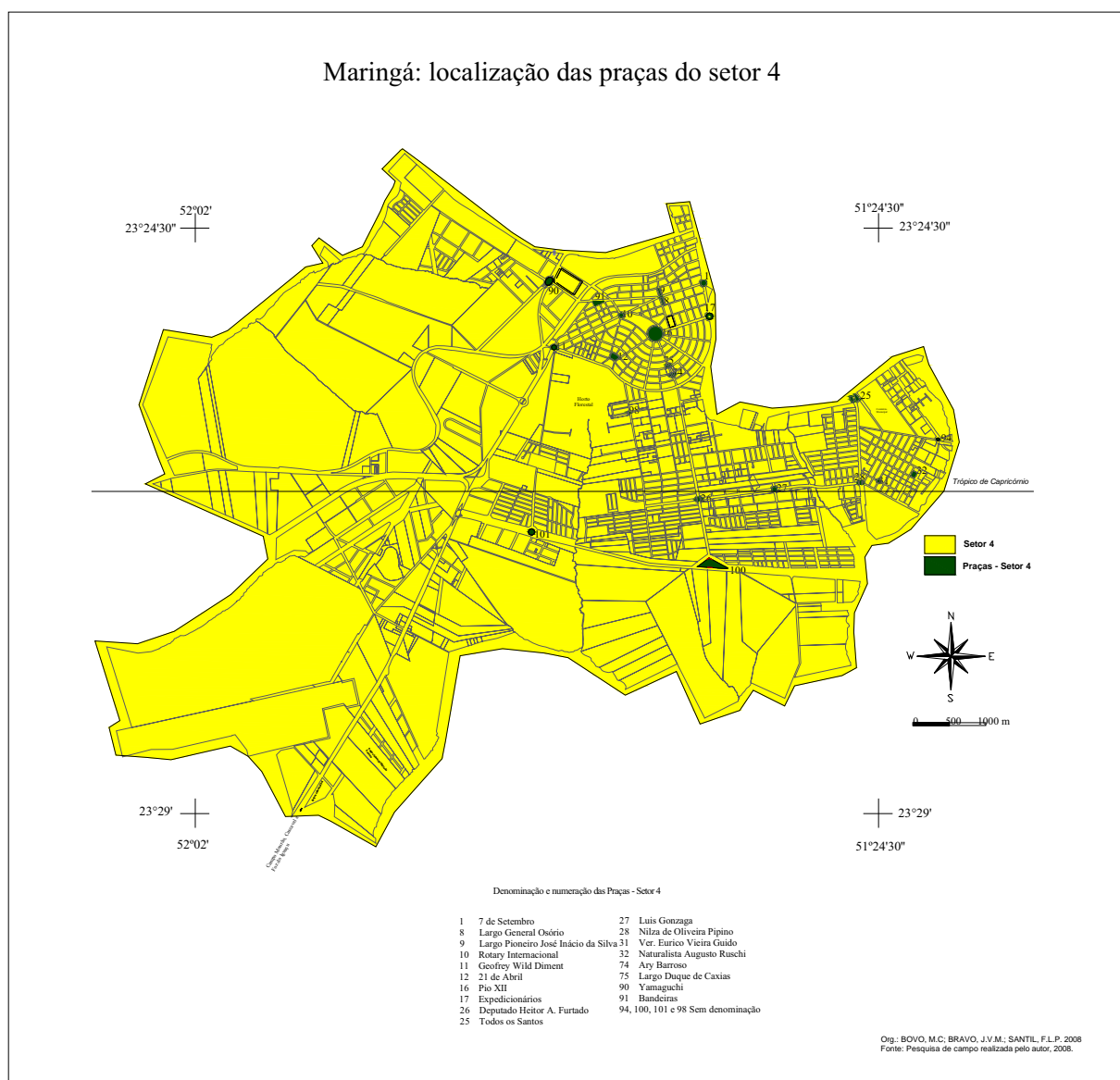


Figura 122: Maringá: localização das praças do setor 4.

a) Praça 7 de Setembro (N^o 1)

A Praça 7 de Setembro encontra-se localizada na Avenida Brasil onde começa a Avenida 19 de Dezembro, mais precisamente nas coordenadas geográficas de 23° 25'21" latitude sul e 51° e 57'12" de longitude oeste, com altitude de 580 metros, apresentando terreno suavemente inclinado.

Projetada para homenagear os pioneiros e desbravadores, é conhecida como “Praça do Peladão”. Possui uma escultura de homem nu de 7 metros de altura com os braços erguidos e as mãos espalmadas para o céu, indicando a simplicidade e a fé dos desbravadores de

Maringá. Também é possível verificar ao seu lado três machados estilizados, que simbolizam a abertura de caminhos na mata virgem. A escultura foi inaugurada em 1972 e projetada pelo artista plástico Henrique Aragão. Também fazia parte um espelho d'água com chafariz, sobre o qual estava assentada a estátua, espelho que hoje está desativado. É importante destacar que, até a década de 1970, sob o espelho d'água funcionava o Museu do Desbravador, que se encontra desativado, servindo o local como depósito para materiais de limpeza da praça.

Quanto aos aspectos gerais dos equipamentos e estruturas, a praça possui bancos de concreto dispostos ao longo dos caminhos, iluminação baixa para proporcionar claridade no período noturno, lixeiras, obra de arte e identificação do logradouro. Os caminhos internos são feitos de bloquetes portugueses, servindo inclusive para a circulação de pedestres que se deslocam em direção ao centro da cidade. O **Quadro 52** apresenta a síntese qualitativa geral das estruturas e equipamentos existentes na praça.

A vegetação é constituída de espécies nativas e exóticas, sendo 80% de espécies arbóreas e 20% de arbustivas; já a cobertura do solo se constitui de 60% de área gramada e 40% de calçamento. Entre as espécies destaca-se o ipê-roxo (*Tabebuia avellanedae*).

Entre as sugestões para a revitalização destacamos: restauração do monumento do desbravador, manutenção e conservação dos bancos, instalação de lixeiras, melhoria no ajardinamento e na limpeza, retirada das árvores ou arbustos mortos, manutenção das luminárias, instalação de um telefone público e incentivo ao uso, uma vez que existem escolas nas imediações, podendo ser desenvolvidas atividades de educação ambiental e recreação. As **Figuras 123 e 124** representam os aspectos paisagísticos da Praça 7 de Setembro.

Quadro 52 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça 7 de Setembro e propostas de implantação.

									
---	---	---	---	---	---	--	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação.



Figura 123: Praça 7 de Setembro.
Foto: BOVO, M. C. 2007.



Figura 124: Ipês floridos na Praça 7 de Setembro.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

b) Praça Largo General Osório (nº 8)

A Praça Largo General Osório se localiza entre a Avenida Brasil e a Rua Antônio Octávio Scramim, nas coordenadas geográficas de 23° 25'25" latitude sul e 51° 57'33" de longitude oeste, com altitude de 573 metros. Esse espaço apresenta-se totalmente permeável com presença de gramíneas em 100% da área. Quanto à vegetação, encontramos espécies nativas e exóticas, cabendo destacar a presença, em seu perímetro, das sibipirunas (*Caesalpinia peltophora*) e na parte central, um conjunto de palmeiras (*Roystonea spp*).

Esse espaço é desprovido de infraestrutura física, exceto a iluminação, porém se encontra em uma área residencial e comercial e o único papel realizado pela mantenedora até o momento é o serviço de poda da grama (**Quadro 53**).

Diante dessa situação propomos: revitalização desse espaço público para atender aos anseios da comunidade local, planejamento de toda a área sem danificar as espécies vegetais existentes, calçamento ecológico nas laterais, plantio de novas espécies vegetais nativas no interior da área, construção de caminhos ecológicos; instalação de um parque infantil, luminárias, bancos, lixeiras, ponto d'água e de uma placa de identificação do logradouro. É importante destacar que no outro lado da Avenida Brasil, na mesma posição existe outra área totalmente desprovida de infraestrutura a Praça Largo Pioneiro José Inácio da Silva. Diante disso devemos verificar cuidadosamente os equipamentos a serem instalados, bem como toda a infraestrutura da área, para evitar grande concentração de pessoas em uma praça e o vazio na outra. A **Figura 125** indica os aspectos gerais da Praça Largo General Osório.

Quadro 53 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Largo general Osório e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 125: Vista parcial da Praça Largo General Osório.
Foto: BOVO, M. C. 2008

c) Praça Largo Pioneiro José Inácio da Silva (Nº 9)













A Praça Largo Pioneiro José Inácio da Silva se localiza entre a Avenida Brasil e a Rua Antônio Carniel, nas coordenadas geográficas 25° 25'29" latitude sul e 51° 57'32" longitude oeste, com altitude de 569 metros. O espaço se localiza em área comercial e industrial e é totalmente desprovido de infraestrutura e de equipamentos. Cabe destacar a existência de um único poste de iluminação no logradouro (**Quadro 54**).

Esse espaço é constituído de um amplo gramado atingindo praticamente toda a área, nas partes laterais, sendo que em apenas uma se encontra uma coluna de tipuanas (*Tipuana tipu*). A qualidade paisagística é apenas satisfatória, pois quase sempre o local fica desprovido dos cuidados necessários por parte da mantenedora.

Diante dessa situação propomos: revitalização desse espaço público para atender aos anseios da comunidade local; planejamento de toda a área, sem danificar as espécies vegetais existentes; calçamento ecológico nas laterais; plantio de novas espécies vegetais nativas no interior da área; construção de caminhos ecológicos; instalação de uma quadra de esportes, ATI (Academia de Terceira Idade), equipamentos para exercícios físicos, lixeiras e bancos. Porém deve haver um planejamento da mantenedora no tocante a como instalar, o que instalar. E qual o público alvo, uma vez que temos duas áreas bem próximas uma da outra. Cabe ao poder público e aos moradores do entorno decidir, o que não pode é continuar como

está. Dez anos se passaram desde quando o professor De Angelis fez um trabalho na área e tudo continua igual, exceto as árvores, que cresceram. A **Figura 126** indica os aspectos gerais Praça Largo Pioneiro José Inácio da Silva.

Quadro 54 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Largo Pioneiro José Inácio da Silva e propostas de implantação.

											
---	---	---	---	---	---	---	--	---	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 126: Vista parcial da Praça Largo José Inácio da Silva.
Foto: BOVO M. C. 2008.

d) Praça do Rotay Internacional (Nº 10)

A Praça do Rotay Internacional encontra-se localizada entre a Avenida Brasil e a Avenida Dom Manuel da Silveira D'Elboux, nas coordenadas geográficas 23° 25'36" latitude sul e 51° 57'52" longitude oeste, com altitude de 604 metros.

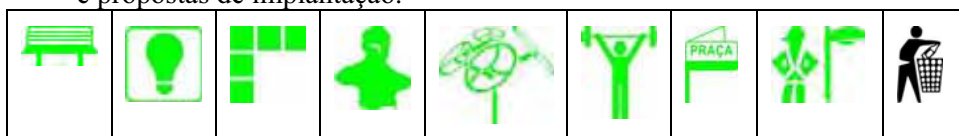
Quanto aos equipamentos e estruturas físicas destacamos um quiosque com banquetas e mesas quadriculadas para jogo de dama, uma área com instrumentos para exercícios físicos, bancos de madeira, iluminação baixa e em bom estado de conservação e pavimentação com bloquetes portugueses, e na sua parte central encontramos o símbolo do Rotary (**Quadro 55**).

A Praça do Rotary é utilizada por diferentes faixas etárias e encontra-se localizada em área comercial e residencial. Sua manutenção é de responsabilidade do Rotary, clube de serviço que lhe deu o nome.

A vegetação é constituída de espécies nativas e exóticas, predominando o estrato arbóreo, com destaque para o alecrim (*Holocalyx balansae*). A cobertura do solo é constituída de 50% de calçamento e 50% de gramado. Sua qualidade paisagística é boa.

Como sugestões visando à sua melhoria propomos: instalação de lixeiras, limpeza, pintura e manutenção dos bancos. A **Figura 127** ilustra os aspectos gerais da Praça do Rotary Internacional.

Quadro 55 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça do Rotary Internacional e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 127: Praça do Rotary Internacional.
Foto: BOVO, M. C. 2007/2008

e) Praça Geoffrey Wild Diment (Nº 11)

A Praça Geoffrey Wild Diment se localiza entre a Avenida Brasil e a Avenida Luiz Teixeira Mendes, nas coordenadas Geográficas 23° 25'50" latitude sul e 51° 58'24" longitude oeste, com altitude de 585 metros no "Maringá Velho".

Quanto à sua estrutura física e equipamentos existentes a praça deixa muito a desejar. Possui bancos de concreto em péssimas condições de uso, iluminação alta e danificada, pavimentação em bloquetes portugueses com defeitos ou em péssima conservação (**Quadro 56**).







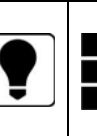





Localizada em uma área comercial, com a presença de armazéns e depósitos, inúmeros trabalhadores utilizam essa área verde para descanso e é muito comum a presença de

mendigos que ali permanecem. Também encontramos no entorno um grupamento do corpo de bombeiro e um posto de gasolina.

A vegetação é constituída de espécies nativas e exóticas, predominando o estrato arbóreo, com destaque para as sibipirunas (*Caesalpinia peltophoroides*) e os ipês-roxos (*Tabebuia avellanadae*). A cobertura do solo é representada por cerca de 40% de gramado e 30% de calçamento de bloquetes portugueses nos restantes 30% o solo está nu. Os aspectos físicos e sanitários da vegetação são satisfatórios, enquanto a qualidade paisagística é considerada ruim (**Figura 128**).

Diante das considerações apresentadas propomos: revitalização de toda a praça; substituição do calçamento; colocação de lixeiras; manutenção dos canteiros com gramado e flores substituindo o solo nu; substituição dos bancos existentes; instalação de ponto d'água, de iluminação baixa e de placa de identificação; construção de um monumento com uma frase, pois essa praça é um ponto de entrada e saída da cidade, e instalação de mesas quadriculadas com o objetivo de servir de lazer aos trabalhadores que ali vão para descansar.

Quadro 56 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Geoffrey Wild Diment e propostas de implantação.

											
---	---	---	---	---	---	---	--	---	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 128: Vista parcial da Praça Geoffrey Wild Diment.
Foto: BOVO M. C. 2008.

f) Praça 21 de Abril (Nº 12)

A Praça 21 de Abril encontra-se localizada entre a Avenida Luiz Teixeira Mendes e a Avenida dos Andradas, nas coordenadas geográficas 23° 25'58" latitude sul e 51° 57'58" longitude oeste, a uma altitude de 585 metros.

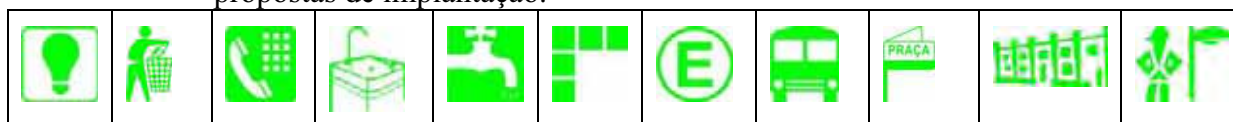
Nesta praça cabe destacar uma edificação institucional, o Teatro Kalil Haddad, com uma área construída de 7.800m². O teatro tem capacidade para 800 pessoas e abriga o acervo e os objetos da colonização da cidade, documentos e o arquivo fotográfico, além de constantes exposições de artes.

A praça está localizada em uma área nobre da cidade de Maringá e, além do teatro, possui uma estrutura constituída de excelente iluminação feita a partir de holofotes fixados no solo, estacionamento de paralelepípedos, caminhos externos, canteiros com cerca viva e meio-fio, lixeiras e telefone público, e oferece segurança aos seus usuários (**Quadro 57**).

A vegetação existente na área é exótica e nativa e a cobertura do solo é constituída de 70% de gramado e 30% de calçamento em paralelepípedo.

A Praça 21 de Abril possui excelente qualidade paisagística, sendo mantida constantemente limpa e com os canteiros podados, passando a imagem de uma cidade verde ideal para se viver, uma vez que se localiza nas proximidades no Horto Florestal, uma das áreas símbolo do verde em Maringá. A **Figura 129** indica os aspectos gerais da Praça 21 de Abril.

Quadro 57 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça 21 de Abril e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 129: Vista parcial da Praça 21 de Abril.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

g) Praça Pio XII (Nº 16)

A Praça Pio XII se encontra localizada entre a Avenida Euclides da Cunha e a Avenida Pio XII, nas coordenadas geográficas 23° 25'41" latitude sul e 51° 57'34" longitude oeste, com altitude de 591 metros, sendo também conhecida como Praça das Antenas ou Praça do Cogumelo.

Situada em um dos pontos mais elevados de Maringá, onde se encontram instaladas várias antenas repetidoras de estações de TV e rádio, possui como monumento uma caixa d'água elevada cujo formato lembra um cogumelo, e iluminação (**Quadro 58**).

A Praça Pio XII não possui nenhuma estrutura física ou equipamento para lazer. Seu entorno é constituído de residências, sendo constantemente utilizada para passeios e práticas esportivas, principalmente vôlei e futebol, porém não há nenhuma quadra destinada a esta função.

A vegetação existente é exótica, sendo apenas 5% da área constituída de vegetação arbórea. Quanto à cobertura do solo, toda a área é gramada, possuindo boa qualidade paisagística.

Como sugestões propomos: instalação de lixeiras, placa de identificação e ponto d'água, rebaixamento da iluminação, manutenção constante do gramado e construção de pista de caminhada no entorno. A **Figura 130** apresenta as características da praça.

Quadro 58 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Pio XII e propostas de implantação.

							
---	---	---	---	---	--	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação

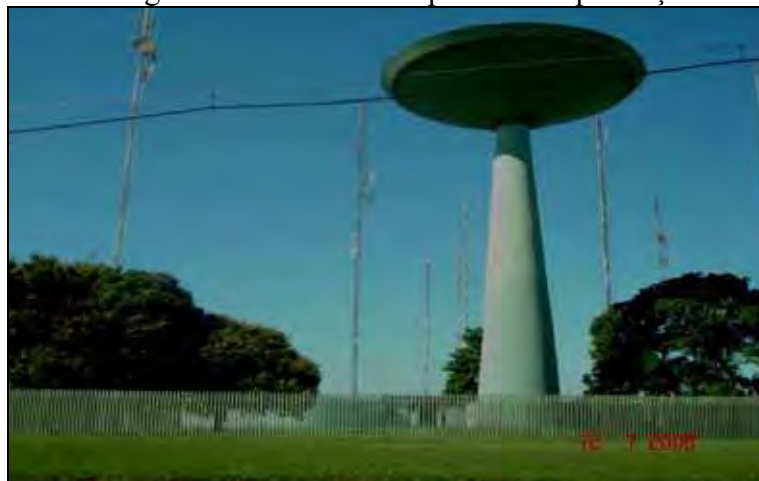


Figura 130: Vista parcial da Praça Pio XIII.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

h) Praça dos Expedicionários (Nº 17)

A Praça dos Expedicionários está localizada na Avenida Rio Branco em sua confluência com a Avenida Teixeira Mendes, nas coordenadas geográficas 23° 25'36" latitude sul e 51° 57'09" longitude oeste, com altitude de 567 metros.

Localizada na parte central de Maringá, possui os seguintes equipamentos: banco em madeira e concreto, excelente iluminação recentemente instalada, lixeiras em bom estado de conservação, pavimentos em bloquitos portugueses e amplos caminhos, facilitando a circulação dos usuários, e identificação da área. É importante destacar que em sua parte central encontra-se instalado o único coreto existente em praças públicas maringaenses. O **Quadro 59** apresenta a síntese qualitativa das estruturas e equipamentos existentes na praça.

Quanto aos aspectos paisagísticos, à limpeza e à conservação, a praça está em boas condições. A vegetação existente é em parte exótica e em parte nativa, sendo representada por 70% de espécies arbóreas e 30% de espécies arbustivas, todas em ótimo estado físico e sanitário. Cabe destacar a existência das sibipirunas (*Caesalpinia peltophoroides*) (a maioria) e a presença de peroba (*Aspidosperma polyneuron*) entre outras espécies. Com relação à cobertura do solo, cerca de 50% da área são cobertos de calçamento e 50% de gramado. A ocupação das proximidades é residencial e comercial.

Como sugestões propomos: continuar a manutenção e limpeza da praça, desenvolver atividades de educação ambiental com as crianças, reutilizar esse espaço para apresentações artísticas, preservar e recuperar o coreto, melhorar o ajardinamento, instalar telefone e ponto d'água. As **Figuras 131 e 132** ilustram os aspectos paisagísticos da Praça dos Expedicionários.

Quadro 59 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça dos Expedicionários e propostas de implantação.

								
---	---	---	---	---	---	--	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 131: Praça dos Expedicionários.
Foto: BOVO, M. C. 2008.



Figura 132: Vista parcial do calçamento da Praça dos Expedicionários.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

I) Praça Todos os santos (Nº 25)

A Praça Todos os Santos se localiza no ponto de cruzamento da Avenida Cerro Azul com a Avenida Juscelino K. de Oliveira, nas coordenadas geográficas de 23° 26'14" de latitude sul e 51° 55'58" longitude oeste, com altitude de 550 metros. A praça é dividida em duas partes: no lado direito da Avenida Cerro Azul em direção ao centro encontra-se instalado o Teatro Reviver, todo de madeira, com uma área de 510,60 m² três camarins e capacidade para 176 espectadores. Tem também um ponto de ônibus e um ponto de táxi, e na sua lateral, o Cemitério Municipal.















Também destacamos a presença de outros equipamentos e estruturas físicas, dentre eles vários bancos instalados nas duas partes da praça, lixeiras, iluminação, telefone público, pavimentação de concreto e bloquitos portugueses, canteiro com meio-fio, parque infantil e quiosque de alimentação (**Quadro 60**). A ocupação do entorno é constituída de residências e estabelecimentos comerciais.

A vegetação é constituída de espécies nativas e exóticas sendo 70% pertencente ao estrato arbóreo e 30% arbustiva, cabe destacar a presença de ipês-roxos (*Tabebuia avellanadae*), quaresmeira-rosa (*Tibouchina granulosa*), sibipirunas (*Caesalpinia peltophoroides*) e paus-ferros (*Caesalpinia férrea var. leiostachya*). Quanto à cobertura do solo a maior parte encontra-se impermeabilizada pelo calçamento, aproximadamente 60% da área e 40% possui gramado.

A Praça Todos os Santos apresenta boa qualidade paisagística, sendo freqüentada por pessoas que utilizam o ponto de ônibus ali instalado, por pessoas que vão ao teatro ou ainda que vão ao cemitério municipal.

Dentre as proposições sugerimos: limpeza e manutenção dos bancos, ampliação do número de lixeiras e recuperação dos equipamentos instalados no parque infantil e instalação de novos brinquedos e a recuperação e manutenção do Teatro Reviver. As **Figuras 133 e 134** indicam aspectos gerais da Praça Todos os Santos.

Quadro 60 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Todos os Santos e propostas de implantação.

													
---	---	---	---	---	---	---	---	--	---	---	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 133: Vista parcial Praça Todos os Santos.
Foto: BOVO M. C. 2008.



Figura 134: Vista parcial do Teatro Reviver na Praça Todos os Santos.

Fonte: Disponível: <http://www.maringa.com/teatro/>
(Acesso em 28/07/2008).

j) Praça Deputado Heitor Alencar Furtado (Nº 26)

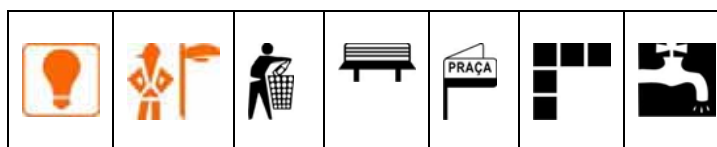
A Praça Deputado Heitor Alencar Furtado se encontra localizada na Avenida Carlos Borges com a Avenida Nildo Ribeiro, nas coordenadas geográficas de 23° 26'57" latitude sul e 51° 57'16" longitude oeste, com altitude de 600 metros, desprovida de infraestrutura e equipamentos, encontra-se em uma área comercial e residencial, localizada em uma área periférica.

Quanto a sua vegetação há uma única árvore na praça, um pé de *Flamboyant*, apresenta 90% da área com gramado e 10% em concreto, cujo caminho passa pela parte central (**Quadro 61**).

Dentre as propostas destacamos: revitalização de toda a área visando atender os moradores da localidade, implantação de calçamento ecológico, plantio de espécies nativas,

instalação de lixeiras e de bancos, placa de identificação do logradouro e ponto d'água. Outros equipamentos deverão ser instalados de forma gradativa visando atender as necessidades da população sendo que esta área encontra-se em expansão (**Figura 135**).

Quadro 61 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Deputado Heitor Alencar Furtado e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 135: Vista parcial Praça Deputado Heitor Alencar Furtado.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

k) Praça Luiz Gonzaga (Nº 27)

A Praça Luiz Gonzaga está localizada na Avenida Nildo Ribeiro da Rocha com a Avenida Joaquim Duarte, nas coordenadas geográficas de 23° 26'54" latitude sul e 51° 26'54" longitude, com altitude de 542 metros, praticamente desprovida de infraestrutura e equipamentos, exceto de iluminação alta, apresentando aspecto regular e canteiro com meio-fio e calçada na parte central, encontra-se instalada em uma área periférica sendo a ocupação comercial e residencial (**Quadro 62**).

A vegetação existente é exótica e nativa, sendo apenas 20% arbórea e 10% arbustiva, com destaque para as tipuanas (*Tipuana tipu*). Quanto à cobertura do solo 90% de toda a área é gramada e apenas 10% possui calçamento. Quanto à qualidade paisagística é considerada como ruim.

Dentre as proposições destacamos: manutenção do gramado, instalação de lixeiras, ponto d'água, bancos e rebaixamento das luminárias. Outros equipamentos deverão ser

colocados de forma gradativa visando atender as necessidades da população sendo que esta área encontra-se em expansão surgindo nas proximidades novas áreas residenciais. A **Figura 136** ilustra os aspectos gerais da Praça Luiz Gonzaga.

Quadro 62 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Luiz Gonzaga e propostas de implantação.

						
---	---	---	---	---	--	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 136: Vista parcial Praça Luiz Gonzaga.

Foto: BOVO, M. C. 2008.

1) Praça Nilza de Oliveira Pipino (Nº 28)








A Praça Nilza de Oliveira Pipino se encontra localizada na Avenida Cerro Azul com a Avenida Nildo Ribeiro da Rocha, nas coordenadas geográficas de 23° 26'51" latitude sul e 51° 55'57" longitude oeste, com altitude de 520 metros, tendo como ocupação nas proximidades atividades comerciais. Quanto à infraestrutura, possui iluminação alta e canteiro com meio-fio (**Quadro 63**).

A vegetação é caracterizada por espécies nativas e exóticas e apenas 10% da área apresentam vegetação arbórea, formada de algumas palmeiras (*Roystonea spp*) e grevíleas (*Grevilea robusta*). O solo é totalmente permeável, revestido basicamente de gramíneas. A praça apresenta qualidade paisagística ruim, e quanto aos seus aspectos gerais é satisfatória.

Entre as proposições destacamos: o rebaixamento das luminárias, calçamento ecológico no entorno da praça, construção de bancos, instalação de placa de identificação e ponto d'água, plantio de espécies de árvores nativas, manutenção do gramado e limpeza da praça. As outras estruturas deverão ser implantadas a longo prazo, se for necessária, pois

temos que levar em consideração o grande fluxo de automóveis que por ali circulam fazendo ligação entre o norte e o sul da cidade, tornando-se uma área de difícil acesso para os usuários. A **Figura 137** indica os aspectos gerais da Praça Nilza de Oliveira Pipino.

Quadro 63 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Nilza de Oliveira Pipino e propostas de implantação.

						
---	---	---	---	---	--	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 137: Vista parcial Praça Nilza de Oliveira Pipino.

Foto: BOVO, M. C. 2008.

m) Praça Vereador Eurico Vieira Guido (Nº 31)

A Praça Vereador Eurico Viera Guido se localiza entre a Rua Amazonas e a Rua Paraíso, nas coordenadas geográficas de 23° 26'50" latitude sul e 51° 55' 48" longitude oeste, com altitude de 523 metros. Situada em uma área residencial e comercial, a praça dispõe dos seguintes equipamentos: banco, iluminação alta em estado regular, quadra esportiva em estado regular, pavimentação em bloquetes portugueses, canteiro com meio-fio e placa de identificação da área (**Quadro 64**).

A vegetação existente é nativa e exótica, com cerca de 60% de espécies arbóreas e 40% de espécies arbustivas, destacando-se entre as várias espécies palmeiras (*Roystonea spp*), paineiras (*Chorisia speciosa*) e canelinhas (*Nectandra megapotamica*). A cobertura do solo é constituída de 60% de gramado e 40% de calçamento. A vegetação apresenta aspectos físicos e sanitários satisfatórios e a qualidade paisagística é igualmente satisfatória.

A Praça Vereador Eurico Vieira Guido é utilizada por moradores das imediações, que utilizam a quadra para a prática de esportes, e pelas crianças, que utilizam o espaço para brincar. A **Figura 138** representa os aspectos gerais dessa praça.

Como sugestões para a revitalização propomos: instalação de lixeira, telefone público e ponto d'água; manutenção e limpeza dos bancos, dos canteiros e do piso; e substituição e rebaixamento das luminárias, visto que as árvores de grande porte impedem a passagem da luz, dificultando o uso no período noturno.

Quadro 64 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Vereador Eurico Vieira Guido e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 138: Vista parcial Praça Eurico Vieira Guido
Foto: BOVO, M. C. 2008.

n) Praça Naturalista Augusto Ruchi (Nº 32)

A Praça Naturalista Augusto Ruchi se localiza entre a Rua Flamengo e a Rua Pioneiro Alberto Biazzon, nas coordenadas geográficas de 23° 26'47" latitude sul e 51° 55'47" oeste, com altitude de 498 metros. Situada em uma área residencial, a praça se constitui de uma área de declividade, o que permitiu a formação de três elevações interligadas por rampas e escadarias.

Quanto à estrutura física e equipamentos o logradouro dispõe de vários bancos recuados e dispostos ao longo dos caminhos, iluminação baixa, permitindo o seu uso no período noturno, pavimentação de concreto e bloquetes portugueses, quadra poliesportiva com alambrado e iluminação, parque infantil e caminhos largos (**Quadro 65**).

A vegetação é densa e constituída de espécies nativas e exóticas. Em cerca de 80% de toda a área predomina o estrato arbóreo e em 20%, as espécies arbustivas. Entre as espécies se encontram canelinha (*Nectandra megapotamica*), angico (*Parapiptadenia rigida*), paineira (*Chorisia speciosa*), cedro (*Cedrela fissilis*), figueira (*Ficus insipida*), peroba (*Aspidosperma*

polyneuron), palmeiras (*Roystonea spp*) e outras. Quanto à cobertura do solo, cerca de 60% da área possuem gramado e 40% possuem calçamento. A vegetação apresenta bom aspecto físico e sanitário, (**Figura 139**).

Como sugestões propomos: manutenção das luminárias, dos bancos, dos canteiros, da quadra poliesportiva; recuperação do piso; instalação de lixeiras, ponto d'água, telefone público, placa de identificação da área e de novos brinquedos no parque infantil, além da manutenção dos já existentes.

Quadro 65 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Naturalista Augusto Ruchi e propostas de implantação.

												
---	---	---	---	---	---	---	--	---	---	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 139: Vista parcial da Praça Naturalista Augusto Ruchi.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

o) Praça Ary Barroso (Nº 74)

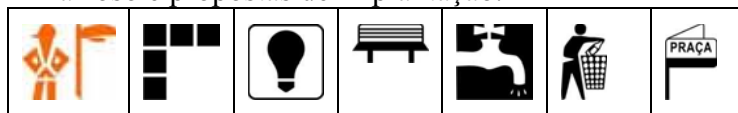
A Praça Ary Barroso se localiza no ponto de cruzamento da Avenida Carlos Correia Borges com a Rua Santa Joaquina de Vedruna, nas coordenadas geográficas 23° 25'58" latitude sul e 51° 57'28" longitude oeste, com altitude de 569 metros. Situada entre as escolas estaduais Alberto Jackson Bygton Júnior e Odete Ribarolli Gomes de Castro, O logradouro é constituído de duas partes totalmente desprovidas de estrutura.

A vegetação existente é nativa e exótica, porém apenas 20% da área contém estrato arbóreo. O solo é gramado, porém predomina a vegetação espontânea. A praça apresenta qualidade paisagística classificada como ruim.

Apresentamos as seguintes propostas: construção de calçada ecológica; instalação de iluminação, lixeiras, placa de identificação e ponto d'água (**Quadro 66**); plantio de outras espécies de árvores implantação de canteiros de flores; desenvolvimento de projetos de

educação ambiental entre as duas escolas visando à melhoria dos aspectos paisagísticos da praça. A **Figura 140** mostra os aspectos gerais da mesma.

Quadro 66 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Ary Barroso e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



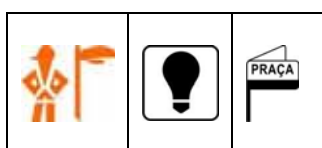
Figuras 140: Vista parcial da Praça Ary Barroso.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

p) Praça Largo Duque de Caxias (Nº 75)

A Praça Largo Duque de Caxias se localiza na extremidade sul da Avenida Paraná, em seu encontro com a Avenida Nóbrega, nas coordenadas geográficas de 23° 25'37" latitude sul e 51° 56'35" de longitude oeste, com altitude de 553 metros. Situada em área comercial, encontra-se com 90% do solo impermeabilizados e apenas 10% cobertos de gramado. Há uma enorme figueira (*Ficus guaranitica*) em sua parte central e algumas palmeiras (*Roystonea spp*) na parte lateral. A qualidade paisagística pode ser classificada como satisfatória.

Sugerimos a retirada de todo o calçamento da área, em virtude de ser um espaço muito pequeno, deixando todo o espaço para ser ornamentado com plantas que se adaptem ao ambiente de sombra e instalação de placa de identificação e luminárias (**Quadro 67**). A **Figura 141** mostra os aspectos gerais do Largo Duque de Caxias.

Quadro 67 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Largo Duque de Caxias e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figuras 141: Vista parcial da Praça Largo Duque de Caxias.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

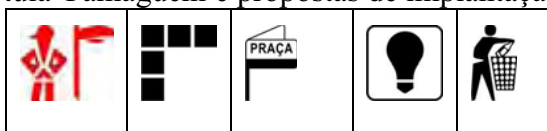
q) Praça da Rótula Yamaguchi (Nº 90)

A Praça da Rótula Yamaguchi se localiza na Avenida Paranavaí em seu cruzamento com a BR 317, nas coordenadas geográficas de 23° 25'19" de latitude sul e 51° 58'24" de longitude oeste, com 557 metros de altitude. Situada em área comercial e de intenso fluxo de automóveis, a praça é pouco utilizada pelas pessoas que circulam pelas imediações.

Essa praça é coberta por uma vegetação densa, com praticamente toda a área formada de espécies nativas e exóticas, predominando o estrato arbóreo. A cobertura do solo é permeável, predominando um amplo gramado por toda a área. Apresenta boa qualidade paisagística (**Figura 142**).

Quanto a essa praça sugerimos: manter sua estética, deixando predominar o seu verde; instalar luminárias baixas e colocar placa de identificação da área, implantar calçamento e instalar lixeiras (**Quadro 68**).

Quadro 68 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça da Rótula Yamaguchi e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 142: Vista parcial Praça da Rótula Yamaguchi.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

r) Praça das Bandeiras (N^o 91)

A Praça das Bandeiras se localiza no ponto de confluência da Avenida Paranavaí com a Rua dos Cafezais, nas coordenadas geográficas de 23° 25'29" de latitude sul e 51° 58'00" de longitude oeste, com altitude de 556 metros, situando-se em área residencial e comercial.

Essa praça tem como estrutura: bancos, iluminação baixa em estado regular de conservação, pavimentação com bloquetes portugueses, canteiro com meio-fio, quadra poliesportiva com alambrado em estado regular, parque infantil em estado de conservação regular e placa de identificação.

A vegetação existente é de variedades nativas e exóticas, predominando o estrato arbóreo em 30% da área. A cobertura do solo é constituída de 40% de calçamento e 60% de área com gramado (**Quadro 69**). Sua qualidade paisagística é considerada satisfatória.

Propomos os seguintes procedimentos: manutenção do gramado, limpeza dos bancos, recuperação da quadra, manutenção e substituição dos brinquedos do parque infantil, instalação de lixeiras, ponto d'água e telefone público, recuperação e substituição da luminárias. A **Figura 143** representa os aspectos gerais da Praça das Bandeiras.

Quadro 69 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça das Bandeiras e propostas de implantação.

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 143: Vista parcial da Praça das Bandeiras
Foto: BOVO, M. C. 2008.

s) Praça sem denominação - B (Nº 94)

A praça sem denominação “B” se encontra localizada no ponto de cruzamento da Rua Gurucaia com a Rua Saulo Porto Virmond, nas coordenadas geográficas 23° 26’32” de latitude sul e 51° 55’18” de longitude oeste, com altitude de 499 metros, está situada em área comercial e é uma das menores praças de Maringá, tendo como principal função a estética.

A vegetação é formada por espécies exóticas, com destaque para a palmeira *Roystonea spp.* A cobertura do solo é constituída por gramado. Possui boa qualidade paisagística. No tocante a equipamentos possui apenas iluminação (**Quadro 70**).

Apresentamos como propostas manter a qualidade paisagística da área, dar um nome ao logradouro e colocar placa de identificação. A **Figura 144** mostra os aspectos gerais da praça.

Quadro 70 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Sem Denominação “B” e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 144: Vista parcial da praça sem denominação - B
Foto: BOVO, M. C. 2008.

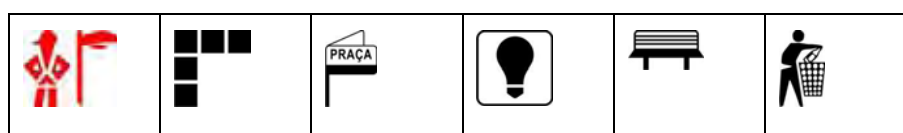
t) Praça sem denominação – F (nº 98)

A praça sem denominação localizada na confluência da Rua das Azaleias com a Rua Nadir Santos, nas coordenadas geográficas 23° 26'19" de latitude sul é 51° 57'49" de longitude oeste, com altitude de 553 metros, está situada em área residencial e é totalmente desprovida de infraestrutura.

Atualmente a vegetação predominante é espontânea e a praça não apresenta limpeza nem conservação, encontrando-se abandonada pelo Poder Público municipal. Tamanho é o descaso pela área que até uma placa fazendo propaganda de um pesque-pague encontra-se instalada na área. Sua qualidade paisagística é ruim.

Propomos as seguintes melhorias para a área: retirada do mato que viceja sobre a área e plantação de grama; plantio de espécies nativas; construção de calçada ecológica; instalação de luminárias baixas, lixeiras e bancos (**Quadro 71**); manutenção constante da área; retirada da placa do pesque-pague; um nome para o logradouro. A **Figura 145** representa os aspectos gerais da praça.

Quadro 71 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Sem Denominação “F” e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



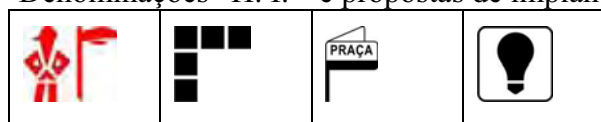
Figura 145: Vista parcial da praça sem denominação – F.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

u) Praça sem denominação - H - I (nº 100 e 101)

As Praças com os números 100 e 101 encontram-se todas localizadas na periferia da cidade de Maringá, desprovida de equipamentos e estruturas, possuem somente o canteiro com meio fio. Na maioria das vezes são constituídas de vegetação espontânea.

Dentre as propostas destacamos: plantio de gramado em toda a área e plantio de espécies nativas e exóticas, instalação de luminárias alta (**Quadro 72**). Quanto às demais estruturas devem ser instaladas a longo prazo e, além disso, devido a sua localização depende de um estudo mais detalhado e da opinião dos moradores.

Quadro: 72 – Síntese qualitativa das estruturas equipamentos das Praças Sem Denominações “H. I.” e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação

5.4.5- Aspectos gerais das praças localizadas no setor 5

No setor 5 há 18 praças (**Figura 146**) localizadas na parte norte e noroeste de Maringá. Neste setor destacamos somente duas praças de maior representatividade, a Praça Santa Izabel, na qual possui um templo religioso e a Praça Sem Denominação indicada pela letra “C”, que possuem estrutura e equipamentos instalados em bom estado de conservação, apresentando boa qualidade paisagística.

Quanto às demais praças desse setor todas necessitam passar por um processo de revitalização, incluindo instalação de equipamentos essenciais como: bancos, luminárias ponto d’água e pavimentação. Quanto à vegetação várias praças desse setor precisam ser

arborizadas tanto com espécies arbóreas como por espécies arbustivas, além do ajardinamento. De todos os setores analisados este apresenta as características mais negativas. Na sequência será apresentada a análise individualizada das praças do respectivo setor.

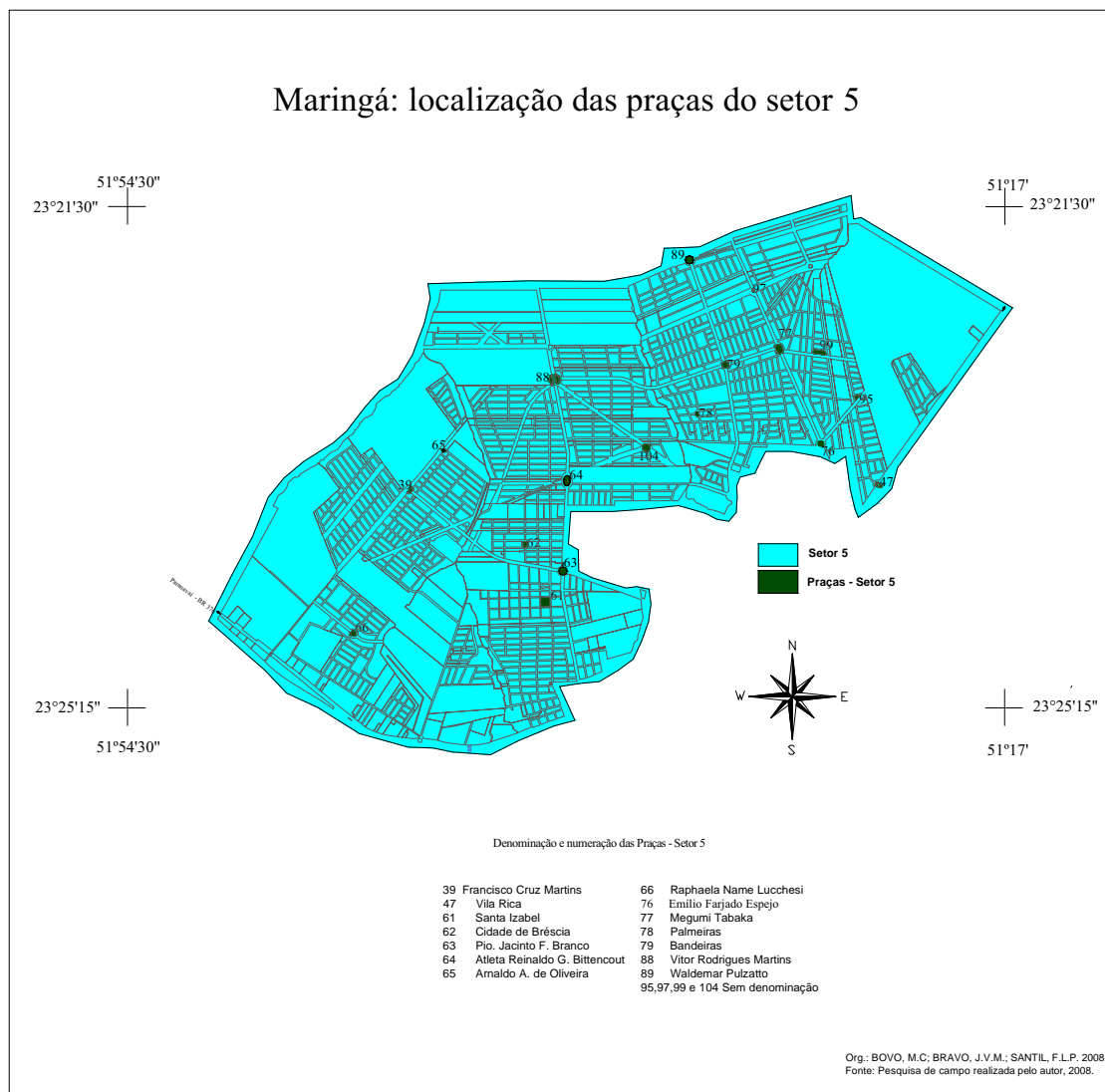


Figura 146: Maringá: localização das praças do setor 5.

a) Praça Sargento Francisco da Cruz Martins (nº 39)

A Praça Sargento Francisco da Cruz Martins se localiza no ponto de cruzamento da Avenida Alziro Zarur com a Avenida Sabiá, nas coordenadas geográficas 23° 23'39" de latitude sul e 51° 58'22" longitude oeste, com altitude de 490 metros. Situa-se em uma área residencial e comercial e há novos loteamentos sendo implantado em suas proximidades.

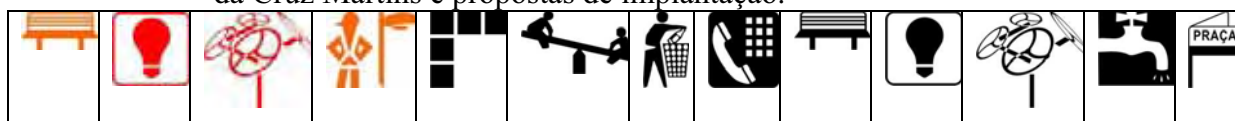
Essa praça é praticamente desprovida de estrutura. Os únicos equipamentos existentes na área são: uma luminária alta em estado regular, duas mesas de jogos quadriculadas e oito banquinhos junto às mesas, canteiro com meio-fio incompleto e um espaço para bocha (**Quadro 73**).

A vegetação é nativa e exótica, predominando a arbórea, com destaque para os ipê-roxos (*Tabebuia avellanedae*). A cobertura do solo é representada por 90% vegetação espontânea, encontrando-se 10% de solo nu. Os aspectos físicos e sanitários da vegetação são ruins, assim como a limpeza e conservação da praça. A qualidade paisagística da área é ruim (**Figura 147**).

Como propostas para a revitalização da área apresentamos: delimitar a área da praça com meio-fio; plantio de espécies nativas; construção de calçada ecológica, instalação de lixeiras, iluminação baixa e bancos; plantio de um novo gramado na área; colocação de um ponto d'água; instalação de telefone público; reativação da quadra de bocha; instalação de uma academia de terceira idade (ATI); implantação de um parque infantil e placa de identificação.

Esse espaço livre necessita dessa estrutura, pois é uma área periférica e a população fica desprovida de atividades físicas e de lazer, de modo que muitas crianças ficam pelas ruas sem nenhum espaço para lazer.

Quadro 73 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Sargento Francisco da Cruz Martins e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 147: Praça Sargento Francisco da Cruz Martins.
Foto: BOVO M. C. 2008.

b) Praça Vila Rica (nº 47)

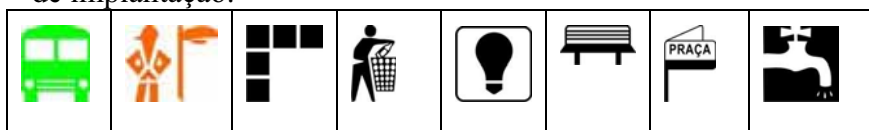
A Praça Vila Rica se localiza entre a Avenida Morangueira e a Avenida Sophia Rasgulaeff, nas coordenadas geográficas 23° 23'39" de latitude sul e 51° 51'24" de longitude oeste, com altitude de 532 metros. Situada em área residencial e comercial, a praça encontra-

se dividida em duas partes, pois a Avenida Morangueira passa pela sua parte central. A praça encontra-se desprovida de equipamentos, possuindo um canteiro com meio-fio e ponto de ônibus (**Quadro 74**).

A vegetação é nativa e exótica, predominando o estrato arbóreo em 50% da área, com as espécies ipê-roxo (*Tabebuia avellanadae*) e a tipuana (*Tipuana tipu*). A superfície do solo é constituída de 90% de gramado e 10% de solo nu. A qualidade paisagística é satisfatória.

Apresentamos as seguintes proposições: construção de calçada ecológica no entorno para evitar o pisoteio do gramado; instalação de lixeiras, ponto d'água, placa de identificação, luminárias, e bancos; plantio de espécies nativas; manutenção do gramado, criando novos ornamentos com flores; colocação de placa de identificação da área; melhoria na manutenção da área, inclusive da limpeza; e valorização da função estética da área, pois a Praça Vila Rica encontra-se em uma das entradas da cidade. A **Figura 148** representa a parte leste da praça.

Quadro 74 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Vila Rica e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 148 – Vista parcial da Praça Vila Rica.
Foto: BOVO M. C. 2008.

c) Praça Santa Isabel (Nº 61)

A Praça Santa Isabel se localiza entre a Rua Jarbas R. Alves com a Rua Virgínio Acelino Cardoso, nas coordenadas geográficas de 23° 24'18" latitude sul e 51° 57'30" de longitude oeste, a uma altitude de 524 metros, tendo como ocupação do entorno estabelecimentos comerciais e residenciais. Essa praça é muito utilizada pelos moradores, que usufruem do seu espaço para participar das cerimônias religiosas na igreja Santa Isabel ou






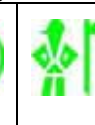
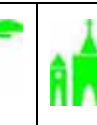




mesmo das atividades realizadas pelo salão paroquial. Também é muito utilizada pelas crianças, para brincar.

Quanto a sua estrutura física e seus equipamentos se constituem de vários bancos, distribuídos de forma circular fora dos passeios e em bom estado; iluminação baixa e alta, lixeiras, pavimentação de concreto e bloquetes portugueses e canteiro com meio-fio (**Quadro 75**). De forma geral a praça é muito bem organizada, apresentando-se limpa e com os equipamentos existentes bem conservados.

A vegetação existente é formada de espécies nativas e exóticas, predominando o estrato arbóreo em 60% da área, e 40%, o arbustivo. Cabe destacar o bom aspecto físico e sanitário da vegetação, que pode ser notado pelas grandes sibipirunas dispostas ao longo do passeio externo, além de jacarandás (*Jacaranda mimosaeifolia*), tipuanas (*Tipuana tipu*) e ipês-roxos (*Tabebuia avellanadae*), que embelezam a sua área interna. Quanto à superfície do solo, cerca de 40% da área possuem calçamento de concreto ou bloquetes portugueses, 30% são formados por gramado e as edificações no seu interior ocupam 30% da área. A praça apresenta excelente qualidade paisagística.

Como propostas destacamos: instalação de mais lixeiras, placa de identificação e telefone público; e a continuação do bom trabalho que vem sendo desenvolvido pela mantedora e pelos moradores das imediações. A **Figura 149** representa os aspectos gerais da praça.

Quadro 75 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Santa Isabel e propostas de implantação.

										
---	---	---	---	---	---	---	--	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 149: Vista parcial do templo religioso da Praça Santa Isabel.

Foto: BOVO, M. C. 2008.

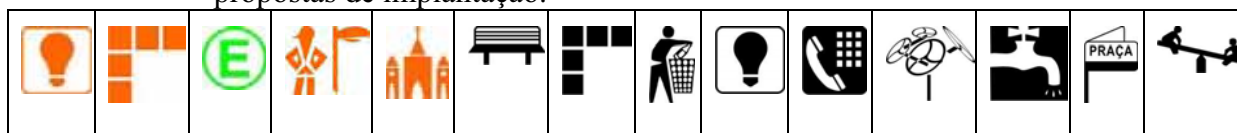
d) Praça Cidade de Brésia (Nº 62)

A Praça Cidade de Brésia se localiza na Rua Nossa Senhora da Glória com a Rua Jaboticaba, nas coordenadas geográficas de 23° 23'57" de latitude sul e 51° 57'33" de longitude oeste, com altitude de 571 metros. Situada em área residencial da periferia, a praça é quase desprovida de estruturas e equipamentos. Os existentes são duas luminárias altas na parte central, canteiro com meio fio e uma pequena parte pavimentada que dá acesso a uma capela (**Quadro 76**).

Ela é coberta por um extenso gramado, e nela se encontram tipuanas (*Tipuna tipu*) e ipês-roxos (*Tabebuia avellanedae*), que cobrem praticamente 60% da área. A vegetação apresenta bom aspecto físico e sanitário. Quanto aos aspectos de limpeza o estado é considerado satisfatório.

Como proposições para a melhoria dessa área apresentamos: plantio de espécies nativas; construção de calçada ecológica; instalação de lixeiras, iluminação baixa, bancos, telefone público, academia de terceira idade (ATI) placa de identificação da área, um ponto d'água e de um parque infantil. As **Figuras 150 e 151** ilustram os aspectos gerais da Praça Cidade de Brésia.

Quadro 76 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Cidade de Brésia e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 150: Vista parcial da capela na Praça Cidade de Brésia.

Foto: BOVO, M. C. 2008.



Figura 151: Vista parcial da Vegetação da Praça Cidade de Brésia.

Foto: BOVO, M. C. 2008.

e) Praça Pioneiro Jacinto Ferreira Branco (Nº 63)

A Praça Pioneiro Jacinto Ferreira Branco encontra-se localizada entre a Avenida Mandacaru e Avenida Alziro Zarur, nas coordenadas geográficas 23° 24'07" latitude sul e 51° 57'24" longitude oeste, com altitude de 510 metros.

Quanto aos equipamentos e estruturas físicas destacamos iluminação baixa, pavimentação de concreto e bloquitos portugueses recentemente implantada, canteiro com meio-fio, ponto d'água, e uma ciclovia que passa pela parte central da praça (**Quadro 77**). O entorno é ocupado para fins comerciais. É uma praça de passagem de pedestres, possui forma circular e está situada em uma área de grande circulação de automóveis.

A vegetação é constituída de espécies exóticas e nativas, predominando o estrato arbóreo. Entre as espécies destacamos a presença de sibipirunas (*Caesalpinia peltophoroides*) e palmeiras (*Roystonea spp*). A cobertura da área é feita de cerca de 40% de calçamento e 60% de gramado. A praça possui boa qualidade paisagística.

Como sugestões para a melhoria destacamos a importância de instalação de lixeiras, placa de identificação da área e bancos, além da implantação de canteiros de flores junto ao gramado. A **Figura 152** indica os aspectos gerais da Praça Pioneiro Jacinto Ferreira Branco.

Quadro 77 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Pioneiro Jacinto Ferreira Branco e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



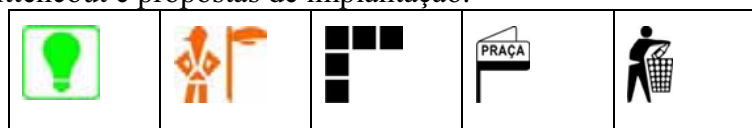
Figura 152: Vista parcial da Praça Pioneiro Jacinto Ferreira Branco.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

f) Praça Atleta Reinaldo G. Bittencout (Nº 64)

A Praça Atleta Reinaldo G. Bittencout se localiza no ponto de cruzamento da Avenida Mandacaru com a Avenida Dr. Alexandre Rasgulaeff, nas coordenadas geográficas de 23° 23'36" de latitude sul e 51° 57'23" de longitude oeste, com altitude de 505 metros. Embora situada em área comercial e residencial, a praça é praticamente desprovida de equipamentos. No seu interior encontram-se instaladas uma torre de alta tensão e três luminárias. Conta com canteiro com meio-fio e é toda gramada (**Quadro 78**). No início do segundo semestre de 2008 a mantenedora construiu um calçamento em seu entorno.

Como sugestões propomos: a construção de uma passarela na parte central da praça; a implantação de canteiros com flores no interior; o plantio de espécies arbustivas e a instalação de lixeiras e de placa de identificação. A **Figura 153** representa os aspectos gerais da Praça Atleta Reinaldo G. Bittencout.

Quadro 78 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Atleta Reinaldo G. Bittencout e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 153 – Vista parcial da Praça Atleta Reinaldo G. Bittencout
Foto: BOVO, M. C. 2008.

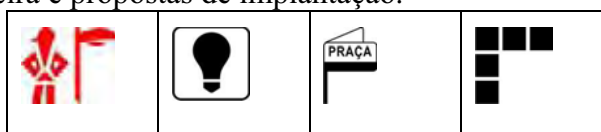
g) Praça Arnaldo Armstrong de Oliveira (Nº 65)

A Praça Arnaldo Armstrong de Oliveira se localiza no ponto de cruzamento da Avenida Pintassilgo com a Avenida Sabiá, nas coordenadas geográficas 23° 23'24" de latitude sul e 51° 58'10" de longitude oeste, com altitude de 467 metros. Situada em uma área residencial da periferia, a praça é totalmente desprovida de estrutura e equipamentos.

A vegetação existente é espontânea, constituída basicamente de capim e de um gramado. A praça apresenta qualidade paisagística ruim.

Como propostas sugerimos: revitalização de toda a área, com plantio de árvores nativas e de um novo gramado; instalação de placa de identificação e de luminárias; construção de calçada ecológica e manutenção constante da área (**Quadro 79**). Outros equipamentos deverão ser instalados a longo prazo. A **Figura 154** representa os aspectos da Praça Arnaldo Armstrong de Oliveira.

Quadro 79 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Arnaldo Armstrong de Oliveira e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 154: Vista parcial da Praça Arnaldo Armstrong de Oliveira.
Foto: BOVO M. C. 2008.

h) Praça Raphaela Nane Lucchesi (Nº 66)

A Praça Raphaela Nane Lucchesi se localiza no ponto de cruzamento da Avenida Naihme Nane com a Rua Ema, nas coordenadas geográficas de 23° 24'29" de latitude sul e 51° 58'44" de longitude oeste, com altitude de 533 metros. Embora se situe em área residencial, possui como única estrutura uma luminária (**Quadro 80**).

A vegetação existente é nativa e exótica, predominando o estrato arbóreo em 10% da área, sendo a cobertura do solo constituída de gramado. A praça apresenta qualidade paisagística ruim.

Como proposições para a melhoria da área apontamos: instalação de iluminação baixa; instalação de bancos, lixeiras, placa de identificação da área e ponto d'água; manutenção dos canteiros; construção de calçada ecológica no entorno da praça e em sua parte central, com o

objetivo de evitar o pisoteio do gramado; e plantio de árvores para ampliar a vegetação existente na praça. A **Figura 155** apresenta os aspectos gerais da Praça Raphaela Nane Lucchesi.

Quadro 80 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Raphaela Nane Lucchesi e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 155: Vista parcial da Praça Raphaela Nane Lucchesi.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

i) Praça Emílio Farjado Espejo (Nº 76)

A Praça Emílio Fajardo Espejo se localiza entre Avenida Kakogawa e a Avenida Américo Belay, nas coordenadas geográficas de 23° 23'23" de latitude sul e 51° 55'47" de longitude oeste, com altitude de 508 metros. Situada em área comercial e residencial, o logradouro possui como estrutura iluminação alta, canteiro com meio-fio e pavimentação de concreto com caminhos externos. (**Quadro 81**).

Sua vegetação é constituída de espécies nativas e exóticas, predominando o estrato arbóreo, entre as espécies destacamos ipê-amarelo (*Tabebuia chrysotricha*), tipuana (*Tipuana tipu*), sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*) e ipê-roxo (*Tabebuia avellaneda*). Quanto à cobertura do solo, predomina o gramado em 75% de toda a área e apenas 25% possuem calçamento. A praça apresenta qualidade paisagística classificada como ruim.

Como proposições para sua melhoria apresentamos: instalação de lixeiras, iluminação baixa, bancos, um ponto d'água telefone público e placa de identificação, além de

manutenção do gramado. A **Figura 156** mostra os aspectos gerais da Praça Emílio Farjado Espejo.

Quadro 81 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Emílio Farjado Espejo e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figuras 156 – Vista parcial Praça Emílio Farjado Espejo.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

j) Praça Megumi Tabaka (Nº 77)











A Praça Megumi Tabaka se localiza no ponto de cruzamento da Avenida Kakogawa com a Avenida das Grevíleas, nas coordenadas geográficas de 23° 22'50" de latitude sul e 51° 56'01" de longitude oeste, com altitude de 485 metros. A região do entorno tem função residencial e comercial.

A praça é provida dos seguintes equipamentos e estruturas físicas: bancos recuados nos caminhos, sistema de iluminação alto, dificultando a iluminação no período noturno, pavimentação de concreto e parque infantil (em péssimas condições de uso) (**Quadro 82**).

A vegetação é formada de espécies nativas e exóticas, predominando em apenas 15% da área o estrato arbóreo. Entre as espécies destaca-se o ipê-roxo (*Tabebuia avellanedae*). A maior parte do solo (70% da área) é gramada e 30% possuem calçamento. Em relação à sua limpeza e conservação a praça apresenta-se um aspecto ruim, com equipamentos mal conservados e com lixo no seu interior. A qualidade paisagística é considerada ruim.

Como propostas de melhoria dessa área apresentamos: instalação de lixeiras, telefone público, placa de identificação, iluminação baixa, bancos, ponto d'água, mesas quadriculadas para jogos, substituição da calçada existente por calçada ecológica, manutenção do gramado, recuperação do parque infantil com a substituição dos equipamentos danificados e instalação de novos brinquedos. A **Figura 157** mostra os aspectos gerais da Praça Megumi Tabaka.

Quadro 82 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Megumi Tabaka e propostas de implantação.

									
---	---	---	---	---	---	--	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figuras 157: Vista parcial da Praça Megumi Tabaka.

Foto: BOVO, M. C. 2008.

k) Praça das Palmeiras (Nº 78)

A Praça das Palmeiras se localiza na confluência da Avenida São Judas Tadeu com a Avenida das Palmeiras, nas coordenadas geográficas de 23° 22'56" de latitude sul e 51° 56'22" de longitude oeste, a uma altitude de 432 metros. Situada em área residencial e comercial, a praça é muito utilizada pelas pessoas que frequentam as missas e pelos estudantes que estudam em um colégio das imediações.











É provida de iluminação baixa e de boa qualidade, pavimentação de concreto e bloquetes portugueses e canteiro com meio-fio (**Quadro 83**). Ocupando cerca de 60% da área, encontramos instalada a igreja São Judas Tadeu.

Sua vegetação é formada por espécies exóticas e nativas, sendo 10% da área constituídos de espécies arbóreas e 20% de espécies arbustivas. As espécies ali presentes são palmeira (*Roystonea spp*) e sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*). A cobertura do solo é formada por 20% de calçamento, 20% de gramado e 60% de área é edificada. Sua qualidade

paisagística é satisfatória, cabendo aqui um destaque: nem mesmo o templo religioso foi respeitado pela ação do vandalismo, havendo inúmeras pichações e palavrões escritos nas paredes da igreja.

Sugerimos as seguintes medidas: instalação de telefone público, colocação de lixeiras, reestruturação do calçamento, melhorias no ajardinamento, instalação de alguns bancos no entorno da igreja, recuperação da pintura da igreja e colocação de uma câmera para preservar a igreja. A **Figura 158** representa os aspectos gerais da Praça das Palmeiras, com destaque para a igreja São Judas Tadeu.

Quadro 83 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça das Palmeiras e propostas de implantação.

									
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 158: Vista parcial do templo religioso na Praça das Palmeiras.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

I) Praça das Bandeiras (Nº 79)

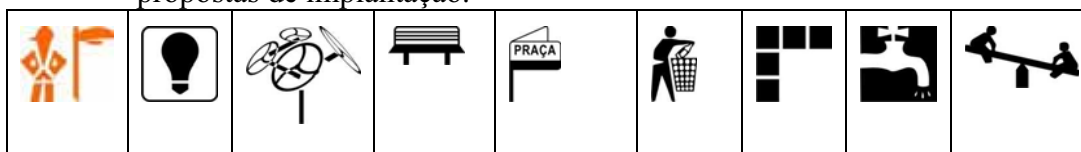
A Praça das Bandeiras se localiza no ponto de cruzamento da Rua Seringueira com a Rua Ébano, nas coordenadas geográficas de 23° 23'12" de latitude sul e 51° 56'33" de longitude oeste, com altitude de 477 metros. Situada em área residencial da periferia, a praça encontra-se totalmente desprovida de estruturas e equipamentos.

A sua vegetação é formada por espécies nativas e exóticas, com predomínio do estrato arbóreo, sendo toda a cobertura do solo constituída de gramado. Sua qualidade paisagística é classificada como ruim.

Como propostas para a melhoria da Praça das Bandeiras apresentamos: instalação de luminárias, bancos, ponto d'água, parque infantil, mesa com quadricula para jogos, placa de

identificação da área, ATI (academia de terceira idade), calçamento ecológico no seu entorno (**Quadro 84**) e melhorias no ajardinamento com a implantação de canteiros de flores. A **Figura 159** mostra os aspectos gerais da Praça das Bandeiras.

Quadro 84 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça das Bandeiras e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 159: Vista parcial da Praça das Bandeiras.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

m) Praça Vitor Rodrigues Martins (N^o 88)

A Praça Vitor Rodrigues Martins se localiza no ponto de cruzamento da Avenida Mandacaru com a Avenida das Palmeiras, nas coordenadas geográficas de 23° 22'59" de latitude sul e 51° 57'27" de longitude oeste, com altitude de 494 metros. Situada em área comercial, nas proximidades de uma faculdade privada, a praça possui como estrutura iluminação alta em bom estado de conservação e pavimentação em bloquetes portugueses com caminho na parte central (**Quadro 85**).

Quanto à vegetação, encontramos algumas espécies vegetais plantadas no seu interior. Praticamente 90% da área são cobertos de um amplo gramado e apenas 10% se constituem de calçamento. A qualidade paisagística pode ser classificada como ruim.

Apresentamos as seguintes propostas de melhoria: plantio de espécies de árvores nativas; instalação e lixeiras e placa de identificação; e manutenção do gramado. Outros equipamentos devem ser instalados de forma gradativa, à medida que vão surgindo novos conjuntos habitacionais nas imediações desse logradouro. A **Figura 160** indica os aspectos gerais da Praça Vitor Rodrigues Martins.

Quadro 85 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Vitor Rodrigues Martins e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 160: Vista parcial da Praça Vitor Rodrigues Martins.

Foto: BOVO, M. C. 2008.

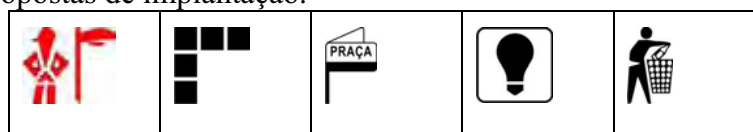
n) Praça Waldemar Pulzato (nº 89)

A Praça Waldemar Pulzato se localiza na confluência da Avenida das Torres com a Avenida José Alves dos Santos, nas coordenadas geográficas de 23° 23'26" de latitude sul e 51° 56'53" de longitude oeste com altitude de 483 metros. Está situado em área residencial de loteamento novo.

A praça se encontra totalmente desprovida de estruturas e equipamentos e no local da arborização e do gramado existe uma vegetação espontânea que predomina no local.

Propomos as seguintes medidas: calçamento ecológico nas laterais; plantio de espécies vegetais nativas no interior da área; construção de caminhos ecológicos; instalação de placa de identificação e de iluminação; colocação de lixeiras (**Quadro 86**) e plantio e manutenção do gramado em toda a área. Os demais equipamentos a serem instalados deverão ser planejados a longo prazo, de acordo com as necessidades dos moradores das imediações. A **Figura 161** ilustra os aspectos gerais da Praça Waldemar Pulzato.

Quadro 86 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Waldemar Pulzato e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 161 – Vista parcial Praça Waldemar Pulzato.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

m) Praça sem denominação - C (Nº 95)













A praça localizada na Avenida Américo Bellay, no Parque Avenida, nas coordenadas geográficas 23° 23'07" de latitude sul e 51° 55'32" de longitude oeste, com altitude de 513 metros, está situada em área residencial e comercial e é constantemente utilizada pelos moradores das imediações para a realização de atividades físicas.

Apesar de não possuir um nome, tem uma boa estrutura, constituída de vários bancos distribuídos no seu interior, iluminação que permite seu uso inclusive no período noturno, lixeiras, ponto d'água, pavimentação de concreto, canteiros com meio-fio, equipamentos para exercícios físicos, parque infantil em bom estado de conservação, academia de terceira idade (ATI) recém-instalada e com todos os equipamentos novos (**Quadro 87**).

Quanto à vegetação encontramos espécies exóticas, predominando o estrato arbustivo. A cobertura do solo é formada por 40% de calçamento e 60% de área gramada. Sua vegetação possui bom aspecto físico e sanitário e a qualidade paisagística é considerada boa.

Sugerimos manter a área com boa qualidade paisagista, dar um nome ao logradouro e instalar telefone público. As **Figuras 162 e 163** indicam os aspectos gerais da praça.

Quadro 87 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Sem Denominação "C" e propostas de implantação.

											
---	---	---	---	---	---	---	--	---	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 162: Vista parcial da Praça Sem Denominação – C

Foto: BOVO, M. C. 2008.



Figura 163: Vista parcial da Praça Sem Denominação -C

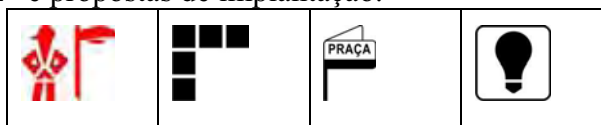
Foto: BOVO, M. C. 2008.

n) Praça sem denominação –E, G, L (Nº 97, 99 E 104)

As praças 97, 99 e 104 encontram-se localizada na periferia da cidade de Maringá, desprovida de equipamentos e estruturas, possuem somente o canteiro com meio fio. Na maioria das vezes são constituídas de vegetação espontânea.

Dentre as propostas destacamos: plantio de gramado em toda a área e plantio de espécies nativas e exóticas, instalação de luminárias alta (**Quadro 88**). Quanto às demais estruturas devem ser instaladas a longo prazo e, além disso, devido a sua localização depende de um estudo mais detalhado e da opinião dos moradores.

Quadro: 88 - Síntese qualitativa das estruturas equipamentos das Praças Sem Denominações “E, G, L” e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação

5.4.6-Aspectos gerais das praças localizadas no setor 6

No setor 6 há 15 praças (**Figura 164**), localizadas na parte nordeste de Maringá. Neste setor as praças de maior representatividade são: Praça Sagrado Coração de Jesus, Praça Vicente Simino, Praça José Bertoni e a Praça Santo Antônio. Essas praças possuem vários equipamentos, além de boa qualidade paisagística e com o predomínio da vegetação arbórea. Também desempenham várias funções, dentre elas: atividades físicas com academia de

terceira idade, quadra de esportes, parque infantil e festividades promovidas pelas igrejas instaladas nestes logradouros.

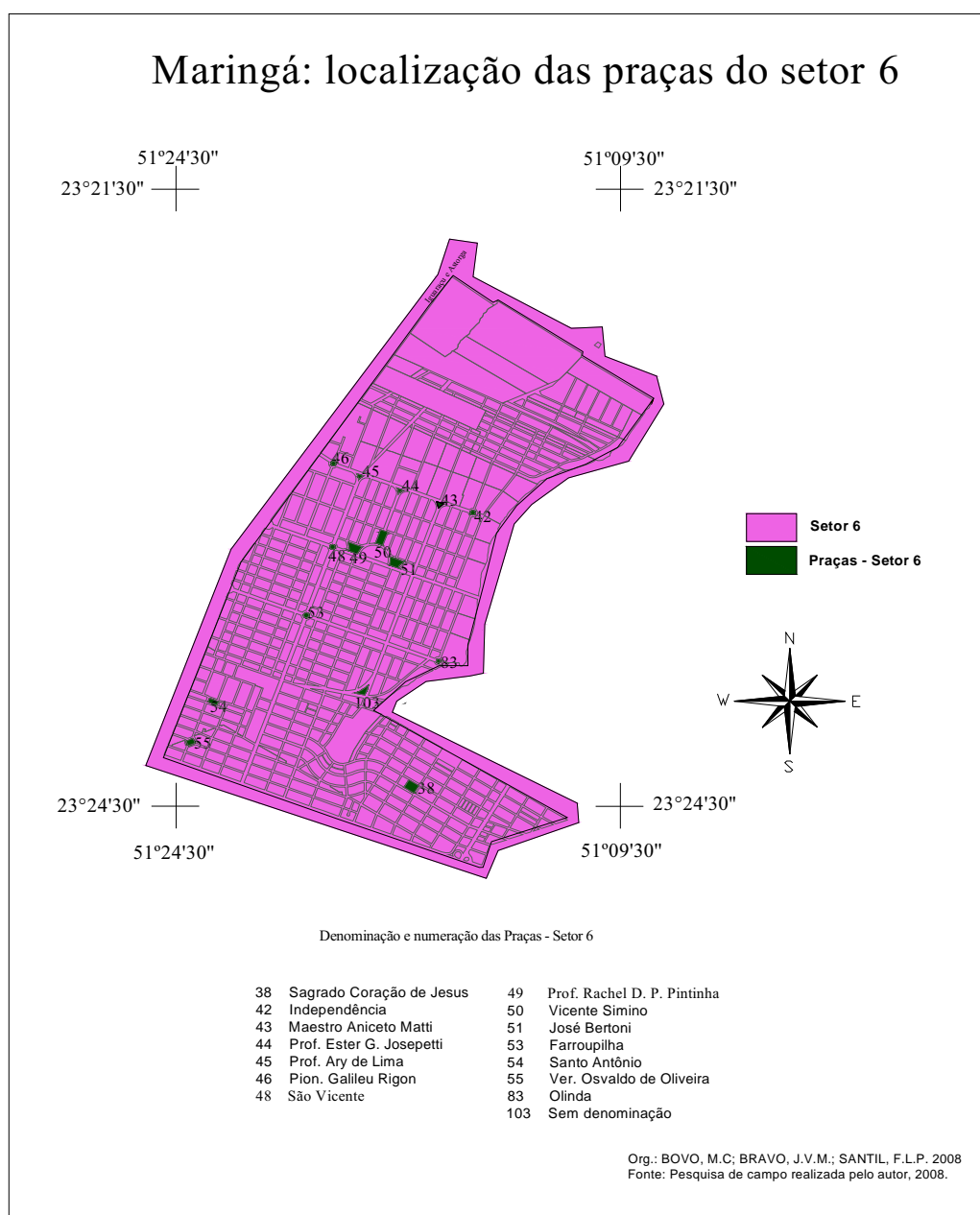


Figura 164: Maringá: localização das praças do setor 6.

Porém, neste setor, encontramos várias praças desprovidas de infraestrutura, necessitando de instalação de elementos básicos como: iluminação, bancos, ponto d'água e pavimentação. Essas praças se encontram em área residencial, cuja população das imediações não possui nenhum tipo de atrativo fornecido pelo Poder Público. Quanto à vegetação a maioria possui estrado arbóreo, exceto a praça "Sem Denominação – H", que encontra-se abandonada com o predomínio de vegetação espontânea. Na sequência será apresentada a análise individualizada das praças do respectivo setor.

a) Praça Sagrado Coração de Jesus (Nº 38)










A Praça Sagrado Coração de Jesus se localiza na Avenida São Domingos, esquina com a Rua Val Paraíso, nas coordenadas geográficas de 23° 24'54" latitude sul e 51° 24'42" longitude oeste, com altitude de 549 metros. Situada em área residencial e comercial, a praça possui na sua parte central o templo da paróquia Sagrado Coração de Jesus e o salão paroquial. É constantemente utilizada pelos moradores do entorno, pelas pessoas que frequentam a missa e pelas crianças que passam por ali em direção à escola.

A Praça Sagrado Coração de Jesus tem seguintes estruturas e equipamentos instalados no seu interior: bancos, iluminação alta e baixa em bom estado de conservação, pavimentação de concreto e bloquetes portugueses, ponto d'água, canteiros com meio-fio e cerca viva, quiosque de alimentação e placa de identificação da área e estacionamento (**Quadro 89**)

A sua vegetação é formada de espécies nativas e exóticas, sendo 80% arbóreas e 20% arbustivas, com destaque para o ipê-roxo (*Tabebuia avellanadae*), a tipuana (*Tipuana tipu*) e a sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*). A cobertura do solo é constituída de 50% de calçamento e 40% de gramado, estando 10% da área em solo nu. A vegetação possui bons aspectos físicos e sanitários. Sua qualidade paisagística é boa (**Figura 165**).

Como medidas de melhoria dessa praça propomos: instalação de lixeiras, reestruturação dos canteiros que estão com o solo nu plantando espécies de vegetação que se adaptem ao ambiente sombrio; instalação de telefone público; substituição do calçamento, que se encontra danificado, e reposição da cerca viva que circunda os canteiros.

Quadro 89 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Sagrado Coração de Jesus e propostas de implantação.

										
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 165: Vista parcial da Praça Sagrado Coração de Jesus.

Foto: BOVO M. C. 2008.

b) Praça Independência (Nº 42)

A Praça Independência se localiza entre a Avenida Franklin D. Roosevelt e a Rua Chile, nas coordenadas geográficas 23° 23'36" de latitude sul e 51° 54'24" de longitude oeste, com altitude 486 metros. Está situada em área residencial e é utilizada principalmente por idosos, porém foi muito mal planejada. Em sua área esta instalada uma cancha de bocha coberta, mas sem a mínima infraestrutura fugindo, aos padrões de estética de uma praça **(Quadro 90)**.

A cobertura vegetal é constituída de espécies nativas e exóticas, mal distribuídas e todas próximas ao meio-fio, apresentando-se aproximadamente 02% da área com vegetação arbórea. Como cobertura do solo predomina o gramado e a praça apresenta qualidade paisagística ruim **(Figura 166)**.

Como propostas para a revitalização da área apresentamos: plantio de espécies nativas; construção de calçada ecológica; instalação de lixeiras, iluminação baixa, bancos, placa de identificação da área, telefone público; colocação de um ponto d'água; construção de mesa com tablado para jogos; reestruturação da cancha de bocha com um novo padrão estético, deixando o ambiente mais agradável.

Quadro 90 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Independência e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 166: Vista parcial Praça Independência.
Foto: BOVO M. C. 2008.

c) Praça Maestro Aniceto Matti (Nº43)

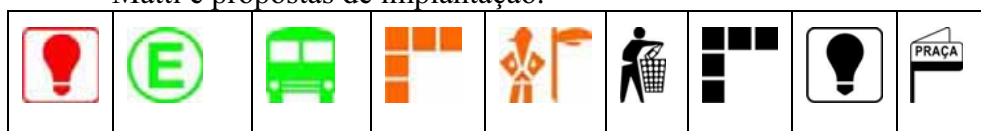
A Praça Maestro Aniceto Matti se localiza entre a Avenida Franklin Roosevelt e a Avenida Lucílio de Held nas coordenadas geográficas de 23° 23'33" latitude sul e 51° 54'35" de longitude oeste, com altitude de 510 metros. Situada em área residencial, possui como estruturas iluminação, canteiro com meio-fio, passarela de concreto e ponto de ônibus (Quadro 91).

A vegetação é formada de espécies exóticas e nativas, predominando o estrato arbóreo. A praça é densamente arborizada e entre as principais espécies destacam-se: tipuana (*tipuana tipu*), ipê-roxo (*Tabebuia avellaneda*), sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*) e figueira-branca (*Ficus guaranitica*). Já a cobertura do solo é constituída por 65% de gramado, 15% de calçamento, estando 20% da área em solo nu. Sua qualidade paisagística é considerada ruim.

Apresentamos as seguintes sugestões: instalação de lixeiras, calçamento, placa de identificação; reestruturação dos canteiros, que estão com o solo nu plantando espécies de vegetação que se adaptem ao ambiente sombrio; recuperação e manutenção das luminárias.

A Praça Maestro Aniceto Matti é uma área pequena, motivo pelo qual não será sugerida a instalação de outros equipamentos, devendo permanecer com finalidade estética. A Figura 167 apresenta os aspectos gerais da Praça Maestro Aniceto Matti.

Quadro 91 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Maestro Aniceto Matti e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 167: Vista parcial Praça Maestro Aniceto Matti.
Foto: BOVO M. C. 2008.

d) Praça Ester G. Josepetti (Nº 44)

A Praça Ester G. Josepetti se localiza na Avenida Franklin Roosevelt com a Rua Amaral, nas coordenadas geográficas 23° 23'29" de latitude sul e 51° 54'46" longitude oeste, com altitude de 520 metros. A praça não tem equipamentos e encontra-se situada em área residencial.

Quanto aos aspectos da vegetação encontramos espécies nativas e exóticas, entre elas ipê-roxo (*Tabebuia avellanae*), ipê-branco (*Tabebuia roseo-alba*) e outras. Cerca de 30% da área contém vegetação arbórea e sua qualidade paisagística é satisfatória. Quanto à cobertura do solo, cerca de 80% da área possuem gramado e 20% são de solo nu.

Como propostas para sua revitalização apresentamos: plantio de espécies nativas; construção de calçada ecológica; instalação de lixeiras, iluminação baixa, bancos, telefone público, ponto d'água, academia de terceira idade (ATI), bem como um parque infantil e de placa de identificação (**Quadro 92**).

Essa área necessita dessa estrutura, pois é uma área periférica e a população fica desprovida de atividades físicas e de lazer, de modo que muitas crianças ficam pelas ruas sem áreas de lazer. A **Figura 168** indica os aspectos gerais da Praça Ester G. Josepetti.

Quadro 92 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Ester G. Josepetti e propostas de implantação.

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 168: Vista parcial da Praça Ester G. Josepetti.
Foto: BOVO M. C. 2008.

e) Praça Professor Ary de Lima (Nº 45)

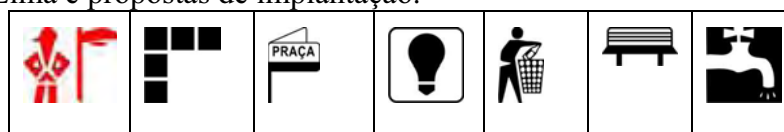
A Praça Professor Ary Lima se localiza entre a Avenida Pedro Taques e a Avenida Franklin D. Roosevelt, nas coordenadas geográficas de 23° 23'25" latitude sul e 51° 54'57" de longitude oeste, com altitude de 515 metros. A praça é desprovida de qualquer estrutura e encontra-se situada em área residencial.

A vegetação existente é nativa e exótica, com a presença do estrato arbóreo em 20% da área, predominando os ipês-roxos (*Tabebuia avellanadae*). Já a cobertura do solo é constituída de gramado em 100% da área.

A Praça Professor Ary de Lima, quanto à sua limpeza, apresenta-se em estado satisfatório; já a qualidade paisagística é ruim.

Apresentamos as seguintes proposições para a melhoria da área: construção de calçada ecológica no entorno; instalação de lixeiras e iluminárias; construção de canteiros e plantio de flores e de espécies nativas; colocação de bancos e de placa de identificação (**Quadro 93**). A **Figura 169** apresenta os aspectos gerais da Praça Professor Ary de Lima.

Quadro 93 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Professor Ary de Lima e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 169: Vista parcial da Praça Professor Ary Lima.
Foto: BOVO M. C. 2008.

f) Praça Pioneiro Galileu Rigon (Nº 46)

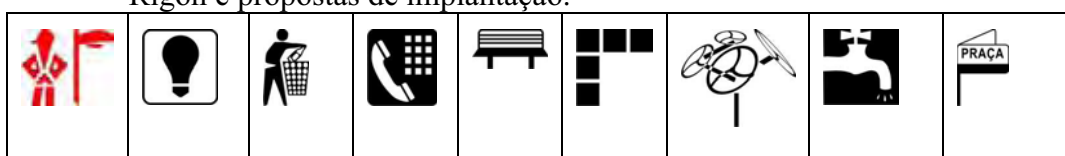
A Praça Pioneiro Galileu Rigon se localiza na Avenida Franklin D. Roosevelt com a Rua Visconde de Mauá, nas coordenadas geográficas 23° 23'22" de latitude sul e 51° 55'06" de longitude oeste.

e longitude oeste, com altitude de 521 metros; A praça é desprovida de estruturas e equipamentos e encontra-se situada em área residencial.

A vegetação é constituída de espécies nativas e exóticas, predominando o estrato arbóreo em 40% da área representado pelas espécies sibipirunas (*Caesalpinia peltophoroides*), pau-ferro (*Caesalpinia ferrea* var. *leiostachya*), ipê-roxo (*Tabebuia avellanadae*) e ipê-amarelo (*Tabebuia chrysotricha*). O solo é gramado e sua qualidade paisagística é satisfatória.

Apresentamos as seguintes proposições: instalação de lixeiras, telefone público, placa de identificação, iluminação baixa, bancos, e mesas quadriculadas para jogos; construção de calçada ecológica; manutenção do gramado; colocação de um ponto d'água (**Quadro 94**). A **Figura 170** representa a vista parcial da Praça Pioneiro Galileu Rigon.

Quadro 94 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Pioneiro Galileu Rigon e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 170: Vista parcial da Praça Pioneiro Galileu Rigon.
Foto: BOVO M. C. 2008.

g) Praça São Vicente (nº 48)

A Praça São Vicente localiza-se no ponto de cruzamento das Avenidas Pedro Taques e Sofia Rasgulaeff, nas coordenadas geográficas 23° 23'45" latitude sul e 51° 55'06" longitude oeste, com altitude de 548 metros.

Quanto aos equipamentos e estruturas físicas existentes destacamos os bancos, iluminação alta e baixa, pavimentação em concreto (**Quadro 95**).

A vegetação é constituída de espécies nativas e exóticas, predominando a arbórea. Entre as espécies se destacam: ipê-roxo (*Tabebuia avellanedae*), ipê-amarelo (*Tabebuia chrysotricha*), tipuana (*Tipuana tipu*), flamboaiã (*Delonix regia*), pau-ferro (*Caesalpinia ferrea var. leiostachya*) e figueira-branca (*Ficus guaranitica*). Quanto à cobertura do solo, este é impermeabilizado em cerca de 30% da área, e gramado em 45% dela, sendo os restantes 25% solo nu. É um ambiente sombrio devido ao porte das árvores, sendo utilizado principalmente no período diurno por idosos. A ocupação das proximidades é constituída de residências e construções comerciais.

Visando a uma melhor utilização dessas áreas, propomos: manutenção da iluminação existente (limpeza, conserto e troca das lâmpadas das luminárias); instalação de lixeiras, placa de identificação e ponto d'água; manutenção dos canteiros; limpeza e manutenção dos bancos e substituição do piso. As **figuras 171 e 172** ilustram os aspectos gerais da Praça São Vicente.

Quadro 95 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça São Vicente e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 171: Vista parcial da Praça São Vicente.
Foto: BOVO, M. C. 2008.



Figura 172: Ipês floridos na Praça São Vicente.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

h) Praça Professora Rachel D. Pintinha (Nº 49)

Essa praça está situada entre a Avenida Sophia Rasgulaeff e a Rua Ivan Pavilov, nas coordenadas geográficas 23° 23'46" latitude sul e 51° 55'54" de longitude oeste, com altitude de 535 metros, situada em área residencial e comercial.

Praça de grande porte localizada no Jardim Alvorada, esse logradouro destaca-se pela presença do Centro Comunitário e de uma biblioteca pública. Possui amplos caminhos calçados em toda a sua extensão, ocupando 20% da área, enquanto 80% são ocupados por gramado.











A vegetação existente é exótica ou nativa, com destaque para as sibipirunas (*Caesalpinia peltophoroides*), que se encontram distribuídas ao longo dos passeios externos. Também é importante destacar a presença das palmeiras (*Roystonea spp*), sendo cerca de 20% da área ocupados por espécies arbóreas.

Quanto aos equipamentos, destacamos a presença de telefones públicos, iluminação alta e baixa, ponto de ônibus, uma edificação institucional (biblioteca) e pavimentação de concreto (**Quadro 96**).

As atividades desenvolvidas nesta praça são feiras, festas juninas, comícios, atividades culturais ligadas à biblioteca e ao centro comunitário. Crianças utilizam o amplo espaço para brincar no gramado.

Como sugestões propomos: pintura e manutenção da biblioteca, que tem sido pichada constantemente pela ação de vândalos; instalação de lixeiras, bancos, placa de identificação e ponto d'água; manutenção do gramado e criação de canteiros de flores no interior da praça. As **Figuras 173 e 174** ilustram os aspectos gerais da praça.

Quadro 96 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Professora Rachel D. Pintinha e propostas de implantação.

											
---	---	---	---	---	---	---	--	---	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 173: Vista parcial da Praça Rachel D. Pintinha.
Foto: BOVO, M. C. 2008.



Figura 174: Vista parcial dos caminhos no interior da Praça Rachel D. Pintinha.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

i) Praça Vicente Simino (Nº 50)

Essa praça está localizada entre a Rua Vitor Amaral e a Rua Ana Negri, nas coordenadas geográficas 23° 23'22" sul e 51° 54'55" oeste, a uma altitude de 541 metros.

A Praça Vicente Simino encontra-se em uma área periférica; possui vários equipamentos e propicia um ambiente para todas as faixas etárias. Entre os equipamentos destacamos a estrutura para a terceira idade, constituída por uma cancha de bocha coberta e cercada e uma pista de maia. Nesta área existem duas quadras esportivas (ambas com alambrado e iluminação noturna) e parque infantil protegido por alambrado. Também é importante destacar os vários bancos instalados por toda a praça, um bebedouro, iluminação, placa de identificação, canteiros com meio-fio e cerca viva e pavimentação em bloquitos portugueses (**Quadro 97**).

Outro elemento importante é o templo religioso da igreja São Francisco de Assis. No seu entorno se concentra o maior número de estruturas. Também destacamos a presença do salão paroquial, que atrai um grande número de pessoas para a praça. O entorno da praça é ocupado por construções residenciais.

A vegetação é constituída de plantas exóticas e nativas, sendo 40% arbóreas e 60% arbustivas. Cabe destacar a presença de tipuanas (*tipuana tipu*), sibipirunas (*Caesalpinia peltophoroides*), ipês-roxos (*Tabebuia avellanadae*), entre outras variadas espécies. Quanto à cobertura do solo, cerca de 20% deste possuem calçamento, 20% são constituídos de solo nu e um bonito gramado cobre 60% da área, o que garante boa permeabilidade.

Sugerimos principalmente: rebaixamento da iluminação, por ser a maioria alta; instalação de lixeiras e telefone público; limpeza dos bancos; manutenção dos canteiros que estão com o solo nu; equipamento do parque infantil, substituição dos equipamentos danificados e recuperação os equipamentos da terceira idade. A **Figura 175** indica os aspectos gerais da praça.

Quadro 97 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Vicente Simino e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figuras 175: Praça Vicente Simino.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

j) Praça José Bertoni (Nº 51)

A Praça José Bertoni se localiza na Avenida Sophia Rasgulaeff com a Rua Ana Negri, nas coordenadas geográficas de 23° 23'48" latitude sul e 51° 54'49" de longitude oeste, com altitude de 537 metros, e está situada no maior bairro de Maringá, o Jardim Alvorada. Possui no seu entorno residências, estabelecimentos comerciais e o Colégio Estadual Unidade Polo.

Quanto à sua estrutura e equipamentos destacamos: bancos, iluminação baixa em estado regular, telefone público, bebedouro, pavimentação de bloquetes portugueses e concreto, lixeiras, ponto d'água, equipamentos físicos para terceira idade (ATI), ponto de ônibus, canteiros com meio-fio e caminhos que permitem uma boa circulação. Também se encontra instalado nesta área o núcleo integrado de saúde (NIS III) (**Quadro 98**).

A vegetação da Praça José Bertoni é constituída de espécies exóticas e nativas, predominando o estrato arbóreo em 70% da área. As espécies ali encontradas são a grevílea (*Grevilea robusta*) e a sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*). Quanto à cobertura do solo, 60% da área se constituem de gramado e 20% de calçamento, ficando 20% em solo nu. A vegetação apresenta satisfatório aspecto físico e sanitário. A qualidade paisagística da praça é classificada como boa. A **Figura 176** representa os aspectos gerais da Praça José Betone.

Como proposições para a revitalização da área apresentamos: ampliar o número de lixeiras; instalar mais bancos; substituir árvores de grevílea que estão mortas; manter os canteiros que estão com o solo nu, devido à presença de sombra nestes locais, com o plantio de vegetação que se adapte sombra.

Quadro 98 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça José Bertoni e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 176: Vista parcial da Praça José Bertoni.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

k) Praça Farroupilha (Nº 53)

A Praça Farroupilha localiza-se na confluência das avenidas Pedro Taques e Dr. Alexandre Rasgulaeff, nas coordenadas geográficas 23° 24'04" de latitude sul e 51° 55'14" longitude oeste, com altitude de 550 metros.

Esse espaço público é provido dos seguintes equipamentos e estruturas: vários bancos dispostos por toda a praça, mesas quadriculadas com bancos em concreto para jogos de dama e xadrez, iluminação alta e baixa, lixeiras, palco, ponto d'água, pavimentação em bloquitos portugueses e canteiros elevados, cujas laterais foram utilizadas como encosto dos bancos. O **Quadro 99** apresenta a síntese qualitativa das estruturas e equipamentos existentes na praça.

A Praça Farroupilha está situada no bairro mais populoso de Maringá (Jardim Alvorada), sendo constantemente utilizada por idosos, que ali se reúnem para jogar. O espaço é muito usado principalmente na época das campanhas eleitorais, com grandes comícios, e também por pedestres que por ali passam; porém recentemente outro tipo de usuários passou a fazer parte deste local; o grande número de mendigos que ali permanecem durante o dia e a noite. O entorno é ocupado para fins residenciais e comerciais.

A vegetação é constituída de espécies nativas e exóticas, com destaque para as tipuanas (*Tipuana tipu*), flamboaiãs (*Delonix regia*) e ipês-roxos (*Tabebuia avellanadae*), sendo 70% espécies arbóreas e 30% espécies arbustivas. O solo é praticamente impermeável, com cerca de 70% de calçamento e apenas 30% de gramado. Quanto ao aspecto físico e sanitário da vegetação, a praça se apresenta em bom estado.

Não obstante, a praça apresenta alguns problemas que poderiam ser solucionados, como: limpeza, conserto e troca de lâmpadas das luminárias, limpeza e manutenção dos bancos e mesa de jogos, manutenção dos canteiros, instalação de mais lixeiras, limpeza e pintura do palco. A **Figura 177** ilustra uma vista parcial da Praça Farroupilha.

Quadro 99 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Farroupilha e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 177: Vista parcial da Praça Farroupilha
Foto: BOVO, M. C. 2008.

I) Praça Santo Antônio (Nº 54)

A Praça Santo Antônio localiza-se na Rua Vereador Joaquim P. Castro/Rua Aristides Lobo e Rua Bernardino de Campos nas coordenadas geográficas 23° 24'29" latitude sul e 51° 55'42" de longitude oeste, com altitude de 540 metros.

Apresenta excelente estrutura física, com vários equipamentos instalados, entre os quais se destacam: vários bancos dispostos por toda a praça, iluminação alta e baixa, lixeiras, bebedouro, quadra esportiva cercada com alambrado, equipamentos para exercícios físicos, parque infantil em bom estado de conservação e ATI (Academia de Terceira Idade) recentemente instalada com vários equipamentos para os exercícios físicos e mesas para jogos. A praça encontra-se pavimentadas com concreto e bloquetes portugueses. O **Quadro 100** apresenta a síntese qualitativa das estruturas e equipamentos existentes na praça.

Toda essa infraestrutura contribui para sua a funcionalidade, que compreende cerimônias religiosas na igreja Santo Antônio, festas religiosas, partidas de futebol e de vôlei na quadra, o encontro das pessoas de terceira idade, que pela manhã e pela tarde se reúnem

para praticar atividades físicas, diversão das crianças, que brincam no parque infantil, e reunião dos idosos para jogar.

A ocupação nas proximidades é constituída de estabelecimentos comerciais, residências e edificações ligadas à igreja Santo Antônio e à Arquidiocese (salão paroquial e outros).

A vegetação é constituída de espécies exóticas e nativas, com destaque para as sibipirunas (*Caesalpinia peltophoroides*) ipês-roxos (*Tabebuia avellanadae*), palmeiras (*Roystonea spp*), predominando o estrato arbóreo, com 50% do total da área, e 20% de espécies arbustivas. Quanto à cobertura do solo, cerca de 60% têm pavimentação, 10% são representados por solo nu e 30% são constituídos por gramíneas e flores que se encontram distribuídas pela praça. O aspecto físico e sanitário da vegetação é bom, bem como a qualidade paisagística da praça.

Como sugestão apresentamos: manter e preservar os equipamentos existentes, que proporcionam um ambiente saudável para a população. As **Figuras 178 e 179** ilustram os aspectos gerais da Praça Santo Antônio.

Quadro 100 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Santo Antônio e propostas de implantação.

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 178: Vista parcial da Praça Santo Antônio.
Foto: BOVO, M. C. 2008.



Figura 179: Vista parcial da Praça Santo Antônio.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

m) Praça Vereador Osvaldo Vieira (Nº 55)

A Praça Vereador Osvaldo Vieira se localiza entre a Rua Aristides Lobo e a Rua São Pedro, nas coordenadas geográficas de 23° 24'41" de latitude sul e 51° 55'49" de longitude oeste, com altitude de 539 metros. Situada em área residencial, a praça é constantemente utilizada pelos moradores das imediações, principalmente para atividades esportivas, e pelas crianças, que utilizam o parque infantil. Também é comum a presença de usuários de drogas.

A praça é provida de vários equipamentos e estruturas, entre os quais destacamos os bancos de concreto que são interligados por meio de fileiras, iluminação alta em estado regular, dificultando a utilização no período noturno, pavimentação com bloquetes portugueses, canteiro com meio-fio, ponto d'água, quadra poliesportiva com alambrado em estado regular, parque infantil em estado regular, necessitando de reposição de brinquedos (**Quadro 101** referente às estruturas e equipamentos).

A vegetação é densa e constituída de espécies nativas e exóticas, sendo 90% de espécies arbóreas e 10% de espécies arbustivas. Cabe destacar as espécies ipê-roxo (*Tabebuia avellanadae*), jacarandá (*Jacaranda mimosaeifolia*), tipuana (*Tipuana tipu*), pau-ferro (*Caesalpinia ferrea var. leiostachya*) e tamareira (*Phoenix dactylifera*). Já a cobertura do solo é constituída de 50% de calçamento e 40% de gramado, estando 10% da área em solo nu. Quanto aos aspectos físicos e sanitários a vegetação é classificada como satisfatória, assim como a qualidade paisagística.

Dentre as proposições destacamos: rebaixamento das luminárias de modo a possibilitar o uso no período noturno; manutenção e substituição dos brinquedos do parque infantil; recuperação da pavimentação da praça; manutenção da quadra poliesportiva; instalação de lixeiras e de telefone público; reestruturação dos canteiros que estão com o solo nu, plantando espécies de vegetação que se adaptem ao ambiente sombrio; manutenção e limpeza dos bancos. A **Figura 180** representa os aspectos gerais da Praça.

Quadro 101 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Vereador Osvaldo Vieira e propostas de implantação.

										
---	---	---	---	---	---	--	---	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 180: Vista parcial da Praça Vereador Osvaldo Vieira.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

n) Praça Olinda (N^o 83)

A Praça Olinda se localiza entre Rua Buenos Aires e a Avenida Jironko Kubota, nas coordenadas geográficas 23° 24'26" de latitude sul e 51° 55'10" de longitude oeste, com altitude de 544 metros. Situada em área residencial, a praça é praticamente desprovida de estrutura e equipamentos (**Quadro 102**).

A vegetação existente é constituída de espécies nativas e exóticas, sendo que em 60% da área predomina o estrato arbóreo, representado por sibipirunas (*Caesalpinia peltophoroides*). A cobertura do solo se constitui de 80% de área gramada e 20% de calçamento. A praça apresenta qualidade paisagística satisfatória.

Propomos as seguintes medidas: plantio de espécies nativas na parte central da praça; construção de calçada ecológica no entorno, substituindo a existente, de passarela na parte central; instalação de uma academia de terceira idade (ATI), telefone público, bancos bem distribuídos pelo interior da praça, lixeiras, mesas quadriculadas para jogos, parque infantil com diversos brinquedos, placa de identificação e ponto d'água. A **Figura 181** mostra os aspectos gerais da Praça Olinda.

Quadro 102 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Olinda e propostas de implantação.

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figuras 181: Vista parcial da Praça Olinda.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

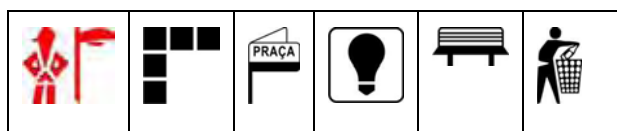
n) Praça Sem Denominação – K (N^o 103)

A praça sem denominação “K” está localizada no cruzamento da Avenida Dr. Alexandre Rasgulaeff com a Rua Argentina, nas coordenadas geográficas 23° 24’15” de latitude sul e 51° 54’34” de longitude oeste a uma altitude de 502 metros. Situada em área residencial, a praça é totalmente desprovida de estruturas e equipamentos, vicejando apenas mato.

Essa área considerada como praça funciona como depósito de entulho de construção, o que deixa o local com aspecto ruim. A qualidade paisagística é considerada ruim.

Sugerimos as seguintes medidas: redefinir a área da praça, demarcando-a com meio-fio; criar um plano de estratégias para a utilização da praça, em virtude de estar em área de declividade, discutir, projetar e implantar canteiros; construir calçada ecológica no entorno (**Quadro 103**); plantar espécies nativas, e gramado em toda a área; colocar luminárias, bancos e lixeiras, dar um nome à praça e mantê-la sempre bem-conservada e limpa. A **Figura 182** representa os aspectos gerais dessa área.

Quadro 103 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Sem Denominação “K” e propostas de implantação.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação



Figura 182: Vista parcial da praça sem denominação - H
Foto: BOVO, M. C. 2008.

Após essa apresentação das praças maringense por setores, detectamos que todos apresentam problemas, porém as praças localizadas nas áreas de classe média e alta, estas são mais servidas de estruturas e equipamentos, bem como a estética do verde predomina quer seja pelas árvores ou pelos gramados que cobrem o solo dessas praças que acabam por valorizar os imóveis do entorno. Porém os maiores problemas encontram-se nas áreas periféricas da cidade, desde a falta de equipamentos, até a arborização que deixa a desejar, como foram apresentados neste item. Na sequência passamos para a segunda etapa da pesquisa que diz respeito a investigação dos parques urbanos de Maringá, apresentando-se as suas características e os seus usos e funções.

5.5 - Os Parques Urbanos de Maringá

Nesta segunda parte deste capítulo, denominada “Os Parques Urbanos de Maringá”, será apresentada a análise e diagnóstico de 09 parques urbanos e do Cemitério Parque de Maringá, destacando-se as suas características naturais e ambientais e sua infraestrutura. Pela análise individualizada de cada logradouro é possível averiguarmos a sua infraestrutura, as condições da formação vegetal e seus problemas ambientais.

Na atualidade, as cidades enfrentam vários problemas ambientais, entre os quais destacamos a falta de áreas de lazer público, condição que leva à diminuição da qualidade de vida urbana, tornando necessária uma mudança de postura em relação ao ambiente urbano. É neste sentido que a criação e manutenção de parques urbanos vêm ao encontro dos problemas levantados, pois as áreas verdes contribuem para a obtenção de uma boa qualidade de vida no ambiente urbano, adquirindo valor ecológico e humanístico e ampliando a representação do lugar da natureza na cidade.

Os parques no espaço urbano têm como uma de suas funções minimizar a deterioração da qualidade de vida e os processos de degradação ambiental por meio da manutenção de

condições bióticas favoráveis ao conforto térmico, à saúde e ao bem estar da população e da vida biológica das cidades, além de oferecer práticas de lazer.

Neste sentido iniciamos este item discutindo alguns conceitos de parques urbanos. Para Kliass (1993), “Os parques urbanos são espaços públicos com dimensões significativas e predominância de elementos naturais, principalmente cobertura vegetal, destinados à recreação” (p.19). De acordo com a autora, o acelerado crescimento da urbanização, a artificialidade do meio urbano e os problemas ambientais têm influenciado a vida urbana. Surge então a necessidade de criar espaços livres no interior das cidades. Esses espaços são conhecidos como “refúgios verdes”, que são os parques, praças e jardins.

Carneiro e Mesquita (2000, p.20), definem os parques urbanos como espaços livres públicos com a função predominante de recreação, ocupando na malha urbana uma área em grau de equivalência superior a uma quadra típica urbana e em geral apresentando componentes da paisagem natural, vegetação, topografia, elemento aquático, como também edificações destinadas a atividades recreativas, culturais e/ou administrativas.

Para Lima (1994 p. 27), parque urbano “é uma área verde, com função ecológica, estética e de lazer, entretanto com uma extensão maior que as praças e jardins públicos”.

É neste contexto que os espaços livres desempenham funções importantes em uma cidade, como, a função estética, a social e a ecológica. Aqui chamamos a atenção para as contribuições ecológicas, pois, à medida que compõem esses espaços, os elementos naturais minimizam os impactos decorrentes do processo de urbanização e industrialização. A vegetação exerce influência positiva sobre o clima urbano, contribuindo para a purificação e refrigeração do ar. Ademais, abriga a fauna e favorece o reconhecimento de novos *habitats* para a maior variedade de espécies animais, a manter as propriedades de permeabilidade e fertilidade do solo, a amortecer ruídos, etc.

Quanto à função estética, os espaços livres se integram com os espaços construídos e os destinados à circulação e concorrem para a diversificação dos elementos que compõem a paisagem urbana. Já em sua função social eles se constituem em espaços destinados o lazer da população. É neste contexto que os espaços livres de uso público merecem especial atenção, pois possibilitam o acesso sem restrições a qualquer pessoa. Desta forma a garantia do uso e conservação dessas áreas é dever do Poder Público e da coletividade.

Diante dos conceitos apresentados anteriormente e das funções desses espaços livres, direcionamos esta discussão para os parques urbanos da cidade de Maringá, apresentando um levantamento quantitativo dos equipamentos e a avaliação qualitativa desses parques urbanos quanto aos aspectos ambientais, sociais e estéticos.

Esse diagnóstico das informações levantadas de forma sistemática propiciará o conhecimento da situação de cada parque urbano, além de fornecer subsídios e informações que permitam a tomada de decisões quanto a essas áreas verdes.

5.5.1-Analisando os parques urbanos de Maringá

Maringá conta atualmente com 17 parques urbanos distribuídos pela malha urbana e 01 cemitério parque. Dentre os parques, três são considerados reservas florestais urbanas de Maringá: o Parque do Ingá e o Bosque Dois, pertencentes à Prefeitura Municipal de Maringá, e o Horto de responsabilidade da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Nesta pesquisa serão estudados 09 parques e o Cemitério Parque (**Quadro 104 e figura 183**), destacando-se as suas características naturais e ambientais e sua infraestrutura, por considerá-los os mais relevantes para esta pesquisa. Os parques não estudados se encontram em fundos de vale e não possuem nenhuma estrutura, ou estão localizados em áreas rurais.

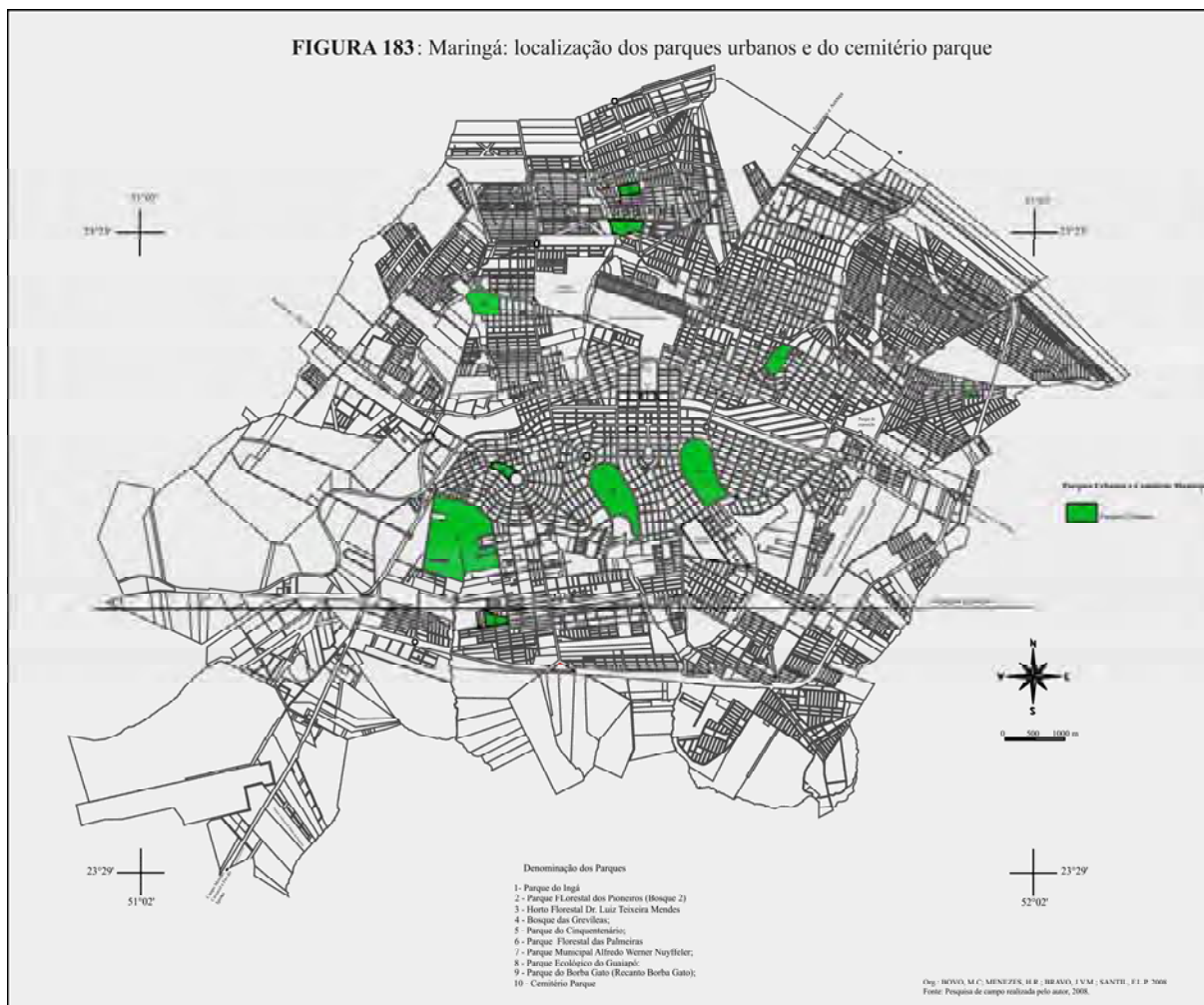
Quadro 104: Relação dos parques pesquisados em Maringá-Pr

N °.	Parques	Localização	Bairro	Área (m2)	Lei n °
01	Parque do Ingá	Av. São Paulo/Av. Laguna	Zona 2 e 3	473.300.00	870/71
02	Parque Florestal dos Pioneiros – Bosque 2	Av. Itororó/Av. Nóbrega	Zona 4	594.400.00	1.649/83
03	Horto Florestal	Av. Luiz Teixeira Mendes	Zona 40	368.300.00	-----
04	Bosque das Grevíleas	Av. Brasil/ Av. Pio XII	Zona 5	34.972.92	-----
05	Parque do Cinquentenário	Rua Palmital /Avenida São Judas Tadeu	Zona 29	114.000.00	-----
06	Parque Florestal Municipal das Palmeiras	Avenida São Judas Tadeu/Rua Flamboyant	Jardim Vitória	61.134.48	3513/93
07	Parque Alfredo Nyffeler	Rua Bogotá	Vila Morangueira	104.967.82	0162/88
08	Parque Municipal Ecológico do Guaiapó	Av. D. Sophia Rasgualaeff/ R. Itapuã	Cj. Parigot de Souza	16.205.48	3513/93
09	Recanto Borba Gato	Anel Viário/ Rua Primavera	Zona 44	76.540.37	3513/93
10	Cemitério Parque	Av. Alziro Zarur	Zona 21	144.000.00	-----

Fonte: Organizado por BOVO, M.C. 2008.

Segundo Garcia (2006), a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná foi a responsável por elaborar o projeto da cidade de Maringá, trabalho que confiou ao urbanista Jorge Macedo Vieira, o qual conservou três áreas. Para o urbanista, tanto o Parque do Ingá como o Bosque Dois foram projetados em forma de pulmões, e tinham como objetivos mostrar às gerações futuras o tipo de vegetação da região, e que essa população jamais sofresse problemas de poluição.

FIGURA 183: Maringá: localização dos parques urbanos e do cemitério parque



a) Parque do Ingá

O Parque do Ingá localiza-se na região central de Maringá, entre a Avenida São Paulo e a Avenida Laguna (**Figura 184**), nas coordenadas geográficas 23° 25' 28'' de latitude sul e 51° 55' 59'' de longitude oeste, com altitude de 557 metros, apresentando uma área de 474.300 m².



Figura 184: Vista aérea do Parque do Ingá.

Fonte: http://www.dygran.com.br/confecoes/galeria_abre.php?codCategoria=1
(acesso em 14/11/2008).

Esse parque, projetado pelo urbanista Jorge Macedo Vieira, na sua fase inicial foi conhecido como Bosque I ou Bosque Dr. Etelvino Bueno de Oliveira, porém através da Lei Municipal nº 880/1971, foi denominado oficialmente como Parque do Ingá, devido à grande quantidade de árvores do gênero “ingá” (*Inga marginata*) existente em seu interior (JABUR, 2002). Anos depois se tornou área de preservação permanente, através da Lei Orgânica do Município de 17/04/1990, artigo 174.

Segundo o Plano de Manejo (1994), essa área entre os períodos de 1947 a 1970 foi totalmente abandonada. No seu interior havia uma clareira onde nascia uma pequena fonte de água, formando um lago denominado a que chamavam de “lago das lavadeiras”, por ser utilizado pelas senhoras para a lavagem de roupas. Cabe destacar que nesse período a área sofreu inúmeros incêndios, dos quais o de maior proporção ocorreu na década de 1960, quando grande parte da vegetação foi devastada. Para a sua recuperação foi realizado o replantio com espécies nativas fornecidas pelo Horto Florestal, da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.

O Parque do Ingá foi aberto ao público em 10/10/1971, servindo de orgulho para a maioria dos maringaenses. É considerado uma das mais importantes áreas recreativas da Região Noroeste do Estado Paraná, sendo visitado constantemente por turistas que passam

por Maringá. Segundo estimativas apontadas pelo Plano de Manejo (1994), a visitação anual é superior a 1 milhão de pessoas, das quais cerca de 78% são residentes em Maringá, o que o torna a área recreativa mais importante do município.

De acordo com Garcia (2006), o Parque do Ingá deve obedecer ao Código Florestal e ao Regulamento dos Parques Nacionais Brasileiros (Decreto nº 84.017, de 21/09/1979), porém ele é ao mesmo tempo uma unidade de conservação e uma típica área verde urbana de recreação de uso intensivo. Essa condição de área verde urbana se deve à sua inserção na região central da cidade e ao fato de oferecer serviços de recreação típicos desses espaços, como caminhos para passeio em contato com a natureza e paisagem agradável, *playground*, lago, zoológico e outras atrações. A **Figura 185** apresenta a infraestrutura do parque de acordo com o Plano de Manejo (1994).



Figura 185: Infraestrutura do Parque do Ingá.
Fonte: SANTOS Anderson de Oliveira. 2003.

Quanto à sua infraestrutura, na parte oeste do lago encontram-se instalados o Jardim Japonês e a Gruta Nossa Senhora Aparecida. O Jardim Japonês (**figura 186**) foi construído em 1978 em homenagem à comunidade japonesa e inaugurado na ocasião pelo príncipe Akihito e pela princesa Michiko. É formado por dois lagos e possui três pontes de madeira e algumas peças típicas dos jardins japoneses. Em 1990 o Jardim Japonês foi cercado, devido às constantes ações de vandalismo.

No mesmo sentido do Jardim Japonês encontramos a Gruta Nossa Senhora Aparecida, que foi construída em 1971, com a imagem da santa. Durante anos os visitantes utilizaram a água da gruta para beber, apesar de ser considerada imprópria para o consumo.



Figura 186: Jardim Japonês no Parque do Ingá.

Fonte: http://aycu15.webshots.com/image/23134/2000093044598392889_rs.jpg
(acesso em 14/11/2008).

Na parte leste do lago encontra-se instalado um pequeno zoológico, também construído em 1971. Esse zoológico vem sendo alvo de críticas constantes dos maringaenses e dos visitantes, pois não tem estrutura suficiente para atender o grande número de animais ali existente e se encontra fora dos padrões mínimos exigidos pelo IBAMA. Entre as espécies animais existentes no minizoológico, podem-se citar antas, preás, macacos-prego, veados mateiros, felinos, várias espécies de aves e répteis. É importante destacar que apenas um pequeno grupo de animais foi retirado do zoológico.

No interior do parque há uma pista de “*cooper*” que contorna o lago e entra sob a floresta (**Figura 187**). Essa pista foi bastante utilizada no passado pelos moradores residentes no entorno, mas hoje serve mais como local de visita dos turistas. Nos dias atuais os moradores do entorno ou outros usuários utilizam intensamente a pista externa que contorna todo o parque, onde foram instalados equipamentos para exercícios físicos, uma academia de terceira idade (ATI) e uma pista de *cooper*, todos atualmente em boas condições de uso (**Figura 188**).



Figura 187: Pista de caminhada no interior do Parque do Ingá.

Fonte: http://lh6.ggpht.com/_1GpfeDSUxII/RyIxQVv-I/AAAAAAAAACi8/pf0iuRIDPwc/S6300148.JPG
(Acesso em 15/11/2008)



Figura 188: Vista parcial da parte externa do Parque do Ingá
Foto: BOVO, M. C. 2008.

Segundo Garcia (2006), no ano de 1984 foram construídos uma lanchonete e um ancoradouro de pedalinhos e no seu entorno, sanitários públicos e uma grande churrasqueira, que era cedida para festas; mas em virtude de vários problemas foi desativada. No decorrer do ano de 2003 a lanchonete foi desativada e o ancoradouro com pedalinhos não possuía segurança e foi interditado.

O abrigo da locomotiva encontra-se na entrada do parque e foi construído em 1984 para proteger a primeira locomotiva que chegou a Maringá em 31/01/1954 (**Figura 189**). De acordo com o Projeto Memória (1985), ela foi doada pela Rede Ferroviária Federal em 26/01/1973, em homenagem às pessoas que abriram os caminhos férreos no Norte do Paraná.



Figura 189: Primeira locomotiva de Maringá

Fonte: http://lh6.ggpht.com/_1GpfeDSUxII/RyIxQVY-cI/AAAAAAAAACi8/pf0iuRIDPwc/S6300148.JPG

(Acesso em 20/11/2008)

De acordo como Plano de Manejo de (1992), o Parque do Ingá possuía ainda uma cancha de bocha, que foi construída em 1975 e se localizava na parte norte do lago, nas proximidades da lanchonete, tendo sido desativada devido ao péssimo estado de conservação. Outro elemento importante que fazia parte do parque era o *playground* que se localizava entre as trilhas pavimentadas e ao sul do lago, o qual se encontra desativado.

Também encontramos no interior do parque algumas instalações consideradas pelo Plano de Manejo (1994) como especiais, entre elas destacamos a da Associação de Defesa e Educação Ambiental de Maringá, inaugurada em 31/05/1988. Essa instalação se deve à importância de ONGs ambientalistas para a defesa dos recursos naturais e ambientais da região e da compatibilidade entre as suas funções e os objetivos do parque. Durante vários anos atuou com programas de Educação Ambiental, atendendo estudantes de escolas estaduais e municipais. Nos dias atuais não vem desenvolvendo nenhum tipo de programa.

O Parque do Ingá está em uma área de domínio de Floresta Estacional Semidecidual, predominando as espécies nativas, porém nas proximidades das trilhas foram introduzidas algumas espécies exóticas. Essa área verde é constituída de árvores de grande porte, típicas do estágio de clímax, que se alteram com outras espécies típicas de fases de sucessão secundária, principalmente devido à abertura de clareiras decorrente da queda de grandes árvores.

De acordo com os estudos realizados pela equipe que elaborou o Plano de Manejo de (1994), a composição florística do Parque do Ingá é constituída de 45 espécies arbóreas, sendo que a família das lauráceas e, em menor número, a das mimosáceas, apresentam o maior número de espécies existentes na área. Entre as principais espécies destacam-se:

alecrim (*Holocalyx balansae*), ingá (*Inga marginata*), ingá (*Inga sp*), peroba (*Aspidosperma polyphylla*), canela (*Ocotea sp*), jaracatiá (*Jacaratia spinosa*), cedro (*Cedrela fissilis*) e outras.

Durante anos o Parque do Ingá foi visto como motivo de orgulho dos maringenses e parada obrigatória para os turistas que passavam pela cidade, oferecendo oportunidades e serviços recreativos, tais como caminhos para o passeio em contato com a natureza, a paisagem agradável, *playground*, lago com pedalinhas e zoológicos, entre outras atrações. Diante desses elementos questiona-se: por que somente o Parque do Ingá é visto como área verde de grande importância pela população maringense? O Poder Público está preocupado com o Parque do Ingá? Qual a verdadeira situação do Parque do Ingá quanto aos aspectos naturais? Por que não há uma integração do Parque do Ingá com os demais parques da cidade? Qual a política governamental para o uso dessas áreas? Qual o papel do *marketing* em relação ao Parque do Ingá? A essas indagações procuramos responder no item a seguir.

Os impactos ambientais no Parque do Ingá

Desde sua criação o Parque do Ingá vem passando por vários problemas, sendo tratado de formas diferenciadas pelos diversos governantes municipais, desde o ano de 1982. Em 1994 o parque foi declarado área de preservação permanente e foi criado o Plano de Manejo do Parque pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente, visando um levantamento de toda a área, porém os dados apresentados a seguir refletem uma imagem obscura no olhar dos moradores da “cidade verde”, uma imagem que não é vista nos cartões postais da “cidade ecológica”. Uma imagem que é ignorada pelo Poder Público local e pelos especuladores imobiliários. O que é visto é o verde como mercadoria, algo que se compra e que se vende.

Todos os problemas do Parque do Ingá tiveram início na década de 1960, devido à pavimentação asfáltica da região central da cidade. Nesse período a Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná projetou o escoamento das galerias pluviais para as áreas de fundo de vale, onde ficam os bosques, desencadeando um intenso processo erosivo.

Segundo Gôngora (2004), todo o sistema de escoamento superficial de águas pluviais da bacia de contribuição, implantado por meio das galerias, foi concentrado e conduzido até o Parque do Ingá como única opção técnica. Dessa forma ampliaram-se os impactos, ocasionando ravinamento e erosão nas duas laterais do parque, entre a Avenida Laguna e Avenida São Paulo (**Figura 190**).

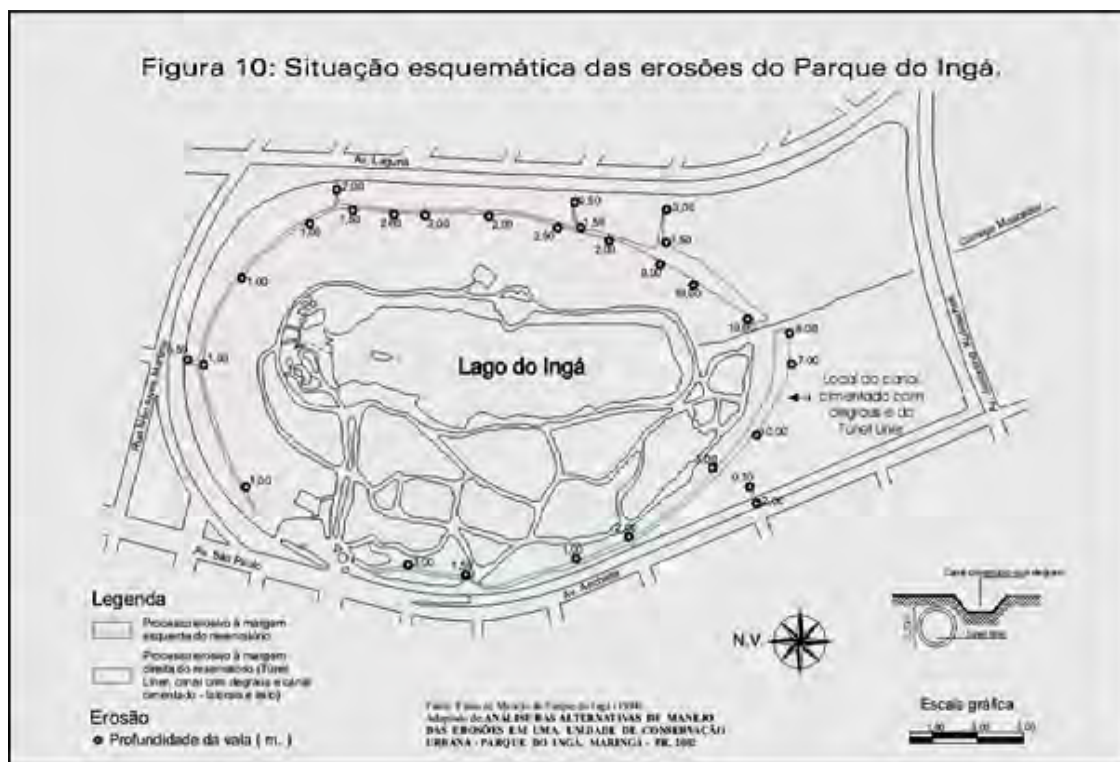


Figura 190: Situação esquemática das erosões do Parque do Ingá.
Fonte: SANTOS Anderson de Oliveira, 2003.

Para Garcia (2006), houve algumas tentativas de controlar esses problemas por meio da construção de uma galeria em túnel linear até as proximidades do portão 3, na Avenida Anchieta, e a partir daí uma caneleta a céu aberto, que resolveu parte dos problemas; não obstante, a maior parte continua sem solução, aguardando a implantação do novo plano de manejo, que até o momento está somente no papel.

No decorrer do ano de 1994 foram detectadas no interior do parque inúmeras ligações clandestinas com despejos de resíduos domésticos, além dos resíduos sólidos transportados pela força das chuvas através das galerias. Atualmente as ligações de esgotos efetuadas irregularmente na rede de galerias pluviais ainda permanecem, bem como as galerias que lançam as águas pluviais diretamente no interior do parque, contribuindo com o processo erosivo (**Figuras 191 e 192**).



Figura 191: Processo erosivo no interior do Parque do Ingá.
Foto: BOVO, M. C. 2006.



Figura 192: Galerias instaladas no interior do Parque do Ingá.
Foto: BOVO, M. C. 2006.

Outro problema ambiental que tem afetado o Parque do Ingá refere-se à impermeabilização do solo do seu entorno, causada pelas edificações, principalmente as verticalizadas, e pela pavimentação de ruas e calçadas. Tal impermeabilização tem contribuído para o rebaixamento do lençol freático e consequentemente contribuído para o rebaixamento do espelho de água do Parque do Ingá (**Figura 193**), pois as águas das chuvas não conseguem penetrar no solo, o que impede o abastecimento das nascentes do parque, conforme afirma Gôngora (2004).

Além desses problemas apresentados até o momento, também é possível destacar o grande número de sedimentos que são depositados no interior do lago, diminuindo sua profundidade e comprometendo totalmente as atividades de lazer que existiam no passado.



Figura 193: Vista do rebaixamento do espelho de água do Parque do Ingá.
Foto: BOVO, M.C. 2007.

No pequeno lago existente nas proximidades da Gruta Nossa Senhora Aparecida, que era abastecido pela nascente, é possível visualizar a grande quantidade de matéria orgânica em decomposição (folhas de árvores) ali depositada (**Figura 194**).



Figura 194: Vista do lago nas proximidades da gruta Nossa Senhora Aparecida
Foto: BOVO, M. C. 2007.

Outro elemento considerado um problema no Parque do Ingá refere-se ao uso intensivo da área, sem controle efetivo dos impactos gerados pela visitação, que acabam interferindo na qualidade ambiental, pois, apesar das lixeiras instaladas, os transeuntes lançam lixo sobre a vegetação, ou muitas vezes depredam os equipamentos ali instalados, além de atirarem objetos nos animais.

Segundo Garcia (2006), estudos realizados pelo Programa de Pós-Graduação em Química Aplicada do Departamento de Química da Universidade Estadual de Maringá constataram a existência de metais pesados, tanto no corpo límnico do lago como nos sedimentos, contribuindo para a contaminação dos peixes ali existentes.

Outro elemento que vem sendo muito criticado pelos moradores de Maringá é a passarela que foi construída sobre o parque. Feita de metal, a obra teve um custo elevado, não

obedeceu às normas contidas no plano de manejo e exigiu a retirada de algumas árvores para a sua construção, o que se traduz em desacato às normas legislativas referentes às unidades de conservação (**Figura 195**).



Figura 195: Passarela construída no interior do Parque do Ingá.
Foto: BOVO, M. C. 2007.

Análise da estrutura física e da qualidade paisagística do Parque do Ingá

Quanto à estrutura física e equipamentos, o Parque do Ingá possui: bancos, lixeiras, iluminação alta e baixa, sanitários, bebedouro, parque infantil, pista de *cooper* de paralelepípedo, telefone público, todos apresentando estado regular de conservação. Esses equipamentos necessitam de manutenção e alguns precisam ser substituídos (**Quadro 105**). Já os equipamentos instalados na parte externa do parque apresentam ótimo estado de conservação, especialmente a pista de caminhada, os equipamentos para exercícios físicos e a ATI (academia de terceira idade). Os aspectos paisagísticos do Parque do Ingá são considerados ruins.

Quadro 105 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos do Parque do Ingá

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação

b) Parque Florestal dos Pioneiros – Bosque II

O Parque Florestal dos Pioneiros também conhecido como Bosque II localiza-se na região central de Maringá entre as Avenidas Itororó e Nóbrega (**Figura 196**), nas coordenadas

geográficas de 23° 25'47" de latitude sul e 51° 56'30" de longitude oeste, com altitude de 524 metros e área de 59 hectares.



Figura 196: Vista aérea do Parque dos Pioneiros.

Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=152386>
(acesso em 29/12/2008).

Segundo Garcia (2006), o Bosque II ou Parque dos Pioneiros foi declarado pela Lei Municipal nº 1.556/82 como Área de Preservação Permanente e como tal ratificado em 1990 pelo artigo 174 da Lei Orgânica Municipal. No transcurso de sua formação várias leis foram criadas para a sua implantação. No ano de 1968 a Câmara Municipal, através da Lei nº 636/68, autorizou o Poder Executivo Municipal a implantar o Bosque II. Em 1976 o parque sofreu grandes alterações. A primeira se deu no setor norte, onde parte foi cedida para a construção de uma pista de *motocross*, inaugurada em 18/04/76; e a segunda alteração ocorreu na parte sul, com a construção da via perimetral sul Juscelino Kubitschek, inaugurada em 26/06/76. No decorrer do ano de 1982 a área do Bosque II foi declarada pela Câmara Municipal como Área de Preservação Permanente, mediante a Lei nº 1.556/82, e no ano seguinte passou a ser denominado “Parque Florestal dos Pioneiros”, por força da Lei nº 649/83. Porém, em 1984, sem qualquer observação aos princípios I e IV da Política Nacional do Meio ambiente (Lei nº 6.938/81, art. 2º), para atender a interesses coletivos a Câmara Municipal revogou a Lei nº 1.556/82 e autorizou o Poder Executivo Municipal a proceder à recuperação ambiental e urbanização, permitindo inclusive a construção de um complexo arquitetônico a denominar-se Centro Cultural.

Entre as propostas para o Parque dos Pioneiros encontrava-se a instalação de galerias de águas pluviais, a construção de dissipadores de energia, o plantio de árvores, a construção de um teatro, um salão de convenções e uma biblioteca municipal, além da concessão de um hotel “cinco estrelas” por um prazo de 20 anos, renovável a juízo da administração, conforme afirma Garcia (2006).

Através desta discussão percebemos o jogo de interesses do poder legislativo maringense, que conseguiu até revogar, sem uma justificativa coerente e devidamente fundamentada, a lei que estabelecera a área como de preservação permanente. Neste contexto, verificamos o descumprimento da Lei Federal nº 84.017, de 21/09/79, que regulamentava os Parques Nacionais Brasileiros da época, pois no interior do Parque dos Pioneiros estava liberada a construção de obras não previstas nessa lei.

Na época, porém, vários segmentos da sociedade maringense promoveram manifestações contrárias à construção desse complexo, pois perceberam que, além de serem ilegais, as obras ocasionariam grandes impactos ambientais. Desta forma toda a proposta de construção do Centro Cultural foi suspensa. Atualmente a única construção que se encontra no seu interior é a “Usina do Conhecimento”, que tem como finalidade proporcionar à comunidade maringense cursos de informática, língua estrangeira e oficinas de artes. A pista de *motocross* foi desativada em virtude dos impactos ambientais ocasionados no interior do parque.

Quanto à fauna existente no Parque dos Pioneiros, destacamos as seguintes espécies: gambá de orelha branca, ouriço, preá, cutia, tatu, macaco-prego, lagartos e sagui (espécie que foi introduzida na área), além de várias espécies de aves.

Entre as espécies vegetais destacamos: ingá (*Inga marginata*), ingá (*Inga sp*), peroba (*Aspidosperma polyphylla*), canela (*Ocotea sp*), jaracatiá (*Jacaratia spinosa*), cedro (*Cedrela fissilis*) e outras.

Os impactos ambientais no parque dos pioneiros – Bosque II

Inúmeros impactos ambientais negativos vêm afetando o Parque dos Pioneiros, pois no passado, em virtude de não possuir cerca em seu entorno, era comum encontrar despejo de grande quantidade de lixo. Ainda hoje os encontramos, porém em quantidade bem inferior. Outro problema verificado é que a área do entorno encontra-se praticamente impermeabilizada e edificada, diminuindo o abastecimento do lençol freático e comprometendo desta forma a nascente do córrego Cleópatra, que se encontra em seu interior, conforme afirma Zamuner et al (2001).

Segundo Zamuner et al. (2001), no seu interior há inúmeras galerias pluviais de forma inadequada, fazendo surgir processos erosivos que estão evoluindo de forma acelerada. Isso ocorreu após o despejo e em função da declividade, pois a água que escoava livremente resulta em voçorocas, que variam em largura e profundidade. Na parte norte do parque encontramos

o maior número. Isso ocorreu devido à antiga pista de *motocross*, que se transformou em novas voçorocas em virtude da ausência de vegetação na área.

Afirmam Zamuner et al. (2001) que esses processos erosivos contribuem para as alterações físicas, químicas e bacteriológicas dos corpos d'água, provocadas por resíduos sólidos levados por esses coletores de águas pluviais por meio da lavagem das ruas, sendo os mais comuns: latas, garrafas descartáveis, sacos plásticos, entulhos de construção civil, óleos, graxas, detritos orgânicos entre outros, do que resulta o assoreamento do leito do córrego.

Estudos realizados por Zamuner et al (2001) revelam a falta de critérios técnicos e políticos e de gerenciamento ambiental em áreas urbanas e evidenciam a necessidade de um planejamento integrado de áreas ambientais, visando ao desenvolvimento econômico e social em um meio ambiente equilibrado. Como podemos perceber, os anos se passaram e nada foi feito para amenizar os impactos no interior do Parque dos Pioneiros.

Para resolver esses problemas criou-se, em 1993, um plano de manejo tendo como proposta promover a recuperação ecológica e a utilização compatível das áreas de conservação, o qual deveria ser aplicável à atual situação do Parque dos Pioneiros.

De acordo com Garcia (2006), a proposta existente no plano de manejo prevê a divisão do parque em quatro zonas: a) Zona Primitiva: área natural, constituída de espécies da flora e fauna e considerada de valor científico, onde a alteração tenha sido pequena; essa área tem como objetivo possibilitar atividades de pesquisa científica, educação ambiental e formas primitivas de recreação, compreendendo apenas 2,17% da área do parque; b) Zona de Uso Extensivo: formada basicamente por áreas naturais que sofreram algumas alterações, e caracterizada pelo uso limitado, essa área destina-se manter a qualidade natural do meio ambiente, permitindo o acesso e o estabelecimento de algumas facilidades aos visitantes para fins educativos e recreativos, e compreende 1,84% da área do parque; c) Zona de Uso Intensivo: constituída por áreas naturais alteradas pelo homem, onde o ambiente deve ser mantido o mais próximo possível do natural, essa área destina-se ao uso público mais intenso e contém, em geral, centro de visitantes, museus e outros serviços, compreendendo 1,54% da área total; d) Zona de Recuperação: compreende 94,45% da área total do parque e deve ser recuperada e incorporada às áreas de caráter permanente.

Como se pode verificar, a partir de 1993 houve toda uma proposta de recuperação e manutenção do Parque dos Pioneiros, porém poucos dos objetivos foram alcançados, dentre os quais merecem destaque: a) construção de galerias tubulares e de duas galerias celulares de maior capacidade de drenagem de águas pluviais, embora ainda não totalmente concluídas; b) a pista de caminhada e ciclovia no entorno do parque.

Pode-se assim perceber os investimentos nos últimos anos na parte externa do parque, o que permite transmitir a estética através da imagem do belo, da sustentabilidade ambiental, da qualidade de vida da cidade verde, enquanto no seu interior, a imagem, não vista pelos maringaenses é de um espaço livre que continua apresentando problemas ambientais, principalmente o processo erosivo que não foi contido, em virtude das obras não terem sido concluídas.

Análise da estrutura física e da qualidade paisagística do Parque dos Pioneiros

O Parque dos Pioneiros apresenta na parte externa os seguintes equipamentos e estruturas físicas: bancos, iluminação, lixeiras, telefone público, bebedouro, canteiros com meio-fio e cerca viva, pavimentação de concreto, equipamentos para terceira idade, uma edificação institucional (Usina do Conhecimento), pista de caminhada e ciclovia e alambrado no entorno. Todos esses equipamentos apresentam bom estado de conservação e são constantemente utilizados pelos moradores, principalmente a pista de caminhada e a academia de terceira idade.

A qualidade paisagística é considerada boa, a limpeza do entorno é satisfatória e o local apresenta segurança. A vegetação é constituída de espécies nativas e exóticas, predominando o estrato arbóreo em 95% da área do parque. As proximidades são ocupadas para finalidades residenciais e comerciais. Os aspectos paisagísticos da parte externa são muito bons (**Figuras 197 e 198**), porém é na parte interna do parque que encontramos os grandes problemas, aqueles que não são vistos e divulgados pelos cidadãos maringaenses.




Figura 197: Academia de terceira idade no Parque dos Pioneiros.
Foto: Bovo, M. C, 2008.



Figura 198: Pista de caminhada e ciclovia no Parque dos Pioneiros.
Foto: Bovo, M C. 2008.

Quadro 106 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos do Parque dos Pioneiros.

												
---	---	---	---	---	---	---	---	---	--	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação

c) Horto Florestal

O Horto Florestal Dr. Luiz Teixeira Mendes encontra-se localizado na Avenida Luiz Teixeira Mendes, entre as coordenadas geográficas de 23° 26'5" latitude sul e 51°57'51" de longitude oeste. A altitude da área é de 589 metros e sua área é de 37 hectares.

O Horto apresenta uma cobertura vegetal constituída por espécies nativas da região, como a peroba (*Aspidosperma polyphylla*), o cedro (*Cedrela fissilis*), a figueira-branca (*Ficus guaranítica*), o pau-d'alho (*Gallesia gorazema*), o alecrim (*Holocalyx balansae*), o angico (*Parapiptadenia rigida*), a jaracatiá (*Jacaratia spinosa*), a amora branca (*Maclura tinctoria*) e outras espécies (**Figura 199**).



Figura 199. Vista parcial da entrada principal do Horto Florestal.

Foto: BOVO, M.C. 2008.

O Horto Florestal é de propriedade da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, sendo o seu criador o engenheiro Luiz Teixeira Mendes. O horto foi criado para preservar uma parte da mata nativa junto à cidade e também servir como área de estudos científicos e produção de mudas para a arborização urbana de Maringá. As pesquisadoras Kiouranis e Teixeira (2000) contestam esta afirmativa, alegando que a Companhia não estava preocupada com a preservação do ambiente, e sim, com uma paisagem esteticamente atraente para os futuros moradores de Maringá. Desta forma as mudas vieram de várias regiões do país, procurando moldar a imagem de uma cidade agradável.

Desta forma, o Horto Florestal, através do viveiro, conseguiu atender a mais de um milhão de pedidos de mudas. Com a saída da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná de Maringá e a mudança de investimentos da nova diretoria, o viveiro do Horto foi desativado, contrariando assim os principais objetivos da empresa que o criou, conforme afirma Garcia (2006).

A partir de 1999 a CMNP ingressou em juízo com uma ação (nº 164/99) de indenização por desapropriação indireta da área, na 1ª vara cível da comarca de Maringá, alegando que a partir da declaração de área como Reserva Florestal Municipal, desde 1994, houve perda da posse efetiva da área e de seu valor econômico, sem ter seguido o processo de desapropriação e a justa indenização. Desde 1999 até os dias atuais o impasse entre a Prefeitura Municipal de Maringá e a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná continua. Neste sentido, o Ministério Público aponta que não existe interesse de agir da autora, pois não houve desapropriação nem qualquer indicativo desse interesse pelo município, além de não haver depreciação econômica da propriedade, conforme afirma Garcia (2006).

Diante do exposto, o Ministério Público de Proteção do Meio Ambiente ingressou com uma ação civil pública de danos causados ao ambiente natural contra a Prefeitura Municipal de Maringá e a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. O Ministério público obteve a liminar, pela qual os réus tiveram que cumprir as seguintes determinações: a) isolamento da área por meio de cercas; b) solução para a poluição lançada nas galerias pluviais que correm para dentro do Horto Florestal; c) construção de dissipadores para conter a força das águas e evitar processos erosivos no seu interior; d) aplicação de multa diária. Assim, o Horto Florestal encontra-se fechado ao público de acordo com a determinação judicial (autos 726/2003) da 4ª vara cível de Maringá, por prazo indeterminado para a recuperação ambiental.

Além das responsabilidades já atribuídas aos réus, o Ministério Público solicitou: a) elaboração de um projeto de manejo para a área; b) isolamento das áreas de preservação permanente; c) recuperação das áreas de preservação permanente; d) construção de galerias pluviais adequadas para a área de drenagem do entorno; e) retirada dos esgotos clandestinos ligados à rede de galerias pluviais que desembocam no interior da área; f) a educação ambiental da população quanto à importância da preservação da área.

No tocante à ação movida pela CMNP, o juiz da causa sentenciou no sentido de que não houve desapropriação da área, de forma que a declaração de sua importância ecológica ocorreu apenas para a concessão de descontos de IPTU para a autora.

Quanto à fauna existente no Horto Florestal destacamos as seguintes espécies: gambá de orelha branca, ouriço, preá, cutia, tatu, macaco-prego, lagarto, além de várias espécies de pássaros.

Os impactos ambientais no Horto Florestal Dr. Luiz Teixeira Mendes

Atualmente o Horto Florestal apresenta inúmeros problemas, a começar pelo impasse entre a Prefeitura Municipal de Maringá e a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Afinal, de quem é a responsabilidade por sua manutenção, pela recuperação das áreas degradadas e pelos investimentos de infraestrutura do Horto? O que se percebe muitas vezes é o descaso incompreensível da CMNP com uma área criada por ela mesma, para fins de preservação, e da própria administração pública, que não quer ser obrigada a “desapropriar” mais uma área de preservação em seu território, pois, como podemos perceber, já existem outras com problemas ambientais, como o Parque do Ingá e o Parque dos Pioneiros, já apresentados nesta pesquisa.

Desde a sua criação o Horto florestal foi aberto ao público, possui trilhas no meio da mata, um pequeno lago no seu interior, nas proximidades das nascentes que dão origem ao córrego Borba Gato, além de um amplo espaço gramado em sua parte central, destinados a passeio ou recreação, além do viveiro de mudas. Porém toda essa área encontra-se abandonada, o viveiro foi desativado, as trilhas existentes contribuem para o processo erosivo e o gramado encontra-se abandonado. É importante destacar que o Horto não possui plano de manejo.

Não obstante, como já destacamos no item anterior, o Ministério Público estabeleceu algumas funções à CMNP e à Prefeitura Municipal, dentre elas: elaboração do plano de manejo, o isolamento, recuperação das áreas de preservação permanente, a construção de galerias pluviais adequadas para a área de drenagem do entorno, retirada dos esgotos clandestinos ligados à rede de galerias pluviais que desembocam no interior da área e a educação ambiental da população quanto à importância da preservação da área. Praticamente todas essas propostas deveriam estar sendo executadas pelos responsáveis. Cabe destacar que a única proposta cumprida até o momento foi o isolamento da área por meio de uma cerca.

Também é comum encontrarmos no interior do Horto uma grande quantidade de resíduos sólidos que são transportados pelas galerias e ali depositados, ou escoados pelo córrego Borba Gato. Outro problema destacado por Azevedo (2003) em sua pesquisa é que os moradores das proximidades alegam que o entorno e até mesmo o interior do Horto,

tornaram-se locais para o consumo de drogas e sexo, o que acaba desvalorizando os imóveis do entorno, além de expor a constante risco população ali residente.

Para finalizar este item é importante destacar que, mesmo fechado por decreto judicial, o Horto ainda permanece como uma das referências ambientais da cidade de Maringá, construída sobre o “*slogan ecológico*”, que transmite à população uma ilusória propaganda e imagem de perfeição quanto às questões ambientais.

Análise da estrutura física e da qualidade paisagística do Horto Florestal

Quanto à estrutura física e equipamentos, o Horto Florestal apresenta placa de identificação da área e pista de caminhada com ondulações o que dificulta, em algumas partes, a sua utilização, e cerca com alambrado no seu entorno, (**Quadro 107**).

Com relação à qualidade paisagística, o Horto Florestal está em condições apenas satisfatórias, pois apresenta vários problemas, entre os quais destacamos a falta de limpeza e manutenção, a falta de segurança e a ausência de infraestrutura.

Como propostas a respeito colocamos a solução do impasse entre a Prefeitura Municipal de Maringá e a CMNP e a elaboração e execução de um plano de manejo.

A **Figura 200** ilustra a pista de caminhada na parte externa do Horto, já a **Figura 201** representa a trilha que entra no interior da floresta, sem nenhum tipo de estrutura.



Figura 200: Pista de caminhada do Horto Florestal.
Foto: Bovo, M.C. 2008.



Figura 201: Vista parcial da trilha no interior do Horto Florestal
Foto: Bovo, M.C. 2008.

Quadro 107 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos do Horto Florestal

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação

D) Bosque das Grevíleas

O Bosque das Grevíleas localiza-se entre a Avenida Brasil e a Avenida Dom Manuel S. Delbaux nas coordenadas geográficas de 23°25'42" de latitude sul e 51° 57'39" de longitude oeste, com altitude de 595 metros e com uma área de 44. 600 m² (**Figura 202**). Encontra-se localizado em área residencial.



Figura 202. Vista parcial da entrada principal do Parque das Grevíleas.
Foto: BOVO, M.C. 2008.

A área compreendida pelo Bosque das Grevíleas seria na planta original, destinada pela CMNP para loteamento, mas em virtude da demora em ser loteada, mediante acerto com a Prefeitura Municipal de Maringá este espaço começou a ser arborizado com grevíleas “*Grevilea robusta*”, espécie originária da Austrália. A arborização tinha como propósito conter o avanço do mato na área até serem vendidos os lotes aos interessados que chegavam a Maringá naquela época, conforme afirma Garcia (2006); mas com o passar dos anos as grevíleas cresceram e a população não aceitou a proposta de venda da área para fins de loteamento. Após várias reivindicações, os objetivos foram alcançados e a área foi cedida ao patrimônio municipal, na gestão (1983-1988) do prefeito Said Ferreira. Pela **Figura 203** é possível visualizar a área total do Bosque das Grevíleas.



Figura 203: Vista aérea do Bosque das Grevíleas

Fonte: Disponível: http://aycu37.webshots.com/image/30916/2006072624371519965_rs.jpg
(Acesso em janeiro/2009).

Atualmente o bosque das Grevíleas é utilizado pela população do bairro (Zona 4) para caminhadas e visitas nos fins de semana. Essa área apresenta uma beleza diferenciada, pelo fato de ser constituída de uma única espécie (exótica), não necessitando de maiores cuidados da administração pública a não ser a manutenção dos equipamentos e dos gramados e jardins do entorno. O único problema detectado na área é a necessidade de reposição de algumas árvores mortas, condição para que o futuro do bosque não fique comprometido.

Análise da estrutura física e da qualidade paisagística do Bosque das Grevíleas

Quanto às estruturas físicas e equipamentos, o Bosque das Grevíleas possui excelente iluminação alta e baixa, lixeiras, estacionamento, equipamentos de exercícios físicos em bom estado de conservação, pista de caminhada no entorno (**Figura 204**), academia de terceira idade, placa de identificação da área, bancos e placas de sinalização. Todos os equipamentos estão em bom estado de conservação.

Quanto aos aspectos paisagísticos, o Bosque das Grevíleas apresenta: boa qualidade paisagística, limpeza, conservação e manutenção do gramado, mas aspecto físico e sanitário da vegetação apenas satisfatório, por causa das árvores mortas no seu interior. A vegetação predominante é exótica, ocupando em 90% da área o estrato arbóreo e 10% o arbustivo. Quanto à cobertura do solo, apenas 10% da área possuem calçamento, 10% apresentam solo nu e 80% são cobertos por gramíneas.

Como proposta visando à melhoria da área, sugerimos a criação e aplicação de um plano de manejo, pois até o momento desta pesquisa tal plano não existia.

O **Quadro 108** apresenta as estruturas físicas e os equipamentos existentes no Bosque das Grevíleas.



Figura 204: Pista de caminhada no Bosque das Grevíleas.

Foto: BOVO, M.C. 2008.

Quadro 108 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos do Bosque das Grevíleas

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação

E) Parque do Cinquentenário

O Parque do Cinquentenário localiza-se na confluência da Avenida São Judas Tadeu com a Rua Palmital, nas coordenadas geográficas de 23° 23'25" de latitude sul e 51°56'19" de longitude oeste, com altitude de 495 metros e com uma área de 114.000 m². (**Figura 205**).



Figura 205: Vista parcial do Parque Cinquentenário

Foto: BOVO, M.C. 2008.

Sua formação vegetal é constituída de várias espécies vegetais, predominando o estrato arbóreo em 85% da área o estrato arbustivo em 15%. Entre as espécies destacamos: alecrim (*Holocalyx balansae*), cedro (*Cedrela fissilis*), pau-d'alho (*Gallesia gorazema*), jaracatiá (*Jacaratia spinosa*), paineira (*Chorisia speciosa*), peroba (*Aspidosperma*

polyneuron), angico (*Parapiptadenia rigida*), entre outras. A fauna é constituída de várias espécies de pássaros e também encontramos tatus e lagartos.

Esse parque encontra-se localizado em área residencial e comercial e não apresenta estrutura para o atendimento da população do entorno, a não ser uma pista de caminhada que se encontra em construção. Também existe a proposta da Prefeitura Municipal de cercar toda a área, sendo que os alambrados já foram colocados em algumas partes, porém a obra encontra-se parada e sem previsão de conclusão.

Os impactos ambientais no Parque Cinquentenário

A ação antrópica presente no interior e no entorno do Parque Cinquentenário é bem visível. É comum a presença de entulhos de materiais de construção civil, móveis domésticos e demais resíduos sólidos deixados pela população. As várias trilhas que adentram o parque resultam no pisoteio e na derrubada de árvores pelos moradores das proximidades. Juntamente com as trilhas encontramos a presença de embalagens plásticas, latas de refrigerantes, isopor e outros resíduos.

Outro elemento refere-se ao plantio de árvores frutíferas como limoeiro, laranjeira e ameixeira no entorno do parque, mais precisamente na Rua Palmital, caracterizando a área como de invasão, pois os moradores derrubam a vegetação nativa e a substituem por algumas espécies frutíferas.

O parque não apresenta locais de erosão em seu interior, mas estes são encontrados no seu entorno e junto ao córrego, em razão da ausência da mata ciliar.

Em conversa informal com os moradores do entorno, estes apresentaram algumas reclamações, referentes à falta de infraestrutura, à não conclusão da pista de caminhada no entorno, à não instalação de academia da terceira idade e de outros aparelhos para atividades físicas e à falta de iluminação. Também foram destacados a sujeira e o mau cheiro, assim como o consumo de drogas tanto durante o dia e à noite, gerando um clima de insegurança para os moradores. Quanto à sujeira, as reclamações são direcionadas a pessoas que moram nas imediações do parque, as quais, segundo alguns, depositam e queimam seu lixo doméstico no interior do parque (**Figura 206**).



Figura 206: Vista Parcial de entulhos de construção civil depositados no Parque Cinquentenário.
Foto: BOVO, M.C. 2008.

Análise da estrutura física e da qualidade paisagística do Parque do Cinquentenário

Quanto à estrutura física e equipamentos, no Parque do Cinquentenário há uma pista de caminhada de concreto parcialmente construída em seu entorno e estão sendo instalados alambrados para a colocação de cercas.

O parque apresenta aspectos paisagísticos caracterizados como ruins. Sua vegetação é constituída por 98% de espécies nativas e 2% de espécies exóticas; já a densidade da vegetação da área é formada por 90% de estrato arbóreo, e 10% de arbustivo. A vegetação do parque apresenta aspectos físicos e sanitários considerados satisfatórios. A ocupação das imediações do parque é residencial, porém existem também atividades comerciais principalmente na parte que dá acesso à Avenida São Judas Tadeu. Também encontramos outra área do entorno sem ocupação.

Como sugestões propomos: a criação urgente de um plano de manejo visando ao uso adequado dessa área que se encontra abandonada pela mantenedora; a instalação de lixeiras, de iluminação e de aparelhos para exercícios físicos; calçamento no entorno e placa de identificação. No **Quadro 109** apresentamos as estruturas físicas e os equipamentos instalados no Parque do Cinquentenário.

Quadro 109 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos do Parque do Cinquentenário.

--	--	--	--	--	--	--

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação

F) Parque Florestal Municipal das Palmeiras

O Parque Florestal Municipal das Palmeiras (**Figura 207**) encontra-se localizado na confluência da Avenida São Judas Tadeu com a Rua Flamboyant, nas coordenadas geográficas de 23°23'08" de latitude sul e 51° 56'21" de longitude oeste, com uma altitude de 499 metros e área de 61.434,48m². É reconhecido pela Lei Municipal nº 3513/93.



Figura 207: Vista da entrada principal do Parque das Palmeiras.
Foto: PEREIRA, Nilton C. S. 2008.

O Parque Florestal Municipal das Palmeiras possui uma vegetação constituída de várias espécies nativas que se enquadram na região fitogeográfica denominada Floresta Estacional Semidecidual e de algumas exóticas na sua parte externa. Entre as espécies nativas destacamos: alecrim (*Holocalyx balansae*), peroba (*Aspidosperma polyphylla*), cedro (*Cedrela fissilis*), canela (*Ocotea sp*), feijão-cru (*Lonchocarpus guilleminianus*), gorucaia (*Parapiptadenia rígida*), algodoeiro (*Bastardiopsis grandiflora*), entre outras. Quanto às espécies exóticas destacamos a palmeira-imperial, palmeira-real (*Roystonea spp*) e palmeira-leque (*Livistonia chinensis*).

Dentre as atividades desenvolvidas no Parque das Palmeiras pelos frequentadores, a caminhada e as atividades na academia da terceira idade são as preferidas, principalmente pelos adultos, destacando-se as donas de casa, que geralmente caminham em duplas. É possível visualizar essa opção no final da tarde. Também contamos com outros equipamentos, entre eles: bancos e mesas com tabuleiros para jogos; quadra esportiva em ótimo estado de conservação (gramada) e equipamentos para exercícios físicos. No interior do parque encontramos uma trilha ecológica com 760 metros de extensão, equipada com 14 brinquedos e atividades lúdicas, sendo muito utilizada pelas crianças.

Na parte externa é possível visualizar a lanchonete com a identificação do parque, sanitários e bebedouro. A iluminação, tanto a alta como a baixa, é excelente; há várias lixeiras instaladas e todo o parque é cercado.

Toda essa estrutura foi implantada recentemente pela Prefeitura Municipal de Maringá, pois até então era comum encontrar resíduos sólidos no interior do Parque das Palmeiras, semelhantemente ao Parque do Cinquentenário. Diante dos aspectos apresentados, compete à Prefeitura criar o plano de manejo da área com vista à preservação dessa unidade florestal, bem como o reparo e substituição dos equipamentos que forem danificados, e não deixar cair no esquecimento como acontece com o Parque do Ingá e o Horto Florestal. É importante destacar que este parque encontra-se na periferia e possui no seu entorno ocupação tanto residencial como comercial.

Análise da estrutura física e da qualidade paisagística do Parque das Palmeiras

O Parque das Palmeiras apresenta uma estrutura física de excelente qualidade, se comparado com os demais parques maringaenses. Todos os equipamentos apresentam bom estado de conservação visando ao melhor atendimento dos usuários e foram planejados para atender às diferentes faixas etárias da população desde as crianças até os idosos.

O parque se apresenta em bom estado quanto à qualidade paisagística e à limpeza e conservação da área, além de oferecer segurança aos usuários. Quanto à densidade da vegetação, 90% desta pertencem ao estrato arbóreo, 05% ao arbustivo e 05% ao rasteiro. O aspecto sanitário da vegetação é bom. As **Figuras 208 e 209** ilustram os aspectos gerais do Parque das Palmeiras.

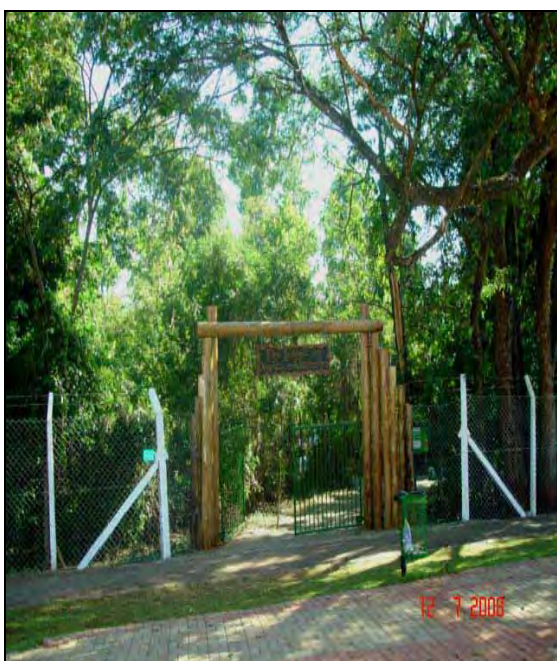


Figura 208: Vista parcial da entrada principal do Parque das Palmeiras.
Foto: PEREIRA, Nilton C. S. 2008.



Figura 209: Vista parcial da parte externa do Parque das Palmeiras
Foto: PEREIRA, Nilton C. S. 2008.

No **Quadro 110** Apresentamos a síntese das estruturas físicas e dos equipamentos instalados no Parque das Palmeiras.

Quadro 110 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos do Parque das Palmeiras

															
---	---	---	---	---	---	---	---	---	--	---	---	---	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação

G) Parque Municipal Alfredo Werner Nyffeler

O Parque Municipal Alfredo Werner Nyffeler (**Figura 210**) encontra-se localizado na Rua Bogotá, nas coordenadas geográficas de 23° 24'46" de latitude sul e 51° 55'05" de longitude oeste, com uma altitude de 520 metros e área de 104.967,82 m². É reconhecido pela Lei Municipal nº 0162/88.



Figura 210: Vista parcial do lago no Parque Alfredo Werner Nyffeler.
Foto: PEREIRA, Nilton C. S. 2008.

Esse parque municipal foi implantado em 1988, sendo também conhecido como “Parque do Buracão”. Ele é resultante da recuperação de um terreno com grande declividade, em processo progressivo de erosão e degradação. Nesse período esse local recebia de toda a cidade uma grande quantidade de resíduos sólidos que ali eram depositados, inclusive restos da construção civil e móveis. Cabe salientar que tudo isso ocorria na área da nascente do córrego Morangueiro. Após um amplo investimento da Prefeitura Municipal de Maringá deu-se a revitalização da área. O local onde havia um “lixão” tornou-se um parque com um lago na parte central, ou seja, na nascente do córrego Morangueiro. Também ocorreu o plantio de várias espécies de árvores nativas e exóticas na área, entre elas alecrim (*Holocalyx balansae*),

peroba (*Aspidosperma polyphylla*), cedro (*Cedrela fissilis*), canela (*Ocotea sp*), ipê-roxo (*Tabebuia avellanedae*) e pau brasil (*Caesalpinia echinata*).

Destacamos também o investimento na infraestrutura e a presença de vários equipamentos instalados na área visando ao melhor atendimento dos usuários, dentre eles: bancos, iluminação alta e baixa, lixeiras, sanitários, bebedouro, pavimentação em concreto, palco, canteiros com meio-fio e cerca viva, equipamentos para exercícios físicos, equipamentos para terceira idade, parque infantil, placa de identificação da área, mirante, pista de *cooper* com 1005 metros de extensão e lanchonete, que se encontra desativada.

Cabe salientar que toda essa estrutura instalada requer uma constante manutenção e recuperação dos equipamentos por parte da mantenedora, caso contrário se tornará inviável para os usuários, como já vem acontecendo em alguns parques de Maringá.

Análise das estruturas físicas e da qualidade paisagística do Parque Municipal Alfredo Werner Nyffeler

O Parque Municipal Alfredo Werner Nyffeler apresenta uma estrutura física de boa qualidade, se comparado com os demais parques maringaenses. Equipamentos públicos como iluminação, lixeiras, parque infantil, academia de terceira idade, equipamentos para exercícios físicos e a pista de *cooper* apresentam bom estado de conservação, visando ao melhor atendimento aos usuários das diferentes faixas etárias.

Ao analisarmos os aspectos paisagísticos (**Figuras 211 e 212**), podemos considerar toda a área do parque como boa, oferecendo limpeza, conservação e segurança aos usuários. Quanto à vegetação, encontramos espécies nativas e exóticas, sendo 30% formadas pelo estrato arbóreo e 20% pelo estrato arbustivo. Quanto à cobertura do solo, o gramado reveste 80% da área do parque e apenas 20% possuem calçamento. A vegetação apresenta aspecto físico e sanitário considerado bom.

É importante destacar que este parque encontra-se na periferia e possui no seu entorno ocupação tanto residencial como comercial.

Entre as propostas, sugerimos a elaboração de um plano de manejo e sua aplicação na área com vista à conservação e manutenção do parque.

No **Quadro 111** Apresentamos a estrutura física e os equipamentos instalados no Parque Alfredo W. Nyffeler.



Figura 211: Vista da pista de caminhada - Parque Alfredo W. Nyffeler.

Foto: PEREIRA, Nilton C. S. 2008.



Figura 212: Vista parcial da pista de caminhada - Parque Alfredo W. Nyffeler.

Foto: PEREIRA, Nilton C. S. 2008.

Quadro 111 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos do Parque Alfredo W. Nyffeler

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação

H) Parque ecológico municipal do Guaiapó

O Parque Ecológico Municipal do Guaiapó (**Figura 213**) encontra-se localizado na Avenida Sophia Rasgulaeff com a Rua Itapuã entre as coordenadas geográficas 23°24'57" de latitude sul e 51°53'10" de longitude oeste, com altitude de 548 metros. Possui uma área de 16.205,48m² e foi reconhecido pela Lei nº 3513/93.



Figura 213: Vista parcial do Parque Ecológico Municipal do Guaiapó.

Foto: PEREIRA, Nilton C. S. 2008.

O Parque Ecológico Municipal do Guaiapó encontra-se localizado em uma área residencial e comercial e é constituído do remanescente da vegetação nativa, que se enquadra na região fitogeográfica denominada Floresta Estacional Semidecidual. Apresenta espécies de valor da flora regional, entre elas a peroba (*Aspidosperma polyphylla*), a canela (*Ocotea sp*), o jaracatiá (*Jacaratia spinosa*), o cedro (*Cedrela fissilis*), o feijão cru (*Lonchocarpus guillemianus*), a Gorucaia (*Parapiptadenia rígida*), o algodoeiro (*Bastardiopsis grandiflora*) e outras.

O parque encontra-se cercado e não é aberto ao público. Toda a sua infraestrutura encontra-se na parte externa, onde destacamos a academia da terceira idade com vários equipamentos, na parte que dá acesso à Avenida Sophia Rasgulaeff. Também encontramos iluminação, bancos, lixeiras, bebedouro e quiosque de alimentação, tudo para atender o público que usufrui da academia. Também destacamos a pista de caminhada na parte que dá acesso à Rua Itapuã e Avenida Sophia Rasgulaeff (**Figura 214**).

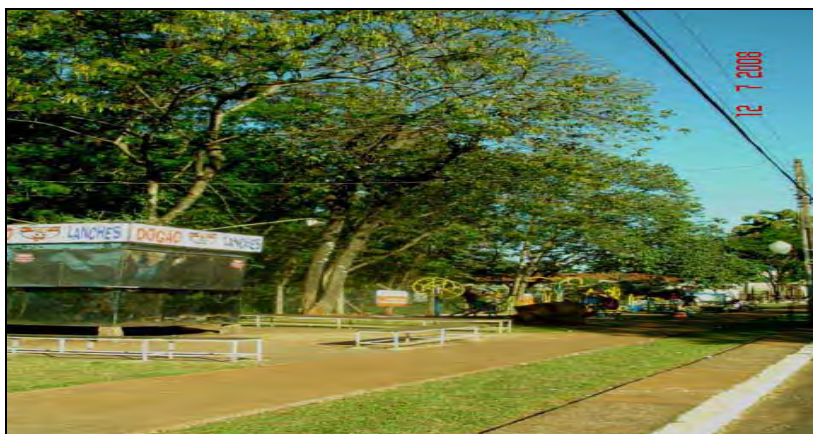


Figura 214: Vista parcial da pista de caminhada Parque Ecológico Municipal do Guaiapó.
Foto: PEREIRA, Nilton C. S. 2008.

Análise da estrutura física e da qualidade paisagística do Parque Ecológico Municipal do Guaiapó

O Parque Ecológico Municipal do Guaiapó apresenta uma boa estrutura física, porém limitada aos usuários, ou seja, restrita à pista de caminhada e à academia da terceira idade, que se encontram na parte externa.

A qualidade paisagística pode ser considerada satisfatória, pois apresenta limpeza e conservação das estruturas existentes. Há o predomínio de espécies nativas, sobressaindo o estrato arbóreo em 95% da área; o arbustivo ocupa apenas 05%. A vegetação apresenta aspecto físico e sanitário considerado bom.

Como propostas sugerimos: a criação de um plano de manejo para a preservação da área, a instalação de uma área de equipamentos esportivos e parque infantil, telefone público e incentivo à pesquisa na área, principalmente por parte das escolas que se encontram nas imediações.

No **Quadro 112** apresentamos as estruturas e os equipamentos existentes no Parque Ecológico Municipal do Guaiapó.

Quadro 112 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos do Parque Ecológico Municipal do Guaiapó.

												
---	---	---	---	---	---	---	--	---	---	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação

i) Parque Borba Gato ou Recanto Borba Gato

O Parque Borba Gato ou Recanto Borba Gato (**Figura 215**) encontra-se localizado na Rua Primavera no encontro com o anel viário, nas coordenadas geográficas de 23°27'09" de latitude sul e 51°58'00" de longitude oeste com altitude de 521 metros e uma área de 76.540,37m² e encontra-se reconhecido pela Lei Municipal nº 3513/93.

O Parque Borba Gato possui uma vegetação constituída de várias espécies nativas que se enquadram na região fitogeográfica denominada Floresta Estacional Semidecidual, e algumas exóticas na sua parte externa. Entre as espécies nativas destacamos: peroba (*Aspidosperma polyphylla*), alecrim (*Holocalyx balansae*), cedro (*Cedrela fissilis*), feijão cru (*Lonchocarpus guilleminianus*), canela (*Ocotea sp*), Gorucaia (*Parapiptadenia rígida*) e algodoeiro (*Bastardiopsis grandiflora*); e entre as exóticas, palmeira-imperial (*Roystonea spp*), macaúba (*Acrocamia aculeata*) e outras.



Figura 215: Vista parcial do Parque Borba Gato.
Foto: PEREIRA, Nilton C. S. 2008.

O parque encontra-se em uma área residencial e está fechado ao público desde 2006. Possui no seu entorno alambrado com tela e em outras partes cerca viva; também há partes abertas. No que diz respeito à estrutura física do parque, ou seja, aos equipamentos públicos, podemos dizer que a situação é precária: os bancos de concreto e madeira, o calçamento do entorno, os alambrados e a tela do entorno e a iluminação, devido à falta de manutenção e ao vandalismo, estão depredados.

Os impactos ambientais no Parque Borba Gato

A ação antrópica presente no interior e no entorno do Parque Borba Gato é bem visível. É comum a presença de entulhos de materiais de construção civil, móveis domésticos e demais resíduos sólidos deixados pela população, criando grande quantidade de mosquitos. As trilhas que adentram o parque resultam do pisoteio e da derrubada de árvores pelos moradores das proximidades. Juntamente com as trilhas encontramos a presença de embalagens plásticas, latas de refrigerantes, isopor e outros resíduos. O parque não apresenta locais com processos erosivos em seu interior, mas estes são encontrados no seu entorno e junto ao córrego, em razão da ausência da mata ciliar.

Em conversa informal com os moradores do entorno, estes apresentaram algumas reclamações, entre elas a falta de infraestrutura, de instalação de academia da terceira idade e de outros aparelhos para as atividades físicas, além de falta de iluminação e de segurança e do abandono da área pela Prefeitura Municipal de Maringá.

Análise da estrutura física e da qualidade paisagística do Parque Municipal Borba Gato

O Parque Municipal do Borba Gato apresenta estrutura física considerada ruim. Os equipamentos existentes necessitam de manutenção e também constatamos a necessidade de implantação de lixeiras, aparelhos para exercícios físicos, academia de terceira idade, telefone público, parque infantil (**Quadro 113**), e de abertura para o uso da população.

Quanto aos aspectos paisagísticos é classificado como satisfatório, pois apresenta espécies tanto nativas como exóticas, predominando o estrato arbóreo em 90% da área e em apenas 05% o estrato arbustivo e 05% o rasteiro. Os aspectos paisagísticos da vegetação são considerados satisfatórios. A **Figura 216** ilustra os aspectos paisagísticos do parque.

Como propostas apontamos a criação do plano de manejo florestal contendo todas as informações sobre a área e as características da floresta (fauna, flora, topografia, solo), técnicas de proteção para as espécies vegetais e animais, medidas de proteção das nascentes e cursos d'água e áreas destinadas ao uso da comunidade.



Figura 216: Vista parcial das palmeiras no Parque Borba Gato.
Foto: PEREIRA, Nilton C. S. 2008.

No **Quadro 113** apresentamos as estruturas físicas e os equipamentos existentes no Parque Borba Gato.

Quadro 113 – Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos do Parque Municipal Borba Gato.



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação

j) Cemitério Parque de Maringá

O Cemitério Parque (**Figura 217**), considerado como uma das áreas verdes de Maringá, é uma propriedade particular e encontra-se localizado na Avenida Alziro Zarur, nas coordenadas geográficas de 23°24'07" de latitude sul e 51°57'50" de longitude oeste, com altitude de 527 metros.



Figura 217: Vista da entrada principal do Cemitério Parque.
Foto: BOVO, M. C. 2008.

Está situado em uma área de 60.000 m², dos quais 20.000 m² são constituídos de vegetação nativa, predominando as seguintes espécies: alecrim (*Holocalyx balansae*), cedro (*Cedrela fissilis*), canela (*Ocotea sp*), peroba (*Aspidosperma polyphylla*), Gorucaia

(*Parapiptadenia rígida*) entre outras. Também encontramos várias espécies exóticas, como sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*), ipê-roxo (*Tabebuia avellanadae*), ipê-amerelo (*Tabebuia chrysotricha*), flamboiaia (*Delonix regia*), palmeira-imperial (*Roystonea spp*) e outras.

O Cemitério Parque vem funcionando desde 1986 e apresenta uma estrutura física constituída de capela para velório, uma suíte de uso exclusivo da família, vários bancos de concreto ou de madeira distribuídos no seu interior, lixeiras, iluminação, sanitários, telefone público, estacionamentos. A área possui placa de identificação. Toda essa estrutura visa a um bom atendimento aos usuários.

Os impactos ambientais do Cemitério Parque

A presença de cemitérios nas imediações ou no interior das cidades pode gerar alguns impactos, entre eles os psicológicos e físicos. Os impactos psicológicos podem se resumir em medo da morte, ou superstições que afastam as pessoas que queiram residir em locais próximos. Com o objetivo de evitar os impactos psicológicos, os cemitérios parques são construídos em áreas verdes e têm como propósito transmitir paz e tranquilidade ao local.

Análise das estruturas físicas e da qualidade paisagística do Cemitério Parque de Maringá

O Cemitério Parque apresenta boa infraestrutura física, com equipamentos adequados para o atendimento aos usuários.

Sua qualidade paisagística é considerada boa, apresentando limpeza e manutenção dos equipamentos, bem como dos jardins e do gramado, além de oferecer segurança aos usuários. Quanto à vegetação existente na área, 35% pertencem ao estrato arbóreo e 10% ao estrato arbustivo, enquanto 55% da área são constituídos de gramado. A vegetação apresenta bom aspecto físico e sanitário.

O uso dos solos nas imediações se constitui de residências e estabelecimentos comerciais. As **Figuras 218 e 219** indicam os aspectos gerais do Cemitério Parque.

Pelo **Quadro 214** é possível verificar a estrutura e os equipamentos instalados no Cemitério Parque.



Figura 218: Vista parcial da parte interna do Cemitério Parque.

Foto: BOVO, M. C. 2008.



Figura 219: Vista parcial dos jazigos do Cemitério Parque.

Foto: BOVO, M.C. 2008.

Quadro 114 – Síntese qualitativa das Estruturas e equipamentos do Cemitério Parque.

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Fonte: Pesquisa de campo realizada pelo autor em 2008.

■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação

Pela **Figura 220** é possível ter uma visão da qualidade paisagística dos parques urbanos e do Cemitério Parque de Maringá; já a **Figura 221** (Maringá: equipamento e estrutura física dos parques e do Cemitério-Parque) permite averiguar as suas condições no tocante à infraestrutura.

FIGURA 220: Maringá: qualidade paisagística dos parques urbanos e do cemitério parque

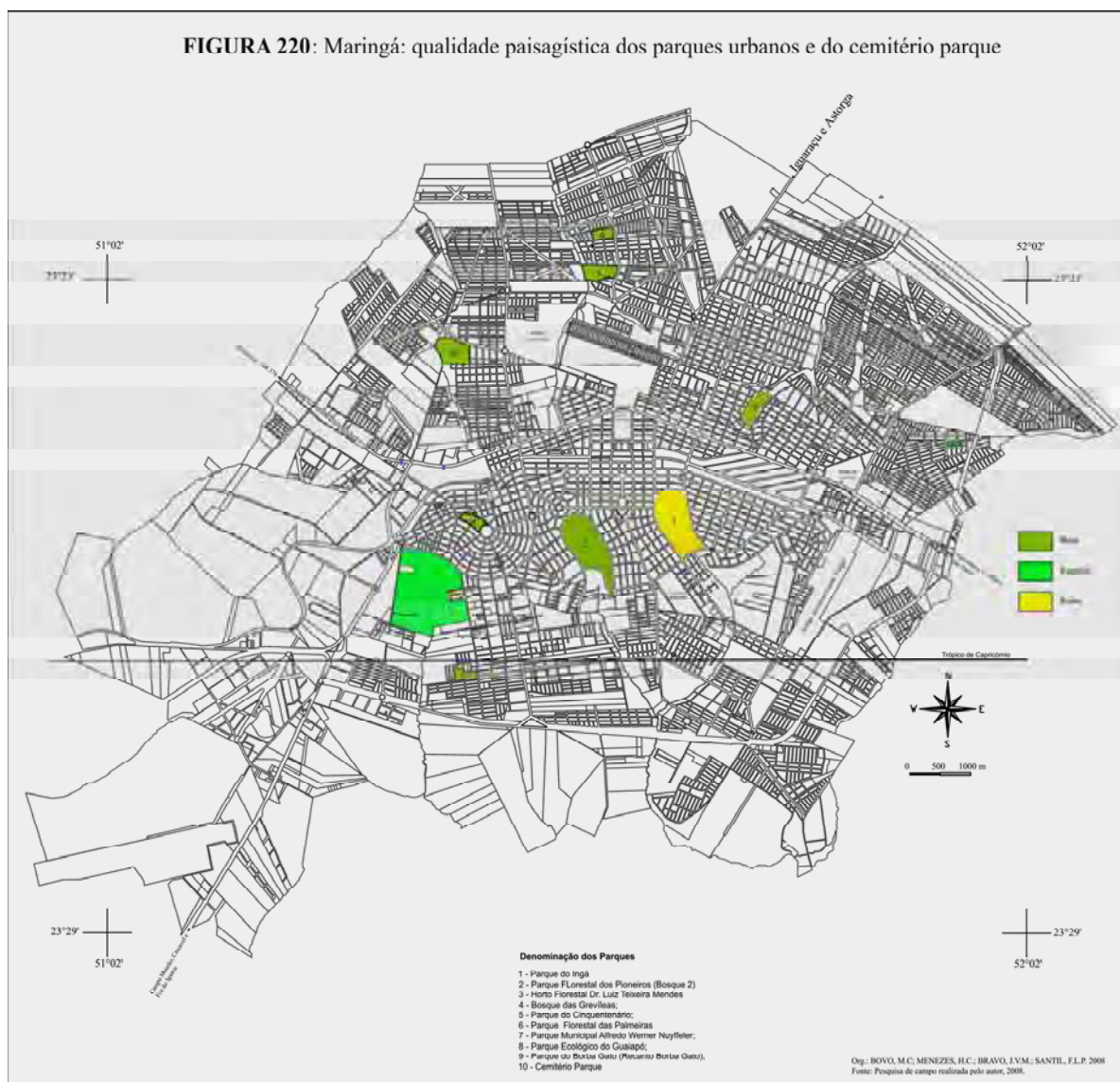
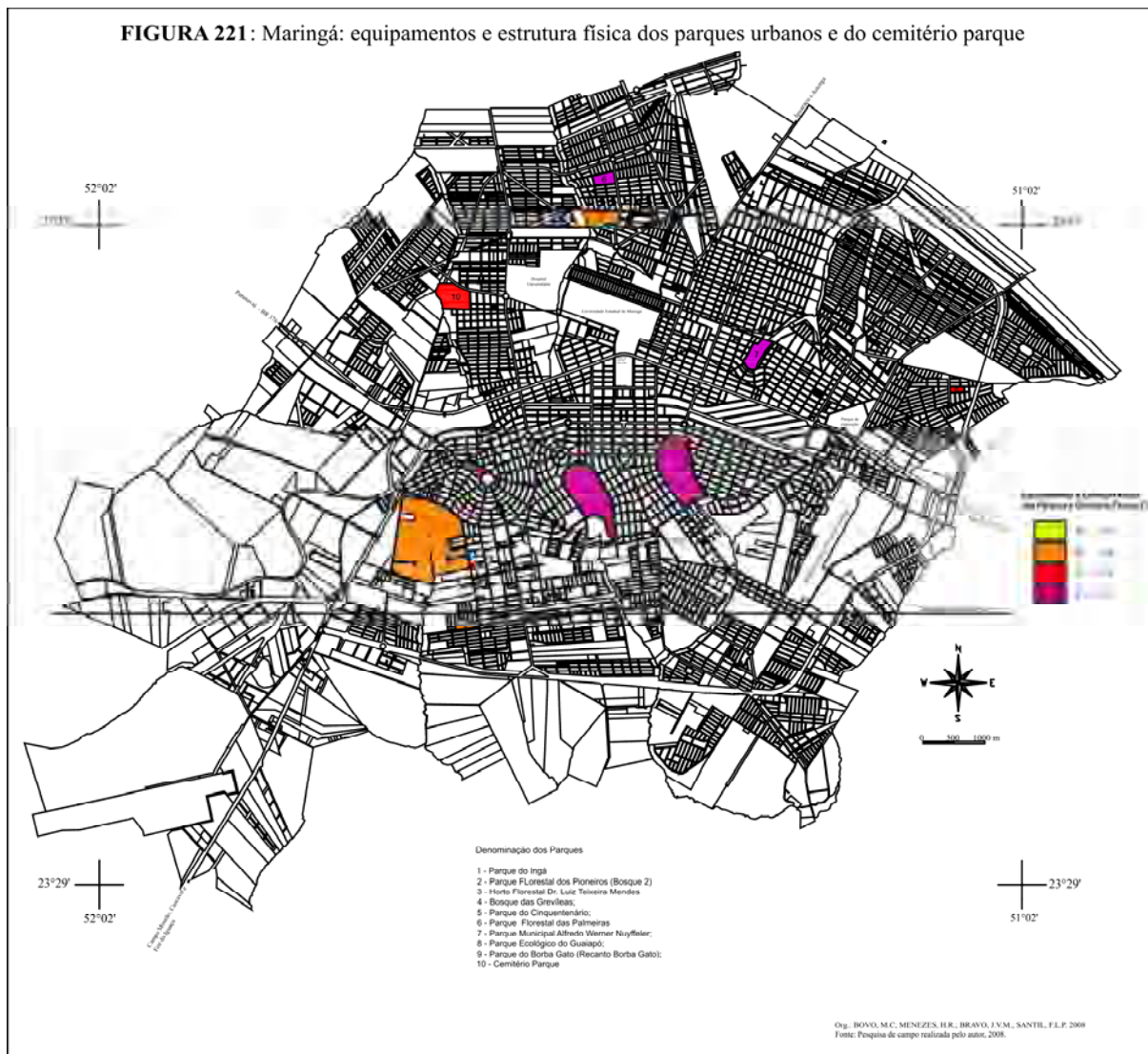


FIGURA 221: Maringá: equipamentos e estrutura física dos parques urbanos e do cemitério parque



H) Outras Áreas Verdes (Parques)

Além dos parques estudados nesta pesquisa, a título de informação, existem outros que praticamente estão no papel, principalmente aqueles que margeiam os fundos de vale, em torno dos quais há toda uma discussão sobre sua preservação e recuperação. Também existem outros que não possuem nenhuma infraestrutura, sendo constituídos somente pela vegetação ou por meio de um decreto municipal. Entre eles destacamos o Jardim Botânico, o Parque do Sabiá, o Parque Florestal Municipal das Perobas, o Parque Gralha Azul, o Parque da Nascente do Rio Paiçandu, e o Parque da Rua Teodoro Negri.

O Jardim Botânico possui uma área de 9.000m². Nele se encontram duas antigas lagoas de tratamento da Sanepar que estão desativadas. Também existem dois córregos que passam por essa área, os quais praticamente não possuem mata ciliar. Na administração municipal do ex-prefeito Jairo Gianoto (1997-2000) foram concedidos recursos para a implementação da área, permitindo a instalação de equipamentos e infraestrutura para atender à população e à recuperação da área; porém as únicas obras realizadas foram uma pista de caminhada mal-projetada e uma sede, que vem sendo ocupada pela Polícia Florestal desde 2003. Atualmente não há previsão de recuperação da área de acordo com os padrões exigidos pela legislação.

O Parque do Sabiá tem uma área de 88.165,42 m², constituída de remanescentes da vegetação nativa da região. Não apresenta qualquer sistema de gerenciamento nem plano de manejo. Encontra-se localizado no Contorno Sul, sendo reconhecido pelo Decreto nº 204/98.

O Parque Florestal Municipal das Perobas possui uma área de 263.438,74m². Está localizado na Gleba Pinguim, nos lotes 210-A e 211-A, 210-G, e se constitui de remanescentes da vegetação nativa com espécies representativas da flora e fauna regional. Encontra-se reconhecido pela Lei Complementar nº 3.513/93. A área encontra-se abandonada e sem plano de manejo.

O Parque Gralha Azul é constituído de vegetação exótica, pela qual passa um córrego. A mata ciliar não está preservada. Existem alguns equipamentos de lazer danificados e um campo de futebol. Esse parque também não possui plano de manejo nem proposta de recuperação.

O Parque da Nascente do Rio Paiçandu possui uma área de 60.000,00m² e encontra-se localizado na Avenida das Torres na confluência com a Avenida P. Victório Marcon. Também não possui plano de manejo

O Parque da Rua Teodoro Negri se constitui de uma área de 49.000,00m² e encontra-se localizado na Rua Teodoro Negri na confluência com a Rua Ademir Favoreto. É uma área

constituída de vegetação nativa e não apresenta nenhuma estrutura física. Também não possui plano de manejo.

Através da pesquisa observamos que as áreas verdes servem como refúgio para algumas espécies de pássaros e pequenos animais, quando estes conseguem adaptar-se aos pequenos espaços, e também para a preservação da flora existente. Estudos realizados pela CARFV (Comissão de Assessoramento para a Recuperação de Fundos de Vale) da Prefeitura Municipal de Maringá em agosto de 2000 mostram que o município conta com apenas 2,39% de matas de grande porte em todo o seu território.

Não obstante, propostas e preocupações existem, o difícil mesmo é sua consolidação. Vejamos o que diz o Plano Diretor de Maringá de 1991 (p. 15), sobre as diretrizes e ações relativas às áreas verdes municipais, no item sobre a vegetação e as áreas de preservação ambiental:

- Incentivar o reflorestamento e/ou manutenção das reservas de vegetação nativa existente no município;
- Proteger, recuperar e incrementar a arborização urbana;
- Garantir a preservação das condições ambientais dos ecossistemas naturais existentes no município;
- Expandir as áreas de preservação para a região norte, recuperando o padrão de cidade-jardim do plano urbanístico original;
- Formular a legislação que regulamente a proteção dos recursos naturais.

Ações

- Demarcar as áreas de vegetação nativas ainda existentes no município e utilização de projeto de utilização racional;
- Elaborar um Plano de Arborização Metropolitana, com criação de um viveiro comum aos municípios do consórcio;
- Atualizar os planos de arborização urbana em conjunto com condições de eletrificação (muda localização de vias, interferência em obras civis);
- Incluir no Código de Posturas e Obras regulamentação quanto ao plantio de árvores urbanas;
- Fazer o levantamento sobre as condições ambientais do Horto Florestal e avaliar a viabilidade de transformá-lo em parque municipal;
- Aproveitar glebas vazias, transformando em áreas verdes de preservação e viveiro de árvores frutíferas;
- Transformar a área vazia próxima à lagoa da Sanepar em área verde de preservação;
- Encaminhar ao Legislativo Municipal projeto de lei para a preservação das áreas verdes na zona rural, com fiscalização efetiva;
- Aumentar as áreas de gramas nas vias públicas;
- Criar o Parque Regional do Ribeirão Paiçandu, onde existe atualmente uma represa;
- Criar o Parque Regional do Ribeirão Pingüim, a partir de sua nascente num total de 8.000 metros de comprimento e 60 metros de largura; (...).

Ao analisar as diretrizes e ações propostas pelo Plano Diretor de 2001, percebemos as intenções relativas à preservação e manutenção das áreas verdes, porém mesmo com a criação das áreas consideradas como zonas de proteção ambiental, os problemas persistem. Neste caso propomos que, antes da elaboração do plano de manejo de cada área verde espalhada

pelo perímetro urbano de Maringá, a administração pública, em conjunto com a comunidade, através do Comdema elabore as diretrizes do SMUC, com base no Sistema Nacional e nas características naturais, nas áreas destinadas ao lazer e áreas propícias para o turismo.

Neste sentido, devemos ser capazes de olhar para as praças e parques maringaenses e observar atentamente o que eles refletem, pois para alguns continua a imagem de Cidade Verde, que é transmitida pela mídia, ou pela administração pública através do *marketing*. Neste contexto, devemos ser capazes de olhar para o Parque do Ingá e observar atentamente o que ele reflete: para alguns é a catedral e o *shopping*. Para outros, o lago reflete o Parque Alfredo W. Niffeler, ou seja, a contradição na produção e apropriação do espaço urbano. Neste sentido, não podemos fazer uma leitura individualizada de cada área, temos que ver essas áreas verdes integradas ao ambiente urbano, não importando a visão fragmentada de alguns de seus atores.

Após a conclusão deste capítulo, afirmamos nossa hipótese de que a prática na cidade pode contestar ou afirmar as imagens produzidas pelas instituições através do *marketing*. A prática do discurso e o caminhar pela cidade sempre foram influenciados, ou seja, disciplinados pelas intervenções no espaço urbano, bem como pela espacialização dos espaços públicos e privados. Enquanto cidade planejada segundo os princípios de modernidade racionalizante, Maringá confirma tal hipótese. Em Maringá, isso fica evidente quando observamos que o acesso à cidade vem ficando cada vez mais seletivo. Neste contexto afirma Santos que em uma “grande cidade, há cidadãos de diversas ordens e classes, desde que, farto de recursos, pode utilizar a metrópole toda, até o que, por falta de meios, somente utiliza parcialmente, como se fosse uma pequena cidade, uma cidade local” (1996, p.112).

Desta forma a cidade se fecha, contornada por uma muralha intransponível. O “ar de liberdade” que envolvia a cidade cede lugar à clausura dos iguais. Fora da cidade, resta a diferença, os diferentes. Estas reflexões procuram mostrar que a segregação não se restringe ao local de residência, ela também está na perspectiva do uso da cidade, dos seus equipamentos, das praças e parques. Mais do que ir e vir, devemos reivindicar o ficar e o utilizar. Devemos pensar no direito ao encontro com a diferença, pois só isso poderá garantir a sobrevivência da cidade como um todo, das suas praças e parques, que, apesar de possuírem problemas, continuam sendo ícones de cidade verde; que, apesar de suas contradições no ambiente urbano, o verde ainda sobrevive.

Considerações Finais



As áreas verdes desempenham papel importante no mosaico urbano, pois constituem um espaço encravado no sistema urbano cujas condições ecológicas em muito se aproximam da natureza. Neste sentido gostaríamos de fazer algumas considerações sobre as áreas verdes urbanas da cidade de Maringá/PR, pois estas oferecem melhoria na qualidade de vida da população, contribuindo para o conforto térmico pela amenização do clima urbano, retirando os poluentes da atmosfera, para o aumento da evapotranspiração e a diminuição dos ruídos, além de outras atribuições, como a recreativa, a ecológica e a estética.

A presente pesquisa traz contribuições para o planejamento e gestão das áreas verdes urbanas (públicas) da cidade aqui focalizada. Apresenta uma proposta metodológica para avaliação da disponibilidade desses espaços e dos elementos que os compõem, além da sua cobertura vegetal. Dessa forma ela pode servir como instrumento para obtenção do diagnóstico das praças e parques urbanos e do Cemitério Parque de Maringá.

De acordo com os estudos realizados, concluímos que as praças passaram por grandes transformações na sua estrutura e nas suas funções desde a *Ágora grega* até a atualidade. A praça foi espaço social, local de encontros, de tomada de decisões de interesse da comunidade, de espetáculos, ofícios religiosos, comércio, festas, enfim, a vida da cidade passava pela praça. Não obstante, nos últimos anos esse espaço público vem sofrendo um processo de esvaziamento em decorrência de novos atrativos como, por exemplo, a televisão, o cinema e os *shoppings centers*.

Das 104 praças pesquisadas constatamos que em 62,5% estão presentes espécies nativas e exóticas, 14,43% possuem vegetação espontânea, 11,54% possuem somente espécies exóticas e 11,53% têm somente espécies nativas. Quanto ao porte da vegetação das praças maringaenses, concluímos que 49,03% apresentam estrato arbóreo com presença de vegetação rasteira (gramíneas), 28,86% delas possuem estratos arbóreos, arbustivos e gramíneas, 18,29% delas possuem somente gramíneas, enquanto os estratos arbóreo e arbustivo estão presentes conjuntamente em 2,86% e a vegetação arbustiva e as gramíneas são presenças exclusivas em apenas 0,96% das praças maringaenses.

Quanto aos aspectos sanitários da vegetação das praças, 51,92% apresentam boas condições, estando isentas de sinais de praga, doenças ou estragos; 28,84% delas se encontram em estado satisfatório, com pequenos problemas de pragas, doenças e danos físicos, necessitando de poda ou reposição das plantas, e 19,24% apresentam pragas, doenças ou danos físicos, necessitando de monitoramento e inclusive de substituição e plantio de novas espécies.

Quanto à qualidade paisagística das praças maringauenses, concluímos que 38,47% desses logradouros se apresentam sem danos e em condições de uso; 24,03% deles receberam a classificação “satisfatória”, ou seja, apresentam pequenos danos mas podem ser utilizados pelos seus frequentadores, e 37,5% das desses logradouros são classificados como “ruins”, pois apresentam danos que impossibilitam seu uso por parte da população.

No que diz respeito às estruturas e equipamentos, salientamos sua importância nas praças maringauenses, porém devemos sempre averiguar se eles são compatíveis com a área e se estão em condições de ser utilizados pela população. Dos itens pesquisados concluímos que:

- 16,34% das praças apresentam identificação por algum tipo de placa;
- 36,54% delas possuem bancos e estes estão bem distribuídos ao longo do passeio;
- 26,93% possuem lixeiras, das quais 18,28% apresentam bom estado de conservação, 6,73% são caracterizadas como em condições regulares e 1,92% apresenta aspecto ruim;
- 5,76% contam com equipamentos para a prática de exercícios físicos, apresentando bom estado de conservação;
- 7,6% dispõem de quiosques de alimentação;
- 75,96% das praças possuem iluminação, sendo que em 34,61% delas esta se apresenta em bom estado de conservação, em 21,15% a iluminação é considerada irregular em 20,20% é classificada como ruim;
- 8,66% possuem estrutura física para a terceira idade, sendo que em 5,76% delas esse equipamento se apresenta em bom estado de conservação, em 1,94% em estado regular e em 0,96% em condições ruins;
- 12,5% das praças possuem quadra esportiva, sendo que em 6,73% destas esse equipamento se encontra em bom estado de conservação, em 3,84% se encontram em condições regulares e em 1,93% delas esse equipamento se classifica como ruim;
- 14,42% das praças possuem parque infantil, sendo que 7,69% estão em bom estado de conservação, 5,77% em estado regular e 0,96% em condições ruins; e 7,7% das praças possuem edificação institucional;

- 9,61% das praças possuem templos religiosos;
- 10,57% das praças possuem obras de arte e 4,8% delas contam com banca de revista;
- 4,85 das praças possuem palco;
- 18,26% das praças possuem ponto de ônibus.

Por meio dos dados apresentados referentes às estruturas e equipamentos das praças maringenses constatamos que o Poder Público deverá fazer investimentos, priorizando os equipamentos essenciais para a utilização desses logradouros. Consideramos essenciais os bancos, a iluminação, pavimentação e ponto d'água. Os demais elementos são secundários, podendo ou não ser instalados, respeitando-se sempre a prioridade dos moradores e o tamanho de cada área.

De acordo com a análise das praças em setores, destacamos que o Setor 1 apresenta as praças com melhores infraestruturas e equipamentos instalados, predominando boa arborização. Essas praças estão localizadas na parte central de Maringá, enquanto as praças dos outros setores necessitam de reposição e implantação de novos equipamentos, sendo que várias não possuem nenhum tipo de estrutura e equipamento, encontrando-se estas nas áreas periféricas de Maringá. Após essa breve consideração das praças em setores, concluímos que a distribuição dessas áreas verdes em Maringá não é igualitária.

Quanto aos parques urbanos podemos concluir que passaram por várias transformações no tempo e no espaço desde o século XIX até a atualidade. Eles sofreram várias mudanças urbanísticas, sendo assim um testemunho dos valores sociais e culturais das populações urbanas. Neste sentido, os parques contemporâneos são caracterizados por novos papéis e assumiram usos e funções cada vez mais importantes para as cidades, destacando-se como categorias de áreas verdes.

Consideramos relevantes todas as funções desempenhadas pelos parques urbanos, tanto a ecológico-ambiental quanto a social e a estética, pois todas têm contribuições significativas para o ambiente urbano. A função ecológico-ambiental consiste em minimizar os impactos decorrentes do processo de urbanização e da industrialização, pois a vegetação contribui para a melhoria do clima urbano, purificando e refrigerando o ar. Ademais, as árvores e arbustos servem de abrigo para a fauna e favorecem o surgimento de novos *habitats* para as espécies animais, e todas as espécies vegetais ajudam na manutenção da permeabilidade do solo e no amortecimento de ruídos. A função estética consiste na

integração entre os espaços construídos e os espaços destinados à circulação, e também na diversidade dos elementos que compõem a paisagem urbana. Já a função social refere-se à oferta de espaços para lazer da população.

No tocante aos 09 parques urbanos de Maringá pesquisados, concluímos que a maioria necessita passar por um processo de revitalização, exceto o Parque Florestal das Palmeiras e o Parque Municipal Alfredo Werner Nyfler, que possuem estruturas físicas e mobiliárias em bom estado de conservação, permitindo o uso pelos moradores maringaenses. Todos os demais parques precisam melhorar as estruturas físicas e também os equipamentos, para proporcionar condições de uso de forma adequada.

De acordo com os estudos realizados nos parques urbanos de Maringá, pudemos constatar: a ausência de plano de manejo na maioria dos parques; a falta de uma política de gerenciamento e integração entre as áreas verdes; os problemas ambientais; o impasse jurídico entre a Prefeitura Municipal e a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, que parece não ter solução com relação ao Horto Florestal Dr. Luiz Teixeira Mendes.

Diante das considerações apresentadas, ressaltamos a necessidade de ser incentivada a criação de novos projetos paisagísticos e áreas verdes, como corredores verdes, parques lineares, praças, parques e arborização de acompanhamento viário, pois alguns locais considerados como praças públicas não apresentam nenhuma espécie vegetal arbórea ou arbustiva. A recomposição vegetal desses locais priorizando a utilização de espécies ocorrentes na fisionomia de vegetação natural da região, favorecendo a biodiversidade.

Os resultados do trabalho demonstraram, em todo o seu desenvolvimento, a necessidade de um plano de áreas verdes urbanas que considere todo o patrimônio verde da cidade e possa superar as deficiências diagnosticadas em algumas áreas. Tal ação justifica-se em função da necessidade de melhorar a qualidade da vida urbana e do direito ao entorno. Já é o momento de o Poder Público maringaense promover, dentro do conjunto dos espaços construídos, o espaço próprio para as áreas verdes, de modo a assegurar-lhes as condições necessárias para preservação do sistema ecológico do sítio urbano e possibilitar recreação ao ar livre para todas as faixas etárias e classes sociais.

Em virtude de sua inadequada manutenção por parte do Poder Público, e da falta de comprometimento e envolvimento da comunidade com as áreas verdes, há um declínio na qualidade dessas áreas, visto que esse desinteresse generalizado propicia o aumento da depredação dos locais de uso coletivo. Locais com potencial para a prática do lazer com uso

efetivo acabam tornando-se meros espaços avulsos na malha urbana, e o que é pior, não são vistos como essenciais para o bem estar coletivo.

A inexistência de uma política pública para o setor pode levar as áreas verdes de Maringá a enfrentar problemas - como alguns já existentes - de vandalismo recorrente, de ocupação desses locais por desocupados, pela população de rua e por camelôs, privando a sociedade da utilização desse espaço que é coletivo por excelência. Pode-se concluir também que a ausência de segurança, atrelada às condições de abandono de alguns locais, é a principal causa da não utilização e apropriação do espaço pela população em geral. Por outro lado, a falta de legislação específica para o setor dificulta o trabalho de fiscalização, conservação e preservação das áreas verdes e traz como consequência uma pior qualidade de vida da população.

É neste contexto que propomos as seguintes sugestões para o planejamento urbano dessas áreas verdes:

- desenvolver propostas de trabalho que discutam as áreas verdes urbanas de Maringá de forma integrada através de uma política de valorização tanto das áreas centrais como das periféricas;
- criar medidas e diretrizes políticas para o aproveitamento das potencialidades das áreas verdes maringaense, seja para o lazer, seja para fins estéticos ou ecológico-ambientais, visando à qualidade de vida da população maringaense;
- propor medidas obrigatórias de implantação de áreas verdes nos novos loteamentos urbanos e a revitalização das áreas periféricas, bem como de benfeitorias nesses locais como equipamentos, estruturas e cobertura vegetal;
- desenvolver plano de manejo para todos os parques urbanos por meio de uma equipe multidisciplinar, respeitando a legislação ambiental e as potencialidades da cada área verde;
- criar um plano de manutenção gradativa para os parques e praças de acordo com a intensidade de uso e explorar projetos paisagísticos que facilitem a sua implementação;
- explorar alternativas paisagísticas adequadas aos diversos parques e praças que não sobrecarreguem o orçamento do município e levem em consideração as condições climáticas e os *habitats* da cidade;

- explorar o potencial da vegetação para melhorar o clima, a qualidade do ar e a imagem da cidade;
- utilizar plantas que criem o microclima desejável, filtrem poluentes do ar e forneçam abrigo para a vida das espécies silvestres que vivem em ambientes urbanos;
- desenvolver no planejamento urbano, propostas que priorizem a distribuição do sistema de lazer nas áreas verdes levando em consideração o tamanho da área e evitando a concentração em algumas áreas e a ausência em outras;
- evitar a instalação de equipamentos em áreas verdes de pequena dimensão, priorizando o plantio de espécies arbóreas, para desenvolver o equilíbrio entre o solo e a atmosfera e favorecer a estética;
- propor medidas para a melhoria dos aspectos físicos e sanitários da vegetação, levando em consideração: as espécies introduzidas nesses logradouros; a mão-de-obra treinada e especializada; plantio e acompanhamento do crescimento; poda e tratamento obedecendo às técnicas adequadas;
- manter um cadastro atualizado com dados completos de todas as espécies de árvores (idades, distribuição das espécies na malha urbana e percentagem de todas as espécies plantadas);
- garantir a preservação das condições ambientais das áreas verdes urbanas existentes no município;
- criar um banco de dados sobre as áreas verdes urbanas de Maringá, composto de todos os trabalhos desenvolvidos sobre a cidade;
- criar políticas públicas visando à implantação e recuperação das estruturas e dos equipamentos mobiliários a serem implantados em cada área verde, levando em consideração as funções básicas dessas áreas, que são a socialização e o lazer, sejam estes de caráter cultural, recreativo, esportivo ou contemplativo;
- desenvolver políticas públicas de conscientização da população sobre a importância das áreas verdes urbanas, estimulando o uso desses espaços livres como meio de promover a qualidade de vida da população maringaense.

Estas são apenas algumas propostas que delineamos nessas considerações finais, porém inúmeras outras poderiam ser aplicadas às áreas verdes urbanas de Maringá, algumas

das quais apareceram ao longo da construção desta tese. Neste sentido, salientamos que é importante repensar o futuro dessas áreas e que as propostas elencadas podem ser o início de novas discussões e reflexões sobre essa temática.

No que se refere à imagem da cidade verde, esta ainda sobrevive em Maringá. Dificilmente podemos afirmar que o verde é um mito, pois ele está presente na imagem que predomina sobre o concreto das ruas, ou mesmo das edificações, onde a cobertura vegetal é o elemento fundamental. Infelizmente constata-se nos dias atuais um esvaziamento do convívio das pessoas nos parques e praças, o qual parece advir da intensificação dos meios de comunicação, como a televisão e a internet, que reinserem o indivíduo em seu meio, porém um meio abstrato, um mundo de imagens, de representações, um mundo que retira os usuários das praças e parques ou aumenta a periculosidade dos espaços, tamanha é a violência importada pelos veículos de comunicação. É fato que as questões sociais mal-resolvidas também contribuem para que se criem áreas perigosas nas cidades, mas se houver espaços livres com infraestruturas adequadas e políticas públicas que estimulem o uso desses espaços, talvez o mundo fictício, possa ser substituído, pelo menos por alguns moradores, pelo mundo real: o da vivência nas praças e parques urbanos de Maringá.

Referências



AMORIM, Margarete Cristiane de Costa Trindade. **Análise Ambiental e Qualidade de Vida na Cidade de Presidente Prudente/SP.** (Dissertação de Mestrado) Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente. 1993.

AMORIM, Margarete Cristiane de Costa Trindade. Caracterização das Áreas Verdes em Presidente Prudente. In: SPÓSITO, Maria. E. B. **Textos e Contextos para a Leitura Geográfica de uma Cidade Média.** Presidente Prudente: Programa de Pós-Graduação em Geografia. FCT/UNESP GASPERR. 2001.

ARAUJO, Gustavo Henrique de Souza; ALMEIDA, Jozimar Ribeiro; GUERRA, Antônio José Teixeira. **Gestão Ambiental de Áreas Degradadas.** Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2005.

ARGAN, Getulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade.** São Paulo. Martins Fontes, 1992.

AZEVEDO, R. M. Uma Idéia de Metrópole. **Revista Brasileira de História.** V. 18, nº.35, p. 57-70, 1994.

BACZKO Bronislaw. Imaginação Social. **Enciclopédia Einaudi.** Vol. 5 anthropos-homem. Porto Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1994.

BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade do Consumo.** Lisboa. Edições 70. 1995.

BELOTO, Gislaine Elizete. **Legislação Urbanística:** instrumento de regulação e exclusão territorial – considerações sobre a cidade de Maringá/PR. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2004.

BENEVOLO, Leonardo. **História das Cidades.** São Paulo. Retrospectiva, 1993.

BENJAMIN Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. IN: BENJAMIN Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política.** Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRANDÃO, Elias Canuto. **Limites e Desafios e Avanços da Participação no Orçamento Participativo.** Tese (doutorado em sociologia). Pós-Graduação em Sociologia-UNESP (Universidade Paulista) Araraquara, 2005,

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil.** Oliveira Juarez (org). São Paulo. Saraiva, 1998. Série legislação brasileira.

BRASIL. Lei Federal n. 10.257 de 10 de junho de 2001. **Estatuto da Cidade.** Disponível em: <http://www.estatutodacidade.org.br> (Acesso em 22/05/2008).

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O Meio Ambiente Urbano e o Discurso Ecológico. In. **Revista do Departamento de Geografia da USP.** N.8. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1994.

CARNEIRO, A. R.; MESQUITA, L. B. **Espaços Livres do Recife.** Recife: Prefeitura da Cidade de Recife/Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

CASSETI, Francesco; LIETTI, Roberta. La piazza televisiva. In: VITALE, Marina; SCAFOGLIO, Domenico (orgs). **La piazza nella storia: eventi, liturgie, rappresentazion.** Napoli. Edizioni Scientifiche Italiane, 1995.

CARVALHO, Luiz Domingos Moreno. **O Posicionamento e o Traçado Urbano de Algumas Cidades Implantadas pela Companhia de Terras Norte do Paraná e a Sucessora Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.** Dissertação (mestrado em Geografia), Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2000.

CARVALHO, Luiz D. M; MENDES César Miranda. Considerações Sobre a Evolução da Geografia Urbana no Brasil e no Paraná. **Boletim de Geografia**, 17, p. 29-59. Maringá, DGE/UEM, 1999.

CARVALHO, M. E. C. **As Áreas Verdes de Piracicaba.** Dissertação (Mestrado em Geografia)-Instituto de Geociências e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 1982.

CARVALHO, Márcia Monteiro. **Clima Urbano e Vegetação: estudo analítico e prospectivo do Parque de Dunas em Natal.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal. 2001.

CARVALHO, L. M. **Áreas Verdes da Cidade de Lavras/MG: caracterização, uso e necessidades.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Lavras, 2001.

CAVALHEIRO, Felisberto; DEL PICCHIA, P. C. D. Áreas Verdes: conceitos, objetivos e diretrizes para o planejamento. In: Congresso Brasileiro Sobre Arborização Urbana. **Anais...** Vol. I: Vitória, 1992.

CAVALHEIRO, Felisberto; Urbanização e Alterações Ambientais. In: **Análise Ambiental: uma visão multidisciplinar.** São Paulo: UNESP, 1991.

CARTA DE ATENAS. **Congresso Internacional de Arquitetura Moderna**, nov. 1933.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano - artes de fazer.** Petrópolis. Vozes, 1994.

CASTELLS Manuel. **A Questão Urbana.** Paz e Terra. São Paulo. 2006.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão.** São Paulo. Ática. 1995.

CHIUSOLI, Alessandro. Parchi e Gardini Progettazione. **Enciclopédia Agrária Italiana.** Roma. R.E. D. A, 1975, v, VIII.

CLEMENTE, Isabel. Do Velho Oeste ao Paraíso. In. **Revista Época.** São Paulo, N.259, p.75-77, 4 abr. 1996.

COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ – CMNP. **Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná.** (s.e), 1975.

COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná, depoimentos sobre a maior obra do gênero realizada por uma empresa privada..** São Paulo. Ave Maria, 1977.

DE ANGELIS, Bruno Luís Domingos de. **A Praça no Contexto das Cidades: o caso de Maringá-PR.** Tese de (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia. **Percepção Ambiental.** Studio Nobel, 1996.

DEFFONTAINES, Pierre. Como se Constitui no Brasil a Rede de Cidades. **Cidades.** Presidente Prudente, v. 1 nº. 1, p. 119-146, jan-jun. 2004.

DIEGUES, Antônio Carlos. **O Mito Moderno da Natureza Intocada.** São Paulo: Hucitec, 1996.

DI FIDIO M. Verde urbano, In: **Architetture del Paessaggio-criteri di pianificazione e costruzione con numerosi schemi e illustrazioni.** Milano, Pirola editore, 1985.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade.** São Paulo. Perspectiva, 1972.

EMBRAPA: EMPRESA BRASILEIRA DE AGROPECUÁRIA – EMBRAPA/FUNDAÇÃO INSTITUTO AGRONOMO DO PARANÁ – IAPAR. **Levantamento de Reconhecimento de Solos do Estado do Paraná.** V. 1 e V. 2. Londrina, SUDESUL/EMBRAPA/IAPAR, 1984.

EMBRAPA: **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos.** Brasília, DF; Serviços de Produção de Informação, 1999.

EMATER. **Mapa Pedológico do Município de Maringá,** 1998.

ENDLICH, Ângela Maria. **Maringá o Tecer da Rede Urbana Regional.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da UNESP, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 1998.

ESTRADA, Jorge F. Duque. **Terra Crua.** Curitiba, 1996.

FAVOLE, Paolo. **La Plaza en la Architecture Contemporánea.** Barcelona. Gustavo Pili, 1995.

FAVRO Diane G. **The Urban Image of Augustan Rome.** Cambrigd. Cambrigd University Prees. 1996.

FERRARA, Lucrecia D'Alesio. **Ver a Cidade.** São Paulo, 1986.

FERRARA, Lucrecia D'Alesio. As Máscaras da Cidade. In: **Olhar Periférico: informação, linguagem, percepção ambiental.** São Paulo: Edusp/Fapesp. 1993.

FERREIRA, Leila da Costa. **A Questão Ambiental sustentabilidade e políticas públicas no Brasil.** São Paulo. Boitempo, 2003.

GARCIA, Júlio César. **Maringá Verde?** o desafio ambiental da gestão das cidades. Maringá. Eduem, 2006.

GERALDO, João Carlos. **A Evolução dos Espaços Livres Públicos de Bariri, Brotas e Dois Córregos - SP.** Dissertação (Mestrado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, 1997.

GOMES, Marcos Antônio Silvestre. **As Praças de Ribeirão Preto-SP.** uma contribuição geográfica ao planejamento e à gestão dos espaços públicos. Dissertação (Mestrado em geografia)- Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

GONÇALVES, José Henrique Rollo. **Quando a Imagem Publicitária Vira Evidência Factual: versões e reversões do Norte (Novo) do Paraná- 1930/1970.** In. DIAS Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo (org). **Maringá e o Norte do Paraná.** Maringá. Eduem. 1999.

GÓNGORA, José Antônio Lima. **Relatório Técnico sobre as Causas do Rebaixamento do Nível de Água do Parque do Ingá.** Maringá. Prefeitura Municipal de Maringá, 2004.

GOMES, Marcos Antônio Silvestre. **As Praças de Ribeirão Preto-SP:** uma contribuição Geográfica ao Planejamento ao Planejamento e a gestão dos espaços públicos. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

GOYA, C.R. **Relato Histórico da Arborização na Cidade de São Paulo.** In: 1º Congresso Brasileiro Sobre Arborização Urbana. **Anais, Vol. II...** Vitória, 1992.

GEDDES, Patrick. **Cidade em evolução.** Papirus, São Paulo, 1994.

GRIFFITH, James Jackson & SILVA, Sebastião Moreira Ferreira. **Mitos e Métodos no Planejamento de Sistemas de Áreas Verdes.** IN: **Encontro Nacional de Arborização Urbana**, 2, Maringá. Anais. .Maringá: Imprensa da Prefeitura Municipal, 1987.

GUERRA, Antônio José Teixeira; CUNHA, Sandra Baptista. **Impactos Ambientais no Brasil.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.

GUZZO, Perci. **Estudo dos Espaços Livres de Uso Público da Cidade de Ribeirão Preto/SP, com Detalhamento da Cobertura Vegetal e Áreas Verdes de Dois Setores Urbanos.** Dissertação (Mestrado em Geociências e Meio Ambiente) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1999.

HALL, Peter. **Cidades do Amanhã.** São Paulo. Perspectiva, 2000.

HARVEY, David. **A Condição Pós Moderna.** São Paulo. Loyola, 1994

HARVEY, David. **Processos interativos homem-meio ambiente.** Rio de Janeiro, Imago, 1991.

HEIDECKE, Sandra Cristina. **Um Projeto Ambicioso em Busca da Identidade: Shopping Royal Plaza de Londrina-PR.** Dissertação de Mestrado, Maringá: DGE. Maringá: UEM, 2001.

HOMO, L. **Rome Impériale et l'Urbanisme dans l'antiquité**, Paris, 1971.

HOWARD, Ebenezer. **Cidades-Jardins de Amanhã**. São Paulo. Annablume-Hucitec, 2002.

IAPAR: FUNDAÇÃO INSTITUTO AGRONOMICO DO PARANÁ. **Cartas Climáticas Básicas do Estado do Paraná**, 1878.

IBGE. Censos Demográficos. Rio de Janeiro, IBGE, 2000.

JABUR, Andréia Sartori. **Aspectos Qualitativos do Escoamento Superficial na Microbacia Hidrográfica do Córrego Moscados no Município de Maringá**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2001.

KIOURANIS, Neide Maria; Texeira, Rosangela de Oliveira. Maringá "Cidade Ecológica". **Revista Teia**. Dez. 2000. Disponível em: <www.pea.br/teia/2000-dez/2.html>. Acesso: 30 de maio 2006.

KLIASS, Rosa Grena. **Os Parques Urbanos de São Paulo**. Pini, 1993.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Lisboa: Fundação Calouse Gulbenkian/ junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1993.

LORENZI, Harri. **Árvores Brasileiras**: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. Nova Odenssa, São Paulo. Instituto Plantarum, 2002.

LORENZI, Harri; TORRES, Hermes A. V. ; BACHER, Luis, B. **Árvores Exóticas no Brasil**: madeiras, ornamentais e aromáticas. Nova Odenssa, São Paulo. Instituto Plantarum, 2003.

LADRIÈRE, Jean. **Vida Social e Destinação**. São Paulo. Convívio. 1979.

LLARDENT Luis Rodrigues Avial. **Zonas Verdes Y Espacios Libres en la Ciudad**. Madrid. Instituto de Estudios de Administración Local, 1992.

LAPOIX, A. M. L. P. et al. As Áreas Verdes e Abertas. In. CHARBONEAU, J. P. et al **Enciclopédia de Ecologia**. São Paulo, EPU/EDUSP, 1979.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo. Nacional, 1969.

LEFEBVRE, Henri. **De lo rural a lo Urbano**. Barcelona. Península, 1975.

LEFEBVRE, Henri. **A Vida Cotidiana no Mundo Moderno**. São Paulo. Ática. 1991.

LEFEBVRE. Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte. UFMG, 1999.

LEITTE, Maria Ângela Faggin Ferreira. A Natureza e a cidade. In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de et al (org.). **Natureza e Sociedade Hoje**: uma leitura geográfica. São Paulo. Hucitec/ANPUR, 1997.

LOBODA, Carlos Roberto. **Estudo das Áreas Verdes Urbanas de Guarapuava-PR.** Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Estadual de Maringá, UEM. Maringá, 2003.

FERRARI, Celson. **Dicionário de Urbanismo.** São Paulo: Disal, 2004.

LEANDRO, Aldo Gomes. **O Turismo em João Pessoa e a Construção da Imagem da Cidade.** Dissertação (Mestrado Geografia). Universidade Federal da Paraíba – UFPB/CCEN. João Pessoa, 2006.

LIMA, A. M. L. P.*et al.* Problemas na utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes e correlatos. In: Congresso Brasileiro de Arborização Urbana, 2. São Luís. **Anais...** São Luís: Imprensa Emater/MA, 1994.

LIMA, Mauricio. Dallas no Paraná. In. **Revista Veja.** N. 20, São Paulo, 1999.

LOMBARDO, Magda Adelaide. Vegetação e Clima. In: **Encontro Nacional Sobre Arborização Urbana,** Curitiba. Anais. FUPEF/PR, 1990.

LOMBARDO, Magda Adelaide. **Ilha de Calor nas Metrôpoles:** o exemplo de São Paulo. São Paulo, Hucitec, 1985.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade.** São Paulo. Martins Fontes, 1980.

LUZ, Frances. **O Fenômeno Urbano Numa Zona Pioneira: Maringá.** Maringá. Prefeitura Municipal de Maringá, 1997.

MACEDO, Silvio Soares & SAKATA Fancine Mariliz Gramacho. **Parques Urbanos no Brasil.** São Paulo. Edusp. 2003.

MACEDO, Silvio Soares. (Coord.) **Introdução a um Quadro Paisagístico no Brasil.** Projeto Quapá, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo, 1998.

MAACK, Reinhard. **Geografia Física do Estado do Paraná.** Rio de Janeiro, José Olímpio, 1981.

MAANEN, John, Van. Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface, In. **Administrative Science Quartely,** vol. 24, n. 4, December, 1979.

MARCUS, M.G; DETWYLER, T.R. **Urbanization and Environment.** Bermont/Cal, Duxburg Press, 1972.

MALINSKI, Rogério. Arborização: uma Visão Integrada. In: **Encontro Nacional Sobre Arborização Urbana,** Porto Alegre, Anais 1985.

MARINGÁ, Prefeitura Municipal de Maringá. **Perfil de Maringá.** Maringá, SEDU, 1996.

MARINGÁ, Prefeitura Municipal de Maringá. **Plano Diretor Integrado de Desenvolvimento do Município de Maringá,** Maringá 1991.

- MARINGÁ, Prefeitura Municipal de Maringá. **Planta Parcial**: Projeto Novo, 1993.
- MARINGÁ. Prefeitura Municipal de Maringá. **Plano de Manejo do Parque Florestal dos Pioneiros, Bosque II**. Maringá, 1993.
- MARINGÁ. Prefeitura Municipal de Maringá. **Plano de Manejo do Parque do Ingá**. Maringá, 1994.
- MARQUES, Américo José. **Mapeamento de Fragmentos de Mata no Município de Maringá/PR**: uma abordagem ecológica da paisagem. Dissertação (Mestrado em Ciências Cartográficas) – Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP, Presidente Prudente, 2004.
- MARX, Murilo. **Cidade Brasileira**. Melhoramentos. Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- MENDES, César Miranda. **O Edifício no Jardim**: um plano destruído – a verticalização de Maringá. São Paulo. USP. 1992.
- MERCADANTE, M. A. A Vegetação Urbana: diretrizes para uma proposta metodológica. In: Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente, 3, 1991, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL/UEM/UNESP, 1991. p. 51 -59.
- MILANO, Miguel Serediuk. Avaliação Quali-quantitativa e Manejo da Arborização Urbana: exemplo de Maringá – PR. Tese (Doutorado em Engenharia Florestal) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1988.
- MILANO, Miguel Serediuk & DALCIM E. **Arborização de vias públicas**. Rio de Janeiro: Light, 2000.
- MILANO, Miguel Serediuk. Planejamento da Arborização Urbana: relações entre áreas verdes e ruas arborizadas. In: **Encontro Nacional Sobre Arborização Urbana**. Anais, Curitiba: FUPEF. 1990.
- MINAKI, Mônica. **As Praças Públicas de Araçatuba/SP**: análise do indicador de qualidade ambiental urbana. Dissertação (Mestrado em Geografia), Faculdade de Ciências e tecnologia-UNESP, Presidente Prudente, 2007.
- MONTEIRO, Carlos Augusto Figueiredo. **Teoria do Clima Urbano**. São Paulo. IGEOG/USP, 1976.
- MONTENEGRO, Glielson Nepomuceno. **A Produção do Mobiliário Urbano em Espaços Públicos** – o desenho do mobiliário urbano nos projetos de reordenamento das orlas do Rio Grande do Norte. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.
- MORO, Dalton Áureo. As áreas verdes e seu papel na ecologia urbana e no clima urbano. **Revista. UNIMAR**, V.1 Maringá, 1976.

MUMFORD, Lewis. **A Cidade e a História: suas origens, desenvolvimento e perspectivas.** (Trad. Neil R. da Silva). São Paulo. Martins Fontes, 1982.

NEGRI, Silvio Moisés. A Expansão da Periferia na Região Metropolitana de Maringá: a cidade de Paiçandu. In: MENDES C. M; SCHMIDT L. P. (Orgs.). **A Dinâmica do Espaço Urbano-Regional: pesquisas do norte central paranaense.** Guarapuava. UNICENTRO, 2006.

NUCCI, João Carlos. **Qualidade Ambiental e Adensamento Urbano: um estudo da ecologia e do planejamento urbano aplicado ao Distrito de Santa Cecília (MSP),** Tese (Doutorado em Geografia Física)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1996.

NUCCI, João Carlos. **Qualidade Ambiental e Adensamento Urbano.** São Paulo: Humanistas/FFLCH-USP, 2001.

NUCCI, João Carlos; CAVALHEIRO, F. Cobertura Vegetal em Áreas Urbanas – conceito e método. In: **GEOUSP Espaço e Tempo V.6.** São Paulo. Anais. Faculdade de Filosofia de Letras e Ciências Humanas. USP, 2000.

NUCCI, João Carlos;. LOPES, M. P.; CAMPOS, F. P. de; ALVES, U. M.; MANTOVANI, M. Áreas Verdes de Guarulhos; SP – Classificação e Quantificação. In. **GEOUSP Espaço e Tempo.** V.8 São Paulo. Anais. Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas - USP. 2000.

NUCCI, João Carlos, CAVALHEIRO, Felisberto. Cobertura Vegetal em Áreas Urbanas – conceito e método, **GEOUSP**, São Paulo: Departamento de Geografia/USP, 1999.

NUCCI, J.C. Metodologia para Determinação da Qualidade Ambiental Urbana, In. **Revista do Departamento de Geografia** N. 12, São Paulo. Humanistas, 1998. p.209-224.

ODUM, Eugene. P. **Ecologia.** Rio de Janeiro. CBS, 1985.

OLIVEIRA, C. H. **Planejamento Ambiental na Cidade de São Carlos – SP com Ênfase nas Áreas Verdes: diagnóstico e proposta.** Dissertação (mestrado em Ecologia e Recursos Naturais). UFSCar, São Carlos, 1996.

OLIVEIRA, M.A.T. de Processos erosivos e preservação de áreas de risco de erosão por voçorocas. In: GUERRA, A.J.T. *et al* (Org.) **Erosão e conservação de solos – conceitos, temas e aplicações.** Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

OTTONI, D. Araújo Benedicto. **Introdução: Cidade Jardim. Formação e Percorso de uma Idéia.** São Paulo. Annablume-Hucitec, 2002.

PALOMO, Pedro. **La Planificación Verde en las Ciudades.** Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 2003.

PASSINI Elza Y; MELLO Danilo *et al.* **Atlas Escolar de Maringá – Ambiente e Educação.** Eduem. Maringá, 2006.

PAULA, Zueleide Casagrande de. **Maringá: o coração verde do Brasil?** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista – UNESP. Assis, 1998.

PORTOGHESI, Paolo. Piazza della convivenza pacifica. In: VITALLE, Marina; SCAFOGLIO, Domenico (orgs.). **La piazza nella storia: evento, liturgia, rappresentazioni.** Napoli. Edizioni Scientifiche Italiane, 1995.

QUEIROZ, Deise Regina Elias. **Atlas Geoambiental de Maringá** – da análise à síntese: a cartografia como subsídio ao planejamento de uso e ocupação do espaço. Maringá, Clichetec, 2003.

RECHIA, Simone. **Parques Públicos de Curitiba: a relação cidade-natureza nas experiências de lazer.** Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

REGO, Renato Leão. O Desenho Urbano de Maringá e a Idéia de Cidade-Jardim. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 23 n°. 6, p. 1559-1577, 2001.

REIS FILHO, Nestor Goulart, **Contribuição ao estudo da evolução urbana no Brasil (1500 – 1720).** São Paulo. EDUSP, 1968.

RIGOTTI, Giorgio. **Urbanicista** – la técnica. Torino. Editrice Torinese, 1956.

RIBEIRO Ana C.T. **Rio-Metrópole: a produção social da imagem urbana.** Tese de doutoramento (Sociologia) Universidade de São Paulo. São Paulo 1988.

RIBEIRO Ana C.T. Matéria e Espírito: o poder (des) organizador dos meios de comunicação. In: PIQUET R. RIBEIRO A. C. T. (org) **Brasil: território de desigualdade.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1991.

RIBEIRO, Ana C. T. GARCIA, Fernanda S. City Marketing: a nova fase da gestão da cidade no final do século. In. REIS, E.; ALMEIDA, M. H. T.; FRY, P (org). **Política e Cultura: visões do passado e Perspectivas Contemporâneas.** São Paulo. Hucitec/ANPOCS, 1996.

ROBBA, F; MACEDO, S.S. **Praças Brasileiras: public squares in Brazil.** São Paulo. Edusp: Imprensa oficial do Estado. 2002.

RODRIGUES, A. M. **Produção e Consumo do e no Espaço: problemática ambiental urbana.** São Paulo: Hucitec, 1998.

ROMAGONOLO, Mariza B.; DELARIVA, Rosilene L. Parque do Ingá e Parque Florestal dos Pioneiros (Bosque 2): Unidades de conservação ou áreas de degradação?. **Revista Teia**, jul. 2000. Disponível em: www.pea.uem/teia/2000-dez. Acesso em: 25 de agosto 2007.

ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da Cidade.** (Trad. Eduardo Brandão) São Paul. Martins Fontes, 1995.

ROSS, Jurandyr I. Sanches (org.); SCARLATO Francisco Capuano *et al.* **Geografia do Brasil.** São Paulo. Edusp, 2001.

RUSSO, Renato Anselmo. **Aplicação do Indicador de Proximidade de Áreas Verdes Urbanas na Cidade de Jaboticabal – SP.** Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2005.

SALDANHA, N. **O Jardim e a Praça: privado e público na vida social e histórica.** São Paulo. EDUSP, 1993.

SANTOS, Anderson Oliveira de. **Caracterização do Reservatório no Parque do Ingá, em Maringá – Pr – no que Diz Respeito a Seus Aspectos Limnológicos.** Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2003

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão.** São Paulo. Nobel, 1996.

SANTOS, Rozely Ferreira dos. **Planejamento Ambiental: teoria e prática.** São Paulo. Oficinas de Textos, 2004.

SCHUYLER, D. **New Urban Landscape: the redefinition of city from in nineteenth – century America.** Baltimore: the Johns Hopkins University Press, 1986.

SCIFONI, Simone. **O Verde do ABC: reflexões sobre a questão ambiental urbana.** (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo. 1994.

SEGAWA, Hugo. **Ao Amor do Público: jardins públicos.** São Paulo, Studio Nobel: Fapesp. 1996.

SEWEL, G. H. **Administração e Controle da Qualidade Ambiental.** São Paulo: EPU/EDUSP/CETESB, 1978.

SILVA, Carlos A. Mororó. **Considerações Sobre o Espaço Urbano de Maringá-Pr: do espaço da floresta à cidade-jardim, representação da “cidade ecológica”, “cidade verde”.** Tese Doutorado (Engenharia da Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 2006.

SILVA Willian Ribeiro. **Para Além das Cidades- Centralidade e estruturação Urbana: Londrina e Maringá.** Tese (doutorado em Geografia) –Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e tecnologia. Presidente Prudente. 2006.

SIRKIS, Alfredo. **Ecologia Urbana e Poder Local.** Rio de Janeiro. Onda Azul, 1999.

SITTE, Camilo. **Construção das Cidades Segundo seus Princípios Artísticos.** Trad. de Ricardo Ferreira Henrique. São Paulo: Ática, 1992.

SOBRINHO, Bráulio M. R. **Cemitério e Meio Ambiente.** Monografia (Gerenciamento Ambiental), Universidade Católica de Salvador. Salvador, 2002.

SOUZA, Juliana Castro. **Análise da Paisagem: instrumento de intervenção nos espaços livres da Lagoa da Conceição – Florianópolis.** Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

SOUZA, Marcelo Lopes de; RODRIGUES, Glauco Bruce. **Planejamento Urbano e Ativismo Sociais**. São Paulo. UNESP, 2004.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **A Prisão e a Ágora** – Reflexões em torno da democratização do planejamento e a Gestão das cidades. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2001.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a Cidade** – uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2006.

SPIRN, Anne Whiston. **O Jardim de Granito**: a natureza no desenho da cidade. São Paulo: Edusp, 1995.

TEIXEIRA, I. F. SANTOS, N. R. Caracterização das Áreas Verdes do Perímetro Urbano de Santa Catarina-RS. In: Encontro Nacional de Estudos sobre o Meio Ambiente, e, 1991, Londrina. Anais... Londrina, 1991.

TROPPEMAIR, Helmut. “As áreas verdes em sistemas urbanos”, IN: **Biogeografia e Meio Ambiente**. Rio Claro: Geografia Teorética, 1995.

VAINER, Carlos B. Pátria, Empresa e Mercadorias – Notas sobre Estratégia Discursiva do Planejamento Estratégico Urbano: In MARICATO E. ARANTES, O. B. F. VAINER C. **A Cidade do Pensamento Único: desmanchos e consensos**. Petrópolis. Vozes, 2000.

VALENÇA, Marcio Moraes (org.) **Cidade (I) Legal**. Rio de Janeiro. Mauad x, 2008.

VILLAÇA, F. H. U. **Espaços Intra-Urbanos no Brasil**. Studio Nobel, 1998.

WEBBER, Marx. **Economia e Sociedade**: Fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília, UNB, 1999.

WEBB, Michel. **The city square**. London: Thames and Hudson, 1990.

ZAMUNER, Lourival Domingos. **Erosão Urbana em Maringá/Pr: o caso do Parque Florestal dos Pioneiros – Bosque II**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá – UEM. Departamento de Geografia. Maringá, 2001.

ZAMUNER, Lourival Domingos; NOBREGA, Maria Tereza; MARTONI, Astrid Meira. A urbanização e o desencadeamento de processos erosivos em área de preservação ambiental na cidade de Maringá, Estado do Paraná. In. **Revista Acta Scientiarum**. Maringá, v. 24 n. 6, p. 1793-1800, UEM, 2002.

ZUCKER, Paul. **Town and square**: from the agora to the vilagge green. New York. Columbia Press, 1959.